Carlos Bezerra

O Mistério da Irmã Lúcia

FÁTIMA: A VERDADE POR TRÁS DO VÉU

Carlos Bezerra, brasileiro e católico, nascido em 1968, é professor de História, especializado em História do Brasil, com mais de duas décadas de experiência na área. Atualmente, dedica-se à docência em cursos online, com ênfase na História Eclesiástica.

Paralelamente à sua carreira acadêmica, Bezerra também se destaca como artista plástico, pintor e escultor. Suas habilidades artísticas foram de importância crucial nas investigações conduzidas pelo *Sister Lucy Truth*, no contexto da controvérsia em torno da falsa Irmã Lúcia.

CARLOS BEZERRA

O MISTÉRIO da Irmã Lúcia

FÁTIMA: A VERDADE POR TRÁS DO VÉU

O Mistério da Irmã Lúcia | Fátima: A verdade por trás do véu
Autor: Carlos Antonio Bezerra
Rua Luiz da Cunha, 569, Riograndina, Nova Friburgo/RJ
CEP 28.634-380
professorbezerra.com
E-mail: carlosantonio.bezerra@gmail.com

© **[2025] Editora Caravelas.** Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a prévia autorização por escrito do detentor dos direitos autorais.

ISBN: 978-65-01-37134-4

Direção:
Carlos Antonio Bezerra
Eliane Gomes Bezerra

Prefácio:
Juscelino H. Silva

Revisão e Diagramação:
Juscelino H. Silva

Capa:
Carlos Eduardo G. Bezerra

Ilustrações:
Carlos Antonio Bezerra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bezerra, Carlos
O Mistério da Irmã Lúcia : Fátima : A verdade por trás do véu / Carlos Beezerra.
— 1. ed. — Nova Friburgo, RJ : Ed. do Autor, 2025.

Bibliografia.
ISBN: 978-65-01-37134-4

1. Beata Lúcia de Jesus Santos. (Irmã) 1907-2005
2. Igreja Católica - História 3. Santas cristãs -
Biografia 4. Virgem Maria I. Título.
25-258025 CDD-282.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Beatas : Igreja Católica : Biografia e obra
282.092
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Meus profundos agradecimentos aos amigos Fábio Florence, Ronan Rocha Sales e Marcelo Gomes Corrêa Macedo, cujas dedicações foram essenciais na tradução de documentos relevantes; e, em especial, a Giovani de Quadros, colaborador diligente, de mente lúcida e probidade ímpar, que me trouxe serenidade nos momentos mais árduos desta pesquisa. Manifesto também minha gratidão a Juscelino H. Silva, valoroso amigo, colaborador incansável e sempre presente, bem como aos alunos e amigos do apostolado, que depositaram inabalável confiança em meu trabalho. Por fim, um reconhecimento especial aos meus filhos, que nunca deixaram de me amparar, mesmo nos momentos em que a saúde me abandonou.

«E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, mas consentiram na iniquidade.»

2 Tessalonicenses II, 11-12

Dedico este livro à minha esposa, Eliane, fiel companheira que, com coragem e abnegação, partilhou comigo as adversidades, os sofrimentos e as angústias suportados ao longo desta árdua pesquisa em busca da verdade histórica.

Sumário

PREFÁCIO 13

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I — Outra memória para a Irmã Lúcia 21

CAPÍTULO II — A importância da perícia criminal 36

CAPÍTULO III — Sister Lucy Truth: As evidências forenses e a certeza da fraude 40

CAPÍTULO IV — Uma nova perspectiva: A investigação a partir da certeza 57

CAPÍTULO V — O que sabíamos sobre Fátima antes de Sister Lucy Truth e o que devemos concluir depois 65

CAPÍTULO VI — O desejo de ser carmelita 85

CAPÍTULO VII — A terceira parte do segredo é finalmente escrita ... 101

CAPÍTULO VIII — Uma síntese do momento político de Portugal e do modernismo no contexto das aparições de Fátima 110

CAPÍTULO IX — Opus Dei 117

CAPÍTULO X — Opus Dei em Portugal 121

CAPÍTULO XI — Os papas antes do Concílio Vaticano II e Fátima ... 128

CAPÍTULO XII — O "Catolicismo de Israel" 140

CAPÍTULO XIII — Jules Isaac e o ovo da Serpente 164

CAPÍTULO XIV — O Terceiro Segredo de Fátima chega a Roma ... 178

CAPÍTULO XV — A entrevista com o padre Augustin Fuentes **181**

CAPÍTULO XVI — 1960: O Segredo por revelar **189**

CAPÍTULO XVII — João XXIII e Jules Isaac **199**

CAPÍTULO XVIII — "Operação Judith": Paulo VI, o novo Holofernes **206**

CAPÍTULO XIX — A "outra" Irmã Lúcia aparece **229**

CAPÍTULO XX — João Paulo II e a outra Irmã Lúcia **258**

CAPÍTULO XXI — Dom Marcel Lefebvre, João Paulo II e Fátima ... **280**

CAPÍTULO XXII — A Rússia foi consagrada? **314**

CAPÍTULO XXIII — A falsa Irmã Lúcia e as entrevistas de 1992 e 1993 ..... **322**

CAPÍTULO XXIV — O colóquio da falsa Irmã Lúcia com Dom Bertone **334**

CAPÍTULO XXV — O Terceiro Segredo enfim revelado **343**

CAPÍTULO XXVI — Uma "outra" interpretação do Segredo **371**

CAPÍTULO XXVII — O erro dos fatimistas **387**

CAPÍTULO XXVIII — Irmã Lúcia e Emanuela Orlandi **400**

CAPÍTULO XXIX — A estranha carta de 1982 ..... **408**

CAPÍTULO XXX — O "Catolicismo de Israel" em Assis **425**

CAPÍTULO XXXI — O "Catolicismo de Israel" em Fátima **433**

CAPÍTULO XXXII — Sobre a consagração da Rússia **436**

CAPÍTULO XXXIII — A Mensagem de Fátima **445**

CONCLUSÃO **449**

Prefácio

Juscelino H. Silva[1]

É com imensa honra e profunda reverência que redijo este prefácio para *O Mistério da Irmã Lúcia*, uma obra primorosamente concebida por Carlos Bezerra, meu estimado amigo. Ele dedicou incontáveis horas de sua vida a esta investigação, imergindo profundamente em uma das figuras mais enigmáticas e veneradas da história recente da Igreja Católica.

A tese apresentada neste livro é, sem dúvida, arrojada e desafiadora: a substituição da Irmã Lúcia, principal vidente de Fátima, pelas autoridades do Vaticano. Para muitos, tal ideia pode parecer, à primeira vista, inconcebível, um verdadeiro enigma que desafia a compreensão. No entanto, é precisamente aí que reside a extraordinária força desta obra. Bezerra não se limita a propor essa tese; ele a sustenta com uma vasta gama de provas meticulosamente coletadas e analisadas. Por meio de uma abordagem eximiamente científica e uma análise minuciosa de documentos históricos, testemunhos e evidências fotográficas, ele constrói um argumento tão sólido que qualquer leitor, por mais cético que seja, encontrará dificuldade em refutá-lo.

Cada capítulo deste livro é uma peça de um intrincado quebra-cabeça, habilmente montado para revelar uma trama que desafia a narrativa oficial. A dedicação do autor à verdade (*veritas liberabit vos*) e à justiça é palpável em cada página. Sua força de vontade e compromisso inabalável

1. Juscelino H. Silva exerceu um papel multifacetado na produção desta obra, assumindo, além da revisão gramatical, a responsabilidade pela diagramação. Sua trajetória profissional destaca-se por uma contribuição expressiva ao campo editorial, marcada pela participação na produção de quase duzentas publicações em território brasileiro, consolidando uma experiência vasta e relevante no setor. (*Nota do Editor*)

com a pesquisa são evidentes, tornando *O Mistério da Irmã Lúcia* não apenas uma leitura cativante, mas também um testemunho eloquente de alguém que, firmemente ancorado em sua fé e missão, não sucumbe às narrativas estabelecidas pelos inimigos da Igreja, sejam eles internos ou externos.

Essa tese, além de elucidar o mistério específico envolvendo a substituição da Irmã Lúcia, desvenda muitos enigmas da crise que assola a Igreja Católica desde a década de 1960, mais precisamente, desde o Concílio Vaticano II, aquele *annus horribilis* que marcou o início de profundas transformações e tensões dentro da Igreja. Contudo, este livro não se limita a responder perguntas; ele as multiplica, abrindo novos questionamentos e revelando outros mistérios que aguardam investigação. A obra oferece ao leitor uma perspectiva mais ampla sobre a crise atual da Igreja, não como um fenômeno isolado, mas como parte de uma complexa teia de eventos e decisões que remontam há várias décadas e continuam a ressoar nos corredores do poder eclesiástico.

Concluo este prefácio reafirmando a importância de *O Mistério da Irmã Lúcia* como uma leitura essencial para todos aqueles que, com alma devota e coração diligente, buscam compreender as intrincadas dinâmicas e os insondáveis mistérios que envolvem a história recente da Santa Igreja Católica. Que esta leitura sirva não apenas como um farol para os católicos que navegam nas águas turvas do presente, mas também como um catalisador para uma busca incessante pela verdade e pelo esclarecimento, sempre guiada pelo amor a Deus e à Sua Santa Mãe. Ademais, o valor desta obra alcança também aqueles que estão fora do catolicismo, apresentando-se igualmente como uma bússola luminosa para todos os que, descontentes com as desordens e inquietações do mundo moderno, anseiam pela luz incontestável da verdade. Que esta busca, sustentada pela fé e pela razão, seja sempre guiada pelo desejo de glorificar a Deus e honrar a Virgem Maria: *ad maiorem Dei gloriam et semper Virginis Mariae.*

18 de maio
Vigília de Pentecostes

Introdução

Maria dos Anjos, sobrinha da Irmã Lúcia, vidente de Fátima, faleceu no dia 13 de junho de 2022, aos 102 anos. Ela conhecia sua tia desde a juventude e era sua última parente viva. Curiosamente, no ano seguinte, no dia 22 de junho de 2023, os principais jornais do mundo noticiaram que o Papa Francisco havia finalmente reconhecido a Irmã Lúcia como beata, abrindo o processo que a deixa a um milagre comprovado de ser canonizada. Mas por que o Vaticano esperou tanto tempo para tomar essa decisão? O que mais seria necessário? Talvez a morte de Maria dos Anjos forneça uma das respostas. Ela nunca se recusava a atender, pacientemente, na pequena Aljustrel, onde residia, os peregrinos e curiosos que lhe perguntavam sobre as aparições de Fátima e sobre sua tia, a Irmã Lúcia. Acredito que ela não mentia, mas respondia apenas o que sabia dentro de suas limitações. Quanto ao que não lhe dizia respeito, ela simplesmente oferecia respostas simples, sem se aprofundar em polêmicas. Com sua morte, encerrou-se a última geração que conheceu de perto a vidente de Fátima nos anos cruciais de sua vida.

A abertura do processo de canonização da Irmã Lúcia possibilita, evidentemente, que outros manuscritos da vidente, atualmente salvaguardados no Carmelo de Santa Teresa de Coimbra — uma instituição privada com regime jurídico e canônico próprio —, possam se tornar públicos (ao menos, é o que esperamos). Existe um vasto acervo de escritos da Irmã Lúcia que, especialmente agora, assumem uma relevância eclesiástica, política e histórica, devido aos contatos privilegiados que ela manteve, por várias décadas, com figuras ilustres nacionais e internacionais. É inegável que a Irmã Lúcia foi uma das personalidades mais importantes do século XX; ao seu redor, desenrolaram-se eventos

de extrema significância. Ela foi e continua sendo objeto de estudo por diversos autores e especialistas.

Esperamos que este trabalho contribua para aprofundar as investigações e ampliar o entendimento sobre os temas abordados nas próximas páginas deste livro. Obviamente, lançar mão de uma investigação dessa natureza não foi uma tarefa fácil para mim, dadas as dificuldades impostas ao objeto específico deste estudo: a própria Irmã Lúcia. Uma pesada cortina de fumaça foi erguida sobre sua pessoa; silêncio e solidão foram-lhe impostos por um lado, enquanto, por outro, seus próprios votos de vida religiosa faziam de sua cela um pedaço do céu na terra, onde ela poderia viver completamente isolada do mundo exterior. Essa reclusão produziu lacunas consideráveis na sua história. Essas lacunas, em parte, puderam ser preenchidas pelo conteúdo de seus diários publicados, ainda que não em sua totalidade (segundo anunciado, seriam vinte e cinco volumes manuscritos). Excertos foram divulgados pelo Carmelo de Coimbra na obra *Um Caminho sob o Olhar de Maria*[2]. O leitor verá que recorri a esses trechos dos diários para reconstruir parte da história da Irmã Lúcia. No entanto, devo dizer que, por falta dos originais manuscritos, que permanecem sob sigilo no Carmelo, considerei não fiáveis os trechos posteriores a 1982 — que, aliás, são pouquíssimos —, bem como algo referente ao dia 13 de maio de 1967, por razões que o leitor verificará ao longo deste livro.

Muitas perguntas ainda carecem de respostas. Até o momento, os historiadores de Fátima têm se debruçado sobre os fenômenos religiosos e políticos envolvendo os eventos iniciados na Cova da Iria em 1917,

---

2. *Um Caminho sob o Olhar de Maria* é uma obra publicada pelo Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, que reúne excertos dos escritos da Irmã Lúcia, incluindo diários, cartas e reflexões espirituais. O livro busca oferecer um vislumbre da vida interior e da espiritualidade da vidente de Fátima, destacando sua profunda devoção à Virgem Maria e sua visão sobre os acontecimentos relacionados às aparições de 1917. Embora seja uma fonte valiosa, sua publicação foi realizada sob critérios seletivos, com os manuscritos originais permanecendo inacessíveis ao público, o que tem gerado questionamentos quanto à integridade e autenticidade de alguns trechos apresentados. (*Nota do Editor*)

mas sem jamais procurar identificar outro mistério: um mistério que envolveu a própria vidente de Fátima. O que realmente aconteceu com ela? Há outros segredos envolvendo a mensagem de Fátima? Há algo que o Vaticano procura esconder?

Este livro é uma tentativa de encontrar essas respostas. A fumaça precisa ser dissipada, e a verdade, revelada. Tenho certeza de que, ao buscar a verdade, cumpro aquilo que Nossa Senhora deseja, "pois não há nada oculto que não venha a ser revelado".

Nosso objetivo é, portanto, demonstrar que era possível que uma pessoa ocupasse oficial e publicamente o lugar da Irmã Lúcia, e que essa pessoa, desde a sua primeira aparição em maio de 1967 até 2005, utilizou o prestígio espiritual de uma mensagem sobrenatural convertida num fenômeno de massas e de importância global para promover tanto o "humanismo católico" do Papa Paulo VI quanto a agenda política do Opus Dei durante, e sobretudo, no pontificado do Papa João Paulo II.

Embora, à primeira vista, tudo isso possa parecer fruto da imaginação de adeptos de diversas "teorias da conspiração" — que, de fato, existem e são amplamente disseminadas pela internet —, o presente estudo demonstrará a plausibilidade de que essa fraude, mesmo absurda para alguns, não era impossível de ter ocorrido. Como o leitor verá, a situação não foi tão sofisticada como um filme de espionagem no estilo *James Bond*. O que parece ter ocorrido poderia ser o resultado de um processo gradual, que se desenvolveu em resposta às diversas circunstâncias surgidas conforme as necessidades daqueles envolvidos na trama. Considero, portanto, algo factível e que pode ser explicado por três causas: duas próximas e uma profunda.

As causas próximas envolveram os pontificados dos Papas Paulo VI e João Paulo II, ou seja, a utilização de uma falsa Irmã Lúcia pode ter sido necessária em dois momentos distintos: em 1967, durante a visita do Papa Paulo VI a Fátima, por um motivo fortuito e ocasional, como me parece ter sido; e, posteriormente, a partir de 1982 e ao longo de todo o pontificado do Papa João Paulo II, quando a substituta da Irmã

Lúcia passou a ser utilizada com maior frequência, até a morte de ambos, em 2005.

Os argumentos e as evidências serão apresentados, assim como a reconstrução dos fatos históricos, seguindo a relevância das personalidades envolvidas, direta ou indiretamente, no caso. A organização e disposição desses fatos estão estruturadas para proporcionar ao leitor um verdadeiro "novelo de Ariadne"[3], capaz de esclarecer a evolução histórica dos eventos conforme ocorreram e as razões por trás deles.

O leitor tirará suas próprias conclusões, assim como o autor deste livro, e, diante das informações apresentadas neste estudo, não deixará de sentir um certo assombro, o que o levará à seguinte indagação: afinal, a quem o Vaticano elevará aos altares sagrados — à vidente de Fátima ou a uma outra Irmã Lúcia? Ou talvez esta será a primeira vez na história da Igreja que uma canonização será feita, mas a imagem venerada não corresponderá ao passado dos eventos de Fátima. Esperamos que não.

Não tenho pretensões de estabelecer a palavra final nesse caso. Existem muitas perguntas que ainda são impossíveis de responder. Apenas indico, honestamente, respostas às tantas contradições envolvendo a Irmã Lúcia, contradições que bem se explicam pela duplicidade de pessoas e que atingem em cheio tudo o que tem se passado na Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II.

É verdade que a causa mais profunda de tudo isso foi o longo caminho que levou à atual crise na Igreja Católica, uma crise de fé que tem como resultado a apostasia. Longe de ser uma hipótese conspiracionista, este livro narra, de fato, a história de três conspirações: contra a Igreja, contra a mensagem de Fátima e contra a humanidade. Ao menos isso, este livro tem o mérito de trazer à tona. Somente com a luz da verdade

3. O "novelo de Ariadne" é uma referência à mitologia grega, mais especificamente à lenda de Teseu e o Minotauro. Ariadne, filha do rei Minos de Creta, forneceu a Teseu um novelo de fio para que ele pudesse marcar seu caminho enquanto navegava pelo labirinto onde o Minotauro estava confinado. Graças ao fio, Teseu conseguiu encontrar a saída do labirinto após matar o Minotauro. O "novelo de Ariadne" simboliza, assim, uma solução ou guia capaz de orientar e superar uma situação complexa e intrincada. (*Nota do Editor*)

conseguiremos sair do labirinto erguido pelos Dédalos da modernidade. Construtores de sonhos que se transformaram em prisões e pesadelos quiseram trazer uma nova primavera para a Igreja às custas da verdade e dos direitos de Deus, mas cavaram fundo demais, e desse abismo "por alguma fresta, o fumo de Satanás entrou na Igreja", como disse o próprio Paulo VI, confirmando as palavras de São João no *Apocalipse* 9:2-3: "*E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como a fumaça de uma grande fornalha, e com a fumaça do poço escureceu-se o sol e o ar. E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder como o poder que têm os escorpiões da terra*". Que Nossa Senhora de Fátima nos guie e auxilie nesta busca.

CAPÍTULO I

Outra memória para a Irmã Lúcia

Em maio de 2007, o Cardeal Tarcísio Bertone, então Secretário de Estado do Vaticano sob o pontificado do Papa Bento XVI, publicou um livro intrigante sobre a Irmã Lúcia de Fátima, intitulado *A Última Vidente de Fátima: As Minhas Conversas com a Irmã Lúcia*. Sob certo aspecto, o livro parecia ser uma resposta ao jornalista italiano Antonio Socci, que, apenas um ano antes, publicara *O Quarto Segredo de Fátima*, no qual questionava a interpretação oficial que o Vaticano dera ao chamado "Terceiro Segredo de Fátima". Esse segredo, escrito pela Irmã Lúcia em janeiro de 1944 e finalmente revelado pelo Vaticano em 2000, permaneceu nos arquivos da Santa Sé por mais de 40 anos.

As declarações de Antonio Socci levaram o Cardeal Bertone a acusá-lo de "fazer o trabalho sujo da Maçonaria contra a Igreja", uma insinuação grave e talvez desproporcional, mas certamente maliciosa. O jornalista reagiu com firmeza, publicando, em 12 de maio de 2007, no jornal *Libero*, uma resposta contundente ao Cardeal.

Socci relatou que Bertone se encontrara com a Irmã Lúcia em três ocasiões: em 2000, em novembro de 2001 e em dezembro de 2003. Segundo o jornalista, Bertone deveria ter aproveitado essas oportunidades para gravar ou filmar as entrevistas, de interesse para toda a Igreja. No entanto, não há registros desses encontros, exceto por algumas poucas linhas atribuídas à Irmã Lúcia, cuja credibilidade é questionável. O livro do Cardeal Bertone contém uma carta de apresentação do Papa Bento XVI, onde se lê:

> «Foi um tempo de luz não só porque a mensagem pôde assim ser conhecida por todos, mas também porque

era revelada a verdade no quadro confundido das interpretações e especulações do tipo apocalíptico que circulavam na Igreja, gerando perturbações entre os fiéis em vez de os convidar à oração e penitência.»

Tanto o Secretário de Estado do Vaticano quanto o Papa Bento XVI negaram a existência de qualquer outro "segredo" relacionado às Aparições de Fátima. Esta edição incluiu também o Ato de Consagração de 25 de março de 1984, realizado por João Paulo II, e uma cronologia dos eventos de Fátima, que abrange desde a data de nascimento da Irmã Lúcia até 15 de março de 2005, data das cerimônias fúnebres da vidente, presididas pelo próprio Cardeal Bertone. Em uma das páginas anteriores ao índice, os autores do livro dedicaram uma oração à Irmã Lúcia, de autoria da Madre Celina, Superiora do Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra.

Tanto Bertone quanto Ratzinger (Bento XVI) trabalharam com João Paulo II na elaboração da interpretação e divulgação do "Terceiro Segredo de Fátima" em 2000. O Cardeal Bertone dedicou a publicação a João Paulo II, "o Papa de Fátima", e a Bento XVI, "o Papa da Virgem Negra de Altotting".

O "Terceiro Segredo de Fátima" e a interpretação fornecida pelo Vaticano já haviam suscitado uma série de dúvidas entre os "fatimistas"[4] e outros estudiosos de Fátima, situação que se agravou após os atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova York. Esses rumores, de que o Vaticano ocultava algo, levaram o Cardeal Bertone a retornar a Coimbra para um novo colóquio com a Irmã Lúcia. O resumo dessa conversa foi

4. "Fatimistas" é um termo utilizado para designar indivíduos e grupos que analisam os eventos de Fátima segundo a perspectiva de uma mensagem voltada, em grande parte, para a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria. Esses grupos, compostos por leigos, clérigos e estudiosos, frequentemente se dedicam ao estudo e divulgação das aparições de 1917 e das mensagens recebidas pelos três pastorinhos. No entanto, muitos fatimistas também sustentam interpretações controversas. Essas interpretações nem sempre convergem com a realidade, gerando debates e questionamentos no âmbito eclesial e acadêmico. (*Nota do Editor*)

publicado pelo *L"Osservatore Romano* apenas um mês após o encontro, em 21 de dezembro de 2001. Reproduzo-o abaixo, pois o conteúdo será importante para as análises que faremos nas próximas páginas.

Entrevista de Sua Excelência o Bispo Tarcísio Bertone com a Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado

No dia 17 de novembro de 2001, Sua Excelência o Bispo Tarcísio Bertone, então Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, reuniu-se com a Irmã Lúcia no Convento de Coimbra, em Portugal, para esclarecer alguns aspectos relativos à publicação do documento *"A Mensagem de Fátima"* (junho de 2000). O resumo da conversa, reproduzido a seguir, traz a assinatura conjunta de Sua Excelência Monsenhor Tarcísio Bertone e da Irmã Lúcia:

Ainda há poucos meses, principalmente depois do triste acontecimento do ataque terrorista de 11 de setembro, surgiram alguns artigos sobre supostas novas revelações da Irmã Lúcia, notícias sobre cartas de advertência dirigidas ao Sumo Pontífice, reinterpretações apocalípticas da Mensagem de Fátima. E mais: confirmou-se a suspeita de que a Santa Sé não tivesse publicado o texto completo da terceira parte do "segredo" (*tese à qual Antonio Socci daria adesão mais tarde no seu livro "O Quarto Segredo de Fátima"*) e alguns movimentos "fatimistas" insistiram na acusação de que o Santo Padre ainda não teria consagrado a Rússia ao Imaculado Coração de Maria.

Por esta razão, considerou-se necessário organizar um encontro com a Irmã Lúcia na presença do Padre Luís Kondor, SVD, Vice-Postulador da causa dos Beatos Francisco e Jacinta, e da Prioresa do Carmelo Santa Teresa, com o consentimento de Sua Eminência o Cardeal Ratzinger e os dois Bispos de Leiria-Fátima, a fim de obter alguns esclarecimentos e informações diretas da vidente ainda viva.

O colóquio, que durou mais de duas horas, aconteceu no dia 17 de novembro, sábado à tarde. Irmã Lúcia, que completará noventa e

cinco anos no dia 22 de março, estava em ótima forma, lúcida e muito animada. Acima de tudo, professou o seu amor e devoção pelo Santo Padre: *reza muito por ele e por toda a Igreja*. A divulgação do seu livro a deixa muito feliz, *Apelos da Mensagem de Fátima*, já traduzido em seis línguas (italiano, espanhol, alemão, húngaro, polaco, inglês) e recebe muitas cartas de agradecimento por isso.

Voltando-se ao problema da terceira parte do Segredo de Fátima, afirma ter lido e meditado atentamente o documento publicado pela Congregação para a Doutrina da Fé e confirma tudo o que ali aparece escrito.

Bertone — Há quem levante a dúvida de que algo do Terceiro Segredo tenha sido omitido.

Irmã Lúcia — Tudo foi publicado; não há mais segredos.

Bertone — Aos que falam e escrevem sobre novas revelações.

Irmã Lúcia — Não há nada de verdadeiro nisso. Se eu tivesse recebido novas revelações, não as teria contado a ninguém, as teria contado diretamente ao Santo Padre!

Evoca então de bom grado a sua juventude, com as dificuldades que viveu antes de se tornar freira, mas também com os gestos de benevolência recebidos: por exemplo, recorda as "férias" em Braga, nos anos 1921-24, com Dona Filomena Miranda, sua madrinha de confirmação.

Bertone — Que efeitos teve a visão de 13 de julho na sua vida antes de ser escrita e entregue à Igreja?

Irmã Lúcia — Senti-me segura sob a proteção de Nossa Senhora, que cuidava cuidadosamente de mim, da Igreja e do Papa...

E acrescenta um detalhe inédito no relato da famosa visão:

Irmã Lúcia — Durante a visão, Nossa Senhora, de quem emanava o brilho, segurava na mão direita um coração e na mão esquerda o rosário.

Bertone — Que significado tem o coração na mão da Virgem?

Irmã Lúcia — É um sinal de amor que protege e salva. Ela é a Mãe que vê sofrer os filhos e sofre com eles, mesmo com aqueles

que não a amam. Porque quer os salvar a todos e não perder nenhum daqueles que o Senhor lhe confiou. Seu Coração é um refúgio seguro. A devoção ao Imaculado Coração de Maria é o meio de salvação para os tempos difíceis da Igreja e do mundo. Considero muito apropriada a reflexão do Cardeal Ratzinger no final do seu comentário à terceira parte do Segredo: "O meu Imaculado Coração triunfará."

O que isto significa? Que o coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que os rifles e qualquer arma. O decreto de Maria, palavra do seu coração, mudou a história do mundo porque introduziu no mundo o Salvador, porque graças a este "sim" Deus pôde fazer-se homem no nosso mundo e assim permanece agora e para sempre. O maligno tem poder neste mundo, nós o vemos e o experimentamos continuamente; ele tem poder porque a nossa liberdade permite-se distanciar-se continuamente de Deus. Mas como o próprio Deus tem um coração humano e assim dirigiu a liberdade do homem para o bem, para Deus, a liberdade para o mal já não tem a última palavra. A partir desse momento, as palavras de Jesus adquirem todo o seu valor: "Sofrereis tribulações no mundo, mas tende confiança; Eu venci o mundo" (Jo 16, 33). A mensagem de Fátima convida-nos a confiar nesta promessa.

Bertone — É verdade que falando com o Padre Luigi Bianchi (*segundo se sabe, ele teria tido vários encontros com a Irmã Lúcia*) e o Padre José dos Santos Valinho, questionastes a interpretação da terceira parte do segredo?

Irmã Lúcia — Não é verdade. Confirmo plenamente a interpretação que remonta ao ano do jubileu (2000).

Bertone — O que tem a dizer sobre as afirmações obstinadas do Padre Gruner de que está a recolher assinaturas para o Papa finalmente realizar a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria, o que nunca foi feito antes?

Irmã Lúcia — A comunidade das Carmelitas rejeitou os formulários de coleta de assinaturas. Já disse que a Consagração desejada por Nossa Senhora ocorreu em 1984 e que ela foi admitida no Céu.

Bertone — É verdade que a Irmã Lúcia está muito preocupada com os acontecimentos recentes que já não consegue dormir e que passa noite e dia a rezar?

Irmã Lúcia — Não é verdade. Como posso orar durante o dia se não descanso à noite? Quantas coisas colocaram na minha boca! Quantas coisas pareço ter feito! Deixe-os ler o meu livro: aí estão os conselhos que correspondem aos desejos de Nossa Senhora. A oração e a penitência com muita fé no poder de Deus salvarão o mundo.[5]

Sua Excelência Dom Tarcísio Bertone, SDB
Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado

Certamente, os "fatimistas" apresentaram inúmeras objeções a esse texto, o qual contradiz, de fato, tudo o que a Irmã Lúcia havia afirmado anteriormente. É evidente que alguém estava mentindo; no entanto, os fatimistas passaram a explorar a hipótese de um "quarto" segredo de Fátima. Segundo eles, existiria um texto oculto, jamais revelado pelo Vaticano. Nesse texto, haveria uma explicação do segredo, fornecida pela própria Virgem Maria, após descrever a visão cujo relato foi publicado pelo Vaticano em 2000.

No entanto, há outra possibilidade, que os fatimistas nunca quiseram admitir, apesar de terem encontrado certas evidências: haveria duas Irmãs Lúcias? Tal hipótese explicaria perfeitamente as contradições apontadas por eles.

Ainda que essa hipótese, à primeira vista, parecesse absurda, acredito que seria necessário investigá-la antes de descartá-la, como fez

5. (*Grifo nosso*)

o jornalista Antonio Socci. Por exemplo, ao citar o autor Laurent Morlier, ele afirma:

> «... É evidente que a nossa investigação caminha num campo minado, no qual é preciso avançar com cautela, serenidade e objetividade. Atitudes que, infelizmente, não se pode dizer que sejam destacadas em grande parte das publicações "Fatimistas". Laurent Morlier, seriamente crítico do Vaticano, chega ao ponto de afirmar que o Terceiro Segredo contém apenas essas palavras da Virgem Maria e que a visão revelada em 26 de junho de 2000 é uma falsificação[6]. No entanto, não me parece que ele apresente provas irrefutáveis ou quaisquer argumentos decisivos para comprovar uma acusação tão grave. Entre outras coisas, porque foi a própria Irmã Lúcia quem certificou aquela parte do segredo publicada em 2000[7], passando a reconhecer a sua própria caligrafia e o papel. Portanto a visão faz parte do Terceiro Segredo, sem dúvida. Mas Morlier duvida mesmo que a freira que falou ou foi vista nas celebrações nos últimos anos seja a verdadeira Irmã lúcia. Levanta nada menos do que a hipótese de que pode ter sido "substituída" e, desta forma, tudo se transforma numa ficção política incontrolável que não considero necessário parar e discutir.»[8]

Voltemos aos acontecimentos de outubro de 2001, a fim de esclarecer alguns pontos. O serviço noticioso *Inside the Vatican*, juntamente com outros jornais italianos, publicou um artigo intitulado "O segredo de Fátima: Há mais por vir?", no qual afirmava:

---

6. Essa é uma afirmação com a qual não concordamos, pois o texto é comprovadamente autêntico. (*Nota do Autor*)

7. É aí que reside o erro de Socci: utilizar um argumento falso anterior para desqualificar o seguinte, que, como veremos no presente livro, possui muita substância e provas. (*Nota do Autor*)

8. Antonio Socci, *O quarto segredo de Fátima*, p. 60.

> «Soube-se recentemente que a Irmã Lúcia dos Santos, a última vidente sobrevivente de Fátima, enviou, há algumas semanas, uma carta ao Papa João Paulo II, alegadamente para avisá-lo de que sua vida corre perigo. Segundo fontes do Vaticano, a carta, que afirma que os acontecimentos mencionados no "Terceiro Segredo" de Fátima ainda não ocorreram, foi entregue a João Paulo II algum tempo após o 11 de setembro pelo Bispo emérito de Fátima, Dom Alberto Cosme do Amaral.»

Se essa notícia fosse simplesmente falsa, bastaria ao Vaticano desmenti-la, encerrando assim o assunto. No entanto, por que o Vaticano enviou o Cardeal Bertone a Coimbra para falar pessoalmente com a Irmã Lúcia e para que ela desmentisse a notícia em pessoa? A resposta parece simples: a carta realmente existia. Embora eu não acredite que estivesse relacionada ao 11 de setembro, creio que estivesse ligada ao Terceiro Segredo e que não dissesse que a vida do Papa estava em perigo, mas sim a sua vida eterna, como veremos a seguir.

Quando questionado sobre a carta, o Bispo de Fátima na época, Dom Serafim de Souza Ferreira e Silva, não negou que a Irmã Lúcia havia enviado uma carta ao Papa, mas afirmou (fazendo uma distinção) que "não há cartas da vidente que expressem receio pela vida do Papa". Ele dizia, assim, a verdade, mas não toda; certamente fazia restrição mental.

Inside the Vatican revelou ainda que "algumas fontes sugeriram que a carta da Irmã Lúcia exorta o Papa a revelar totalmente o Terceiro Segredo", e que a carta da Irmã Lúcia ao Papa "contém, diz-se, este aviso: 'Cedo haverá grande tumulto e castigo.'"

Além disso, o artigo acrescentava que um sacerdote diocesano italiano, o Padre Luigi Bianchi, citado no documento do Cardeal Bertone, "diz ter-se encontrado na semana passada com a Irmã Lúcia dos Santos no seu convento carmelita de clausura, em Coimbra, Portugal, e especulou sobre a possibilidade de o Vaticano não ter revelado a totalidade do segredo, para evitar criar pânico e ansiedade na população; para não assustar."

Mais ainda, sobre a "interpretação" do segredo pelo Cardeal Sodano, atribuindo-o ao atentado sofrido por João Paulo II na Praça de São Pedro em 13 de maio de 1981, o Padre Bianchi disse:

> «A mensagem não fala apenas de um atentado contra o Pontífice, mas fala de um "Bispo vestido de branco" que caminha entre ruínas e cadáveres de homens e mulheres...»

Ora, como podemos ler no documento do Cardeal Bertone, a Irmã Lúcia negou ter questionado a interpretação do segredo dada pelo Vaticano. Então, afinal, quem mentia? O Cardeal Bertone, a Irmã Lúcia ou o Padre Bianchi? Esse encontro do Padre Bianchi nunca foi desmentido, nem o próprio Cardeal Ratzinger negou a existência dessa carta. A revista *Inside the Vatican* citou-o, inclusive, como tendo dito que "os rumores recentes de uma carta não são mais do que a continuação de uma "velha polêmica alimentada por certas pessoas de credibilidade duvidosa", com o objetivo de desestabilizar o equilíbrio interno da Cúria Romana e perturbar o Povo de Deus." Ele poderia ter dito simplesmente que tal carta não existia.

Há uma resposta plausível, embora perturbadora: havia duas Irmãs Lúcias, uma enclausurada e vivendo oculta do mundo, e a outra desempenhando o papel de figura pública oficial do Vaticano. No documento do Cardeal Sodano, há muitas contradições em relação ao que a Irmã Lúcia havia declarado antes de 1960. Os próprios fatimistas perceberam isso. No entanto, considerando que nesse texto se cita nominalmente o Padre Bianchi, conhecedor da carta em questão, da Irmã Lúcia ao Papa João Paulo II, pode-se perguntar: teria o Padre Bianchi, ou outros, suspeitado que havia outra Irmã Lúcia?

A resposta, ao que nos parece, é sim, pois, no documento do Cardeal Bertone, que seria a transcrição de mais de duas horas de conversa com a Irmã Lúcia, além de contar com pouquíssimas frases dela, o Cardeal inclui uma menção a um acontecimento completamente alheio às questões cruciais a serem tratadas: um acontecimento da juventude

dela com Dona Filomena Miranda em Braga. Parece-me algo forçado, uma maneira de dizer: "Esta é a verdadeira Irmã Lúcia, só ela poderia conhecer detalhes assim da sua juventude." Seria um recado velado, mas compreensível para os que sabiam do que se tratava.

O Cardeal Bertone faria a última visita à Irmã Lúcia no dia 9 de dezembro de 2003. Em uma entrevista à CNA, ele revelou detalhes dessa conversa, que podem nos ajudar a entender mais alguma coisa:

> «A irmã Lúcia foi uma pessoa brilhante, muito agradável, serena, pacífica e tranquila. Era uma pessoa de confiança que teve que guardar um grande segredo e foi chamada para comunicar mensagens importantes à humanidade.»

O Cardeal mencionou que um dos temas principais de sua última conversa foi a reunião que a religiosa teve no dia 11 de julho de 1977 com o Cardeal Albino Luciani, então Patriarca de Veneza. Por que isso seria importante para Bertone nessa ocasião? É uma pergunta que devemos nos fazer. Afinal, entre tantas dúvidas sobre Fátima levantadas após a revelação do Terceiro Segredo, a menção a esse encontro da Irmã Lúcia com o futuro Papa João Paulo I parece completamente fora de propósito. Muitos relatórios posteriores afirmaram que o Cardeal Luciani ficou surpreso com o colóquio que teve com a Irmã Lúcia, pois, supostamente, ela havia previsto sua eleição como pontífice e a brevidade de seu pontificado.

De fato, o Cardeal Luciani havia escrito um relatório sobre seu colóquio com a vidente de Fátima, e esse relatório estava com o Cardeal Bertone, traduzido para o português conforme a Irmã Lúcia havia solicitado. O Cardeal Bertone relatou: "Ela leu cuidadosamente o relatório e, em seguida, confirmou cada palavra e assinou no final. Então, eu fiz uma pergunta precisa: você previu a eleição do Cardeal Luciani como Papa? Ela respondeu com as mesmas palavras: "Eu não lembro se disse que seria eleito Papa. Disse à minha comunidade religiosa que havia

conhecido um bom Cardeal, um Santo Cardeal, e que, se tivesse sido eleito Papa, seria um bom Papa."

Bertone acrescentou que, durante a reunião, o Cardeal Luciani e a Irmã Lúcia discutiram o declínio da fé na Igreja e outros problemas eclesiásticos. Esse encontro entre o futuro Papa João Paulo I e a Irmã Lúcia ocorreu, ao que me parece, com a verdadeira Irmã Lúcia, pois, como veremos, a "outra" Irmã Lúcia seria reutilizada apenas após o atentado a João Paulo II. Isso explica a razão pela qual o Cardeal Bertone levou o relatório de Albino Luciani, traduzido, para a Irmã Lúcia. O objetivo seria obter da "outra" a confirmação do conteúdo do relatório e, posteriormente, referendar toda a narrativa do Terceiro Segredo conforme apresentada por ele no ano 2000. Na mesma entrevista, lemos em seguida:

> «O então Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé também recordou que a Irmã Lúcia disse que a Virgem estava satisfeita com a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria. Tanto Pio XII quanto João Paulo II consagraram a Rússia ao Imaculado Coração de Maria, embora não houvesse nenhuma menção explícita à própria Rússia, um detalhe que gerou muita controvérsia e levou muitos a insistirem que, de fato, não houve nenhuma consagração.
>
> O Cardeal Bertone sublinhou que a decisão de não mencionar diretamente a Rússia foi tomada "por razões ecumênicas" e "por respeito à Igreja Ortodoxa Russa", mas também destacou que as referências à Rússia são muito claras. Em particular, ele relembra a Carta Apostólica de Pio XII, *Sacro Vergente Anno*, que menciona explicitamente a Consagração dos povos da Rússia.»[9]

As visitas do Cardeal Bertone à "Irmã Lúcia" em 2001 e 2003 tiveram como principal objetivo sepultar quaisquer suspeitas de que o

9. Andrea Gagliarducci, "Matéria", *ACI Stampa*, Roma, 12 de maio de 2017.

Vaticano poderia ter se utilizado ou ainda estar se utilizando de uma outra Irmã Lúcia. Embora, nesse ponto, os fatimistas não representassem o menor problema, já que sempre se recusaram a olhar nessa direção, certamente havia algum perigo que tornava necessária uma «operação Bertone». A ideia fundamental teria sido a de fundir definitivamente duas identidades em uma só. Doravante, a imagem e a personalidade da "outra" Irmã Lúcia seriam recordadas pelas gerações futuras como uma Irmã Lúcia em consonância com a Igreja definida pelo Concílio Vaticano II.

Nesse sentido, foi muito oportuno o livro da "outra Irmã Lúcia", *Apelos da Mensagem de Fátima*, publicado com autorização do Vaticano. Qualquer pessoa conhecedora da vida da Irmã Lúcia e de seus escritos anteriores a 1960 fica surpreendida com a total diferença entre o que ela escreveu antes e o que escreveu neste livro. A "Irmã Lúcia" faleceria pouco tempo depois, em 13 de fevereiro de 2005, no Carmelo de Coimbra. Segundo o relato de sua médica, a Dra. Branca Paúl, presente nesse momento derradeiro, sua última reação foi de "espanto" diante do crucifixo apresentado a ela pela Madre Celina. No momento em que despertava do coma em que estava, pareceu querer dizer algo. Não conseguiu. Morreu em "espanto" diante do crucifixo.

Finalmente, em 2013, o Carmelo de Coimbra publicou o livro *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, contendo muitas transcrições de um diário inédito da Irmã Lúcia, intitulado *Meu Caminho*. O mundo só teve conhecimento da existência desse diário quando foi publicada uma entrevista no *Avvenire*[10], com Monsenhor Luciano Guerra, o reitor do Santuário de Fátima. Muito desse livro será utilizado na presente obra. Em 31 de maio de 2007, foi inaugurado, em Coimbra, o Memorial da Irmã Lúcia e, em 15 de setembro, na entrada do Convento de Santa Teresa em Coimbra, foi inaugurada a estátua da Irmã Lúcia, de autoria do artista português Alves André. Estavam, portanto, lançados os marcos

10. *Avvenire* é um jornal diário católico italiano, fundado em 1968 pela Conferência Episcopal Italiana. Voltado para temas religiosos, sociais e culturais, é amplamente reconhecido como uma das principais publicações católicas da Itália. (*Nota do Editor*)

referenciais para a construção de outra memória para a Irmã Lúcia. Para entendermos a importância de tais acontecimentos, convém fazer um breve resumo da relevância histórica da memória coletiva, para que o leitor se familiarize com o método.

Na Grécia dos tempos arcaicos, a memória, ou *Mnemosine*, era representada como uma deusa. Ela era a mãe das nove musas, procriadas por ela e por Zeus. Seu papel era lembrar aos homens os feitos heroicos que precediam, em valor, a poesia lírica. *Mnemosine* dava ao poeta, pelos mistérios do passado, uma noção teológica da própria vida, que este procurava exprimir em suas obras. Mesmo que, no paganismo grego, essa associação fosse corrompida pelos órficos e pela ideia orientalista das reminiscências que os indo-europeus padeceram por séculos.

Foi o catolicismo que deu à memória seu verdadeiro valor, pois estabeleceu um "vínculo profundo entre a memória e a morte", revelando-a assim como o início da verdadeira vida. O período medieval foi uma constante valorização da memória como algo vital para a sobrevivência civilizacional, e não era raro que os reis católicos recorressem aos conselhos da memória dos mais velhos, mesmo para resolverem questões jurídicas. Nunca se pensou na construção artificiosa de memória, nem coletiva e muito menos individual. Obviamente, isso seria mentira, e a mentira é a não conformidade da linguagem com o que se conhece. A implicação moral disso, para um católico medieval, era o pecado mortal.

Santo Tomás tratou do assunto da memória artificial a propósito da virtude da prudência, e também Santo Alberto Magno escreveu um comentário sobre o *De Memoria et Reminiscentia de Aristóteles*. A partir da doutrina clássica dos lugares e das imagens, formulou as seguintes regras mnemônicas:

1. É necessário encontrar "simulacros adequados das coisas que se deseja recordar" e é necessário, segundo este método, inventar simulacros e imagens porque as intenções simples e espirituais facilmente se evolam da alma, a menos que estejam, por assim dizer, ligadas a qualquer símbolo corpóreo,

porque o conhecimento humano é mais forte em relação aos *sensibilia*[11]; por esta razão, o poder mnemônico reside na parte sensitiva da alma" (*op. cit.*, p. 69). A memória está ligada ao corpo.

2. Em seguida, é necessário dispor "numa ordem calculada as coisas que se deseja recordar, de modo que, de um ponto recordado, se torne fácil a passagem ao ponto que lhe sucede". A memória é razão.
3. É necessário "meditar com frequência no que se deseja recordar". É por isso que Aristóteles diz que a "meditação preserva a memória", pois o hábito é como a natureza.

A memória sempre teve o seu lugar teológico entre os antigos, porque era pela tradição que ela sobrevivia. A memória coletiva, construída para seu objetivo científico, a História, é em grande parte resultado da própria Revolução Francesa, mas seus princípios já estavam na Revolução Protestante e no próprio advento da imprensa. Leroi-Gourhan caracterizou bem essa revolução da memória pela imprensa:

> «Até o aparecimento da imprensa (...) dificilmente se distinguia entre a transmissão oral e a transmissão escrita. A massa do conhecido estava mergulhada nas práticas orais e nas técnicas; a área culminante do saber, como um quadro imutável desde a Antiguidade, era fixada no manuscrito para ser aprendida de cor (...). Com o impresso (...) não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. Assiste-se então à exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação que está escrito no escrito" (1964-1965, pp. 69-70).»

11. *Sensibilia* é um termo em latim usado na filosofia aristotélica e tomista para se referir às coisas percebidas pelos sentidos ou às qualidades sensíveis que podem ser captadas pelos sentidos humanos. (*Notar do Editor*)

O francês Pierre Muret, nas suas "*Cérémonies funèbres de toutes les nations*" (1675), notava como era aterrador o esquecimento dos mortos na Inglaterra pós-Revolução Protestante: "Antigamente lembrava-se, em cada ano, a memória dos mortos. Hoje não se fala mais deles, pois isso poderia parecer papismo". Para Michel Volvelle (1974), o que se pretendia no enciclopedismo era "eliminar a própria morte". No entanto, o que se viu após a Revolução Francesa não foi a eliminação da morte, mas um novo sentido para ela: o nada. E daí sucedeu a substituição da memória por um simulacro de memória coletiva: novos tipos de monumentos, novos tipos de cemitérios e inscrições funerárias. O espírito revolucionário também se alimentava de um espírito comemorativo, novas datas, novos heróis, nova História. No final do seu título I, a Constituição de 1791 declarava:

> «Serão estabelecidas festas nacionais para conservar a recordação da Revolução Francesa.»

No entanto, o terror desencadeado pela Revolução viu um ocultamento da memória: nada de massacres, nada da memória das vítimas; mesmo os locais onde ocorreram os grandes massacres foram quase todos destruídos.

Não por acaso, o século XIX foi também o século dos museus. Para isso, recorre-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. Um museu é o conjunto de ambos, pois o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu tal como existiu, mas uma seleção efetuada pelas forças que pretendem exercer amplo domínio sobre a narrativa histórica, controlando e determinando o que deve e o que não deve ser memória.

Vai-se a pastorinha vidente de Fátima; ficam registradas as imagens, entrevistas e escritos de uma impostora. Contudo, é absolutamente imprescindível provarmos o que estamos afirmando, e é isso o que procuraremos fazer nas próximas páginas.

CAPÍTULO II
A importância da perícia criminal

Desde a mais remota antiguidade, a humanidade sempre necessitou de análises minuciosas em casos de grande importância para a sociedade. Foi dessa necessidade que emergiu o conceito hoje conhecido como perícia. Etimologicamente, o termo deriva do latim *"peritia"*, que significa habilidade especial. Trata-se de uma técnica especializada numa determinada área do conhecimento, cujo objetivo é respaldar e trazer aos autos a verdade real dos fatos.

Por isso, o perito deve ser reconhecido como um auxiliar do juiz, apresentando um perfil compatível com a sua função e respaldado por normas e princípios do ordenamento jurídico. O perito desempenha um papel vital durante a investigação, pois, sem sua atuação, a investigação ficaria restrita apenas aos depoimentos das partes e aos documentos apresentados, limitando-se, assim, as punições dos suspeitos por insuficiência de dados ou exagerando-se as penas. Em ambos os casos, a justiça não seria plenamente satisfeita. Podemos concluir, portanto, que a perícia criminal aproxima a verdade real, trazendo maior segurança jurídica e tornando-se extremamente importante na esfera criminal.

Segundo os autores Luiz Dorea, Victor Stumvoll e Victor Quintela, a perícia criminal sempre foi utilizada ao longo da História:

> «Já na velha Roma, Júlio Cezar aplicara o método de "exame do local", ou seja, tendo chegado aos seus ouvidos que um de seus servidores, Plantius Silvanius, havia jogado sua mulher, Aprônia, de uma janela, compareceu

ao local e foi examinar o quarto no qual dormia o casal, e nele encontrou sinais certos de violência.»[12]

«A perícia é um meio de prova técnica ou científica, que tem por objetivo a obtenção de certo conhecimento do fato (elemento de prova), a partir de um procedimento técnico realizado sobre a pessoa ou coisa (fonte de prova). A conclusão do técnico ou profissional (conclusão probatória) é expressa num laudo (elemento de prova), que tem por finalidade (finalidade de prova) influir na formação da persuasão racional do juiz, em seu processo cognitivo de valoração (valoração da prova). A perícia sujeita-se às fases de admissão e assunção, que compõe o chamado procedimento probatório»[13]

«A perícia é um meio de prova técnica ou científica, que tem por objetivo a obtenção de certo conhecimento do fato (elemento de prova), a partir de um procedimento técnico realizado sobre a pessoa ou coisa (fonte de prova). A conclusão do técnico ou profissional (conclusão probatória) é expressa num laudo (elemento de prova), que tem por finalidade (finalidade de prova) influir na formação da persuasão racional do juiz, em seu processo cognitivo de valoração (valoração da prova). A perícia sujeita-se às fases de admissão e assunção, que compõe o chamado procedimento probatório.»[14]

Atualmente, a perícia criminal abrange diversas áreas de atuação, mas está sempre vinculada à polícia e é estudada através da criminalística. Segundo Edimar Cunico:

12. Luiz Eduardo Carvalho Dorea, Victor Paulo Stumvoll, Victor Quintela. Organização de Domingos Tocchetto. *Millenium Editora*, 2010, p. 5.

13. MANZANO, Luiz Fernando de Moraes. *Prova pericial: admissão e assunção da prova científica e técnica no processo brasileiro*. São Paulo: Atlas, 2011, p. 8.

14. Ibidem.

> «A criminalística é a ciência aplicada na área forense para exame do corpo e delito, objetivando a obtenção da prova jurídica, excetuando-se à Medicina Legal.»[15]

O perito criminal busca informações no local onde ocorreu o crime ou onde supostamente tenha ocorrido. Portanto, ele procurará vestígios ou indícios que possam servir como prova do crime. A perícia criminalística está ligada à medicina legal em muitos aspectos. A função primordial da perícia é pesquisar e fundamentar os elementos de prova para serem levados ao processo, podendo ocorrer tanto no período do inquérito policial quanto na fase processual. Infelizmente, mesmo tendo uma função indispensável para a realização da justiça, muitas vezes os peritos são negligenciados pelas autoridades e pela sociedade. No entanto, é importante lembrar que o perito possui habilidades técnicas, obtidas por meio de curso superior, concurso e diversos treinamentos.

A perícia criminal é essencial, pois tem a capacidade de sanar as dúvidas dos juízes, comprovando ou não a existência de um crime. Para formar o convencimento do juiz e dos jurados, a prova é um meio indispensável, coletada para corroborar o que foi alegado. Segundo Noronha expõe:

> «É o conjunto de atos legalmente ordenados, para a apuração do fato, da autoria e a exata aplicação da lei. (...) É a descoberta da verdade, o meio (...) provar é, fornecer o conhecimento de qualquer fato, adquirindo para si, e gerando a outrem, a convicção da substância ou verdade do mesmo fato.»[16]

Portanto, a perícia criminal está sempre em busca da verdade, pois não é um órgão da defesa nem da acusação; trata-se de um criterioso e rigoroso trabalho investigativo realizado pelo perito técnico,

15. CUNICO, Edimar. *Perícia em locais de morte violenta: criminalística e medicina legal.* Curitiba: Edição do Autor, 2010, p. 28.

16. NORONHA, E. Magalhães. *Curso de Direito Processual Penal.* 2003, p. 176.

escondido atrás dos fatos, de maneira a demonstrar ao juiz o caminho para uma sentença justa.

Após essa breve definição do que é a ciência investigativa e da importância da perícia forense, veremos o que foi descoberto tecnicamente em relação à pessoa apresentada como Irmã Lúcia a partir de 1967.

CAPÍTULO III

Sister Lucy Truth - As evidências forenses e a certeza da fraude

Em 2017, tomei conhecimento de que o Dr. Peter Chojnowski, PhD em Filosofia pela Fordham University, Bronx, Nova York, especialista em filosofia tomista e com um amplo currículo como conferencista sobre as aparições de Fátima — um expert altamente capacitado — havia fundado uma instituição sem fins lucrativos com o único propósito de colher dados e apresentá-los aos melhores especialistas nas diversas áreas do campo da investigação forense, a fim de obter relatórios contundentes que pudessem responder com certeza empírica à seguinte questão: houve ou não uma impostora assumindo o lugar da Irmã Lúcia a partir de 1967?

Esse projeto recebeu o nome de *Sister Lucy Truth* e, de fato, foi pioneiro e responsável por elevar aquele debate marginalizado — tanto nos meios tradicionalistas quanto entre os fatimistas — ao campo da investigação forense.

Para os que não estão familiarizados com o termo, a investigação forense e a perícia criminal constituem o conjunto de procedimentos que utilizam métodos técnico-científicos para coletar e examinar dados e evidências, produzindo laudos que devem ser apresentados em foro, ou seja, aos tribunais e à justiça, com o objetivo de elucidar crimes. Os resultados dessas análises configuram provas materiais que orientam e fundamentam as linhas investigativas, posteriormente anexadas ao processo criminal.

O resultado dessas investigações culminou em uma certeza técnica tão esmagadora que o *Sister Lucy Truth* emitiu um comunicado em seu blog. Cito-o:

«Nós, da *Sister Lucy Truth*, declaramos publicamente que, com base nas evidências apresentadas aqui, descobrimos ser moral e cientificamente certo que a mulher retratada ao mundo como "Irmã Lúcia", desde sua primeira aparição pública em 13 de maio de 1967 até sua morte em 13 de fevereiro de 2005, não era a mesma pessoa que a Irmã Lúcia, vidente e visionária que previu o Milagre do sol em 13 de outubro de 1917.

Essa, uma das maiores fraudes da História da Igreja, foi descoberta por meio do uso dos mais sofisticados programas de reconhecimento facial disponíveis, juntamente com o testemunho acumulado de cirurgiões plásticos, ortodontistas, artistas forenses, investigadores particulares, analistas de caligrafia e especialistas faciais, especialistas em reconhecimento. Devido à disponibilidade de centenas de fotos da "Irmã Lucia" na Internet e em biografias autorizadas, este caso de substituição, fraude e roubo de identidade pôde ser descoberto e analisado. Sem o julgamento dos melhores e mais relevantes profissionais disponíveis, não estaríamos fazendo esta grave acusação e apresentando esta denúncia. Continuaremos a acumular e publicar neste site novos estudos e pesquisas referentes a esta investigação à medida que forem sendo produzidos e publicados. Todos os nomes dos peritos relevantes serão publicados juntamente com as suas conclusões profissionais. A verdade sobre o desaparecimento da verdadeira Irmã Lúcia e a identidade da impostora que tomou o seu lugar serão apresentadas a um investigador privado internacional que investigará e resolverá o caso.»

É verdadeiramente impressionante! E culmina com uma grave acusação:

«A fraude foi identificada e nomeada. Acusamos os mais altos funcionários do Vaticano de conspiração para

perpetuar e ocultar a substituição da Irmã Lúcia dos Santos e substituí-la por uma impostora ainda desconhecida.»

A certeza é o estado de espírito que consiste na firme adesão a uma verdade conhecida, sem medo de enganar-se. A evidência é o que fundamenta a certeza; em outras palavras, podemos defini-la como "a plena luz com a qual a verdade se impõe à adesão da inteligência".

Existem muitos pontos de vista possíveis para dividir a evidência e a certeza que dela resulta. Do ponto de vista do seu fundamento, a certeza pode ser:

A. Metafísica (ou racional) — quando está fundamentada pela própria essência das coisas, de tal maneira que a asserção contraditória se torna necessariamente absurda e inconcebível. Tal é a certeza deste princípio: *o todo é maior que as partes.*

B. Física ou empírica — quando está fundamentada nas próprias leis da natureza material, ou na experiência, de tal modo que a asserção contrária seja simplesmente falsa, porém não absurda ou inconcebível. Por exemplo: *o metal é condutor de eletricidade.*

C. Moral — quando se fundamenta em uma lei psicológica ou moral, de tal modo que a asserção seja verdadeira na maior parte dos casos. Tal é a certeza desta asserção: *uma mãe ama a seus filhos.*

Desde o ponto de vista da maneira de adquiri-la, a certeza pode ser:

A. Imediata ou mediata — conforme seja adquirida ao primeiro exame do objeto ou por meio da demonstração. Por exemplo:

- Certeza imediata: *o que é, é.*
- Certeza mediata: *a soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos.*

B. Intrínseca ou extrínseca — segundo se baseie na mesma visão do objeto ou em uma autoridade externa. Por exemplo:

- Certeza intrínseca (ou científica): *é de dia; dois mais dois são quatro.*

• Certeza extrínseca (ou crença): *Roma foi fundada por Rômulo.* Todas as asserções históricas são deste tipo.

C. Desde o ponto de vista da sua perfeição: Considerada em si, a certeza é indivisível: ou é, ou não é. Não obstante, a firmeza do assentimento pode ser admitida em graus diferentes, que dependem:

• do poder da inteligência,

• do tipo de verdade em questão,

• do motivo de admitir a verdade.

Por exemplo, estamos mais certos do que nós mesmos vemos do que o outro nos conta; mais certos de uma verdade matemática do que de uma verdade moral.

D. Critério da certeza: O critério supremo e último motivo de toda a certeza é a *evidência.*

A evidência é o esplendor da verdade. Aos olhos do espírito, enquanto ilumina os objetos do pensamento, é como o sol ao iluminar os objetos materiais, assim como o são os olhos do corpo. Esta luz é o que determina a nossa adesão. Com efeito, é próprio da inteligência dar o seu assentimento à verdade no momento em que a percebe.

A evidência exerce, assim, sobre o espírito uma espécie de atração ou força, pela qual se torna impossível a alguém que vê a verdade julgar que não a vê. Por isso, a evidência é o motivo supremo da certeza: tudo o que é evidente é necessariamente verdade, e tudo o que é verdade, e somente isto, é de fato necessariamente evidente. Tudo o que é evidente é verdade; isso demonstra a natureza e os caracteres da evidência. Contudo, dizer que tudo o que é verdade é evidente não significa que, para nós, todas as verdades sejam atualmente evidentes. O fato da existência de estados de ignorância, dúvida e opinião demonstra claramente o contrário.

Essas são, em linhas gerais, as recomendações que devemos ter em mente para proceder segundo a boa lógica, e também servem de advertência para aqueles que estudam as questões relacionadas às aparições de Fátima, em particular o caso de uma suposta falsa Irmã Lúcia.

Passemos agora à apreciação das evidências apresentadas por *Sister Lucy Truth*, tomando por base alguns relatórios elaborados por especialistas forenses de renomada reputação mundial e completa imparcialidade no caso em questão. O critério é técnico.

Nota ao Leitor

Neste capítulo, "fazemos apenas comentários e considerações" sobre os principais pontos desses relatórios, sem reproduzi-los. Para aqueles que desejam consultar os documentos originais na íntegra, recomendamos o acesso direto por meio do seguinte site: sisterlucytruth.org.

Comentário I

Dr. Joseph Mascaro - Cirurgião oral

A *Sister Lucy Truth* contratou o Dr. Joseph Mascaro, um respeitado cirurgião oral com mais de 40 anos de experiência, para realizar uma análise detalhada das fotografias e vídeos das duas figuras apresentadas como Irmã Lúcia. Após uma investigação meticulosa, o Dr. Mascaro concluiu, com um elevado grau de certeza médica, que as imagens retratam duas pessoas distintas.

Sua análise foi fundamentada em características anatômicas, sendo a diferença mais marcante observada nos perfis das duas figuras. O aspecto crucial, segundo ele, é a região da boca, que se destaca significativamente em relação às outras estruturas faciais. No caso de "Lúcia I", que aparece nas imagens antes de 1946, observa-se um queixo retraído em relação ao nariz e aos lábios (Imagem 1), associado a uma condição chamada **protrusão bimaxilar**, na qual a maxila e a mandíbula se projetam para frente. Essa estrutura confere ao rosto de "Lúcia I" uma curvatura convexa no perfil.

O Dr. Mascaro enfatiza que **essa conformação esquelética é imutável e não poderia ser alterada de forma significativa,** mesmo com a extração de todos os dentes e o uso de dentaduras. Em contrapartida,

o perfil de "Lúcia II", visto nas imagens após 1967, apresenta características opostas, como um queixo marcadamente prognata (projetado para frente), acompanhado de retrusão da maxila (Imagem 2). Tais mudanças são de origem esquelética e não podem ser justificadas apenas por alterações dentárias.

Imagem 1 Imagem 2

A análise do Dr. Mascaro é clara e contundente: **não há explicação plausível que conecte essas discrepâncias físicas a uma única pessoa.** Baseando-se em décadas de experiência em cirurgias orais e no estudo de centenas de casos semelhantes, ele conclui que "Lúcia I" e "Lúcia II" não podem, de forma alguma, ser a mesma pessoa.

Para ilustrar de forma clara as discrepâncias mencionadas no relatório do Dr. Joseph Mascaro, tomei a iniciativa de criar duas esculturas tridimensionais representando "Lúcia I" e "Lúcia II". Essas esculturas permitiram uma análise visual ainda mais detalhada das características anatômicas discutidas, proporcionando um modelo tridimensional que evidencia as diferenças com maior clareza.Esse trabalho é apresentado em minha série de vídeos sobre o caso, disponível em meu canal do YouTube: *Apostolado Glórias de Maria*[17].

Lúcia 1 Lúcia 2

17. Vídeos disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=2HG3g-zuAMk&list-=PloVtNTB0hufkcorafct6Xs-lj5-rdk0s

Comentário II
Lois Gibson – Artista Forense

Lois Gibson é uma renomada artista forense norte-americana, amplamente reconhecida por seu trabalho excepcional na reconstrução facial e identificação de suspeitos e vítimas. Detentora do título de "artista forense mais bem-sucedida do mundo" pelo *Guinness Book of Records*, Gibson atuou por décadas no Departamento de Polícia de Houston, resolvendo centenas de casos graças às suas ilustrações precisas. Seu trabalho combina arte, perícia forense e psicologia, sendo frequentemente consultada em investigações complexas, inclusive casos de alta repercussão internacional.

Lois Gibson trouxe uma análise contundente à questão da identidade das duas figuras apresentadas como Irmã Lúcia. Segundo Gibson, **não é apenas possível, mas evidente**, que as diferenças nas estruturas faciais entre "Lúcia I" (antes de 1946) e "Lúcia II" (após 1967) indicam que se tratam de duas mulheres completamente distintas.

Ela destaca, com base em sua experiência forense, que as discrepâncias anatômicas entre os dois indivíduos são tão marcantes que tornam impossível sustentarem a identidade de uma mesma pessoa. Seus pontos principais incluem:

1. **O arco superciliar**: No caso de "Lúcia II", o arco superciliar é muito mais proeminente e projetado para frente, enquanto em "Lúcia I" apresenta uma aparência suave e menos pronunciada.
2. **Distância entre os olhos e sobrancelhas**: As sobrancelhas de "Lúcia II" estão mais espaçadas, assim como a distância entre os olhos, algo claramente distinto do que se observa em "Lúcia I".
3. **Base do nariz e filtro**: A base do nariz em "Lúcia I" é mais estreita, enquanto o filtro (a área entre o nariz e o lábio superior) é mais longo do que em "Lúcia II".

4. **Formato dos lábios e da boca**: "Lúcia I" apresenta lábios mais grossos e uma boca horizontalmente mais curta, em contraste com "Lúcia II", cujos lábios são mais finos e largos horizontalmente.

Além desses aspectos, Gibson reforça que diferenças tão drásticas não poderiam ser justificadas por intervenções dentárias, como o uso de dentaduras. Pelo contrário, essas mudanças refletem características esqueléticas impossíveis de serem alteradas por meios convencionais ou cirúrgicos.

Outro elemento crucial de sua análise foi a inclusão de uma simulação artística, onde projetou como seria a aparência de "Lúcia I" em sua velhice, baseada em suas fotos de juventude e da época em que ingressou no Carmelo de Coimbra (1948). O resultado foi absolutamente incompatível com as imagens apresentadas da figura identificada como "Lúcia II" após 1967.

Para Lois Gibson, a conclusão é inequívoca: a mulher que assumiu o papel de Irmã Lúcia a partir de 1967 não é a mesma vidente de Fátima reconhecida antes de 1946. Em suas palavras, "é impossível serem a mesma mulher".

Comentário III
Dr. Júlio Garcia - Cirurgião Plástico

O Dr. Júlio Garcia, cirurgião plástico conceituado internacionalmente e reconhecido pela Associação Internacional de Cirurgiões Plásticos como um dos líderes mundiais na área, trouxe uma análise técnica rigorosa das fotografias apresentadas de "Lúcia I" e "Lúcia II". Com décadas de experiência e prestígio, incluindo sua nomeação como um dos melhores cirurgiões plásticos de Las Vegas em 2016, o Dr. Garcia oferece um parecer que reforça a tese de que se trata de duas pessoas diferentes.

Em sua análise, o Dr. Garcia destacou a **discrepância extrema no queixo e na mandíbula** entre as duas figuras. Segundo ele, as diferenças observadas no queixo de "Lúcia II" (Imagem 3) são tão drásticas que só poderiam ser explicadas por um procedimento cirúrgico (como a cirurgia ortognática ou a mentoplastia — imagem 4). Ele enfatiza que o **envelhecimento natural não poderia causar mudanças tão significativas,** já que, com o tempo, há perda de gordura e osso, o que geralmente torna o queixo menos proeminente, e não o contrário. Além disso, ele esclarece que alterações tão profundas na estrutura facial não podem ser atribuídas a tratamentos odontológicos, a menos que envolvessem fraturas ósseas e reposição cirúrgica.

Imagem 3

O Dr. Garcia também observou discrepâncias nas **pálpebras superiores e sobrancelhas**, destacando que o vinco palpebral em "Lúcia II" aparece subitamente, algo que não condiz com o envelhecimento normal. A distância entre as sobrancelhas e os cílios superiores de "Lúcia II" também é maior do que a de "Lúcia I", um fenômeno que contradiz as mudanças esperadas com o avanço da idade, onde a queda das sobrancelhas deveria diminuir essa distância.

Ele ainda apontou que, embora o alongamento do lábio superior seja comum no envelhecimento, as mudanças nos lábios e na boca de "Lúcia II" levantam questões que não podem ser conclusivamente explicadas pelo simples processo de envelhecimento.

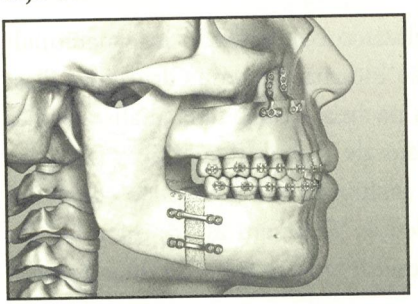


Imagem 4

Como resultado, o Dr. Garcia concluiu, com um grau razoável de certeza médica, que "Lúcia I" e "Lúcia II" não são a mesma pessoa.

Suas observações destacam inconsistências significativas nas estruturas faciais que exigiriam intervenções cirúrgicas ou processos que vão além do envelhecimento natural ou de mudanças dentárias.

Comentário IV
Dr. Ruud Karsten - Periodontologista

Dr. Ruud Karsten é um dentista especializado em periodontia, que é a área da odontologia focada nas estruturas de suporte dos dentes. Ele atuou como professor sênior na Radboud University College of Dental Sciences em Nijmegen, Países Baixos. Em 2019, Dr. Karsten realizou uma análise detalhada das fotografias de "Lúcia I" e "Lúcia II", concentrando-se em características odontológicas e gnatológicas. Sua expertise e atenção aos detalhes trouxeram à tona discrepâncias notáveis entre as duas figuras, levantando questionamentos consistentes sobre a identidade delas.

Principais observações:

1. **Diferenças no perfil facial inferior**:
   O Dr. Karsten apontou que o perfil facial inferior de "Lúcia I" apresenta uma curvatura convexa, com o queixo posicionado mais recuado em relação à ponta do nariz. Isso resulta em uma dificuldade visível no fechamento dos lábios, exigindo esforço muscular no queixo e no lábio inferior. Já em "Lúcia II", o perfil é marcadamente côncavo, com uma descida do maxilar inferior. Segundo o Dr. Karsten, essas diferenças são evidentes até para olhos não treinados.
2. **Causas potenciais do perfil côncavo em "Lúcia II"**:
   Ele reconhece que a atrofia do osso alveolar na parte frontal superior de "Lúcia II" poderia contribuir para o perfil côncavo. Contudo, ele destaca que essa atrofia não seria suficiente para explicar toda a transformação

observada. A discrepância entre os dois perfis sugere fatores adicionais e mais profundos, que não podem ser atribuídos apenas ao processo de envelhecimento.

3. **Semelhanças odontológicas e uso de dentaduras**: O Dr. Karsten observou que "Lúcia II" utilizava uma dentadura superior, possivelmente a mesma desde 1967. Ele destacou que os dentes artificiais são curtos, desgastados pelo tempo e apresentam características não naturais, como ausência de contatos interdentais. Comparativamente, "Lúcia I" teve seus dentes substituídos por uma prótese total acrílica em 1948, mas essas mudanças não impactaram seu perfil facial da mesma forma que as observadas em "Lúcia II".
4. **Conclusão do especialista**: Embora admita a presença de algumas semelhanças, o Dr. Karsten foi categórico em afirmar que as diferenças estruturais entre os perfis de "Lúcia I" e "Lúcia II" são tão significativas que tornam improvável serem a mesma pessoa. Sua análise reforça a tese de que há mais do que apenas o envelhecimento ou o uso de dentaduras envolvido nas transformações observadas.

Os relatórios que trataremos a seguir não são de propriedade de *Sister Lucy Truth*, embora estejam ali publicados. A Dra. Silvia Márcia Lacerda Andrade Silva gentilmente produziu e nos autorizou a publicar o relatório abaixo:

Laudo Odontológico

Silvia Márcia Lacerda Andrade Silva
Implantodontista e Periodontologista

Meu nome é Silvia Márcia Lacerda Andrade Silva. Sou dentista, formada pela Universidade de Itaúna em 1995. Especializei-me em

Periodontia desde 1998 e em Implantodontia desde 2008. Atuo clinicamente com cirurgias de implantes e reabilitação oral, e para aprimorar minhas habilidades em próteses sobre implantes, tirei curso exclusivo de Prótese Total (dentadura) em 2008. Tanto as próteses removíveis quanto as fixas, ou seja, sobre implantes, devolvem ao paciente o sorriso harmonioso, semelhante ou até melhor do que o que tinha antes, mas não são capazes de alterar a estrutura óssea, principalmente no queixo.

O caso da Irmã Lúcia e da "impostora"

A investigação dos fatos sobre uma possível impostora, que fez passar por "Irmã Lúcia", começou em 2017, a partir de uma iniciativa para desvendar a verdade sobre a vida e a pessoa da Irmã Lúcia dos Santos, a vidente de Fátima, especificamente através da análise científica e pericial de vários profissionais, tendo por base aspectos da Irmã Lúcia. Evidências fotográficas disponíveis na internet, em biografias autorizadas, bem como amostras manuscritas, foram recolhidas e submetidas para análise, a fim de descobrir se a verdadeira Irmã Lúcia de Fátima foi ou não substituída por uma impostora durante os anos após 1958.

Estudei as fotografias disponíveis da Irmã Lúcia dos Santos, a vidente de Fátima, que recebeu aparições da Bem-Aventurada Virgem Maria em 1917. Algumas fotografias comprovadas vão desde a sua infância até a sua entrada no Carmelo do Coimbra, período que vai de 1917 a 1950. As identifiquei como Lúcia 1.

Analisei também as fotografias da pessoa apresentada como Irmã Lúcia, em 1967 e falecida em 2005, e as denominei Lúcia 2.

Nas fotografias da Lúcia 1, como periodontista, posso observar gengivas irregulares, extrusão dos incisivos (provavelmente devido à perda óssea e doença periodontal) e apinhamento dos incisivos. O prognóstico era ruim e seu dentista, o Dr. Alcino Magalhães, sugeriu extrações dentárias e reabilitação com próteses dentárias. O que de fato aconteceu foi que todos os seus dentes foram extraídos e substituídos por próteses totais.

Noto ainda que, a Lúcia 1 tem um biotipo facial dolicofacial (formato de rosto alongado, oval e estreito). Mas o que impressiona é a maxila mais proeminente e a mandíbula mais retraída. Esse detalhe é melhor visto nas fotos de perfil.

Neste caso, quando fazemos reabilitação oral, tentamos corrigir ao máximo a discrepância dentária, aproximando a mordida do seu normal, **mas a estrutura óssea de queixo permanece a mesma**. Se for retraído, permanece retraído. Foi o que aconteceu com a Lúcia 1: a prótese total acompanhou a sua estrutura óssea. Em 1948, a Irmã Lúcia ingressou na vida religiosa contemplativa e reclusa no Carmelo de Santa Teresa em Coimbra, Portugal. Desde então, não fez aparições públicas.

Mudanças estruturais nos rostos da Irmã Lúcia 1 e da Irmã Lúcia 2

É importante notar que a estrutura facial não muda com a idade, quer dizer, uma pessoa com perfil mandibular retraído envelhecerá com esse perfil, ainda que use próteses dentárias e mesmo que desgastadas pelo uso.

A mudança estrutural da face teria ocorrida entre 1948 e 1967. Desde quando a Lúcia 2 apareceu pela primeira vez em público e até a sua morte em 2005, manteve a mesma estrutura facial, o mesmo prognatismo e o mesmo perfil côncavo.

Conclusão

Tendo em conta a seguinte questão: A pessoa apresentada ao mundo como Irmã Lúcia, de 1967 até 2005, é a mesma pessoa que testemunhou as aparições de Nossa Senhora em Fátima no ano de 1917?

Resposta: Não há dúvida de que se tratam de dois indivíduos. Com base na minha análise como especialista no estudo e fabricação de próteses dentárias, concluí que tais mudanças no indivíduo pós-1967 não podem ser explicadas pelo uso de próteses dentárias. A anatomia

facial dos dois indivíduos está em desacordo. A estrutura facial convexa (classificação dentária classe III) é mais evidente no indivíduo Pré-1967.

O indivíduo Pós-1967 apresenta estrutura facial côncava (classe dentária III), maxila retraída e mandíbula avançada e prognatismo mandibular. As próteses totais não são capazes de alterar a anatomia da face, principalmente do mento, mesmo que os dentes se desgastem com o tempo.

Relatório Artístico Forense
Carlos Bezerra - Historiador e Artista Plástico

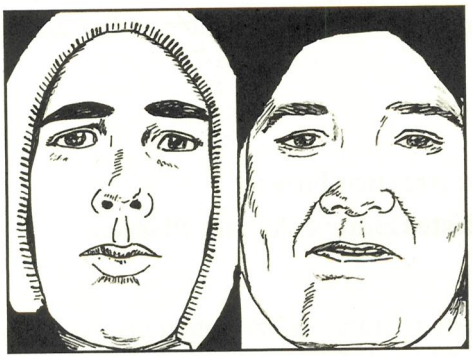
Como base referencial para este relatório, utilizei fotografias da Irmã Lúcia dos Santos, a vidente de Fátima, abrangendo o período de sua infância até sua entrada no Carmelo de Coimbra, aproximadamente entre 1917 e 1950. Classifiquei, com base na similaridade entre as fotografias, como sendo o mesmo indivíduo, a quem denominarei neste relatório de **indivíduo A**. Também analisei fotografias do indivíduo apresentado como Irmã Lúcia, vidente de Fátima, a partir de 1967 até seu falecimento em 2005, e, pela similaridade entre essas imagens, classifiquei-o igualmente como um mesmo indivíduo, a quem denominarei de **indivíduo B**.

Além das fotografias, que, devido à sua limitação bidimensional, considerei insuficientes para uma análise conclusiva, modelei em massa de plastilina figuras tridimensionais dos indivíduos A e B, complementadas por uma série de desenhos dos dois rostos sob diferentes ângulos. O resultado de minhas observações segue abaixo:

Estrutura facial do indivíduo A

Considerando que as fotografias do rosto do indivíduo A, tiradas durante seu período como irmã Dorotéia, estavam parcialmente prejudicadas pelo hábito religioso, foi necessário complementar a análise

com informações obtidas a partir das modelagens mencionadas. Com base nisso, o indivíduo A pode ser classificado como possuindo um **biotipo dolicofacial**, caracterizado pelo crescimento vertical da estrutura óssea. Esse padrão resulta em um formato facial mais alongado, oval e estreito, com predomínio do comprimento sobre a largura. Além disso, o indivíduo A não apresenta uma mandíbula marcada ou acentuada, o que faz com que a musculatura mandibular seja mais delgada e tenda à retrusão (retrognatismo). A direção de crescimento é predominantemente para baixo e para trás, com ênfase no desenvolvimento vertical.



Indivíduo A Indivíduo B

Quanto à testa: O arco superciliar do indivíduo A apresenta uma estrutura lisa e arredondada, facilitando o desenho mais perfeito das sobrancelhas e aproximando-as do osso nasal. O osso zigomático é proeminente e equilibrado em relação ao arco superciliar. Essas características conferem ao rosto do indivíduo A, visto de perfil, um formato **convexo**.

Quanto ao queixo: O osso mandibular do indivíduo A apresenta **retrognatismo** (Imagem 5), o que não caracteriza um queixo curto, mas recuado. Essa característica é mais evidente quando o indivíduo é visto de perfil do que de frente, tornando as fotografias frontais menos conclusivas a esse respeito.

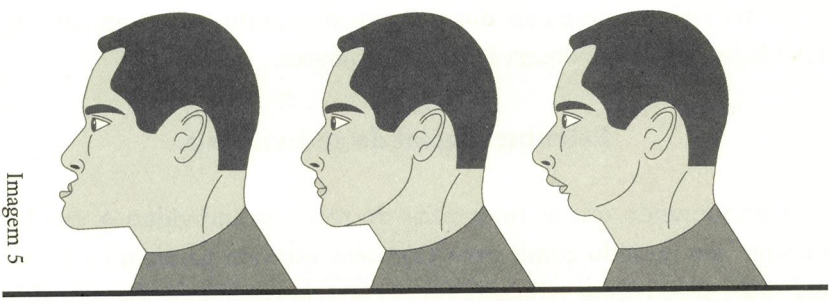


Imagem 5

Prognatismo Normal Retrognatismo

Quanto ao maxilar: O indivíduo A apresenta **biprotrusão**, ou seja, os dentes da arcada superior (maxila) estão projetados para frente, formando um perfil bicudo, com dificuldade em manter os lábios fechados. Essa característica parece ser causada por uma desproporção entre o tamanho dos dentes e o arco dental superior.

Estrutura facial do indivíduo B

O indivíduo B, sem sombra de dúvida, pode ser classificado como possuidor de um rosto do tipo **braquifacial**, caracterizado pelo crescimento horizontal. Esse tipo de estrutura apresenta uma face mais curta e quadrada, além de um contorno mandibular mais marcado e forte.

Quanto à testa: O arco superciliar do indivíduo B apresenta uma protuberância frontal, característica que pode ser congênita ou adquirida na infância. A análise da estrutura das mãos do indivíduo B descarta a possibilidade de acromegalia (alteração hormonal que causa crescimento excessivo de ossos), sugerindo que essa protuberância é natural. Essa característica aumenta o espaço entre as sobrancelhas e gera um enrugamento menos contínuo na testa, devido à projeção frontal.

Indivíduo A Indivíduo B

Quanto ao queixo: O osso mandibular do indivíduo B apresenta **prognatismo** (Imagem 5), tornando o queixo mais proeminente, corpulento e volumoso. Essa característica faz com que o lábio inferior seja maior (não mais grosso) e mais projetado para frente, o que contrasta significativamente com o indivíduo A. Essas diferenças não podem ser explicadas pelo processo de envelhecimento nem pelo uso de próteses dentárias.

Quanto ao perfil facial: Devido às características citadas, o indivíduo B possui um perfil de formato **côncavo**, com relevo mais acentuado na testa e no queixo em relação ao restante do rosto.

Conclusão

Afirmo, sem margem de dúvidas, com base nas análises realizadas a partir das imagens tridimensionais dos indivíduos A e B, que não se trata da mesma pessoa. As diferenças insuperáveis em toda a estrutura óssea facial não podem ser explicadas de outra maneira.

Carlos Bezerra

Estes relatórios, além de outros disponibilizados por *Sister Lucy Truth* e que o leitor poderá acessar facilmente na internet, dão base a uma conclusão bastante incômoda para muitos: de fato, houve uma impostora ocupando o lugar da vidente de Fátima, pelo menos a partir de 1967. No entanto, além dos relatórios periciais, surgiram muitos outros problemas, acompanhados de diversas questões que ainda necessitam de respostas.

Apoiado nas conclusões desses peritos — dentre os quais me incluo, como artista plástico —, dediquei-me a buscar de que forma poderia responder, ao menos em parte, algumas dessas questões de maneira razoável. É esse trabalho de investigação que irei demonstrar nas páginas seguintes.

CAPÍTULO IV

Uma nova perspectiva: A investigação a partir da certeza

Em 2021, estabeleci contato com o projeto *Sister Lucy Truth* e comecei a contribuir voluntariamente. Já havia atuado no campo da modelagem com massa de plastilina e possuo vasta experiência como artista retratista e escultor. Observava que muitas objeções às evidências apresentadas se baseavam na suposta precariedade de análises feitas a partir de fotografias, apontando o caráter bidimensional, a iluminação, e outros fatores que poderiam gerar uma espécie de ilusão de ótica, levando a erros de interpretação.

Com isso em mente, passei a trabalhar na modelagem de duas imagens tridimensionais, que denominei Lúcia I e Lúcia II. O resultado foi apresentado em vídeo no meu canal do YouTube[18]. A importância de uma imagem tridimensional reside no fato de invalidar a argumentação de que as fotografias da Irmã Lúcia apresentavam incongruências devido ao ângulo ou à iluminação, além de introduzir o elemento escultórico na análise forense. Vista tridimensionalmente, tornou-se evidente que Lúcia I possuía um rosto **convexo**, enquanto Lúcia II apresentava um rosto **côncavo**. A estrutura esquelética de Lúcia I — considerando o arco superciliar, a maxila, o osso zigomático e a mandíbula — era completamente distinta da de Lúcia II. Ademais, a própria curvatura e projeção do arco superciliar em Lúcia I resultava em um enrugamento da testa compatível com suas fotos de infância e juventude, mas incompatível com o que se observa na testa de Lúcia II.

Durante o processo de modelagem, percebi também que, pela distância entre os ossos lacrimais, os olhos de Lúcia II eram menores que os

18. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DXbg_ObQJdo.

de Lúcia I. As lentes dos óculos de Lúcia II faziam seus olhos parecerem maiores do que realmente eram. Comparando com a estrutura facial da mãe de Lúcia I, observei que seu processo de envelhecimento seria similar ao de sua mãe, conferindo-lhe uma aparência próxima, devido à protuberância de certos músculos faciais, como as maçãs do rosto.

Esses são aspectos relacionados à estrutura facial, pele, ossos, músculos e dentição. No entanto, há sempre algo mais a se extrair em uma investigação. As imagens da Irmã Lúcia anteriores a 1967, mesmo em preto e branco, revelam um tom de pele mais escuro do que aquele observado nas imagens coloridas de 2000.

Mas seria possível determinar qual era o verdadeiro tom de pele da Irmã Lúcia? A resposta a essa pergunta nos é fornecida pelo historiador norte-americano William Thomas Walsh, que conheceu pessoalmente a Irmã Lúcia e a descreveu em seu livro *Nossa Senhora de Fátima*. No capítulo 2, página 18, lê-se:

> «Quando começou a surgir a segunda dentição de Lúcia, ficou patente que a natureza não a preparava para ser um tipo de beleza. Os dentes grandes, salientes e irregulares levantavam-lhe o lábio superior, enquanto o inferior era grosso e um tanto caído. O nariz chato e arrebitado acentuava-lhe ainda mais o perfil desgracioso. Em repouso, seu rosto moreno parecia revelar uma natureza casmurra, obstinada e até pouco bondosa. Mas essa aparência era enganadora, pois sob o estímulo de qualquer emoção, os olhos castanho-claros se iluminavam e revelavam um sentir profundo...»

Em uma investigação, devemos partir de uma certeza empírica. Mas tudo isso é, de fato, conclusivo ou ainda restam pontos obscuros? Estamos diante de uma fraude que envolve o desaparecimento de uma pessoa e sua substituição por outra? É verdade que temos algumas evidências, e as evidências são o princípio mais confiável da realidade à qual devemos nos submeter. Negar as evidências é refugiar-se em um castelo de cartas.

Qual deve ser a nossa postura diante das evidências? O subjetivista deseja conformar a realidade a si; para ele, nenhuma evidência será suficiente, pois a certeza será determinada por sua própria vontade. No entanto, o subjetivismo não é ciência, pois não existe ciência de particulares. A realidade deve se impor a nós, e devemos aceitá-la, por pior que isso seja para nossa própria vontade. A certeza nos move, enquanto o subjetivismo paralisa.

Primeiramente, devemos lidar com os dados objetivos. Para rechaçá-los, será necessário apresentar relatórios forenses de peritos credenciados que refutem os apresentados por *Sister Lucy Truth*. Até esse momento, se quisermos ser honestos, devemos partir desses dados objetivos para seguir um novo caminho a respeito de tudo o que envolve as aparições de Fátima.

A possibilidade real da substituição da vidente de Fátima por outra freira só adquiriu caráter de certeza empírica a partir de 2017, com o trabalho técnico de *Sister Lucy Truth*. Antes disso, nenhum historiador de Fátima havia considerado a questão seriamente, embora alguns tivessem sérias dúvidas que não ousavam manifestar em público. Alguns chegaram a insinuar algo. Malachi Martin, por exemplo, prefaciou o livro de Christopher Ferrara e Francis Alban, *Fatima Priest*, onde se lê:

> «For in the last third of this century, there has been such a concerted effort not only to distort the meaning of that keystone event of 1917, but to nullify a divine mandate on wich depend the physical safety of millions and the eternal salvation of more millions. The sole surviving person chosen by the Virgin as special witness of Miracle and the interpretor of its meaning, Sister Lucy, had been segregated, maligned, misquoted; she had bogus letters forged in her name; and, we suspect, on at least one occasion, a bogus Sister Lucia had impersonated the real and living sister Lucy.»
>
> «Pois, no último terço deste século, houve um esforço concertado não apenas para distorcer o significado

> daquele evento-chave de 1917, mas também para anular um mandato divino do qual dependem a segurança física de milhões e a salvação eterna de muitos outros milhões. A única pessoa sobrevivente escolhida pela Virgem como testemunha especial do Milagre e intérprete de seu significado, Irmã Lúcia, foi segregada, difamada, mal interpretada; cartas falsas foram forjadas em seu nome; e, suspeitamos, em pelo menos uma ocasião, uma falsa Irmã Lúcia teria se passado pela verdadeira e viva Irmã Lúcia.»

Embora seus livros publicados contivessem verdades entremeadas com ficção, Malachi Martin foi uma peça-chave nessa história, por ter sido o secretário pessoal do Cardeal Augustin Bea durante os momentos mais importantes que ocorreram antes e depois do Concílio Vaticano II.

A hipótese de uma falsa Irmã Lúcia não era impensável, sobretudo após 1993. Em uma investigação histórica, devemos considerar os seguintes aspectos:

Primeiro aspecto: A história não é uma ciência exata; é uma ciência humana e, como tal, passível de erros. Em toda narrativa histórica, há sempre uma linha condutora através da qual o autor concatenará os fatos históricos. No entanto, essa linha condutora pode estar viciada tanto pelos preconceitos do próprio autor quanto pela carência objetiva de fatos que só se tornaram conhecidos depois da obra escrita. Por isso, o revisionismo histórico é necessário. O intelectual honesto revisa sua obra quando ela se torna caduca. Esse foi, por exemplo, o procedimento do escritor brasileiro Gustavo Corção em sua obra "O Século do Nada", na qual corrigiu uma série de equívocos em relação à análise histórica, política e sociológica.

Segundo aspecto: Os historiadores das aparições de Fátima não consideraram seriamente ou não quiseram considerar a substituição da Irmã Lúcia por uma impostora como uma possibilidade factível. Isso é um erro em qualquer investigação científica: encerrar uma investigação que não considerou todas as possibilidades razoavelmente plausíveis, mesmo as improváveis. Nosso Senhor Jesus Cristo, por exemplo, foi

condenado à morte em uníssono pelo Sinédrio, acusado de blasfêmia, pois, segundo esse veredicto, Jesus se fazia passar por Deus sendo um homem. O Sinédrio analisou todas as possibilidades plausíveis do caso? Não. Deveria ter considerado a possibilidade de Jesus ser de fato o Messias, pois não era impossível que Ele o fosse, já que as escrituras sagradas, os profetas e os milagres realizados por Jesus em público davam testemunho suficiente de que Ele dizia a verdade. Em outras palavras, de várias possibilidades pensadas pelo Sinédrio, a única rejeitada foi a verdade.

Terceiro aspecto: A história é uma ciência e, como tal, deve obrigatoriamente se apoiar em outras ciências: geografia, paleontologia, filologia, arqueologia, antropologia, filosofia, psicologia, criminologia, etc. A pergunta a se fazer é: a substituição da Irmã Lúcia por uma impostora ocorreu ou não? Uma vez considerado que sim, isso seria perfeitamente possível. O próximo passo do historiador seria buscar a ajuda de especialistas das diversas áreas da criminologia, pois um crime deve ser investigado pela ciência forense e não apenas pela análise documental ou por testemunhos oculares. Isso só começou a partir do trabalho de Sister Lucy Truth.

Quarto aspecto: Uma investigação histórica, por vezes, depende de novas tecnologias ou de novos aparelhos que podem comprovar, através da observação empírica, aquilo que antes era impossível de ser feito. Isso não ocorre somente em análise histórica, mas em toda e qualquer ciência. Há inúmeros exemplos de como a tecnologia ou novas técnicas de investigação mudaram a concepção que se tinha de certos acontecimentos. Essa também é uma das razões para que um autor não se apresse em fazer juízo histórico dos fatos ainda não suficientemente investigados. A história não pode ser como um tribunal de guerra que julga os vencidos; por isso, convém um afastamento temporal adequado, para que a compreensão dos fenômenos históricos não seja infectada por ideologias ou propagandas impostas pela narrativa que oficializa os fatos por força econômica ou política.

Minha premissa aqui é tratar um acontecimento histórico a partir da verificação de uma possível fraude. Se há dados suficientes nesse sentido, não podemos e não devemos ignorá-los, sob pena de negligência e omissão. A negligência intelectual é uma das causas do erro, assim como a omissão seletiva, que só pode ser explicada pela malícia. Existem relatórios de especialistas forenses que apontam para um crime; uma investigação histórica se faz necessária, portanto, tendo como eixo central essas informações. Qual a natureza e as circunstâncias desse crime? Quem foram as pessoas envolvidas? Houve colaboração direta ou indireta de setores do Vaticano? Quais foram as organizações envolvidas? Por quê? Para quê? São perguntas difíceis de responder, pois, se o distanciamento temporal favorece a pesquisa histórica, o mesmo distanciamento temporal prejudica a investigação de um crime. Como se diz em criminologia: "O tempo é amigo dos criminosos e inimigo das vítimas". Conforme o tempo passa, uma mentira pode se consolidar, pois as testemunhas oculares se tornam mais escassas. Duas ou três gerações já são suficientes para que se percam da memória fatos relevantes, e, em investigação criminal, os fatos mais importantes costumam ser os mais corriqueiros, ou seja, aqueles que se esquecem mais facilmente. Vejamos agora as dificuldades com as quais um investigador se depara corriqueiramente em qualquer caso que investigue:

A Insuficiência do Testemunho Ocular

As testemunhas oculares sempre foram importantes para o esclarecimento de fatos que podem indicar a culpabilidade ou a inocência de um réu. No entanto, o desenvolvimento da capacidade de persuasão midiática por meio da propaganda audiovisual, bem como das técnicas psicológicas desenvolvidas no século XX, pode facilmente levar uma testemunha ao erro, confundindo sua percepção da realidade e até mesmo de suas memórias. Frequentemente, uma testemunha pode afirmar que viu o que, na verdade, não viu, ou que ouviu o que, de fato, não ouviu, sem que isso implique em malícia ou falso testemunho, mas apenas em imprecisão.

Um bom advogado saberá conduzir uma testemunha assim viciada para demonstrar que não se pode afirmar com certeza, mas apenas com um certo grau de possibilidade, aquilo que antes parecia indubitável. Ademais, existem fatores como falsas recordações, impressões subjetivas, ilusões, alucinações, mitomania dos histéricos e interpretações delirantes dos paranoicos, entre outros, que podem invalidar um testemunho ocular ou, no mínimo, diminuir seu valor como elemento comprobatório decisivo.

Vejamos como:

1. **Falsas Recordações**
   Lapsos de memória, falsas recordações ou sua deformação involuntária são mais frequentes do que se imagina, geralmente provocados por imprecisões na percepção. Nem sempre, ao presenciarmos um evento, nossa percepção capta todos os detalhes. Por essa razão, a recordação do evento pode ser falseada pela ausência de elementos capazes de explicar o que vimos. Nosso próprio cérebro preenche essas lacunas, mesmo de forma involuntária, produzindo elementos falsos na recordação.
2. **Impressões Subjetivas**
   Diante de algo inesperado, é difícil manter-se objetivo e neutro. Somos facilmente dominados pelas impressões que o inesperado nos causa. Muitas vezes, identificamos nossas impressões subjetivas com a realidade objetiva e afirmamos: "Aconteceu isso e aquilo deste e daquele modo", quando, na verdade, deveríamos dizer: "Tive a impressão de que aconteceu isso e aquilo...". Ao observarmos um fato extraordinário, especialmente quando desconhecemos sua causa, a impressão subjetiva de algo admirável, pavoroso ou preternatural pode ser a mesma, quer a causa objetiva seja uma fraude, quer seja um fenômeno preternatural. Isso ocorre justamente por não conhecermos a causa.

3. **Ilusões:** As ilusões são impressões sobre fatos objetivos que se apresentam aos nossos sentidos. Para que essas impressões coincidam com a realidade, é necessário que a percepção subjetiva corresponda ao elemento excitante objetivo. Quando não há essa correspondência, ocorre a ilusão. Nas ilusões, há um objeto real fora da mente, mas ele não é percebido corretamente. Essa é a principal diferença entre as ilusões e as alucinações, nas quais não há objeto algum.
4. **Alucinações:** Alucinações definem-se como percepções sem objeto. Diferenciam-se das ilusões, que têm um objeto erroneamente percebido, e da imaginação, porque a imagem alucinatória é mais nítida, intensa e se impõe irresistivelmente ao sujeito, excluindo qualquer controle consciente.
5. **Mitomania dos Histéricos:** A histeria é, em geral, um estado de sugestionabilidade anormal, caracterizado por uma receptividade exaltada do espírito diante das ideias que lhe são apresentadas. A característica mais comum é a tendência à fabulação, ou seja, à criação de histórias desprovidas de realidade, mas às quais o histérico se apega como se fossem a maior expressão da realidade objetiva.

Como podemos ver, em ciência forense, as evidências produzidas pelos peritos são mais confiáveis do que o testemunho ocular. A prudência manda tomar aquelas por base e estas como reforço, e não o contrário. Essas precisões são necessárias porque, geralmente, os que recusam prosseguir com o debate sobre a existência ou não de uma impostora ocupando o lugar da verdadeira Irmã Lúcia baseiam-se em relatos de parentes — próximos ou distantes — segundo os quais nunca houve desconfiança de que isso tenha ocorrido. Não posso afirmar se essas declarações são precisas ou quais circunstâncias levaram essas pessoas a agir assim, mas apresentarei argumentos razoáveis que ajudarão o leitor a formar uma opinião mais bem fundamentada sobre o assunto.

CAPÍTULO V

O que sabíamos sobre Fátima antes de Sister Lucy Truth e o que devemos concluir depois

Sister Lucy Truth apresentou uma denúncia consistente que precisa ser examinada. Contudo, antes disso, é necessário fazermos um resumo dos principais fatos conhecidos e já descritos por diversos autores, inclusive pela própria Irmã Lúcia, a única dos três videntes que escreveu sobre o ocorrido. Façamos, portanto, uma breve cronologia desses fatos, adentrando nos detalhes apenas naquilo que for relevante para a compreensão dos eventos ligados às aparições marianas em Fátima:

1907: Lúcia de Jesus dos Santos, filha de António dos Santos e Maria Rosa, nasce em Aljustrel, às sete horas da tarde de 28 de março de 1907 (apesar de ter sido registrada como tendo nascido na semana anterior, no dia 22). É batizada no dia 30 de março de 1907, Sábado de Aleluia, na Igreja Paroquial de Fátima.

1908: Francisco Marto nasce no dia 11 de julho de 1908.

1910: Jacinta Marto nasce no dia 11 de março de 1910.

1913: Lúcia recebe a primeira comunhão na sexta-feira, 30 de maio de 1913, festa do Sagrado Coração de Jesus. O presbítero que intercedeu junto ao pároco para que Lúcia pudesse comungar com apenas seis anos e que, nesse contexto, a confessou, foi o Padre Cruz.

1914: Com sete anos, Lúcia começa a pastorear o rebanho da família.

1915: Entre abril e outubro de 1915, Lúcia e outras crianças das redondezas veem um Anjo: uma figura "suspensa no ar, sobre o arvoredo, como se fosse uma estátua de neve que os raios do sol tornavam

algo transparente". Francisco e Jacinta começam a pastorear o rebanho da família e juntam-se a Lúcia.

1916: O Anjo (de Portugal) aparece três vezes a Lúcia, Francisco e Jacinta: na Loca do Cabeço (primavera), no Poço do Arneiro (verão) e novamente na Loca do Cabeço (outono). Eis a descrição da Irmã Lúcia que consta de sua *Segunda Memória*:

> «... Alguns momentos haviam, que jogávamos, e eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que (se) passava, pois o dia estava sereno. Vemos, então, que sobre o Olival se encaminha para nós a tal figura de que já falei. A Jacinta e o Francisco ainda nunca a tinham visto, nem eu lhes havia falado nela. À maneira que se aproximava, íamos divisando as feições: um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza. Ao chegar junto de nós, disse:
>
> — Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.
>
> E ajoelhando em terra, curvou a fronte até o chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras: *Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.*
>
> Depois, erguendo-se, disse:
>
> — Orai assim. Os corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.
>
> As suas palavras gravaram-se de tal forma na nossa mente, que jamais nos esqueceram. E, desde aí, passávamos largo tempo assim prostrados repetindo-as, às vezes, até cair cansados. Recomendei logo que era preciso guardar segredo e, desta vez, graças a Deus, fizeram-me a vontade.

Passado bastante tempo, em um dia de verão, em que havíamos ido passar a sesta a casa, brincávamos em cima dum poço que tinham meus pais no quintal a que chamávamos o Arneiro. (no escrito sobre a Jacinta, também já falei a V.Excia deste poço). De repente, vemos junto de nós a mesma figura ou Anjo, como me parece que era, e diz:

— Que fazeis? Orai, orai muito. Os corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios.

— Como havemos de nos sacrificar? Perguntei.

— De tudo que puderdes, oferecei a deus sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Passou-se bastante tempo e fomos pastorear os nossos rebanhos para uma propriedade de meus pais que fica na encosta do já mencionado monte, um pouco mais acima dos Valinhos. É um olival a que chamávamos Prégueira. Depois de termos merendado, combinamos ir rezar na gruta que ficava a outro lado do monte. Demos, para isso, uma volta pela encosta e tivemos que subir uns rochedos que ficam ao cimo de Prégueira. As ovelhas conseguiram passar com muita dificuldade.

Logo que aí chegamos, de joelhos, com os rostos em terra, começamos a repetir a oração do Anjo: Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos, etc. Não sei quantas vezes tínhamos repetido esta oração, quando vemos que sobre nós brilha uma luz desconhecida. Erguemo-nos para ver o que se passava e vemos o anjo, tendo na mão esquerda um Cálice, sobre o qual está suspensa uma Hóstia, da qual caem algumas gotas de sangue dentro do Cálice. O Anjo deixa suspenso no ar o Cálice, ajoelha

junto de nós e faz-nos repetir três vezes: *Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, (adoro-Vos profundamente e) ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.*

Depois levanta-se, toma em suas mãos o Cálice e a Hóstia. Dá-me a Sagrada Hóstia a mim e o Sangue do Cálice divide-O pela Jacinta e o Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

— Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparei os seus crimes e consolai o vosso Deus.

E prostrando-se de novo em terra, repetiu conosco outras três vezes a mesma oração: *Santíssima Trindade...* etc., e desapareceu. Nós permanecemos na mesma atitude, repetindo sempre as mesmas palavras e, por isso, horas de virmos para casa.»[19]

1917: Primeira aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria: 13 de maio de 1917. Eis como está descrito o evento na *Primeira Memória* da Irmã Lúcia:

«Eis aqui, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, um pouco mais ou menos, como se passaram os sete anos, que tinha a Jacinta, quando apareceu belo e risonho, como tantos outros, o dia 13 de maio de 1917. Escolhemos nesse dia, por acaso, se é que nos desígnios da Providência há acasos, para pastagem do nosso rebanho, a propriedade pertencente a meus pais, chamada Cova da Iria. Determinamos como de costume, qual a pastagem do dia, junto

19. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, pp. 78-79.

do Barreiro de que já falei a V. Excia Rev.ma e tivemos, por isso, que atravessar a charneca, o que nos tornou o caminho dobradamente longe. Tivemos, por isso, que ir devagar, para que as ovelhinhas fossem pastando pelo caminho; e assim chegamos cerca do meio-dia.

Não me detenho agora a contar o que se passou nesse dia, porque V. Excia Rev.ma já sabe tudo e seria perder tempo, como perdê-lo me parece, a não ser por estar a obedecer tudo, o que leva a escrever isto, pois não vejo que utilidade V. Excia Rev.ma possa tirar daqui, a não ser o conhecimento da inocência da vida desta alma.

Antes de começar a contar-vos, Ex.mo e Rev.ma senhor, o que me lembro do novo período da vida de Jacinta, tenho que dizer que há algumas coisas, nas manifestações de Nossa Senhora, que nós tínhamos combinado nunca dizer a ninguém e talvez agora me veja obrigada a dizer alguma coisa disso, para dizer onde a Jacinta foi beber tanto amor a Jesus, ao sofrimento e aos pecadores, pela salvação dos quais tanto se sacrificou. V. Ex.cia Rev.ma não ignora como foi ela que, não podendo conter em si tanto gozo, quebrou o nosso contrato de não dizer nada a ninguém. Quando, nessa mesma tarde, absorvidos pela surpresa, permanecíamos pensativos, a Jacinta, de vez em quando exclamava com entusiasmo: Ai! Que Senhora tão bonita!»[20]

Na sua *Segunda Memória*, a Irmã Lúcia nos dá mais detalhes dessa aparição:

«Não me detenho a descrever a aparição do dia 13 de maio. É de V. Ex.cia bem conhecida e, por isso, seria perdido o tempo que nisto gastaria. É também bem conhecido de V. Ex.cia Ver.ma o modo como minha mãe se informou do acontecimento e os esforços que fez para me obrigar a dizer que tinha mentido. As palavras que a

20. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, p. 44.

Santíssima Virgem nos disse neste dia e que combinamos nunca revelar, foram: Depois de nos haver dito que íamos para o Céu, perguntou:

— Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

— Sim, queremos. Foi a nossa resposta.

— Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.»[21]

Segunda aparição, na Cova da Iria: 13 de junho.

Lemos na *Quarta Memória* a seguinte descrição (e atenção, nós retornaremos a esse ponto, pois é importante para a compreensão do que se aplicou na interpretação desses fatos):

«Influência da segunda Aparição: Na segunda aparição, 13 de junho de 1917, o Francisco impressionou-se muito com a comunicação do reflexo que já disse no segundo escrito (Segunda Memória) que foi no momento em que Nossa Senhora disse:

— O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Ele parecia não ter, no momento, a compreensão dos fatos, talvez por não lhe ser dado ouvir as palavras que os acompanhavam.[22] Por isso, depois, perguntava:

— Para que estava Nossa Senhora com um coração na mão, espalhando pelo mundo essa luz tão grande que

21. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, p. 82.

22. Havia uma hierarquia entre os videntes, Lúcia podia ver, ouvir e falar com Nossa Senhora, Jacinta podia apenas ver e ouvir Nossa Senhora e Francisco podia apenas ver Nossa Senhora. (*Nota do Autor*)

é Deus? Tu estavas com Nossa Senhora na luz que descia para a terra, e a Jacinta, comigo, na que subia para o céu.

— É que — lhe respondi — tu, com a Jacinta, vais breve para o Céu e eu fico com o Coração Imaculado de Maria mais algum tempo na terra.

— Quantos anos cá ficas? - Perguntava.

— Não sei; bastantes.

— Foi Nossa Senhora que o disse?

— Foi. E eu vi-o nessa luz que nos meteu no peito.

E a Jacinta confirmava isto mesmo, dizendo:

— É assim, é! Eu também assim o vi!

Por vezes dizia:

— Esta gente fica tão contente só por a gente lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler! O que seria, se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus, no Seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande! Mas isso é segredo, não se lhes diz. É melhor que ninguém o saiba.

Desde esta aparição, começamos a dizer, quando nos perguntavam se Nossa Senhora nos não tinha dito mais nada:

— Sim, disse, mas é segredo.

Se nos perguntavam o motivo por que era segredo, encolhíamos os ombros e, baixando a cabeça, guardávamos silêncio. Mas passado o dia 13 de Julho, dizíamos:

— Nossa Senhora disse-nos que não o disséssemos a ninguém — referindo-nos, então, ao segredo imposto por Nossa Senhora».[23]

A Irmã Lúcia, na *Terceira Memória*, fornece outros detalhes importantes sobre o Coração Imaculado de Maria:

23. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, pp. 143-144.

«Bem, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, parece-me ter já manifestado a primeira parte do segredo. A segunda refere-se à devoção do Imaculado Coração de Maria. Já disse, segundo escrito, que Nossa Senhora, a 13 de Junho de 1917, me disse que nunca me deixaria e que Seu Imaculado Coração seria o meu refúgio e o caminho que me conduziria a Deus. Que foi ao dizer estas palavras que abriu as mãos, fazendo-nos penetrar no peito o reflexo que delas expedia. Parece-me que, neste dia, este reflexo teve por fim principal infundir em nós um conhecimento e amor especial para com o Coração Imaculado de Maria, assim como das outras duas vezes o teve, me parece, a respeito de Deus e do mistério da Santíssima Trindade. Desde esse dia, sentimos no coração um amor mais ardente pelo Coração Imaculado de Maria. A Jacinta dizia-me, de vez em quando:

— Aquela Senhora disse que o Seu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus. Não gostas tanto? Eu gosto tanto do Seu Coração! É tão bom!»[24]

Terceira aparição, na Cova da Iria: 13 de julho.

Deixemo-nos conduzir pelo texto da própria Irmã Lúcia em sua História das Aparições, descritas na *Quarta Memória*:

«Dia 13 de julho de 1917 — Momentos depois de termos chegado à Cova da Iria, junto da carrasqueira, entre numerosa multidão de povo, estando a rezar o terço, vimos o reflexo da costumada luz e, em seguida, Nossa Senhora, sobre a carrasqueira.

— Vossemecê que me quer? — Perguntei.

— Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de

24. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, p. 125.

Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.

— Queria pedir-Lhe para nos dizer Quem é, para fazer um milagre com que todos acreditassem que Vossemecê nos aparece.

— Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro direi quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão de ver, para acreditar.

Aqui, fiz alguns pedidos que não me recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem as graças durante o ano. E continuou:

— Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Ao dizer estas últimas palavras, abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados. O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo. Mergulhados nesse fogo, os demônios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas nos grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor (Foi ao deparar-me com esta vista que dei esse ai! Que dizem ter-me ouvido). Os demônios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa. Assustados e como que a pedir socorro, levantamos a vista para Nossa Senhora que nos disse, com bondade e tristeza:

— Vistes o Inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida[25], sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á à Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.[26]

Quando rezais o terço, dizei, depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as *alminhas*[27] todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem.»

---

25. Trata-se da aurora boreal, na noite de 25 de janeiro de 1938, que foi um fenômeno extraordinário e que a irmã Lúcia sempre considerou como o sinal prometido do céu. (*Nota do Autor*)

26. Essa frase *"Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc."* Foi acrescentado pela Irmã Lúcia apenas nesta Quarta Memória, por isso os Fatimistas deduzem que a terceira parte do segredo deve seguir-se ao *"etc."* que termina a frase. (*Nota do Autor*)

27. As *alminhas* são nichos localizados nas estradas portuguesas, onde comumente se acendiam velas para as almas do Purgatório, daí porque o Cônego Manuel

Sobre a influência dessa terceira aparição, a Irmã Lúcia escreveu:

> «Na terceira aparição, o Francisco pareceu ser o que menos se impressionou com a vista do inferno, embora lhe causasse também uma sensação bastante grande.
>
> O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma...»

No dia 11 de agosto, António dos Santos e Manuel Pedro Marto foram intimados a comparecer com as três crianças na sede da administração do concelho de Vila Nova de Ourém. António dos Santos levou Lúcia, mas Manuel Pedro Marto decidiu apresentar-se sozinho.

Entre os dias 13 e 15 de agosto, o administrador Artur de Oliveira Santos sequestrou as três crianças e reteve-as em Vila Nova de Ourém.

Quarta aparição, nos Valinhos: 19 de agosto.

Quinta aparição, na Cova da Iria: 13 de setembro. Descrição da Irmã Lúcia na Quarta Memória:

> «... Chegamos, por fim, à Cova da Iria, junto da carrasqueira e começamos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e a seguir Nossa Senhora sobre a azinheira.
>
> — Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra. Em outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, São José com o Menino Jesus para abençoarem o mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia.
>
> — Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo mudo.

Nunes Formigão concluiu que por *alminhas* se entendia as almas do Purgatório. (*Nota do Autor*)

— Sim, alguns curarei; outros não. Em outubro farei o milagre, para que todos acreditem. E começando a elevar-se, desapareceu como de costume.»[28]

Primeiro interrogatório do Padre Manuel Nunes Formigão, realizado no dia 27 de setembro.

Sexta aparição, na Cova da Iria: 13 de outubro – Milagre do Sol – e fim do ciclo das Aparições de Nossa Senhora. Novamente, a Irmã Lúcia nos relata o ocorrido:

«Dia 13 de outubro de 1917 – Saímos de casa bastante cedo contando com as demoras do caminho. O povo era em massa. A chuva, torrencial. Minha mãe, temendo que fosse aquele o último dia da minha vida, com o coração retalhado pela incerteza do que iria acontecer, quis acompanhar-me. Pelo caminho, as cenas do mês passado, mais numerosas e comovedoras. Nem a lamaceira dos caminhos impedia essa gente de se ajoelhar na atitude mais humilde e suplicante. Chegados à Cova da Iria, junto da carrasqueira, levada por um movimento interior, pedi ao povo que fechasse os guarda-chuvas para rezarmos o terço. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

— Que é que Vossemecê me quer?

— Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a senhora do rosário, que continuem sempre a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas.

— Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia os pecadores, etc.

— Uns sim; outros não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

28. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, p. 180.

E tomando um aspecto mais triste:

— Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido.

E abrindo as mãos, fê-las refletir no sol. E enquanto que se elevava, continuava o reflexo da Sua própria luz a projetar-se no sol.

Eis, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, o motivo pelo qual exclamei que olhassem para o sol. O meu fim não era chamar para aí a atenção do povo, pois que nem sequer me dava conta da sua presença. Fi-lo apenas levada por um movimento interior que a isso me impeliu.

Desaparecida Nossa Senhora, na imensa distância do firmamento, vimos ao lado do sol, São José com o Menino Jesus pareciam abençoar o mundo com uns gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o mundo da mesma forma que São José. Desvanece-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante à Nossa Senhora do Carmo.»[29]

1918: Data de 6 de agosto de 1918 o relatório do pároco de Fátima — Padre Manuel Marques Ferreira — sobre as Aparições de 1917.

1919: Francisco Marto falece no dia 4 de abril de 1919 (então concluído, o inquérito paroquial foi remetido para o Patriarcado de Lisboa no dia 28 desse mês). O pai de Lúcia, António dos Santos, falece no dia 31 de julho de 1919.

1920: Jacinta Marto falece no dia 20 de fevereiro de 1920. Entre 7 de julho e 6 de agosto de 1920, Lúcia vive em Lisboa, na casa de Assunção Avelar; teve, no entanto, de regressar a Aljustrel, passando alguns dias — entre 6 e 12 de agosto — na casa do Padre Manuel Nunes Formigão, em Santarém.

29. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, pp. 180-181.

1921: Sétima Aparição de Nossa Senhora, na Cova da Iria, no dia 15 de junho de 1921. Na madrugada de 16 de junho de 1921, Lúcia, na companhia de Maria Rosa, parte para Leiria, de onde rumará para o Porto, com Filomena Miranda. Entra no Asilo de Vilar no dia seguinte.

1922: Lúcia escreve o primeiro relato das Aparições no dia 5 de janeiro de 1922.

1924: Lúcia é sujeita ao interrogatório oficial da Comissão Canônica Diocesana no dia 8 de julho de 1924.

1925: Lúcia é crismada por Dom José Alves Correia da Silva (Bispo de Leiria) na capela da Quinta da Formigueira (Braga), no dia 24 de agosto de 1925. Lúcia parte para Tuy no dia 24 de outubro de 1925 e para Pontevedra no dia seguinte, iniciando o postulantado no Instituto das Irmãs da Santa Doroteia (primeira estância em Pontevedra: de 25 de outubro de 1925 a 19 de julho de 1926). Aparição de Nossa Senhora: 10 de dezembro de 1925, acompanhada pelo Menino Jesus.

1926: Aparição do Menino Jesus: 15 de fevereiro de 1926. Lúcia regressa a Tuy no dia 19 de julho de 1926 (primeira estância em Tuy: até 9 de outubro de 1934). Veste o hábito (início do noviciado) no dia 2 de outubro de 1926.

1928: Votos temporários: 3 de outubro de 1928.

1929: Aparição da Santíssima Trindade e de Nossa Senhora: 13 de julho de 1929. Nossa Senhora pede a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração.

Vejamos como Lúcia descreveu essa aparição:

> «De repente, iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural, e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao teto. Numa luz mais clara, via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com o corpo até a cinta. Sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um Cálice e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas

de sangue que corriam pelas faces do crucificado e duma ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálice.

Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora. (era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração... na mão esquerda... sem espada, nem rosas, mas com uma Coroa de espinhos e chamas...), com o Seu Imaculado Coração na mão... Sob o brasço esquerdo, umas letras grandes, como se fossem de água cristalina, que corresse para cima do Altar, formavam estas palavras: "Graça e misericórdia".

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar.

Depois Nossa Senhora disse-me:

— É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do mundo, a consagração da Rússia ao meu imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio. São tantas as almas que a Justiça de Deus condena por pecados contra Mim cometidos que venho pedir reparação: sacrifica-te por esta intenção e ora.»[30]

É interessante notar como, na mesma aparição em que se revelou o mistério da Santíssima Trindade, Nossa Senhora também assegurava que havia chegado o momento de se realizar a consagração da Rússia. O comunismo bolchevique, que pretendia varrer o mundo, mal havia cravado suas garras naquilo que outrora fora um império cristão — embora cismático, mas que não negava o dogma da Santíssima Trindade.

Portanto, a consagração da Rússia visava salvar o povo russo de um mal derivado de um ódio teológico, e não meramente materialista. Esse ódio era a causa mesma do bolchevismo, como veremos com mais detalhes adiante.

30. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 198.

1931: O pedido da consagração chega ao Papa Pio XI, que não obedece ao pedido, preferindo recorrer à diplomacia política do Vaticano. Mais tarde, em outra visão, Nossa Senhora diria a Lúcia: *"Não quiseram atender ao Meu pedido!... Como o rei da França, arrepender-se-ão e fá-la-ão, mas será tarde. A Rússia já terá espalhado os seus erros pelo mundo, provocando guerras, perseguições à Igreja: O Santo Padre terá muito que sofrer".*[31]

1934: Votos perpétuos: 3 de outubro de 1934. Lúcia (agora Irmã Maria das Dores) parte para Pontevedra no dia 9 de outubro de 1934 (última estância em Pontevedra, com várias estadas em Tuy: até 23 de outubro de 1937).

1935: Lúcia escreve a *Primeira Memória* em dezembro de 1935.

1937: Lúcia regressa definitivamente a Tuy no dia 23 de outubro de 1937.

1938: No dia 25 de janeiro de 1938, uma estranha aurora boreal pôde ser vista por todo Hemisfério Norte. Lúcia a identificou como o sinal predito por Nossa Senhora de que o mundo seria castigado por meio da guerra. Curiosamente, nessa mesma data, 25 de janeiro do ano de 1959, o Papa João XXIII anunciava ao mundo que iria abrir um novo Concílio para a Igreja. Lúcia escreve a *"Segunda Memória"* em novembro de 1937.

1939: No dia 13 de outubro de 1939, vê, finalmente, publicada a devoção dos Cinco Primeiros Sábados.

1940: Lúcia escreve pela primeira vez ao Santo Padre Pio XII no dia 2 de dezembro de 1940:

> «Santíssimo Padre:
>
> Humildemente prostrada aos pés de Vossa Santidade, venho como a última ovelhinha do rebanho confiado à guarda de Vossa Santidade, abrir o meu coração filial, por ordem do meu Diretor espiritual.
>
> Sou a única sobrevivente das crianças a quem Nossa senhora se dignou aparecer na Fátima (Portugal) nos dias

31. *Memórias da Irmã Lúcia*, compilação do Padre Luís Kondor, p. 196.

13 de maio a outubro de 1917. A Santíssima Virgem tem-me concedido muitas graças, sendo a maior a da minha admissão no Instituto da santa Dorotéia.

Venho, Santíssimo Padre, renovar um pedido que já foi levado várias vezes junto de Vossa Santidade.

O pedido, Santíssimo Padre, é de Nosso Senhor e da nossa boa Mãe do Céu.

Em 1917, na parte das aparições que temos designado o segredo, a Santíssima Virgem revelou o fim da guerra que então afligia a Europa e anunciou outra futura, dizendo que para a impedir viria pedir a Consagração da Rússia a seu Imaculado Coração e a Comunhão Reparadora nos primeiros sábados, prometendo se atendessem a seus pedidos, a conversão dessa nação e a paz.

De contrário anunciou a propagação dos seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Santa Igreja, o martírio de muitos cristãos, várias perseguições e sofrimentos reservados a vossa Santidade e o aniquilamento de várias nações.

Santíssimo Padre, até 1926, ficou isto em silêncio, segundo a ordem expressa de Nossa Senhora: Então depois duma revelação em que pediu se propagasse no mundo a Comunhão Reparadora nos primeiros sábados de 5 meses seguidos, fazendo com o mesmo fim uma confissão, um quarto de hora de meditação sobre os mistérios do Rosário e rezando um terço com o fim de reparar os ultrajes, sacrilégios e indiferenças cometidos contra o seu Imaculado Coração. Às pessoas que praticarem esta devoção, promete a Nossa boa Mãe do Céu, assistir na hora da morte com todas as graças necessárias para se salvarem.

Expus o pedido de Nossa senhora ao confessor que empregou alguns meios para que se realizassem, mas só em 13 de setembro de 1939, Sua Ex.cia Rv.ma o Senhor Bispo De Leiria, se dignou, em Fátima, tornar público este pedido de Nossa Senhora.

Aproveito, Santíssimo Padre, este momento para pedir a Vossa Santidade, se digne estender e abençoar esta devoção para todo o mundo.

Em 1929, Nossa Senhora, por meio de outra aparição, pediu a Consagração da Rússia a seu Imaculado Coração, prometendo por este meio impedir a propagação dos seus erros e a sua conversão.

Algum tempo depois, dei conta ao confessor do pedido de Nossa Senhora. Sua Rev.cia empregou alguns meios para que se realizasse, fazendo-o chegar ao conhecimento de Sua Santidade Pio XI.

Em várias comunicações íntimas, Nosso Senhor não tem deixado de insistir neste pedido, prometendo ultimamente, se Vossa Santidade se digna fazer a Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria com menção especial pela Rússia[32] e ordenar que em união com Vossa Santidade e ao mesmo tempo, a façam também todos os Bispos do mundo, abreviar os dias de tribulação com que tem determinado punir as nações de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de várias perseguições à Santa Igreja a Vossa Santidade.

Sinto verdadeiramente, Santíssimo Padre, os sofrimentos de Vossa Santidade e, quanto me é possível, com as minhas pobres orações e sacrifícios, procuro minorá-los junto do Nosso Bom Deus e do Imaculado Coração de Maria.

Santíssimo Padre, se é que na união da minha alma com Deus não sou enganada, Nosso Senhor promete em atenção à consagração que os Ex.mos Prelados portugueses

32. Note bem o leitor: Nosso Senhor pede a consagração do mundo, pois, neste ano, a Alemanha ampliava o teatro de guerra, estendendo-o por toda a Europa. Portanto, não se tratava mais de uma consagração exclusiva da Rússia. Isso se deve ao fato de que o pedido de consagração da Rússia, feito anteriormente, tinha como objetivo evitar a Segunda Guerra Mundial. É certo que, se esse pedido tivesse sido atendido, não teria sido necessário solicitar a consagração do mundo, pois a guerra não teria ocorrido. (*Nota do Autor*)

fizeram da Nação ao Imaculado Coração de Maria, uma proteção especial à nossa Pátria, durante esta guerra, e que esta proteção, será a prova das graças que concederia às outras Nações se com esta se lhe tivessem consagrado.

Agora, Santíssimo Padre, permita-me mais um pedido que é apenas um desejo ardente do meu pobre coração. Que a festa em honra do Imaculado Coração de Maria seja estendida a todo o mundo como uma das principais na Santa Igreja.

Com o maior respeito e reverência imploro a bênção Apostólica.

Deus guarde a Vossa Santidade.»[33]

Tuy, Espanha, 2 de dezembro de 1940
Ir. Maria Lúcia

1941: Escreve a *"Terceira Memória"* em agosto, na qual menciona pela primeira vez a divisão do segredo em três partes, e a *Quarta Memória* entre novembro e dezembro de 1941.

1942: No dia 16 de julho de 1942, falece Maria Rosa, mãe de Lúcia. Após a consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, Pio XII consagra a Igreja e o gênero humano no dia 31 de outubro de 1942.

1944: Lúcia escreve a terceira parte do segredo no dia 3 de janeiro de 1944 e inicia a escrita de «*O Meu Caminho*" (um escrito simultaneamente memorialístico e diarístico). O drama que cercou esse acontecimento merece ser descrito aqui.

1946: Lúcia chega ao Colégio do Sardão no dia 16 de maio de 1946. Entre 20 e 22 de maio de 1946, regressa a Fátima pela primeira vez desde que partira, em 1921.

1948: No dia 25 de março de 1948, Lúcia entra no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra. No dia 13 de maio de 1948, recebe o hábito de carmelita e o nome de Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado.

33. *Um caminho sob o olhar de Maria*, pp. 247-249.

1949: No dia 13 de maio de 1949, Lúcia faz a sua profissão solene como carmelita descalça.

Esses são os fatos mais relevantes e conhecidos da vida da Irmã Lúcia. No entanto, após a certeza de que houve uma impostora ocupando o lugar da vidente de Fátima, devemos lançar um novo olhar não só sobre esses fatos, mas também sobre outros que até então haviam passado quase despercebidos.

CAPÍTULO VI

O desejo de ser carmelita

Em janeiro de 2001, a Madre Superiora do Convento das Carmelitas Descalças de Coimbra escreveu, por ocasião da aproximação da conclusão do processo de canonização de Josemaría Escrivá de Balaguer:

> «Como cooperadoras do Opus Dei desde há várias décadas, queremos manifestar a nossa alegria pela já próxima canonização do beato Josemaría. Este gozo é compartilhado pela Irmã Lúcia, que reitera o que já manifestou por ocasião da beatificação do Servo de Deus.»[34]

Eis aí a confirmação de uma suspeita que envolveu a vida da Irmã Lúcia no Carmelo de Coimbra. Abordaremos esse ponto mais adiante. Voltemos agora nossa atenção para a história desses acontecimentos.

Segundo informações da Wikipédia, o local onde o Carmelo de Santa Teresa foi edificado era, em 1743, um monte deserto denominado Casal do Chante. Desenhado em estilo barroco pelo frade Pedro da Encarnação, padre carmelita descalço, o convento foi inaugurado em 1744.

Embora as ordens religiosas tenham sido extintas em 1834, com licença especial da rainha Dona Maria II de Portugal, o Carmelo de Santa Teresa conseguiu manter-se até 1910, ano da proclamação da República. Naquele ano, as irmãs foram expulsas e o convento foi ocupado pelos militares.

Em 1943, quando Portugal já estava em paz e as perseguições religiosas haviam cessado, três das irmãs ainda vivas, que estavam na

34. Monsenhor Flávio Capucci, "Artigo", Roma, 25 fev. 2002.

Espanha, decidiram voltar a Coimbra. Com a ajuda e companhia de outras três irmãs espanholas, restauraram a comunidade e o Carmelo de Coimbra. Foi em uma pequena casa alugada que, com muitas dificuldades devido à situação, iniciaram a reforma do Carmelo.

Finalmente, em 1946, quando chegaram as primeiras notícias de que os soldados iam desocupar o convento, a Madre Prioresa Maria do Carmo do Santíssimo Sacramento fez o possível para que o convento fosse entregue novamente às Carmelitas. E assim foi. Na verdade, esse foi o único convento de Carmelitas que o governo restituiu à Ordem. As chaves foram entregues nas mãos daquela que, na altura da expulsão, era a Madre Prioresa: Madre Teresa de Jesus.

Para mantermos a fidelidade documental, reproduziremos neste capítulo boa parte dos textos publicados em *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, para que o leitor possa conhecer muitos detalhes da vida íntima da Irmã Lúcia, descritos por ela mesma. Decidimos não suprimir esses excertos do diário da Irmã Lúcia e mantivemos também a estrutura narrativa do próprio livro, publicado pelo Carmelo de Coimbra em 2013.

As tentativas da Irmã Lúcia para conseguir a autorização para entrar no Carmelo

Em 1946, surgiu a oportunidade para a Irmã Lúcia visitar sua terra natal, um momento de inestimável significância para ela. Permitamos que ela mesma nos relate como se deu sua chegada a Fátima:

> «Chegamos a Fátima pelas seis e trinta da tarde. Caía uma chuva miudinha. O carro levou-nos até a Capelinha das aparições. Descemos e dando o passo às Madres, pude, enquanto que elas entraram dentro a rezar, só, ajoelhar-me fora no lugar onde antes estivera a pequenina carrasqueira sobre a qual Nossa Senhora pousou os pés Imaculados e a grade de 1921.
>
> Ao ajoelhar-me aí, depois de tantos anos, senti uma impressão forte, como que um calafrio, mas consegui

dominar, sem que as Madres se apercebessem. Depois, pelo espírito passou-me a recordação dos acontecimentos aí passados e quando as Madres me tocaram no ombro para irmos a casa, estava completamente serena. Tudo se tinha passado felizmente entre mim e Deus só.»[35]

A narrativa a seguir é notável, pois, como que por obra da Providência divina, essas imagens foram capturadas por um cinegrafista, proporcionando-nos um único e valioso registro da Irmã Lúcia em filme.

«Às nove horas (do dia seguinte) na companhia da Madre Brito que foi com ela de Coimbra, foi à Capelinha das Aparições e esperou a chegada do Senhor Bispo, que cumprimentou antes da Missa. Pensou que era a primeira vez e talvez a última que aqui recebia a Sagrada Comunhão. Sim, neste local nunca mais aconteceu.

O senhor Bispo pediu para eu ir à casa dos retiros almoçar com sua Excia; a Madre Brito disse que sim e fui — à mesa, como se estivesse ainda na Formigueira, o Senhor Bispo quis sentar-me a seu lado e servir-me. Ao ver o que eu tomava, disse:

— Ó minha filha, se não come mais do que isso, não chega a ouvir cantar o cuco!

Ao que respondi:

— Ele já deve andar por aí!

Depois mostraram-me a casa, a capela, a sala do trono ainda ornamentada como havia sido para o Ex.mo Cardeal Legado. Aí o Senhor Bispo, fez-me sentar num grande cadeirão a seu lado, como em tempos idos, e ficamos a falar particularmente de vários assuntos.

Com a Madre Brito, voltou à casa das irmãs Doroteias, para às duas horas, começaram a peregrinação guiada

35. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 305.

pela pastorinha, para o reconhecimento dos lugares das aparições.

Como tinha ordenado o senhor Bispo, saí com a Madre Brito, Dr. José Galamba e reverendo P. Carlos para ir ao Cabeço, Valinhos e Poço.

Propus irmos pela charneca para não encontrar gente. O Dr. Galamba perguntou se ainda recordava o caminho, de modo a não me perder. Respondi que sim, e fomos precisamente pelos mesmos carreiros que há 29 anos percorri com a Jacinta e o Francisco na ida para a Cova da Iria.

No caminho, encontramos apenas uma mulher com uma pequenita que pelo seu tamanho me fez lembrar a Jacinta. Levavam 2 ovelhas. O Sr. P. Carlos tirou-lhes uma fotografia; no momento não me reconheceram nem eu a elas, vim depois a saber que era a Olímpia, uma das muitas amigas do tempo de criança.

Chegados ao barreiro, por um carreiro entre o mato, subimos a encosta do cabeço, e fui sentar-me nas pedras onde há anos estivera com as primeiras companheiras do tempo de pastora, e onde se manifestou o vulto que não pudemos definir. O reverendo P. Carlos tirou uma fotografia, e continuamos a dar a volta ao Monte, passando um pouco abaixo do moinho de vento em direção à Loca.

Não sei se propositadamente, os que me acompanhavam deixaram-se ficar atrás sem quase eu dar por isso. Quando cheguei junto da Loca, encontrei-me só, e fiquei contente, subi o patamar da rocha e terra, ajoelhei-me e inclinando a fronte ao chão rezei as orações do Anjo; assim pude a sós vencer a primeira impressão. Levantei-me, dei uns passos atrás e avistei as pessoas conversando com um grupo de religiosas Dominicanas. Fiz-lhes sinal e foram ter comigo, mostrando-se surpreendidas, quando lhes disse que a Loca era ali; creio que supunham ser outra mais abaixo que não cheguei a ver. O Dr. Galamba

verificou que aquela estava mais de acordo com as minhas indicações.

As religiosas Dominicanas associaram-se a nós, ajoelhamos, rezamos as orações do Anjo e continuamos a jornada em direção aos Valinhos. Atravessamos a Pregueira, olival que era de meus pais e onde cada pedra me recordava uma conversa com a Jacinta e Francisco... quando chegamos aos Valinhos, já a notícia se tinha espalhado e aí nos esperava um grupo de pessoas, entre elas, o tio Marto, o reverendo P. De Marchi levando pela mão duas pequenitas minhas sobrinhas.

Ao cumprimentar o Tio Marta, este disse-lhe:

— Que bela cachopa que tu estás! Tu sim que valeu a pena vires a este mundo!... Lembras-te da minha Jacinta e do meu Francisco?

— Então tio, não me hei de lembrar?...

— Se fossem vivos seriam como tu!...

— Oh! Seriam melhores do que eu! Nosso senhor, desta vez enganou-se, devia ter deixado cá um deles e deixou-me a mim.

Aí rezávamos o terço e continuamos o caminho até à casa que foi de meus pais para ir ao Poço. Aí ajoelhei e rezei com as pessoas que nos seguiram. Quis beber um pouco de água, pedi licença à Madre, deitei o balde ao fundo, tirei-o com água e à maneira dos camponeses, colhi uma folha de couve, enconchei-a e bebi.[36] As pessoas seguiram-me o exemplo apreciando a frescura e sabor daquela água. No regresso, as minhas irmãs quiseram oferecer-nos um lanche que a Madre Brito e os Padres aceitaram; para isso entramos em casa, e que impressão me fez ver-me de novo ali!

36. As imagens desse momento, registradas por um cinegrafista e disponíveis na internet, curiosamente revelam — ou ao menos sugerem — que a irmã Lúcia era canhota. (*Nota do Autor*)

> Tudo praticamente estava na mesma; quisera ver-me só e estava rodeada duma multidão que enchia todos os cantos. Fora, apinhavam-se também. O Dr. Galamba desapareceu, e em breve, chegou o pároco da Freguesia com o carro para nos levar, que de outra forma já era difícil andar.»[37]

A Irmã Lúcia encontrava-se em Portugal na época das viagens da Virgem Peregrina, a imagem esculpida por Joseph Thedim para substituir a antiga imagem que estava na capelinha antes do atentado à bomba. Embora a Irmã Lúcia preferisse que a Peregrina representasse o momento em que a Virgem mostrou seu Imaculado Coração, essa representação seria feita posteriormente.

Em maio de 1946, a Irmã Lúcia partiu de Tuy, na Espanha, para Vila Nova de Gaia, hospedando-se no Colégio do Sardão, em um quarto no andar superior, com apenas uma abertura para o céu — um local pouco arejado, inadequado para alguém de saúde tão frágil.

Como estava frequentemente muito cansada e apresentava febre, foi dispensada de outras funções, permitindo-lhe mais tempo ao ar livre. Contudo, apesar desse tempo adicional nos jardins, ressentia-se das visitas autorizadas pela superiora, desejando mais recolhimento e uma vida mais contemplativa; o Carmelo parecia-lhe o lugar ideal para a vida que aspirava.

Em setembro de 1943, o Conselho Nacional da Juventude Católica Feminina, reunido em Fátima, decidiu organizar uma peregrinação de ação de graças à Cova da Iria. O padre belga Demoutiez desejava, assim que a guerra terminasse, fazer com que essa imagem peregrinasse pelo mundo.

Com o fim da guerra, essas duas iniciativas se uniram a outra, promovida por um pároco de Berlim, que solicitara a Roma que a imagem de Nossa Senhora partisse da Cova da Iria em peregrinação mundial. Em maio de 1947, iniciava-se a peregrinação da imagem pelas capitais da Europa.

---

37. *Um caminho sob o olhar de Maria*, pp. 306-312.

Esse detalhe será importante para compreendermos os fatos que determinaram o Carmelo de Coimbra — e não outro Carmelo — como o destino final da Irmã Lúcia.

Primeira tentativa, julho de 1946:

> «No fim de Julho de 1946, a Irmã Lúcia recebeu a visita de uma amiga, a senhora D. Olímpia Pereira Coutinho. Foi esta senhora quem ofereceu à Irmã Lúcia a possibilidade de uma viagem a Roma, disse-lhe que lhe pagaria a passagem, dela e de outra irmã que lhe quisesse acompanhar, mas obviamente se a licença lhe fosse concedida. Lúcia ficou feliz com a possibilidade, pois era uma oportunidade de estar pessoalmente com o Papa. Ao que parece, a licença lhe foi concedida, porém logo foi retirada. Em um passeio no jardim com uma irmã enferma, que ela conduzia em uma cadeira de rodas foi-lhe revelada a razão: "... disse-me que as Madres não me deixavam ir a Roma, por suspeitarem que eu queria ir pedir ao Santo Padre licença para (me) transladar ao Carmelo, guardei silêncio, mas na verdade, elas não se enganam."»[38]

Embora imperioso fosse o seu desejo de ingressar no Carmelo, resignou-se, ciente de que podia contar com o apoio do Arcebispo de Valladolid. Foi nesse ínterim que recebeu visitas do Bispo de Gurza, que também parecia disposto a auxiliá-la.

Segunda tentativa, 6 de fevereiro de 1947: Sob a recomendação do Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva, dois padres dominicanos foram ter com a Irmã Lúcia. Um deles, o padre Thomas McGlynn, levava consigo uma pequena escultura que ele próprio havia feito do Imaculado Coração de Maria. Seu objetivo era trabalhar numa nova imagem segundo as recomendações da própria Lúcia. No entanto, quando finalmente pôde se encontrar com a vidente de Fátima, sua

38. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 321-322.

pequena escultura não a agradou. Segundo o próprio relato do padre McGlynn, Lúcia não aprovou a nuvem sob os pés de Nossa Senhora, pois a Virgem repousava diretamente sobre as folhas da azinheira. Lúcia também insistiu que se simplificassem as dobras do manto, que, em sua memória, eram bem mais lisas. O padre McGlynn hospedou-se no próprio convento para poder trabalhar mais diretamente sob a supervisão da Irmã Lúcia:

> «A irmã Dores (Lúcia) passava a maior parte do tempo em pé junto à estátua, supervisionando de perto a modelagem e interrompendo-a frequentemente para correções. Para estas, algumas vezes ela mesma tocava na argila com seus dedos ou com uma ferramenta de modelagem, uma atitude que, em se tratando de qualquer outra pessoa, me teria irritado profundamente. (...) Eu tinha posto de lado todas as minhas preferências particulares e meus preconceitos para realizar tudo exatamente como ela gostaria que fosse feito.»[39]

Durante uma dessas sessões, o padre informou à Irmã Lúcia que iria a Roma para uma audiência com o Santo Padre. Percebendo seu interesse pelo assunto, ele tomou a liberdade de perguntar se ela gostaria de falar com o Papa. Como a resposta foi afirmativa, ofereceu-se para ser o portador de alguma correspondência que ela desejasse enviar diretamente ao Papa. O padre McGlynn tranquilizou-a e comprometeu-se a entregar a carta ao Santo Padre. Com essa certeza, a Irmã Lúcia retirou-se para pedir uma confirmação divina, sabendo que isso deveria permanecer em segredo, inclusive para seus superiores e o Bispo de Leiria:

> «Parece-me que sinto a luz de Deus; subi a escada, entrei no meu quarto e escrevi. Não guardei cópia para não me expor a que fosse encontrada e vir-se por aí a saber o que acabava de fazer. No dia seguinte, um pouco antes

39. *A Visão de Fátima: a história de uma imagem e seu significado, cap.* 11.

> da despedida, entreguei a carta ao reverendo P. Mcglynn pedindo mais uma vez o absoluto segredo". O Padre prometeu-lhe que ninguém mais o saberia além do Papa, mas ao que veremos depois, outras pessoas também souberam.»[40]

Parece-nos que o desejo da Irmã Lúcia de ser Carmelita não é algo a ser desprezado aqui, pois, de fato, ela buscava obter uma permissão direta do Papa — o único que poderia concedê-la, mesmo contra a vontade de sua madre superiora, que já havia manifestado desaprovação a esse intento, e contra a decisão de Dom José Alves, o Bispo de Leiria. Para ela, o Carmelo seria sua porta para o céu; talvez fosse assim que compreendesse a mensagem do dia 13 de outubro de 1917, na qual Nossa Senhora ofereceu o escapulário marrom como meio de salvação final. Isso, de certa forma, pode ser observado na reação da Irmã Lúcia ao entrar em um espaço Carmelita pela primeira vez. Esse momento ocorreu no verão de 1945, quando visitou a Catedral de Santiago de Compostela e, logo após, o Carmelo de Santiago. Segundo consta em *O Caminho*, embora suas companheiras nada tenham notado, ela estremeceu por dentro e diria mais tarde que teve uma grande tentação de ir à roda para falar de seu segredo — o desejo de ir para o Carmelo. No entanto, conteve-se, sabendo que nada se resolveria ali.

No dia 19 de abril de 1947, o Bispo de Leiria, que sempre se manifestara contrário ao translado da Irmã Lúcia para o Carmelo, propôs-lhe uma passagem pelo Carmelo de Fátima (ele mudaria de opinião mais tarde). Na verdade, esse não era exatamente o destino que a Irmã Lúcia desejava, pois, para ela, a vida, mesmo em um convento em Fátima, não deixaria de trazer complicações. Contudo, ela não expressou isso ao Bispo, pois não queria desagradá-lo. Dois dias depois, o Bispo a mandou chamar ao Paço Episcopal; ele havia recebido uma carta do Papa solicitando que facilitassem sua entrada no Carmelo. Ao chegar ao Paço Episcopal, a Irmã Lúcia foi advertida pelo Bispo de Leiria, já que a carta do Papa era uma resposta àquela que a própria Irmã Lúcia lhe havia enviado (provavelmente por meio do padre Thomas McGlynn).

40. *Um Caminho sob o olhar de Maria*, p. 324.

Dom José Alves Correia da Silva deu-lhe um tempo para refletir melhor sobre o assunto.

O período no Sardão foi extremamente doloroso para ela, pois muitas pessoas importantes vieram visitá-la com o intuito de convencê-la a desistir. Contudo, ela não podia mais retroceder, pois o Papa já lhe havia respondido, concedendo a permissão para o translado. No início de maio, ela recebeu a visita do Bispo de Gurza, que a incentivou em sua decisão. No dia 12, comunicou ao Bispo do Porto sua determinação de ingressar no Carmelo. Apesar disso, enfrentou muita pressão para demovê-la dessa escolha, e ela descreveu esse momento assim:

> «Enfrentei uma tempestade de argumentos e apelos, mas meu coração já estava decidido, ancorado na vontade divina e na resposta do Santo Padre. Cada visita e cada palavra de desencorajamento serviram apenas para reforçar minha resolução, pois via na permissão do Papa um claro sinal da Providência que não poderia ignorar. Recorreram também à intercessão de alguns prelados que exerceram a sua influência, cada um à sua maneira, como foram o Sr. Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição, o Sr. Arcebispo de Mitilene, D. Manuel da Trindade Salgueiro, o Sr. Bispo de Leiria, que voltou com sua palavra de apoio atrás, e o Sr. Bispo do Porto, que me disse que a licença enviada pelo Santo Padre não era válida, que havia que pedir outra à Sagrada Congregação, etc., mas no meio de tudo, eu sentia a graça de Deus a dar-me força e tinha confiança que chegaria ao fim.»[41]

Sobre esse ponto, é muito interessante o relato do padre norte-americano Howard Rafferty. Ele teve o privilégio de entrevistar a verdadeira Irmã Lúcia, quando esta já estava no Carmelo, em 1950. Embora sob muitas restrições, foi-lhe permitido fazer algumas perguntas a ela, das quais ele conseguiu extrair revelações muito importantes. Segue abaixo

41. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 326.

o extrato da entrevista, segundo a conferência proferida pelo padre Rafferty, que se encontra disponível em áudio na internet:

Padre — Tudo bem. Vamos começar. Começamos com esta pergunta sobre o escapulário. Em primeiro lugar, Nossa Senhora do Carmo veio a Fátima?

Irmã Lúcia — Ah, sim, Padre. (Ela se iluminou imediatamente, lembrando-se de como Nossa Senhora estava quando chegou a Fátima.) Ah, sim, ela veio.

Padre — A senhora sabia que era Nossa Senhora do Carmo? Em alguns livros, os escritores dizem que a senhora não tinha certeza do que tinha visto no dia 13 de outubro, porque tantas coisas aconteceram uma após a outra que a senhora não conseguia se lembrar de tudo. Era tão confuso que não lhe era possível dizer que cor Nossa Senhora estava vestindo, ou como ela estava vestida, ou qualquer outra coisa. Como a senhora sabia?

Irmã Lúcia — Oh, Padre, eu sabia que era Nossa Senhora do Carmo porque, em setembro de 1917, Nossa Senhora me disse que ela viria como Nossa Senhora do Carmo. Não havia dúvida em minha mente de que eu estava vendo o que Nossa Senhora me disse que eu veria um mês antes de realmente acontecer.

Isso respondeu muito bem à primeira pergunta. Então eu lhe perguntei:

Padre — Bem, que aspecto ela tinha?

Irmã Lúcia — Ela se parecia com a imagem da igreja paroquial.

Eu já tinha visitado a pequena igreja na vila de Fátima, tinha visto as imagens de Nossa Senhora com seu Privilégio Sabatino — uma imagem que tenho a certeza que todos vocês já viram.

Nossa Senhora está sobre o Purgatório e os anjos em sua direção estão descendo nas chamas e escolhendo as almas que estão vestidas com o Escapulário do Carmo

— aquelas que foram devotas a ela e que usaram fielmente o Escapulário marrom, e também tendo cumprido as 2 outras condições — a castidade de acordo com seu estado de vida, e a recitação de seu Ofício Parvo, têm sua promessa de serem libertadas do Purgatório no sábado após sua morte. Era assim que Nossa Senhora se parecia.

Padre — (Esta era a grande pergunta agora) Bem, por que Nossa Senhora veio assim? O que ela quis dizer?

Irmã Lúcia — (Sem hesitar) "Ela quis dizer que deveríamos usar o escapulário.

Fiquei surpreso. Olhei para ela com surpresa e disse:

Padre — Como a senhora sabe disso? Ela não disse nada quando veio com o escapulário.

Essa era, obviamente, a pergunta-chave. A razão pela qual eu tinha vindo aqui. E é claro que agora ela olhava para mim pensando que eu tinha enlouquecido, já que eu era carmelita.

Parece que todos na Europa já acreditavam que o Escapulário era uma das condições da mensagem de Fátima.

Irmã Lúcia — Padre. (Ela começou a bater na grade) Eu vi a Mãe Santíssima e sei o que ela quis dizer! Se eu tivesse interpretado mal a mensagem dela ou tivesse uma ideia diferente do que ela queria que eu tivesse, Nossa Senhora teria falado sobre o escapulário.

Depois que eu chegasse em casa, pensei comigo mesmo, muita gente poderia dizer: "Bem, por que o senhor não fez essa outra pergunta para ter certeza?" Então eu tentei expressar a mesma pergunta em duas ou três maneiras diferentes. Eu disse:

Padre — Agora vamos ver se entendi: Vou voltar para os EUA, provavelmente nunca mais estarei aqui e nunca mais a verei: Em primeiro lugar, devemos rezar o Rosário todos os dias; em segundo lugar, devemos oferecer os sacrifícios de nossas vidas diárias; em terceiro lugar, devemos fazer comunhões de reparação nos primeiros

sábados. E, por fim, devemos nos consagrar ao Imaculado Coração de Maria.

Irmã Lúcia — Oh, há mais uma condição – o uso do escapulário – o símbolo de nossa consagração.

Padre — Bem, deixe-me ver se entendi. A senhora quer dizer que, se alguém fizesse todas as quatro coisas e não usasse o escapulário, não completaria o que Nossa Senhora pediu?

Irmã Lúcia — Não poderia cumprir plenamente. Não poderia completar o que Nossa Senhora pediu em Fátima caso se recusasse a usar o escapulário."

Padre — Em outras palavras, não é apenas algo que Nossa Senhora gostaria que fizéssemos – é algo essencial para a mensagem. Ou seja, quem não usa o escapulário não pode seguir a mensagem.

Irmã Lúcia — Exatamente, você não consegue seguir a mensagem de Fátima a menos que adicione também a quinta condição, que é usar o escapulário marrom de Nossa Senhora.[42]

Esse relato complementa o que está descrito no diário da Irmã Lúcia, apresentado em *"Um caminho sob o olhar de Maria"*, cuja autenticidade não ponho em dúvida, sobretudo pela riqueza de detalhes coerentes que expõe. A entrevista com o padre Rafferty aprofunda ainda mais a questão dos cinco pedidos de Nossa Senhora feitos à Irmã Lúcia, enfatizando, como complemento ao Santo Rosário, o uso do escapulário marrom de Nossa Senhora do Carmo. Sem dúvida, foi a aparição do dia 13 de outubro de 1917 que a marcou profundamente, sendo essa a razão pela qual sempre guardou no coração o desejo de ingressar na Ordem do Carmo, sem hesitar quando a oportunidade se apresentou. No entanto, ainda teria de enfrentar outras dificuldades. Ela descreveu em seu diário a angústia que sentiu ao receber a notícia de que a carta do Papa não era válida para sua transferência para o Carmelo e, movida por esse sentimento, pediu um sinal do Céu.

42. (*Grifo nosso*)

> «Dirigi-me ao Sacrário pedindo luz e força:
>
> — Sei ó meu Bom Jesus, que não devemos abusar da Tua bondade pedindo sinais, mas não me leves a mal que, nas circunstâncias em que me encontro, te peça um. Sabeis como a Madre Provincial tem proibido que me mandem falar a pessoa alguma de fora; pois bem, se até ao dia 15, festa da Assunção da Nossa querida Mãe do Céu, cá vier um sacerdote Carmelita e me mandarem falar-lhe, terei isso como sinal certo de que Vós quereis que vá para o Carmelo; se isto se não der, então não sei, talvez por condescendência com as minhas Superioras desista, não sei! Dai-me luz e força!»[43]

No dia seguinte, 13 de agosto, a Irmã Lúcia recebeu a visita do Padre Salesiano Humberto Maria Pasqual, que lhe apresentou dois sacerdotes carmelitas espanhóis. Era o sinal que ela esperava.

A terceira tentativa: O Bispo de Leiria havia advertido a Irmã Lúcia, dias antes, para abandonar a ideia de se transferir para o Carmelo, não sendo mais favorável sequer ao Carmelo de Fátima. Uma semana depois, a Irmã Lúcia foi chamada ao Paço Episcopal. O Bispo perguntou se ela havia mudado de ideia, e ela pediu licença para falar com a Prioresa. Novamente, ouviu que era preciso aguardar a licença da Sagrada Congregação para os Religiosos, pois a carta do Santo Padre não era suficiente. Diante da impossibilidade de resolver a questão, decidiu escrever novamente ao Santo Padre, desta vez por correio. Para isso, contou com a ajuda do Capelão, que se comprometeu a enviar a carta em absoluto sigilo. Ela pensava no Carmelo de Viana do Castelo.

Em janeiro de 1948, devido às visitas para a exposição no Colégio do Sardão, a Irmã Lúcia foi mal acomodada em um quarto úmido, o que agravou sua saúde frágil e lhe causou dor de dente. Quando a febre diminuiu, foi ao dentista, Sr. Alcino Magalhães, que constatou a gravidade do problema e a necessidade urgente de extrair todos os dentes.

43. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 327.

Ele se ofereceu para fazer todo o tratamento gratuitamente, começando com a extração de dois dentes. Três dias depois, ela retornaria para continuar o tratamento.

Essa sequência de eventos ocorreu justamente quando, em 29 de fevereiro, a imagem de Nossa Senhora de Fátima Peregrina retornava a Leixões após sua primeira jornada pelo mundo. Antes de encontrar a imagem, o Bispo de Leiria passou pelo Sardão para falar com a Irmã Lúcia. Perguntou-lhe se ainda estava disposta a ir para o Carmelo. Desta vez, o Bispo estava mais tolerante e, diante da afirmativa da Irmã Lúcia, disse que, se fosse, seria para Fátima. A Irmã Lúcia argumentou que o Bispo do Porto, D. Agostinho, queria que ela ficasse no Carmelo do Porto.

Esse impasse, porém, seria resolvido por outra pessoa: Monsenhor Montini, futuro Papa Paulo VI e então secretário de Estado de Pio XII. Junto à imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, chegou a resposta do Papa, ou de seu Secretário de Estado.

No dia 5 de março, Lúcia foi novamente chamada ao Paço Episcopal. O Bispo do Porto havia recebido uma carta da Secretaria de Estado do Vaticano, assinada pelo Secretário do Papa, Monsenhor Montini, ordenando que facilitassem seu ingresso no Carmelo, não o de Fátima (como o Bispo queria), nem o do Porto, mas o de Coimbra.

A Irmã Lúcia via alguns atrativos nos outros Carmelos, como em Viana do Castelo, Porto e Fátima, mas Coimbra não lhe dizia nada, era simplesmente o desconhecido.

A situação era pesarosa, como descreveu a Irmã Lúcia:

> «Sim, Sr. Bispo, faço o que V. Ex.cias mandarem. Em Coimbra não conheço ninguém nem tinha nunca pensado nesse Mosteiro, mas lá terei também um Sacrário, e isso basta. O que é que agora não posso ir já. Por causa de um resfriamento, sobreveio-me uma infecção na boca, e diz o médico que tenho de arrancar os dentes todos. Já me tirou alguns, mas faltam ainda bastantes. Tenho por isso que terminar o tratamento antes de entrar. Entretanto

podemos tratar com o Carmelo e arranjar as coisas precisas para levar.»[44]

O Carmelo de Coimbra! Estava assim determinado o destino da Irmã Lúcia. No entanto, muitos mistérios ainda envolvem essa decisão final, tomada pelo então secretário de Estado do Vaticano e futuro Papa Paulo VI. Não é difícil supor que interesses maiores estavam movendo as peças nos bastidores.

Personalidades influentes nos meios políticos e eclesiásticos mostravam grande interesse na figura da Irmã Lúcia, buscando os benefícios que poderiam obter ao se aproveitarem de sua fama de santidade e de seu prestígio moral, amplamente reconhecido tanto em Portugal quanto internacionalmente. O que podemos afirmar é que a ordem para que a Irmã Lúcia iniciasse sua vida como freira Carmelita justamente em Coimbra, em um convento recém-reaberto, contrariava a lógica dos fatos. O mais previsível teria sido escolher um convento em Viana do Castelo ou no Porto, ou ainda, como última opção, o Carmelo de São José, em Fátima.

Contudo, como veremos, parece ter havido uma razão decisiva para a escolha de Montini: já havia, naquela ocasião, em Coimbra, um centro operacional do Opus Dei.

44. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 332.

CAPÍTULO VII

A terceira parte do Segredo é finalmente escrita

Em fins de 1943, a Irmã Lúcia encontrava-se enferma. Sua saúde frágil e seu abatimento visível faziam supor que ela logo morreria. Temendo que isso ocorresse, D. José Alves Correia da Silva deu-lhe ordem expressa para escrever a terceira parte do segredo. Ela, contudo, mesmo ciente de que não podia desobedecer à ordem de um superior, temia ou sentia repulsa em cumprir o que lhe fora ordenado. Ela registrou essa angústia em seu diário:

> «Apenas as forças me permitiram, quis escrever o que o Senhor Bispo me tinha ordenado, mas não sei explicar o que em mim se passava, tremia-me a mão e não conseguia formar as letras. Isto pode ter sido causado pela impressão que me fazia o ir escrever uma coisa contra as ordens de Nossa Senhora, embora por obediência. Intentei várias vezes, sem conseguir melhor resultado, o que me causou certa impressão. Escrevi ao Sr. Bispo de Leiria, dizendo o que me acontecia. Sua Excia respondeu, renovando a ordem já dada, em termos talvez mais expressivos, em carta de 16 de outubro de 1943. Depois de ter recebido esta carta, quis de novo escrever, mas ainda não o consegui.»[45]

Atormentada e sem poder resolver o dilema em que se encontrava, pois parecia que ainda aguardava uma resposta do Céu, a Irmã Lúcia sofria por não conseguir identificar a ordem de seus superiores com a vontade divina. Confusa, procurou a ajuda do Arcebispo de Valladolid.

45. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 264.

> «Esta ordem fez-me estremecer. O bom Deus deu-me ordem de não dizer a ninguém, e o seu representante manda-me que o escreva: uma verdadeira luta se trava no meu interior e eis porque eu desejava, antes que por escrito, pedir conselho e direção de palavra: quero obedecer e a isso estou resolvida, guiando-me pela fé. Parece-me que é o mesmo Deus que, por meio do seu Ministro, me dá esta ordem, mas uma dúvida permanece no meu espírito, não sei se penso bem e o temor de ir contra uma ordem de Deus me faz depor a pena. Três vezes já que nela peguei com o fim de escrever, não sei o que me passa, ponho-me a tremer e não sou capaz de escrever nada. Temo também já, que a demora na execução desta ordem seja uma falta de obediência. E o bom Deus agora guarda silêncio: parece que sou para Ele uma alma desconhecida: paciência: Ele sabe bem, que o meu único desejo é não o desgostar.»[46]

A resposta que recebeu foi para escrever novamente ao Bispo de Leiria expondo essa dificuldade. Assim, em 19 de dezembro, voltou a escrever para D. José Alves Correia da Silva:

> «Ainda não escrevi o que V.Ex.cia me mandou: já o intentei cinco vezes e não fui capaz; não sei o que é, no momento de pousar a pena no papel, põe-se-me a mão a tremer e não sou capaz de escrever letra alguma: parece-me que não é nervoso natural, porque no mesmo instante passo a escrever outra coisa diferente e tenho a mão firme.[47] Medo moral também me parece que não é, porque formei a consciência segundo a fé, crendo que é Deus por meio de V.Excia Rev.ma quem me manda.

46. Ibidem.

47. Veremos como sua mão se comportará de forma diferente, quase que por "vontade" própria quando esse impasse chegar ao fim, o que nos faz supor que o texto virá por inspiração Divina. (*Nota do Autor*)

> Não sei pois, que fazer. Mas na verdade isto causou-me uma tal impressão, que parece que até tenho medo de pegar na pena com esse fim: Mas, quem sabe, será o demônio que me queira impedir este ato de obediência? Mas eu quero obedecer, não quero dar a Nosso Senhor esse desgosto e por isso espero que se Ele o quer me dará a graça algum dia.»[48]

Lúcia parecia, assim, resolver o dilema de sua consciência, apresentando-nos um dado que nos salta aos olhos. Era como se dissesse ao Bispo de Leiria: "Quero e vou obedecer, mas quando o farei, será Deus a decidir". Em uma questão de tamanha gravidade, isso nos leva a refletir que, para Lúcia, a obediência a Deus precede todas as outras considerações. Evidentemente, o texto a ser redigido tratava de uma matéria de fé, ou de algo que, de alguma forma, tocava a fé, já que ela não cedeu. Em gratidão por uma carta de conforto que recebera, escreveu ao Arcebispo de Valladolid, Dom Antonio Garcya y Garcya:

> «(...) Já fiz o que me indicou, isto é, escrever a Sua Ex. cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria, dizendo o que me passa, ainda não tenho resposta, será o que deus quiser: não intentei escrever mais vez nenhuma que me fez tanta impressão, que parece que até tenho medo de pegar na pena com esse fim.
>
> Peço muito de coração a nosso bom Deus conceda a V. Ex.cia Rev.ma e a todas as almas que lhe estão confiadas as maiores graças e bênçãos do seu Divino Coração para o novo ano...»[49]

O ano chegou ao seu término sem que qualquer resposta viesse do Bispo de Leiria. Entretanto, a Irmã Lúcia continuava a nutrir certa ansiedade quanto à resolução do impasse. Foi nesse contexto que

48. *Um caminho sob o olhar de Maria*, carta de 19 de dezembro de 1943, p. 265.

49. *Um caminho sob o olhar de Maria*, pp. 265-266.

ocorreu o milagre por ela mesma narrado; a ordem celestial que tanto aguardava se manifestou.

> «Enquanto que esperava a resposta, no dia 3.1.1944, ajoelhei-me junto da cama que, por vezes, me serve de mesa para escrever, e de novo fiz a experiência, sem nada conseguir; o que mais me impressionava, era que no mesmo momento escrevia sem dificuldade qualquer outra coisa. Pedi então a Nossa Senhora que me fizesse conhecer qual era a Vontade de Deus. E dirigi-me para a capela, eram as 4hs da tarde, hora a que costumava ir fazer a visita ao Santíssimo, por ser a hora a que ordinariamente está mais só, e não sei porquê, mas gosto de me encontrar a sós com Jesus no Sacrário.
>
> Aí ajoelhei-me no meio, junto ao degrau da mesa da Comunhão e pedi a Jesus que me fizesse conhecer qual era a Sua Vontade. Habituada como estava, a crer que as ordens dos Superiores são a expressão certa da Vontade de Deus, não podia crer que esta não o fosse. E perplexa, meio absorta, sob o peso duma nuvem escura que parecia pairar sobre mim, com o rosto entre as mãos, esperava, sem saber como, uma resposta. Senti então, que uma mão amiga, carinhosa e maternal me *toca no ombro*[50], levanto o olhar e vejo a querida Mãe do Céu: "*Não temas, quis Deus provar a tua obediência,*[51] fé e humildade, está em paz e escreve o que te mandam, não porém, o que te é dado entender de seu significado". Depois de escrito, encerra-o num envelope, fecha-o e lacra-o e escreve por fora, que

50. Não obstante, parece ser essa a única ocorrência de tal fenômeno em todas as aparições de Nossa Senhora à Irmã Lúcia. Esse "toque" de Nossa Senhora pode ser interpretado como uma inspiração divina, a graça que Nossa Senhora lhe comunicou para que o texto permanecesse imaculado de erros. (*Nota do Autor*)

51. Obediência a Deus, não apenas aos seus ministros; de outra forma, essa permissão celestial não teria sido necessária. (*Nota do Autor*)

só pode ser aberto em 1960, pelo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa ou pelo Sr. Bispo de Leiria.»[52]

Podemos discernir com clareza duas questões cruciais nesta sequência final. Em primeiro lugar, havia um significado que a própria Lúcia compreendia, corroborado pela frase subsequente à segunda parte do segredo, conforme descrito na *Quarta Memória*: *"... Isto não o digas a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo."* Em segundo lugar, não lhe era permitido escrevê-lo, pois o texto a ser redigido necessitaria de uma explicação teológica, a qual não seria necessariamente fornecida pelo Papa. Isso pode esclarecer a dúvida crucial que abalava a Irmã Lúcia: o que ela deveria escrever, a visão ou o seu significado? Foi Nossa Senhora quem desfez esse dilema ao lhe dizer: *"Escreve o que te mandam, não porém, o que te é dado a entender de seu significado."*

O segredo, segundo a ordem expressa de Nossa Senhora, deveria ser revelado em 1960 pelo Patriarca de Lisboa ou pelo Bispo de Leiria. Por esta razão, a Irmã Lúcia encarregou-se de enviar o envelope exclusivamente a Dom José Alves Correia da Silva, que, por sua vez, só o remeteria à nunciatura de Lisboa em 1957, ano em que viria a falecer. O Bispo de Leiria, aguardando o ano de 1960 para abrir o envelope, manteve-o sob sua posse pessoal desde 1944. O relato da Irmã Lúcia prossegue:

> «E senti o espírito inundado por uma chama que se desprende, toca o eixo da terra, - Ela estremece: montanhas, cidades, vilas e aldeias com os seus moradores são sepultados. O mar, os rios e as nuvens saem dos seus limites, transbordam, inundam e arrastam consigo num redemoinho, moradias e gente em número que não se pode contar, é a purificação do mundo pelo pecado em que se mergulha. O ódio, a ambição provocam a guerra destruidora! Depois senti no palpitar acelerado do coração e no meu espírito o eco duma voz suave que dizia: No

52. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 266-267.

tempo, uma só Fé, um só Batismo, uma só Igreja, Santa, Católica, Apostólica. Na eternidade, o Céu! O Céu! Apenas passou a maior força do sobrenatural, fui escrever e fi-lo sem dificuldade, no dia 3 de janeiro de 1944, de joelhos apoiada sobre a cama que me servia de mesa.»[53]

Segue o texto da terceira parte do segredo, redigido nessa ocasião e revelado pelo Vaticano apenas no ano 2000:

«Escrevo em ato de obediência a Vós deus meu, que me mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e de Vossa e minha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo na mão esquerda; ao cintilar, despedia chamas que pareciam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contato do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos numa luz imensa que é Deus: "algo semelhante a, como se vêm as pessoas num espelho quando lhe passam por diante" um Bispo vestido de Branco "tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre". Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fora de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trêmulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegando ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros

53. *Um caminho sob o olhar de Maria*, pp. 267.

os Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas e várias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de várias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal na mão, neles recolhiam o sangue dos mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus.»

Tuy 3-1-1944

«A Irmã Lúcia após escrever o segredo, dobrou-o e o colocou dentro de um pequeno envelope e o guardou. No dia seguinte foi pedir à madre Superiora um pouco de lacre e o carimbo, como a madre Superiora lhe questionou a razão daquele pedido, Lúcia, não podendo lhe dizer a verdade, preferiu desistir por aquele momento. No entanto, fez uma visita ao Sacrário pedindo ajuda da Providência, pouco depois a Vice- Superiora foi à rouparia pedir-lhe que fosse à cozinha queimar alguns papéis que estavam em um cesto. Enquanto lançava os papéis ao fogo um a um para que tivesse certeza que todos seriam queimados, encontrou entre esses papéis, um pequeno pedaço de lacre, agradeceu a providência e foi pedir à Vice- Superiora permissão para colar um papel com ele, a Madre sorriu e consentiu: "E foi com ele que lacrei a carta". Escreveria Lúcia mais tarde, "Na verdade o fragmento era tão pequeno que para o derreter tive que pegar-lhe com os bicos de um alicate, mas, bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus. Renovei o meu Voto de Pobreza e agradeci ao Senhor ter-me dado mais esta ocasião de o praticar.»[54]

A Irmã Lúcia conservou o envelope sob sua guarda, aguardando um portador de confiança que pudesse levá-lo em segurança até o Bispo de Leiria. Suas preocupações não eram infundadas, pois o Bispo

54. *Um caminho sob o olhar de Maria*, pp. 273-274.

encontrava-se adoentado. Além disso, como sua autorização para escrever cartas era restrita aos domingos, Lúcia aguardou até o dia 9 de janeiro para informar ao Bispo a execução do que lhe fora ordenado.

> «Como já está chegando o dia 15, escrevo já, para que aí chegue a tempo com os meus humildes parabéns e pobres orações; estou preocupada a saúde de V. Ex. cia Rev.ma. Deus queira que esteja melhor e que se não venham a agravar mais os males, que o bom Deus se digne ainda atender-nos por misericórdia: Há poucos dias vou dizer isto, supondo que dou gosto a V.Ex.cia Rev. ma, tive ocasião de pedir à Nossa tão boa mãe do Céu, saúde e vida para V.Ex.cia Rev.ma e respondeu-me (vida sim, mas no Céu). Gosta, Senhor Bispo, da promessa? Eu fiquei tão contente; no Céu está a nossa dita a nossa felicidade eterna. Que bom, no Céu para sempre com Deus, no seu amor e na sua graça. Já escrevi o que me mandou; Deus quis provar-me um pouco mais, afinal era essa a sua vontade: está lacrado dentro d"um envelope e este dentro dos cadernos, se V.Ex.cia Rev.ma quiser que o mande, entrego-o ao primeiro portador de confiança que me apareça por cá, ou se V.Ex.cia o quiser mandar buscar a Valença, eu vou lá levá-lo, tenho receio de o mandar pelo correio com medo que se perca.»[55]

O segredo permaneceu cuidadosamente guardado pela Irmã Lúcia até o mês de junho, quando o Bispo de Gurza, Dom Manuel Maria, apresentou-se como a pessoa certa para assumir essa grave responsabilidade. Assim, o segredo finalmente alcançou seu destino: a nunciatura de Leiria.

Convém recordar que o envelope contendo o segredo chegou à Nunciatura Apostólica de Lisboa apenas em 1º de março de 1957, levado pelo Bispo auxiliar de Leiria, Dom José Pereira Venâncio. Dali,

55. *Um caminho sob o olhar de Maria*, p. 274.

foi finalmente enviado e depositado nos arquivos secretos do Santo Ofício em 4 de abril do mesmo ano.

Citaremos, ao máximo, os textos de "*Um Caminho Sob o Olhar de Maria*" para que o leitor possa acompanhar os fatos descritos de forma fidedigna, complementares ao seu diário (*Meu caminho*) ainda não publicado.

CAPÍTULO VIII

Uma síntese do momento político de Portugal e do modernismo no contexto das aparições de Fátima

O Cardeal Cerejeira sintetizou a história de Fátima em uma frase proferida em 31 de outubro de 1942: *"Sem a Igreja e contra o poder do Estado"*. Se compreendermos bem o que é o Estado moderno e, sobretudo, a Igreja que se consolidou após o Concílio Vaticano II, perceberemos que essa definição faz ainda mais sentido hoje do que na época em que foi proferida. Desde o início, Fátima foi alvo do chamado Livre Pensamento, ou seja, da Maçonaria, que dominava a República Portuguesa naqueles anos e era, evidentemente, o motor das perseguições anticlericais. Não por acaso, quase unanimemente, os chefes republicanos estavam filiados a essa sociedade. Contudo, como a Revolução avança em velocidades distintas para seus propagadores, havia entre eles alguns mais radicais do que outros, e foram esses que se opuseram mais virulentamente aos fenômenos da Cova da Iria. Nessa corrente mais anticlerical, destacavam-se as associações próximas ao Partido Republicano Português de Afonso Costa, então no poder. A Maçonaria logo passou a associar os fenômenos ocorridos na Cova da Iria, em Fátima, a um possível retrocesso àquela mentalidade popular de profunda religiosidade que a República estava determinada a extinguir.

Foi com esse espírito que o maçom administrador do Concelho de Ourém, Artur de Oliveira Santos, sequestrou os videntes no dia 13 de agosto, data prevista para a quarta aparição, com a intenção de submetê-los a exames médicos e interná-los em uma casa de educação, mantendo-os presos por dois dias. Durante os últimos meses das aparições, os maçons perpetraram toda sorte de depredações e atos blasfemos,

até que, finalmente, em dezembro, a Federação do Livre Pensamento e a Associação de Registro Civil de Lisboa realizaram uma conferência em Ourém e um comício na própria Cova da Iria para denunciar o que chamavam de "vil embuste de Fátima."

Outros maçons, no entanto, desaprovavam esses métodos, sobretudo porque o efeito era contrário ao desejado, aumentando ainda mais o fervor religioso dos fiéis, e chegaram mesmo a acusar os próprios "irmãos" de estarem colaborando para a propagação de Fátima. De fato, a perseguição teve esse efeito: pôs em causa a liberdade religiosa. Deste seguimento da maçonaria moderada surgiram os primeiros interesses políticos em Fátima, em oposição aos radicais do regime, embora essa simpatia pelos eventos de Fátima tivesse outras finalidades. Eis um fator importante que tem sido desprezado pela historiografia de Fátima: os maçons também precisavam de Fátima, mas à sua maneira, uns de uma forma, outros de outra. Em 1917, os maçons sentiam-se mais ameaçados pelo próprio regime do que por Fátima. A guerra forçara o regime a fazer concessões favoráveis à Santa Sé, a chamada "União Sagrada", na qual o governo aceitara a assistência religiosa em campanha, nomeando capelães militares. Outros rumores indicavam que o regime considerava restabelecer relações diplomáticas com a Santa Sé, o que poderia significar a revisão da "intangível" Lei da Separação. Havia, portanto, sinais claros de que o regime buscava, no mínimo, uma boa convivência com os católicos em tempos de privações. Contudo, para os maçons radicais, qualquer acordo com a Igreja era impensável, e por isso era absolutamente necessário demonstrar que Fátima era uma manifestação grosseira de uma fraude clerical para iludir o povo.

No entanto, a influência da maçonaria radical diminuía. O maior diário português, "O Século", causara grande sensação com a matéria de Avelino de Almeida sobre o dia 13 de outubro na Cova da Iria, que foi duramente atacada pelos maçons. Mas o que se passara na Cova da Iria durante o Milagre do Sol fez com que muitos maçons se convertessem, não à fé católica, mas à Fátima como um fenômeno de massas que a República nunca lograra ser. O materialismo cientificista daquela maçonaria deísta não era possível em Portugal; era preciso a espiritualidade

hermética de uma fé em algo além deste mundo. Nessa atmosfera, surgira o movimento intelectual republicano, a Renascença Portuguesa, que repudiava o egoísmo materialista, o cientificismo estreito e superficial do racionalismo visceral e anticlerical de parte da Maçonaria, passando a contemplar um novo espírito religioso que surgia na Europa.

No mês de dezembro de 1917, o poder do PRP, o Partido Republicano Português de Afonso Costa, desmoronou-se diante da sublevação militar comandada em Lisboa pelo major e professor universitário Sidônio Pais, que, embora fosse ateu, havia rompido com os radicais. Ele emendou a Lei da Separação, restabeleceu relações com o Vaticano e, como presidente da República, assistiu a Missas solenes em Lisboa. No entanto, o PRP retornou ao poder em 1919 e novamente investiu contra Fátima, outra vez com Artur de Oliveira Santos à frente da administração de Ourém. No entanto, a sua influência cairia nos anos seguintes, quando o presidente António José de Almeida (1919 –1923), com o apoio do novo líder do PRP e chefe do governo, António Maria da Silva, pôs fim à "guerra religiosa". Durante a década de 1920, a República buscaria fortalecer o sentimento patriótico em comum causa com o sentimento religioso. Mas a República maçônica não passava de uma falsa amiga de Fátima; seu propósito era defender o Livre Pensamento e a liberdade religiosa. Fátima seria um símbolo não das verdades católicas, mas da autodeterminação dos homens em buscar a fé que desejassem. Nesse sentido, o Estado Novo de Salazar, que viria depois, ao buscar uma maior aproximação com a doutrina social da Igreja reafirmada desde o Papa Leão XIII, seria mais verdadeiramente amigo de Fátima do que o Livre Pensamento maçônico.

Entretanto, as fissuras também se apresentavam nas muralhas da Igreja Católica desde que o pensamento liberal atingira em cheio a sua hierarquia. O chamado "Catolicismo Liberal", que, na verdade, era apenas uma roupagem católica para os ideais da Maçonaria, foi veementemente combatido pelo Papa Pio IX, custando-lhe a perda dos Estados Pontifícios a partir de 1870 e crescendo como um câncer até se transmutar naquilo que São Pio X chamaria de Modernismo. À medida que o século XIX findava, os liberais ascendiam aos mais elevados postos

da hierarquia católica. Em Portugal, não foi diferente. O fenômeno do "Catolicismo Liberal" dividiu a Nação e a própria Família Real. Havia clérigos maçons de alta influência sobre o governo português desde a Revolução Liberal do Porto de 1820, como o Arcebispo Marcos Pinto Soares Vaz. Em oposição a estes, o Clero Ultramontano procurava conter a influência maçônica sobre os destinos do povo português. O Catolicismo Liberal encontraria sua síntese final no movimento modernista de fins do século XIX.

J. Rivière, no artigo *"Modernisme"*[56], indicava as seguintes tendências que apareceram com mais ou menos vigor nos principais escritos modernistas:

> «A independência do trabalho científico, especialmente em exegese bíblica, em relação à autoridade da Igreja; o naturalismo que reduz a inspiração das escrituras a um fenômeno totalmente humano e nega a inerrância dos livros santos; o criticismo que tira a esses escritos seu valor histórico; o subjetivismo que faz da revelação uma simples percepção de nossa consciência; o pragmatismo religioso que não quer ver no dogma senão uma regra de conduta; o evolucionismo que, depois de ter negado a origem evangélica dos dogmas católicos, explica seu nascimento pela elaboração sucessiva da consciência cristã, princípio amplamente aplicado depois à Cristologia, à redenção, aos sacramentos em geral e a cada um deles em particular, assim como à constituição da Igreja e aos poderes do Papado; o relativismo, enfim, que nega o valor absoluto da revelação cristã e a submete a um processo evolutivo perpétuo.»

Se examinarmos detidamente cada um dos ingredientes assinalados no referido artigo, podemos concluir que podem ser reduzidos a quatro princípios que encontraremos em toda sua plenitude nas formas

56. Cf. Rivière — *Modernisme*, col. 2014-2015.

ideológicas mais comuns à nossa época: naturalismo, criticismo, subjetivismo e relativismo.

O naturalismo, o criticismo e o subjetivismo tomam toda a sua força do imanentismo idealista que, ao reduzir o conhecimento a uma tomada de consciência, introduz a realidade na intimidade da ação interior e a dilui nos movimentos do processo psíquico e lógico de nossa peculiar maneira de conhecer. Desta maneira, "o ser que se revela na consciência" perde sua estrutura inteligível transcendente e adquire as que são próprias do espírito finito, convertendo-se em fenômeno natural. Os atos cognitivos deixam de ser uma leitura das essências das coisas que permitem ao intelecto humano pôr-se em contato com o logos divino, e se convertem em simples fenômenos psicológicos onde o intelecto não encontra na realidade outra coisa que suas próprias projeções lógicas. Isso torna impossível o caminho natural do conhecimento de Deus e encerra a alma na solidão de seus sonhos pessoais. O universo deixa de ser um sinal, um *"sacramentum"*, e é apenas uma aparência que podemos modelar de acordo com as exigências de nossas necessidades práticas construtivas.

A consciência discorre no tempo e, na mesma medida em que age sobre a realidade, cria as condições de seu trânsito através dela. Por essa razão, a consciência é histórica e a história forma parte do ser que se revela. O historicismo será a forma mais moderna do subjetivismo e arrastará em seu decurso polifacético as múltiplas manifestações do espírito, que parecem expressar sua presença nos diversos símbolos que denotam as mudanças dialéticas operadas pela ação do homem sobre o mundo exterior. Por essa razão, cada época deve reiniciar sua interpretação do universo e dar uma resposta diferente à mensagem da religião.

Essa realidade fluida tem o sentido de nossa resposta criadora e se oferece à ação demiúrgica do homem, que vai adaptando-a, cada vez com maior perfeição, às exigências de suas necessidades vitais. Isso explica por que o evolucionismo historicista é também progressista e delata um processo de domínio técnico sobre o mundo físico, que se

projeta também sobre o homem e procura adaptá-lo às necessidades impostas pelo modelo social.

Essa dimensão coletiva do agir humano nos coloca frente ao último ingrediente que jaz no fundo da ideologia: o democratismo. Não se trata mais de educar a personalidade para desenvolver nela as condições de responsabilidade com respeito ao próximo, permitindo a instauração de uma ordem fundada no crescimento hierárquico da conduta moral. Trata-se, antes, de reduzir o repertório vital a um condicionamento de reflexos que faça possível a obtenção de um comportamento coletivo de bom rendimento. Nada de heróis nem de santos. Um manejo adequado dos movimentos fundamentais do baixo psiquismo permite ordenar as massas e fazê-las funcionar corretamente de acordo com o modelo.

Essa consistente análise dos fundamentos da doutrina dos modernistas se fez necessária para situarmos o leitor dentro da convulsão na qual a Igreja Católica se encontrava na primeira metade do século XX: exteriormente acossada pelas forças revolucionárias do liberalismo maçônico e do socialismo ateu e interiormente pelos modernistas. A situação em Portugal, de certa forma, refletia todos esses conflitos, mas, ao mesmo tempo, o que ocorrera na Cova da Iria dava um novo fôlego aos principais dogmas católicos, pois os confirmava plenamente.

Ademais, parte do clero português já assimilara os princípios modernistas e procurava conduzir os eventos de Fátima dentro de uma perspectiva de simples manifestação cultural, necessária para se opor ao crescente ateísmo emanado das forças revolucionárias. Nada disso era claro para a maioria das pessoas em 1917, mas as vozes mais coerentes percebiam os rumos que as coisas poderiam tomar. Foi por essa razão que a Igreja manteve cautela quanto aos fenômenos que ocorriam em Fátima. Os modernistas, contrários a milagres e manifestações sobrenaturais, logo se opuseram às aparições, aderindo aos radicais do Partido Republicano Português. No entanto, também havia modernistas menos radicais que viam com bons olhos essa explosão de "sentimento religioso", capaz de produzir o que eles chamavam de "alucinação coletiva", referindo-se ao milagre do Sol. Para eles, esse fenômeno seria a

confirmação da subjetividade religiosa e do imanentismo. Essa vertente seria vitoriosa na disputa por Fátima quando os modernistas alcançassem sua vitória durante o Concílio Vaticano II (1962 –1965).

Enquanto os inimigos da Igreja se avolumavam em um mundo de caos e ruínas, o conflito entre modernismo e ortodoxia se dava no interior da Igreja, porém veladamente. Os modernistas não ousavam aparecer claramente depois da condenação que sofreram por São Pio X, mas o caos geopolítico do mundo após a Primeira Guerra Mundial favorecia-os no campo das ideologias. Dois outros fatores se entrelaçaram a Fátima: a Revolução Comunista na Rússia e a Declaração Balfour (falaremos melhor disso mais adiante). A onda atroz comunista parecia querer devorar o resto da Europa durante as décadas de 1920 e 1930, e a Declaração Balfour de algum modo fazia crer que a guerra teria uma sequência. De fato, assim foi, porque aquilo que ficou garantido nessa declaração não foi plenamente atendido na Conferência de Versalhes de 1919. Dessa forma, o século XX iniciou-se nessa convulsão das próprias forças revolucionárias, a maioria contra a Igreja e o que ela representava, mas também, de certa forma, contra si mesmas. No Novo Estado, Fátima seria inimiga enquanto fenômeno consistente com as verdades reveladas e amiga quanto ao uso e proveito que se pudesse tirar de seus eventos. Dentro da própria Igreja, enquanto a ortodoxia compreendia e aceitava Fátima como manifestação de verdades transcendentes ao homem, os modernistas aceitavam-na como os maçons da Renascença Portuguesa, negando-a como verdade de fé, mas buscando adequá-la às suas próprias exigências. A fusão desse projeto se daria na vizinha Espanha, durante a Guerra Civil, que expôs o problema do avanço comunista anticlerical na Europa.

CAPÍTULO IX

Opus Dei

Josemaría Escrivá, o fundador do Opus Dei, nasceu em 9 de janeiro de 1902, em Barbastro, Huesca, na província espanhola de Aragão. Proveniente de uma família de classe média, seus pais residiam no número 11 da Praça Mercado, onde atualmente funciona um centro feminino do Opus Dei. Foi registrado como Josemaría Escrivá Escriba, fato omitido por muitos de seus biógrafos. Seu pai, Dom José Escriba, era comerciante de tecidos, e sua mãe, dona Dolores Albás. Escriba e Albás são nomes de origem judaica, e as mudanças de nome são uma constante na trajetória de Josemaría Escrivá, provavelmente para ocultar suas raízes judaicas. Em 1915, já aparece como Josémaria Escrivá, em 1940 acrescenta o sobrenome Balaguer, e em 1968 adquire o título de Marquês de Peralta. O título de Marquês, como dignidade, é pessoal e intransferível. O último Marquês de Peralta foi D. Tomás de Peralta, que recebeu o título diretamente do Arquiduque Carlos da Áustria; no entanto, morreu sem deixar herdeiros. Josemaría Escrivá, provavelmente, comprou o título de Marquês de Peralta.

"Aos 12 anos, Escrivá, devido a problemas financeiros da família, foi forçado a mudar de vida e de cidade. Em 1915 mudaram-se para Logroño. Após o nascimento do irmão em 1919, Escrivá no ano seguinte foi estudar pela Universidade Pontifícia em Saragoça. Em 1922, foi nomeado seminarista-Superior, nesse período passou a impor sobre si, uma rigorosa disciplina de privações e mortificações, como passar a noite a rezar na capela do seminário, a fazer jejum e penitência. Segundo L. Carandell, Escrivá teria sido expulso do seminário, provavelmente devido a esses exageros sem a supervisão de um diretor espiritual."[57]

57. *CARANDELL, Luis. Vida y milagros del beato Escrivá de Balaguer, fundador del Opus Dei.* 1975, *p.* 118.

Em 1924, foi ordenado subdiácono na Igreja de São Carlos. Concluídos os cinco anos de estudos eclesiásticos, foi ordenado padre em 28 de março de 1925. Dois dias depois, Escrivá celebrou sua primeira Missa pública na Catedral de Nossa Senhora del Pilar. Após obter o grau de Direito Canônico e Civil, foi para Madrid obter o doutorado em Direito Civil. É nesse período que Escrivá, segundo ele próprio, começa a ter suas experiências místicas, o que lhe daria a ideia definitiva de sua predestinação para o serviço de Deus. O fenômeno seguinte foi descrito por ele como um marco em sua vida: no dia 2 de outubro de 1928, encontrava-se ele em um retiro na residência central dos Padres de S. Vicente de Paulo, em Madrid, quando, após a Missa, recolheu-se ao quarto. Ao ouvir os sinos para as celebrações dos Anjos da Guarda, teve uma visão mística: milhões de almas elevando suas orações a Deus, em toda a face da Terra. Álvaro de Portillo, que foi confessor de Escrivá por 20 anos, diria depois que aquela visão era o Opus Dei *"como o Senhor queria e como veio a ser"*.

Escrivá estava com 26 anos, mas a partir desse dia passou a perseguir um projeto que acreditava ter-lhe sido revelado por Deus. No entanto, quase nada se sabe sobre esses primeiros anos da Obra; Escrivá sempre se referiu a eles como íntimos de sua alma. Somente em 1935 apareceu formalmente uma associação registrada com o nome de Opus Dei, que funcionou nos primeiros anos como algo à margem da Igreja Católica. O nome teria surgido por acaso, durante uma conversa em agosto de 1930 com o padre Jesuíta e seu confessor, Sánchez Ruiz, que lhe perguntou: *"Como vai essa obra de Deus?"*, que em latim significa *Opus Dei*.

Em 14 de fevereiro de 1930, em outra revelação divina, Escrivá compreendeu que precisava estabelecer uma seção para mulheres na Obra. Ainda em outra revelação, ocorrida em 1931, ao ler no Salmo II o verso que diz: *"Tu és meu filho, hoje Eu te gerei"*, concluiu ser ele de filiação divina. Entretanto, a República havia se instalado na Espanha, e não tardariam as primeiras perseguições comunistas à Igreja no país.

Foi nesse período que Escrivá escreveu um conjunto de notas a que chamou *Considerações Espirituais*, que seria a primeira versão de *O*

Caminho, o livro fundamental da Obra. Em 1933, fundou o primeiro centro da Obra, uma residência para estudantes universitários com o nome DYA (Direito e Arquitetura). De fato, havia algo nessa iniciativa que se assemelhava à Maçonaria, em termos de secretismo e iniciação, embora Escrivá afirmasse combatê-la. As iniciais DYA referiam-se ao lema de seus seguidores: "Deus e audácia".

Conforme o número de seguidores crescia, decidiu criar uma academia na rua Luchana; o local, no entanto, não se mostrou adequado. Convenceu sua mãe então a usar a herança recebida com a morte de um parente para obter uma propriedade em Madrid, na rua Ferraz. O local seria uma residência e uma Academia de Direito e Arquitetura. Segundo relatos, era comum ver manchas de sangue nas paredes do banheiro, devido às flagelações e mortificações que os membros impunham a si.

A Guerra Civil Espanhola o obrigou a fugir de Madrid. Durante cinco meses, fingiu ter problemas mentais e ficou escondido em um hospício de um amigo; mais tarde refugiou-se no Consulado das Honduras e, por fim, com um grupo de membros do Opus Dei, fez a travessia dos Pirineus para chegar à zona nacionalista que era segura.

Em 1939, após a vitória das tropas de Franco, finalmente sentiu-se seguro para retornar à capital espanhola para publicar "O Caminho" com suas 999 máximas. Não deixa de ser irônico o que se vê ao pôr-se de cabeça para baixo esse número. De qualquer forma, a Guerra Civil Espanhola atrasou seu projeto de expansão, como também a Segunda Guerra Mundial o faria. Escrivá dedicou-se a fortalecer a Obra dentro da Espanha. Porém, mesmo na Espanha, foi alvo de investigação do General Saliquet, pois havia uma denúncia contra ele ao Tribunal Especial para a Repressão da Maçonaria, visto que seus métodos de recrutamento eram bastante similares aos da dita sociedade.

Em 1941, conseguiu o apoio do Bispo Leopoldo Eijo y Garay, obtendo a primeira aprovação diocesana. Com seus 300 ou 400 membros, a Obra já podia aspirar a possuir seu próprio clero, pois era necessário para o caráter secretista e controlador da Obra que seus membros se confessassem exclusivamente com seus próprios padres.

Em 1943, surgiu finalmente a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. Três jovens engenheiros foram ordenados, iniciando o clero interno do Opus Dei: Álvaro de Portillo, Josémaria Hernández de Garnica e José Luiz Múzquiz. Nesse mesmo ano, sob a influência de Giovanni Battista Montini (futuro Papa Paulo VI), então secretário de Estado do Papa Pio XII, o Vaticano aprovou finalmente a Obra como instituto de vida comum sem votos. Em 1946, Escrivá mudou-se para Roma, onde pôde encontrar-se finalmente com Montini, selando uma profunda amizade. Montini estava convicto do grande potencial da Obra e era um leitor entusiasta de "O Caminho". Escrivá passou a atuar de forma efetiva nos bastidores da Santa Sé, junto à ala mais progressista e a setores ligados à *Nouvelle Théologie*; começava-se aí, em fins de 1946, a se desenhar o futuro Concílio. Álvaro de Portillo iniciou sua carreira na Cúria do Vaticano, onde permaneceu até suceder Escrivá em 1975.

Em 1948, a Obra estava se expandindo rapidamente de Roma para o mundo. Escrivá tratou de viajar pelo mundo para cuidar pessoalmente disso. Nesse mesmo ano, abriu o Colégio Romano de Santa Cruz e, em 1952, fundou a Universidade de Navarra, em Pamplona, que seria a base principal das obras corporativas da Obra, organismos criados por seus membros e por ela apoiados.

Já em 1947, o Opus Dei era provisoriamente um instituto secular, uma associação de leigos católicos, estatuto aprovado definitivamente pela Santa Sé em 1950 e que, no entanto, era regido por constituições secretas escritas em latim, posteriormente traduzidas para o espanhol.

O Papa João Paulo II, em 1982, elevou o Opus Dei ao status de Prelazia Pessoal, transformando a Obra em uma espécie de diocese independente de caráter mundial, com clero próprio, leigos católicos e de outras religiões. Desde 1950, o Cardeal Agostine Bea autorizou o Opus Dei a receber como associados ou cooperadores pessoas de qualquer religião. A partir de 1982, passou a basear-se exclusivamente num novo Código de Direito chamado *Codex*, cujo texto define todas as questões relativas à Obra, desde sua natureza, a entrada e saída dos fiéis, a integração dos sacerdotes, a formação doutrinal dos membros, até a estrutura de governo.

CAPÍTULO X

Opus Dei em Portugal

Até este ponto, fizemos um breve resumo da história do Opus Dei e de seu fundador. Não é o escopo desta obra aprofundar-se nos aspectos mais íntimos da organização; o que nos interessa são as intrigantes "coincidências" que envolveram a Irmã Lúcia no início das atividades do Opus Dei em Portugal. Segundo os historiadores da Obra, são notáveis os fatos que a cercaram até seus votos como carmelita descalça e seu ingresso no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra — a mesma cidade onde o Opus Dei deu seus primeiros passos em território português.

Em janeiro de 1944, a Irmã Lúcia escreveu a terceira parte do segredo de Fátima. Meses mais tarde, entre junho e outubro daquele ano, o Opus Dei iniciou suas primeiras atividades em Portugal. Desde então, a organização começou a estabelecer-se discretamente no país, particularmente em Coimbra, valendo-se de estratégias que envolviam os meios universitários, de forma semelhante à penetração maçônica na época do Marquês de Pombal.

Três bolseiros da Universidade de Madrid concluíram seus doutorados em Coimbra nesse período, mas também lá prepararam o terreno para a expansão da Obra, cultivando amizades que seriam decisivas. Entre as figuras relacionadas a essa expansão estava Alberto Cosme do Amaral: "O primeiro religioso português a integrar essa ordem... veio a ser bispo de Leiria-Fátima de 1972 a 1993..."[58]

Um desses bolseiros era Laureano Lopez Rodó, que, em 1957, seria ministro do sexto governo de Franco. Ele desenvolveu amizade com

58. *ANTUNES, José Freire (dir.). Opus Dei em Portugal: o testemunho de 50 homens e mulheres.* Edeline, 2002, pp. 60-62.

Marcelo Caetano e Guilherme de Braga da Cruz, que mais tarde se tornariam cooperadores da Obra.

Rodó, então com 24 anos, tornou-se figura-chave para o estabelecimento do primeiro numerário espanhol da Obra a se fixar em Portugal, facilitando a vinda de outros membros para Coimbra. Um deles, escolhido pessoalmente por Escrivá, durante um retiro em Montevidéu, foi um farmacêutico chamado Francisco Martinez Garcia.

Martinez Garcia chegou a Portugal no dia 5 de fevereiro de 1946, hospedando-se no Hotel Avenida, em Coimbra, até que o Opus Dei arrendasse um apartamento. Em outubro, começou a funcionar o primeiro centro universitário da instituição em Portugal, conhecido como "A residência universitária de Montes Claros", com o apoio e bênção do bispo local. Não é absurdo presumir que havia algo no horizonte relacionado à Irmã Lúcia, já imediatamente após a guerra.

Além de Martinez Garcia, outros cinco numerários vieram para Coimbra: Luis Alfonso Barturen Y Palácios, de origem cubana, e os espanhóis Francisco Xavier de Ayala Delgado, Andrés Leon D. Campos Mosquera, Josémaria Figuerola Rebull e Gregório Ortega Pardo. Em cinco anos de operações, o Opus Dei estabeleceu-se também em Lisboa, em 1951. Segundo os historiadores oficiais da Prelatura, a Irmã Lúcia teria contribuído para que a instituição se instalasse em Portugal. É possível que os fatos a seguir descritos tenham ocorrido, ao menos parcialmente, embora não conste nada sobre isso nos diários da Irmã Lúcia.

No início de fevereiro de 1945, Escrivá esteve em Tuy. Segundo os historiadores oficiais do Opus Dei, ele visitou a cidade apenas para cumprimentar seu amigo, o bispo Dom José Lopez Ortiz, nomeado em setembro do ano anterior. Hospedou-se no paço episcopal onde estava o bispo, que, coincidentemente, lhe perguntou se não gostaria de conhecer a Irmã Lúcia, então irmã Dorotéia em Tuy e reclusa desde 24 de outubro de 1925. Ela permaneceria lá até 1946, quando retornou a Portugal. Era óbvio que Escrivá estava ali para isso. Imediatamente, o bispo ligou para o convento, falando diretamente à superiora: *"Pode*

trazer-me uma rosa?", o código para se referir à Irmã Lúcia. A superiora pediu à Lúcia que fosse ao paço episcopal.

Repare o leitor em duas coisas importantes: primeiro, o segredo já estava escrito; segundo, como as coisas mudariam drasticamente a partir de 1949. Um procedimento tão simples para falar com a Irmã Lúcia seria impossível em Coimbra.

Em entrevista à Rádio Renascença, em 6 de outubro de 2002, Dom Alberto Cosme do Amaral, prelado do Opus Dei e bispo de Leiria-Fátima, disse:

> «Ela (Irmã Lúcia) pediu ao padre Josemaría Escrivá que viesse a Portugal fundar a Obra. De maneira que ela esteve no início da fundação da Obra em Portugal.»

Escrivá respondeu que gostaria, mas, nem ele nem Portillo, possuíam passaportes.

> «Pedi-lhe para vir a Portugal fundar a Obra, mas ele não tinha passaporte, e eu consegui um jeito para que tudo se resolvesse e pudesse vir a Fátima.»

Segundo palavras da Irmã Lúcia, relatadas por Dom Alberto Cosme do Amaral anos mais tarde, o que teria ocorrido foi que a Irmã Lúcia pegou o telefone, fez uma ligação para um contato em Lisboa, e tudo se resolveu.

Ainda sobre essa conversa, Dom José Lopez Ortiz relatou o seguinte:

> «Entre outras coisas, disse-lhe mais ou menos: *Irmã Lúcia, tendo em conta tudo o que dizem de si e de mim, se ainda por cima formos para o inferno...*! O padre contou-me que a Irmã Lúcia ficou pensativa e disse, com grande simplicidade: *É verdade, tem razão. Josemaría ficou muito satisfeito ao comprovar sua humildade.*»[59]

59. ORTIZ, José Lopez. *Josemaría Escrivá — testemunhos*. Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1992, p. 94.

Tendo em vista que essa foi uma conversa privada — porque o bispo diz no relato: "*... O padre contou-me...*" — e esse "estranho diálogo" descrito acima, nosso parecer é que o encontro ocorreu, mas o conteúdo da conversa é impossível de se afirmar. Hugo Azevedo, em seus livros *Primeiras viagens de Josemaría Escrivá a Portugal* (1945), refere que o padre Luís Kondor, vice-postulador em Portugal da causa dos Beatos Francisco e Jacinta, lhe contou que a Irmã Lúcia havia revelado que, "*enquanto residia em Tuy, possuía um visto do governo português, permitindo-lhe passar a fronteira quando quisesse e com quem quisesse*". Hugo Azevedo explica ainda que uma amiga da Irmã Lúcia, chamada Maria Eugênia Pestana de Vasconcelos, lhe garantiu que a religiosa "*telefonara diretamente para o Presidente do Conselho*". No entanto, não é possível atestar a veracidade dessas informações.

Ainda em 1944, o Opus Dei buscava reunir os apoios eclesiásticos necessários para obter a aprovação oficial da Santa Sé. Escrivá tinha em vista o mais novo cardeal da época, Manuel Gonçalves Cerejeira, nomeado por Pio XI em 1929 e então patriarca de Lisboa. Para estabelecer contato, Escrivá escolheu Amadeo Fuenmayor, catedrático de Direito Civil de Santiago de Compostela e membro do Opus Dei. Em março daquele ano, Fuenmayor viajou a Portugal para palestrar na Semana Jurídica Espanhola, nas faculdades de Direito de Lisboa e Coimbra. Escrivá o encarregou de solicitar um encontro com o cardeal Cerejeira, mas com a orientação de mencionar sua ligação à Obra somente durante a conversa. Esse encontro foi determinante para que Escrivá fosse bem recebido pelo cardeal.

Embora o encontro com a Irmã Lúcia não tenha tido relevância direta para esse propósito, Escrivá desejava que se criasse essa impressão. Sua entrada no Patriarcado de Lisboa ocorreu em 7 de fevereiro de 1945, poucos dias após sua visita à Irmã Lúcia, o que sugere que o encontro com o cardeal Cerejeira já havia sido previamente planejado com a ajuda de Fuenmayor.

Durante sua visita aos pais de Jacinta e Francisco, em Aljustrel, no dia 6 de fevereiro de 1945, Escrivá posou para uma fotografia junto a Álvaro del Portillo, ao bispo de Tuy, José Ortiz, e ao padre Galamba.

Mais tarde, ele comentaria: *"As portas de Portugal nos foram abertas pela Virgem, pelas mãos da Irmã Lúcia"*. Escrivá sabia construir uma narrativa histórica.

No entanto, estaria a Irmã Lúcia disposta a participar de uma narrativa fabricada sobre o ingresso do Opus Dei em Portugal? Escrivá, sem dúvida, aproveitava-se da notoriedade das revelações de Fátima para validar espiritualmente, junto ao clero português, seus projetos, que claramente não se limitavam ao campo religioso. Seu objetivo principal era o período pós-Salazarismo. De um jeito ou de outro, a Irmã Lúcia acabaria sendo uma cooperadora nesse processo.

As relações entre o Estado português e a Igreja Católica melhoraram significativamente no pós-guerra. Contudo, tanto os políticos quanto o clero mais progressista viam essa aproximação com desconfiança, acusando Salazar de submeter-se à autoridade da Igreja em um momento em que outros chefes de Estado seguiam na direção oposta. Para compreender o papel desempenhado pelo Opus Dei em Portugal, é necessário entender o contexto do pós-guerra e o jogo de forças em andamento. Salazar só conseguiu perceber a amplitude dessas movimentações tarde demais, tanto para ele quanto para a Igreja que buscava proteger. O Tribunal de Nuremberg havia estabelecido uma nova jurisprudência internacional, e, implicitamente, a Igreja Católica também parecia estar no "banco dos réus" durante a Conferência de Seelisberg, na Suíça, em 1947 (tema que será explorado mais adiante).

Josemaría Escrivá parecia plenamente consciente das mudanças em curso e da importância de garantir o êxito de seu projeto. Para isso, precisava conquistar o apoio da parte mais refratária do clero português, em especial o cardeal Cerejeira, que contava com o presidente Salazar como grande aliado.

Para compreender o papel de Fátima e da Irmã Lúcia nesse drama, é preciso voltar ao ano de 1946, marco da internacionalização do Opus Dei. Nesse momento, a organização buscava angariar o apoio necessário do clero português para obter o reconhecimento oficial do Vaticano

sob Pio XII. Estabelecer uma relação sólida com o cardeal Cerejeira era crucial para esse objetivo.

Já vimos como, segundo os historiadores do Opus Dei, o "apoio" da Irmã Lúcia foi considerado importante naquela ocasião. Agora, precisamos compreender as circunstâncias em que a Irmã Lúcia ingressou no Carmelo de Coimbra, em 1948, um período marcado por eventos paralelos de grande relevância. Uma ameaça crescente pairava sobre a Igreja, impulsionada por forças internacionais e por um clero progressista que buscava livrar-se da chamada Igreja "triunfalista" da era do Concílio de Trento.

Naquele ano, o Carmelo de Santa Teresa, recém-reaberto, estava sob a jurisdição e autorização expressa do Santo Padre, por meio de Montini, então secretário de Estado. Esse fato possibilitou o ingresso da Irmã Lúcia sem a necessidade de votação do Capítulo, procedimento habitual em comunidades religiosas. Não houve sequer uma ata capitular registrando a sua entrada; bastou um comunicado do bispo de Coimbra, Dom Antonio Antunes, enviado à madre prioresa.

A rapidez com que tudo foi organizado surpreendeu a Irmã Lúcia. Ao ser informada de que ingressaria no Carmelo no dia 25 de março, questionou: *"Mas assim tão rápido? Assim a meio tratamento da boca?"* Ela havia acabado de extrair dois dentes quando recebeu a notícia. Tanto os bispos quanto a direção do Carmelo trataram de tudo sem que a candidata conhecesse a comunidade, nem que a comunidade tivesse qualquer contato prévio com ela — algo extremamente raro. Em casos como esse, costuma haver ao menos uma troca de correspondência, o que não aconteceu.

A informação de que a Irmã Lúcia tratava de uma séria enfermidade bucal, que a obrigava a extrair todos os dentes, aparentemente não chegou à madre prioresa. No dia 24 de março, um dia antes de sua entrada, foi informado que ela não vestiria o hábito imediatamente, pois seria necessário confeccionar um novo. O Carmelo, por ser recente e pobre, não dispunha de recursos, fato que causou surpresa ao prelado, que já havia disponibilizado todo o necessário para essa finalidade.

Nessas circunstâncias, no dia 25 de março, a Irmã Lúcia ingressou no Carmelo de Santa Teresa, usando apenas um véu e um simples vestido preto, o mesmo que usara durante seu tempo como educanda em Vilar. Despojada de tudo, ela entrou no Carmelo no mesmo dia litúrgico de seu nascimento: Quinta-feira Santa e dia da Anunciação do Senhor.

Dois anos depois, em 16 de junho de 1950, Pio XII finalmente aprovou o Opus Dei como instituto secular, conferindo-lhe o status de uma associação de leigos católicos. Com essa aprovação, a organização deixava de depender das igrejas locais e passava a estar juridicamente submetida apenas à Santa Sé. O Opus Dei, então, experimentou um crescimento vertiginoso, quadruplicando rapidamente o número de seus centros em diversos países da Europa, América e África.

Em Portugal, especialmente em Lisboa, o rápido crescimento da organização trouxe desconforto ao cardeal Cerejeira, que se sentiu pessoalmente ameaçado. No fundo, tratava-se mais de uma questão de poder do que de ortodoxia. Durante a década de 1950, o Opus Dei consolidava sua presença no país e planejava abrir um terceiro centro na capital. Contudo, em 16 de setembro de 1957, o cardeal Cerejeira, ciente dos potenciais problemas que essa expansão poderia lhe causar, escreveu a Josemaría Escrivá solicitando que desistisse do projeto, alegando que não havia necessidade de mais um centro em Lisboa.

Escrivá, ignorando os apelos do cardeal, recorreu diretamente à Santa Sé, que lhe deu ganho de causa. Seu prestígio junto à Secretaria de Estado do Vaticano pesou na decisão, determinando que o Opus Dei não estava sujeito ao clero português. Esse episódio marcou profundamente as relações entre ambos: o cardeal Cerejeira passou os 15 anos seguintes sem dirigir a palavra a Josemaría Escrivá.

CAPÍTULO XI

Os Papas antes do Concílio Vaticano II e Fátima

Desde o século XIX, o liberalismo provocou fraturas irreparáveis na Igreja, especialmente em Portugal, onde a instituição gradualmente submeteu-se ao Estado, adquirindo um caráter quase equivalente ao de um funcionalismo público. Apesar das dificuldades enfrentadas pelo clero português, o marianismo no país fortaleceu-se nesse período, com destaque para a devoção ao Imaculado Coração de Maria como fonte de reparação pelos pecados e ofensas cometidos contra a Santíssima Virgem. Essa devoção foi ainda mais favorecida pela proclamação do dogma da Imaculada Conceição, realizada pelo Papa Pio IX em 8 de dezembro de 1854. Em Fátima, portanto, observa-se uma continuidade das devoções reparadoras a Nossa Senhora.

Leão XIII, por sua vez, intensificou a devoção a Nossa Senhora do Rosário, consagrando o mês de outubro a essa prática por meio da encíclica *Supremi Apostolatus Officio*, de 1º de setembro de 1883.

"As Aparições de Fátima ocorrem justamente em um período de ruptura entre o Estado e a Igreja em Portugal, consolidada pela Lei da Separação das Igrejas do Estado em 20 de abril de 1911, sob a alçada de Afonso Costa. A maçonaria pretendia fazer a Santa Sé desaparecer como uma potência reconhecida como sujeito de direito público internacional".[60] Para tanto, era necessário destruir qualquer forma de devoção ou piedade entre os portugueses. Entretanto, Fátima surgiria como um poderoso obstáculo a esse projeto.

Em resposta a essa Lei de Separação, São Pio X condenou-a veementemente através da encíclica *Iamdudum in Lusitania*, classificando-a

60. REIS, Bruno Cardoso. "Portugal e a Santa Sé no sistema internacional (1910-1970)". Análise Social, n. 161, vol. XXXVI, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2002, p. 1023.

como perniciosa e prejudicial. No entanto, o episcopado português, alinhando-se à política de *ralliement* proposta por Leão XIII, dirigiu-se ao povo em 1913, incentivando sua participação ativa na vida política do país. Foi nesse contexto que se formou a União Católica, que, em 1915, conseguiu eleger dois padres como parlamentares. Todavia, o objetivo dessa iniciativa não era contestar o regime republicano, mas apenas opor-se ao seu caráter laicista e anticatólico — um posicionamento que, por si só, já representava uma derrota para a Igreja.

O início da Primeira Guerra Mundial, de certa forma, suavizou os conflitos internos em Portugal entre a Igreja e a República. A Igreja, em sua política de *ralliement*, buscava coexistir com o regime republicano, enquanto o Estado, necessitando do apoio da Santa Sé para enfrentar as privações da guerra, mostrava-se mais conciliador, mesmo em detrimento das associações anticlericais.

Durante as aparições de Fátima, esse cenário refletia a condição do mundo como um todo: tanto o Estado quanto as autoridades da Igreja estavam equivocados. O Estado, por buscar eliminar o catolicismo de sua história; e as lideranças eclesiásticas, por tentarem integrar-se ao regime em nome de uma suposta liberdade religiosa. Entre o radicalismo de um e a tibieza do outro, ambos acabavam por perder algo. Porém, ao fim, a República sairia vitoriosa, apropriando-se daquilo que julgava necessário para consolidar seu poder.

O Papa Bento XV dirigiu uma encíclica aos católicos portugueses, exortando-os à obediência ao Estado republicano, como uma espécie de reconhecimento pela suspensão da Lei de Separação. No âmbito pastoral, essa medida teve desdobramentos significativos, como a restauração de algumas dioceses. Entre elas, destaca-se a Diocese de Leiria, restabelecida em 17 de janeiro de 1918 por Bento XV, tendo como administrador apostólico o Cardeal Dom António Mendes Belo, Patriarca de Lisboa.

Em 5 de agosto de 1920, Dom José Alves Correia da Silva, nomeado bispo em 15 de maio daquele ano, assumiu a Diocese de Leiria. Foi ele quem determinou a aquisição dos terrenos onde ocorreram as aparições

na Cova da Iria. Em 14 de setembro, concretizou-se a escritura de compra e venda desses terrenos, adquiridos com o dinheiro doado pelos peregrinos.

Em 1919, construiu-se a pequena capela, conforme o pedido de Nossa Senhora na aparição de agosto: *"Façam aqui uma capelinha"*. Sem qualquer bênção formal e por iniciativa de uma comissão de paroquianos de Fátima, a capelinha foi inaugurada nesse mesmo ano.

A gripe pneumônica atingiu Portugal em 1918 e, pouco tempo depois, vitimou os dois videntes mais jovens de Fátima: Francisco Marto, falecido em 4 de abril de 1919, e Jacinta Marto, em 20 de fevereiro de 1920. Em 13 de maio de 1920, Gilberto Fernandes dos Santos, devoto da Virgem, ofereceu a primeira imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, esculpida pelo santeiro José Ferreira Thedim. A imagem foi benzida na sacristia da Igreja Paroquial de Fátima nesse mesmo dia. Mais tarde, a Irmã Lúcia confirmaria que Nossa Senhora voltou a falar-lhe na Cova da Iria em 15 de junho de 1921, cumprindo a promessa: *"Depois voltarei aqui uma sétima vez"*. Esse evento foi decisivo para que ela aceitasse a proposta de Dom José Alves Correia da Silva de ingressar no Asilo de Vilar, no Porto, sob os cuidados das irmãs Dorotéias.

Finalmente, em 13 de outubro de 1921, Dom José Alves Correia da Silva autorizou a celebração da primeira missa na capela recentemente erguida, inaugurando, assim, o culto público a Nossa Senhora na Cova da Iria. No início do ano seguinte, em 22 de janeiro de 1922, faleceu o Papa Bento XV. Seu sucessor, Ambrogio Damiano Achille Ratti, foi eleito Papa Pio XI. Poucos meses depois, em 6 de março de 1922, a pequena capela foi dinamitada com quatro bombas, sendo que uma quinta, colocada junto ao que restava da azinheira, não explodiu. Esse ato, possivelmente perpetrado por livres-pensadores insatisfeitos com o rumo dos acontecimentos, reforçou o caráter sobrenatural das aparições.

Finalmente, em 3 de maio de 1922, Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, publicou uma provisão nomeando uma comissão de peritos para analisar os eventos ocorridos na Cova da Iria em 1917. Esse foi o início do processo canônico diocesano para a averiguação

dos acontecimentos de Fátima. A reconstrução da capelinha intensificou as peregrinações ao local, levando alguns historiadores a afirmar que as perseguições republicanas apenas reforçaram a divulgação de Fátima, tornando-a, em pouco tempo, um fenômeno mundial. Ainda nesse ano, a pedido de Dom José Alves Correia da Silva, Lúcia escreveu o primeiro relato das aparições e, no dia 13 de outubro, teve início a publicação do jornal mensal *Voz da Fátima*, uma importante fonte de informação sobre os acontecimentos subsequentes, difundida em escala nacional e internacional.

Foi em dezembro desse mesmo ano que ocorreu a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), um regime ateísta que parecia expandir-se pelas ideias do leste europeu e que não tardaria a chegar ao coração da Europa e à vizinha Espanha. A comissão canônica, constituída pelo Bispo de Leiria, fez seu primeiro interrogatório à vidente Lúcia em 13 de janeiro de 1923 e, posteriormente, em 8 de julho de 1924, no Asilo das Dorotéias, em Vilar. Em 1924, foi instituída a Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, presidida pelo Bispo de Leiria, cuja principal função era o apoio aos peregrinos que chegavam à Cova da Iria em número cada vez maior.

Em 10 de dezembro de 1925, Lúcia, já como postulante da Congregação de Santa Dorotéia, em Pontevedra, teve uma visão do Menino Jesus e de Nossa Senhora com o coração cercado de espinhos, o que marcou o início das revelações complementares, chamadas por muitos autores de *Fátima II*. Nessa aparição, Nossa Senhora pediu a devoção reparadora dos cinco primeiros sábados seguidos: *"Prometo assisti-los na hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação de suas almas."* Lúcia ganhava cada vez mais importância no contexto das aparições, devido à continuidade das mensagens recebidas do céu. De fato, uma nova aparição ocorreu em Pontevedra em 15 de fevereiro de 1926, na qual Jesus pediu que Lúcia revelasse ao mundo o que Nossa Senhora havia solicitado. Essa aparição foi relatada em fins de 1927, segundo Lúcia, por ordem de Jesus e com a autorização de seu confessor.

Já no início de 1927, a Santa Sé, por meio da Sagrada Congregação dos Ritos, concedeu permissão para que se celebrasse na Cova da Iria uma missa votiva de Nossa Senhora do Rosário, o primeiro sinal de que a Santa Sé estava atenta aos acontecimentos em Fátima.

Foi em 26 de junho de 1927 que o Bispo de Leiria presidiu, pela primeira vez, uma cerimônia oficial na Cova da Iria. Poucas semanas depois, em 13 de julho do mesmo ano, nomeou um capelão residente para o local, o padre Manuel de Souza, cuja principal atribuição era atuar como *mestre de obras*, especialmente na construção da grande igreja que viria a ser a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Também foi concedida a presença contínua do Santíssimo Sacramento na Cova da Iria, consolidando ainda mais o santuário como centro de devoção.

O ano de 1929 foi crucial para a consolidação de Fátima e sua aceitação pela Santa Sé. Em 9 de janeiro, o Papa Pio XI recebeu os alunos do Pontifício Colégio Português em Roma e lhes ofereceu estampas com referência a Nossa Senhora de Fátima, contendo a inscrição: *"Mãe Clementíssima, salvai Portugal."* Esse gesto indicava uma aprovação implícita do Papa às aparições, pois as referidas estampas traziam a novena à Virgem do Rosário de Fátima, editadas pelo Apostolado da Imprensa com o *Imprimatur* do Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva. É importante destacar esses fatos, pois, até essa data, as aparições ainda não haviam sido oficialmente reconhecidas.

Vale ressaltar também que foi em 1929 que a Santíssima Virgem, em uma nova aparição ocorrida em 13 de junho, em Tuy, fez um pedido explícito ao Papa para a consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração:

> «É chegado o momento em que Deus pede ao Santo Padre que faça, em união com todos os bispos do mundo, a consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por esse meio. São tantas as almas que a justiça de Deus condena por pecados cometidos contra Mim, que venho pedir reparação: sacrifica-te por essa intenção e ora.»

Essa revelação complementar foi tornada pública pouco tempo depois, quando a Irmã Lúcia, a pedido do Bispo de Leiria, redigiu suas memórias sobre os acontecimentos de Fátima. Em 13 de abril de 1930, a Comissão Canônica Diocesana apresentou, enfim, o relatório oficial sobre as aparições. No entanto, apenas em 13 de outubro do mesmo ano, o Bispo de Leiria se pronunciou oficialmente, publicando uma carta pastoral na qual, dirigindo-se aos seus diocesanos, declarou: "*Como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta diocese, nos dias* 13 *de maio a outubro de* 1917," permitindo, assim, o culto público a Nossa Senhora de Fátima.

Era evidente que o Bispo de Leiria já se mostrava favorável às aparições, tanto que havia autorizado a construção da igreja no local onde elas ocorreram. Contudo, aguardou a conclusão do relatório da Comissão Canônica para tornar pública a aceitação oficial da Igreja.

Por outro lado, é notável que, até 1929, não se encontra nenhum registro explícito mencionando o comunismo, mas apenas referências aos "erros da Rússia" e ao pedido de consagração daquela nação ao Imaculado Coração de Maria. No entanto, com a queda da ditadura espanhola em janeiro de 1930 e a subsequente proclamação da República em abril, o avanço do anticlericalismo na Espanha gerou um temor legítimo de que a revolução bolchevique se espalhasse até Portugal. Diante desse cenário, o Cardeal Cerejeira pronunciou-se, em 13 de maio de 1931, com as seguintes palavras:

> «Nós, pontífices do nosso povo, sentimos rugir em torno de nós a procela temerosa, que ameaça dispersar e perder o rebanho fiel dos que vos bendizem por serdes Mãe de Jesus, e aflitos erguemos para o Vosso Filho as mãos suplicantes, gritando-Lhe: "Salva-nos, Senhor, que perecemos!"
>
> Intercedei por Portugal, Senhora, nesta hora gravíssima, em que sopram do Oriente ventos furiosos, trazendo gritos de morte contra o Vosso Filho e contra a cultura fundada sobre os Seus ensinamentos, desvairando

> as inteligências, pervertendo os corações e inflamando o mundo em chamas de ódio e revolta. Socorro dos cristãos, rogai por nós!»

No décimo quarto aniversário das aparições, em 13 de maio de 1931, o episcopado português realizou a primeira consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, sob a presidência do Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. Esse ato teve um caráter de salvação nacional e de reparação, especialmente diante dos eventos sombrios que se desenhavam na Europa.

Consciente do perigo crescente, o Papa Pio XI denunciou vigorosamente os regimes fascista, nazista e o comunismo ateu. Em 29 de junho de 1931, por meio da encíclica *Non Abbiamo Bisogno*, condenou o regime fascista italiano, deixando claro que a Igreja jamais aceitaria submeter-se inteiramente ao Estado. Em 1937, com a encíclica *Mit Brennender Sorge* (*Com Ardente Preocupação*), denunciou a perseguição nazista aos católicos alemães e condenou o culto ao Estado e à Raça como formas de idolatria incompatíveis com a fé católica. No mesmo ano, em 19 de março, publicou a encíclica *Divini Redemptoris*, na qual condenava o comunismo ateu. Enquanto isso, o liberalismo, já condenado desde Gregório XVI, e o modernismo, condenado por São Pio X, continuavam a exercer influência crescente sobre o mundo na mesma década.

No mesmo espírito, em 10 de novembro de 1933, Pio XI enviou uma carta ao Cardeal Patriarca de Lisboa, referindo-se a Nossa Senhora como aquela que se dignou a favorecer a nação portuguesa com suas graças. Não há dúvida de que o Papa enxergava em Fátima uma resposta providencial aos regimes extremistas que ameaçavam o mundo. No entanto, a consagração da Rússia, conforme solicitada por Nossa Senhora, ainda não havia sido realizada.

Diante disso, em 1937, o Bispo de Leiria escreveu ao Papa Pio XI, destacando Fátima como o maior centro de piedade em Portugal e pedindo que ele finalmente realizasse a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria.

Em 1939, o padre Josémaria Félix testemunhava:

> «Por todo o Império Português vão surgindo igrejas, capelas e altares dedicados à Virgem de Fátima, não havendo cidade, vila ou aldeia, onde ela não seja venerada, amada e invocada. Na Espanha, França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Lituânia, até junto da Rússia, está espalhado o seu culto. Na África, não só em terras portuguesas como estrangeiras, muitas missões estão colocadas debaixo de sua proteção. Na América do Norte, na Califórnia, nas Antilhas, na América do Sul, na Argentina e, sobretudo no Brasil, constroem-se santuários em honra de Nossa Senhora de Fátima. Na Ásia, o culto da Santíssima Virgem de Fátima, irradiando principalmente e Macau, propaga-se pela Índia inglesa, pela China onde há igrejas em sua honra, pelo Japão, pelas ilhas holandesas, etc. Na Oceania, ainda no ano passado, S. Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Macau benzeu em Timor uma bela igreja com a invocação de Fátima.»

A ampla difusão do culto à Virgem de Fátima já estava consolidada mundialmente em um período em que o Opus Dei ainda não havia chegado a Portugal, e os apostolados de Fátima, como o *Blue Army* e a *TFP*, ainda não existiam — movimentos que, como veremos, acabaram por distorcer a verdadeira mensagem de Fátima.

Em 4 de setembro de 1940, o Papa Pio XII, por meio da Constituição Apostólica *Sollemnibus Conventionibus*, erigiu canonicamente a Diocese de Nampula, em Moçambique, concedendo à sua catedral o título de *A Bem-Aventurada Virgem de Fátima*. Poucos meses depois, em 13 de junho de 1940, dirigiu a encíclica *Saeculo Exeunte* ao episcopado português, por ocasião do 800º aniversário da fundação do reino de Portugal, fazendo referência especial à Virgem de Fátima.

Em 1942, Portugal parecia ter reencontrado sua fé católica por meio da devoção a Nossa Senhora de Fátima. Na celebração do 25º

aniversário das aparições e da ordenação episcopal de Pio XII, o povo português reconhecia a proteção da Virgem como fator decisivo para a não participação de Portugal na Segunda Guerra Mundial, pois a consagração feita ao Imaculado Coração de Maria havia dado frutos.

Finalmente, em 31 de outubro de 1942, atendendo ao pedido da Irmã Lúcia, o Papa Pio XII consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria, em uma radiomensagem transmitida em português, no encerramento das celebrações do jubileu das aparições de Fátima:

> «Ao vosso Coração Imaculado, Nós, como Pai comum da grande família cristã, com Vigário daquele a quem foi dado todo o poder no Céu e na Terra e de quem recebemos a solicitude de quantas almas remidas com o seu sangue povoam o mundo universo: ao Vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da História humana, confiamos, entregamos, consagramos, não só a Santa Igreja, corpo místico do Vosso Jesus, que pena e sangra por tantas partes, por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo dilacerado por essenciais discórdias, abrasado em incêndios de ódios, vítima de suas próprias iniquidades... assim desde hoje vos sejam perpetuamente consagrados também a Vós e ao Vosso Coração Imaculado, ó Mãe Nossa e Rainha do Mundo, para que o Vosso amor e patrocínio apressem o triunfo do Reino de Deus, e todas as gerações humanas, pacificadas entre si e com Deus, a Vós proclamem bem-aventurada e convosco entoem de um pólo ao outro da Terra, o eterno Magnificat da glória, amor, reconhecimento ao Coração de Jesus, onde só podem encontrar a verdade, a vida e a paz.»

A pergunta que se faz desde então é: por que o Santo Padre consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria e não a Rússia, como havia sido anteriormente pedido? A primeira resposta é que, por solicitação do Bispo de Gurza, então confessor da Irmã Lúcia, ela mesma escreveu ao Santo Padre pedindo-lhe que consagrasse o mundo com

uma menção explícita à Rússia, o que acabou não sendo feito pelo Papa. Segundo alguns *fatimólogos*, isso se deveu a questões políticas, pois, em 1942, a Rússia estava em guerra contra a Alemanha e tornara-se aliada das potências ocidentais. No entanto, Pio XII não teria razões para considerar nem a Rússia, nem as potências ocidentais como aliadas da Igreja a ponto de evitar um Ato de Consagração com menção à Rússia. O fato é que ele não o fez.

Fátima, assim, ganhava ainda mais relevância no cenário internacional. A mesma consagração foi repetida em 8 de dezembro do mesmo ano, na festa da Imaculada Conceição, pelo Papa, na Basílica de São Pedro. No entanto, em 4 de maio de 1943, Lúcia fez saber que as formas de consagração anteriores não cumpriam a promessa, por não conterem expressamente a consagração da Rússia e por não terem sido realizadas em comunhão com os bispos do mundo todo.

Esse ponto específico sobre a consagração da Rússia permanece até hoje entre os diversos apostolados de Fátima. Embora seja uma questão aberta a diferentes interpretações, há uma posição predominante: a de que o triunfo do Imaculado Coração de Maria está condicionado a essa consagração.

Antes da Guerra Civil Espanhola, o Papa Pio XI buscava uma aproximação com o regime soviético, propondo a abertura de seminários e casas religiosas, aproveitando a completa falência da Igreja Ortodoxa. Sua intenção era trazer de volta o povo russo à fé católica. Essas tentativas, no entanto, fracassaram, o que pode explicar, em parte, por que Pio XII optou por buscar a conversão da Rússia por meio da diplomacia, em vez de simplesmente realizar a consagração. Diante das perseguições religiosas perpetradas pelos comunistas, o Papa Pio XI condenou o comunismo na encíclica *Divini Redemptoris*, de 19 de março de 1937.

A própria esposa do General Franco, Carmen Polo, visitou a Irmã Lúcia no Carmelo de Coimbra em 25 de outubro de 1949, na ocasião em que Franco esteve na cidade para receber o doutoramento *Honoris Causa* pela Faculdade de Direito. No dia seguinte, Franco e sua comitiva

visitaram o santuário, e a devoção do casal foi relatada no jornal *Voz da Fátima*, na edição de 13 de dezembro.

Em 13 de maio de 1946, um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial, realizou-se a coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima, coincidindo com as comemorações do terceiro centenário da proclamação da Imaculada Conceição como padroeira e rainha de Portugal, ato solene realizado pelo rei Dom João IV. Foi nesse mesmo ano, como já relatamos, que a Irmã Lúcia finalmente retornou ao local das aparições. Também durante as festividades dessa coroação, tiveram início as peregrinações da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que passou a ser conhecida como a Peregrina.

No ano de 1947, surgiu nos EUA, dentro dessa atmosfera anticomunista, o Blue Army ou Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima, por iniciativa do padre Harold Colgan e de John Haffert, em consonância com a luta anticomunista do senador Joseph McCarthy. Não por acaso, o cardeal Ottaviani, em seu pronunciamento de 11 de fevereiro de 1967, durante o encontro de preparação para o Congresso Internacional de Mariologia, que seria realizado em Lisboa e em Fátima, citou o Exército Azul, conforme publicado no jornal *The Voice* de 17 de fevereiro de 1967:

> «O cardeal Ottaviani recordou que o segredo de Fátima, escrito pela única sobrevivente dos três videntes de Fátima, foi transmitido sem ser revelado ao Papa João XXIII. O falecido Papa abriu-o em 1960 (*na verdade, em 1959, como veremos*), mas decidiu não o tornar público. Nas palavras do cardeal Ottaviani, o Papa "colocou-o num daqueles arquivos do Vaticano que são como um poço sem fundo". Também queixou-se de que algumas pessoas tentaram fazer deduções a partir do próprio silêncio da irmã Lúcia, a freira carmelita que é a única sobrevivente de Fátima. "Aqui e ali há textos apócrifos do agora lendário segredo de Fátima", disse ele. "A congregação encarregada de defender a doutrina da fé teve de proibir o acesso

> de estranhos e investigadores ao convento de Coimbra, onde Lúcia reza, recorda e medita, mas não fala. Até chegou a existir um chamado Exército Azul que dá um tom especial e uma interpretação especial ao mistério do segredo, ou seja, a algo que não pode interpretar porque não é conhecido".»

Temos, portanto, uma advertência grave contra o Exército Azul, e, de fato, muito bem fundamentada, pois já havia em curso uma apropriação indevida de todo o conteúdo da mensagem de Fátima, sem o menor conhecimento da totalidade do mistério, que só viria a ser revelado em 2000.

Em maio de 1948, o Santo Padre publicou a encíclica *Auspicia Quaedam*, na qual mencionou a consagração ao Imaculado Coração de Maria realizada em 1942.

> «E como o nosso predecessor de imortal memória Leão XIII, nos albores do século XX, quis consagrar todo o gênero humano ao sacratíssimo coração de Jesus, também nós, como que representando a família humana por ele redimida, quisemos solenemente consagrá-la ao coração imaculado de Maria virgem. Desejamos que todos façam o mesmo, sempre que a oportunidade o aconselhar; e não só em cada diocese e cada paróquia, mas também em cada família. Assim esperamos que desta consagração particular e pública nasçam abundantes benefícios e favores celestiais.»

Outros acontecimentos, porém, conduziriam a Igreja a um abismo jamais visto em sua história, estando profundamente relacionados a Fátima, como procuraremos demonstrar.

CAPÍTULO XII

O "Catolicismo de Israel"

Como abordado anteriormente, entre as décadas de 1930 e 1948, os "erros da Rússia", mencionados na segunda parte do segredo de Fátima, passaram a ser interpretados, de forma quase exclusiva, como sinônimo de comunismo. No entanto, essa perspectiva parece ter sido uma construção equivocada, moldada pelas exigências políticas do momento histórico, especialmente a partir da década de 1930. A redução dos "erros da Rússia" ao comunismo soviético geraria consequências de extrema gravidade, como se verá posteriormente, sendo os principais responsáveis por essa distorção os apostolados de Fátima, como o Exército Azul, a TFP e o Fatima Center. O equívoco fundamental residiu na pressa desses apostolados em atribuir um sentido fixo e definitivo a uma mensagem que desconheciam em sua plenitude, deixando-se guiar pelas impressões do momento histórico e negligenciando a necessidade de uma compreensão mais profunda das raízes do século XX.

Para elucidar o que seriam os "erros da Rússia", é crucial lembrar que o termo "Rússia", nessa frase pronunciada por Nossa Senhora em Fátima, possui antes de tudo um caráter geográfico, e não étnico, referindo-se, portanto, ao local de onde certos erros se espalhariam pelo mundo: a Rússia. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que esses erros, embora originados na Rússia, não eram exclusivamente erros do povo russo. Para melhor compreensão, é necessário considerar a configuração geográfica do Império Russo em julho de 1917, data do segredo revelado por Nossa Senhora. Naquele período, a Rússia ainda era um vasto império czarista que abrangia todo o Leste Europeu, incluindo a Polônia, conforme as determinações do Congresso de Viena em 1815.

Talvez seja necessário refazermos um breve histórico dos principais acontecimentos que exerceram forte impacto na vida das populações do Leste Europeu a partir do século XVII, pois foram esses eventos que serviram de motor para as grandes convulsões revolucionárias que varreriam a Europa nos séculos seguintes. Esse momento histórico tem suas raízes no chamado Hassidismo, cujas origens remontam aos traumas vividos pelas comunidades judaicas da Europa Oriental, sobretudo após a decepção causada pelo falso messianismo de Sabbatai Tzvi, conhecido como Sabatianismo.

O Hassidismo, termo que significa "piedade" ou "integridade" (hassidout, em hebraico), é uma corrente mística do judaísmo surgida no seio da República das Duas Nações (Polônia e Lituânia) na primeira metade do século XVII. De certa forma, desenvolveu-se como uma reação ao pensamento acadêmico e intelectualista das elites rabínicas da Bielorrússia e Ucrânia, conhecidas como mitnagdim (opositores). Esses rabinos representavam os setores ortodoxos do judaísmo asquenazita, apegados a uma leitura estrita da Torá e rejeitavam toda forma de êxtase. Em contraposição, o Hassidismo enfatizava a ideia de fervor e da comunhão alegre com Deus (devekut), expressa por meio de danças, cânticos e uma contemplação da natureza como reflexo do divino, sem, contudo, negar a importância dos estudos.

O Hassidismo se estruturava em torno da figura do tsadik ("homem justo"), um líder espiritual carismático capaz de atrair seguidores. Sua influência foi tão marcante sobre as massas judaicas que, em pouco tempo, tornou-se praticamente hegemônico por toda a Europa Oriental.

Havia, portanto, uma imensa população de judeus hassídicos por todo o território do Império Russo, e aqui reside a essência da questão dos erros da Rússia, se pretendemos compreender a razão teológica da advertência da Virgem. Assim, as transformações ocorridas no judaísmo a partir do século XVII não apenas possuem relevância para os católicos, mas também para a compreensão dos rumos da história mundial

O hassidismo se origina, em parte, a partir do impulso dado pelo rabino Elyahou de Worms (1537-1645), que disseminava o ensino

cabalista no seio da "Confraria dos Tsaddikim". O Rabbi Elyahou criou uma rede de "justos escondidos", da qual fazia parte aquele que seria um de seus sucessores, Adam Baal Shem (Baal Shem significa homem justo). Essa rede de "justos escolhidos" reunia eruditos de alto nível, tanto em matéria talmúdica quanto cabalística. Espalhados nas comunidades da Europa Central e do Leste, esses homens, que se misturavam ao povo, tinham uma dupla missão: por um lado, fornecer uma revitalização aos judeus esgotados pela obrigação dos estudos e, por outro, formar outros eruditos com os quais se pudesse estabelecer uma influência para os estudos esotéricos. Foi exatamente esse tipo de ação que levaria, aproximadamente um século depois, à fundação do movimento hassídico pelo Rabbi Israel Baal Schem Tov, conhecido anteriormente como Rabi Israel Ben Eliezer, nascido na Polônia.

A cabala é estruturada por numerosos textos, dentre os quais o *Zohar* é o mais conhecido. Sua difusão, no século XVI, foi auxiliada pela ação conjunta de dois grandes rabinos que moravam em Safed, lugar importante da cabala. O costume judaico determina que se deve designar esses mestres pelas iniciais de seus nomes hebraicos ou por um pseudônimo, para que não se tornem comuns: o rabino Moché Cordovero, ou RaMaC (1522-1570), e o rabino Isaac Louria, ou ARIZaL (1534-1572). A ação do rabino Elyahou foi fundamental, pois foi ele quem transmitiu seus pensamentos a esses dois rabinos. Estes últimos souberam fazer com que seus alunos e as gerações seguintes tirassem proveito dessa herança.

O ensinamento do ARIZaL (Isaac Louria) expôs, de maneira profunda e precisa, os fundamentos da cabala e se apresenta como uma extensão daquele de RaMaC (Moché Cordovero). ARIZaL fundamentou uma ética operativa, da qual o hassidismo em geral, e sobretudo o hassidismo Chabad, é o principal herdeiro.

Apesar de sua essência cabalista, o hassidismo de Baal Shem Tov soube reinterpretar e reformular os traços do messianismo judaico, distanciando-se das tensões apocalípticas mais imediatas da doutrina louriânica. Podemos sintetizá-lo em dois pontos centrais: primeiro,

enquanto o messianismo de Isaac Louria enfatizava a urgência da redenção, impulsionada pela necessidade de reparar o mundo (tikkun olam) e eliminar as impurezas espirituais (kelipot), o hassidismo preservou essa visão messiânica, mas deslocando-a para um horizonte mais distante. O exílio do povo judeu passou a ser visto como uma fase temporária, um estágio transitório rumo à redenção final.

O segundo ponto fundamental do hassidismo é o conceito de devekut, ou comunhão com Deus, que visa conduzir cada judeu a uma relação espiritual direta e intensa com o Criador. Essa experiência individual de união mística seria o meio pelo qual a purificação ocorreria gradualmente, preparando a coletividade judaica para sua reunião final. Assim, o hassidismo não rejeita o ideal messiânico, mas o vincula a um processo progressivo, em que a elevação espiritual dos indivíduos fortaleceria a identidade do povo judeu como um bloco coeso de pensamento e ação, pavimentando o caminho para a vinda do Messias.

O sucessor de Baal Shem Tov (Besht) foi Dov Baer de Mezeritch, ou Maguid (pregador) de Mezeritch (1704-1772). Além do esoterismo de seu antecessor, ele possuía também erudição, o que foi fundamental para o nascimento da *Hevraya Kadisha*, ou "Santa Confraria", um círculo restrito de cerca de cinquenta estudiosos dos escritos do Maguid, encarregados de espalhar o pensamento hassídico por toda a Europa Central. Os discípulos do Maguid difundiram amplamente o hassidismo, a ponto de alterarem o curso da história. Ele enviou seus mensageiros por toda a Europa centro-oriental: Avraham de Kalisk e Schlomoh de Karline receberam parte da Rússia Branca; o rabino Levy Yitshak de Berditchev e o rabino Nahum de Tchernobyl, a Ucrânia; o rabino Yakov Yitshak Horowitz, o "Vidente de Lublin", a Polônia Central, junto com os rabinos Leib Hacochen e Menachem Mendel de Viebsk. Os irmãos Zoussia e Elimeleh dividiram entre si a Galícia, cada um formando posteriormente sua própria dinastia.

Ao rabino Schneur Zalman coube uma missão especial: estabelecer contatos com os *mitnagadim*, os eruditos rivais do hassidismo, que eram influenciados pelo movimento *Haskalá* ou "das luzes", cuja intenção era

modernizar o pensamento judaico. Esse movimento teve forte influência na Alemanha, especialmente com Moses Mendelssohn (1729-1786). Schneur Zalman foi o grande sucessor do Maguid, conhecido como *Alter Rebe* ou "Antigo Rabino", e foi o primeiro da dinastia Chabad-Lubavitch, uma das correntes do hassidismo que se tornaria a mais influente e poderosa no século XX.

O nome Chabad é um acrônimo de *Chochmá* (sabedoria), *Biná* (compreensão) e *Daat* (conhecimento), que são as principais *sefirot* cabalísticas, e Lubavitch refere-se à cidade russa onde surgiu. O rabino Schneur Zalman foi autor de importantes textos hassídicos, especialmente o *Tanya*, que sintetizava uma doutrina racialista extraída da Cabala Luriânica. Esse ponto da história é de vital importância, pois, como já mencionado, a ideia de um messianismo centrado na comunhão com Deus levou os *Rebbes* Lubavitch, ávidos pela chegada do Messias, a espalharem emissários (*shluchim*) inicialmente por toda a Europa e, posteriormente, por todo o mundo. Esses emissários, uma vez influentes na sociedade, trabalharam para a dissolução da civilização baseada nos preceitos cristãos, pois sua doutrina messiânica é frontalmente contrária ao cristianismo. Esse movimento tornou-se o centro irradiador para o estabelecimento do noeísmo, sobre o qual falaremos mais adiante.

Basicamente, a doutrina Chabad-Lubavitch ensina e difunde os seguintes pontos:

1. Os judeus possuem uma alma superior aos não judeus, pois carregam uma centelha do *Mashiach*, o que lhes permite unir-se a Deus.
2. Os não judeus não possuem uma alma como a dos judeus; na verdade, suas almas são menores e malignas.
3. A existência de uma alma superior torna o povo judeu apto a apressar a vinda do *Mashiach* através da realização de *mitzvot*, incluindo a disseminação de uma religião específica para os não judeus (sobre a qual falaremos mais detidamente adiante).

Schneur Zalman foi o primeiro Rebe (palavra yiddish correspondente a Rabbi, em hebraico) de uma linhagem que contou com um total de sete líderes. Há uma interessante história sobre ele no contexto da invasão de Napoleão Bonaparte à Rússia. Quando as tropas do imperador francês se preparavam para cruzar as fronteiras russas, agentes franceses foram enviados para recrutar cidadãos desiludidos com o Império Czarista, prometendo-lhes a abolição de seu status de servidão e a garantia de direitos iguais. Muitos judeus do Império Russo viam a invasão napoleônica com simpatia, pois viviam segregados em guetos e acreditavam que uma vitória de Napoleão finalmente lhes concederia os mesmos direitos dos demais russos.

Schneur Zalman, porém, pensava de forma distinta, temendo que tal emancipação trouxesse consigo a assimilação e a secularização do povo judeu na Rússia, como já ocorrera com comunidades judaicas na Europa Ocidental. O Alter Rebe, então, mobilizou seus esforços para garantir a derrota de Napoleão. Para isso, instruiu seus seguidores, entre eles o influente poliglota Moshe Meisels de Vilna, a espionar o Alto Comando Francês e repassar informações às autoridades russas. Quando os exércitos de Napoleão avançaram sobre o território russo, Schneur Zalman enviou outros emissários para monitorar suas posições e transmitir relatórios ao governo czarista. Na prática, a rede de espionagem organizada pelo rabino desempenhou um papel fundamental na desastrosa derrota de Napoleão na Rússia — um evento altamente significativo para o que viria a ocorrer na Europa e no mundo posteriormente.

Para compreender a influência judaica que partiu da Rússia e se espalhou globalmente, é essencial relembrar alguns aspectos históricos. Segundo o Gabinete Central de Estatísticas de Israel, em 2019, 73,8% dos imigrantes estabelecidos em Israel eram provenientes da antiga URSS, especialmente da Rússia e da Ucrânia. Atualmente, um sexto da população israelense é composta por judeus de língua russa. A maior parte dos *Rusim* (russos, em hebraico) chegou a Israel em ondas migratórias a partir da década de 1980.

É importante observar que a relação entre os judeus do leste europeu e os movimentos políticos modernos remonta, pelo menos, ao século XIX, muito antes do surgimento do sionismo. O sionismo, erroneamente considerado um fenômeno de origem ocidental, foi, na verdade, inspirado e impulsionado pelas ideologias políticas desenvolvidas no leste europeu. A Rússia do Congresso de Viena tornou-se um verdadeiro receptáculo de doutrinas e ideologias que exerceram poderosa influência sobre o desenvolvimento do sionismo, antes mesmo da repressão imposta pelo czar Alexandre III no final do século XIX.

No início do século XIX, a Rússia possuía dois modelos sociais distintos: um aristocrático e outro popular, composto majoritariamente por camponeses e servos. Os ideais de liberdade e igualdade da Revolução Francesa ainda não haviam penetrado no país, o que era visto como um grande obstáculo pela população judaica europeia, então amplamente concentrada no Império Russo. À frente dos movimentos de agitação social, o hassidismo exercia papel central na disseminação das duas grandes correntes políticas que se espalhavam pela Europa: o liberalismo e o socialismo. Na Rússia, o embate entre eslavófilos e ocidentalistas refletia os esforços para modernizar o país e implementar uma reforma proletária.

Os narodnikis (populistas), sob influência de intelectuais como Herzen e Bakunin, a partir de 1870, direcionaram seus esforços para o povo, buscando compreender suas condições e conscientizá-lo sobre a necessidade de mudanças na sociedade e nas instituições russas. Contudo, mesmo antes desse período, a liderança na agitação dos movimentos operários e camponeses era amplamente judaica. As reformas promovidas por Alexandre II (1855-1881), incluindo a abolição da servidão em 1861 e a reorganização do campo em comunas de trabalho, tinham como objetivo facilitar a assimilação dos judeus e, assim, conter a onda revolucionária que se gestava entre eles. Essas medidas proporcionaram uma melhora na condição social da burguesia judaica, que pôde participar mais ativamente da vida pública. No entanto, essa nova realidade foi efêmera, pois, em 1º de março de 1881, Alexandre II

foi vítima de um violento atentado a bomba que lhe dilacerou o ventre, conduzindo-o a uma morte agonizante.

Em 17 de março, todos os envolvidos no assassinato, incluindo o irmão de Lênin, foram presos e, no dia 3 de abril, enforcados. O grupo terrorista responsável pelo atentado, Naródnaia Vólia, era amplamente composto por agitadores judeus que viam nas políticas de assimilação um retrocesso para sua causa messiânica. O aumento das atividades revolucionárias judaicas levou o novo czar, Alexandre III, a adotar uma política severa contra os judeus na Rússia, provocando a multiplicação de pogroms em todo o Império Czarista.

Diante desse cenário, a emigração surgiu como solução para muitos judeus. O entusiasmo gerado pelo êxodo em massa representava, para o hassidismo, uma nova oportunidade para a reconquista da terra prometida de Sião e, assim, a reafirmação de sua condição de narod, um povo distinto, em busca de seu messianismo além-fronteiras. A busca por uma terra segura, onde se cumprisse sua era messiânica, passou a configurar-se, a partir da Rússia, como um objetivo mundial e final. A primeira Aliá ocorreu em 1881, e a onda migratória — composta majoritariamente por judeus do Império Russo em direção à Palestina Otomana — perdurou até 1903, dobrando a população judaica ali estabelecida.

A fundação da Organização Sionista por Theodor Herzl, durante o Congresso de Basileia, em 1897, embora geralmente considerada o marco inicial do movimento para o estabelecimento de um Estado judeu na Palestina, na realidade, não foi seu ponto de partida. O processo já estava em curso há décadas, tanto na Europa Ocidental quanto na Oriental, impulsionado pelo hassidismo. Em 1860, foi fundada em Paris a Aliança Israelita Universal, a primeira organização judaica transnacional dedicada à proteção dos judeus e ao financiamento de projetos educacionais rabínicos. Além da necessidade de escapar de regimes políticos hostis, o despertar dos nacionalismos na Europa do século XIX contribuiu para a revitalização da aspiração judaica por uma pátria própria. A consciência nacional dos guetos foi estimulada

por intelectuais como Moses Hess, que, em 1862, antecipou a ideia de um nacionalismo judaico baseado na união do povo judeu como nação com direitos territoriais. Hess exerceu profunda influência sobre Karl Marx, que, em sua teoria socialista, transmutou o messianismo judaico em um messianismo operário.

A partir de 1882, na esteira da primeira Áliá, consolidou-se definitivamente a ideia de que os judeus deveriam desenvolver uma política autônoma. Lev Pinsker, em seu panfleto "Autoemancipação: o apelo de um judeu russo aos seus irmãos", mobilizou profundamente a população judaica, especialmente no leste europeu. Foi Nathan Birnbaum, fundador da revista Selbstemanzipation, em 1890, quem cunhou pela primeira vez o termo sionismo, definindo o nacionalismo judaico e, de certa forma, ocultando o caráter internacionalista desse movimento, sobre o qual trataremos adiante.

Na época do Congresso de Basileia, o censo do Império Russo registrava cerca de cinco milhões e duzentos mil judeus, dos quais quatro milhões viviam na zona de assentamento, abrangendo Letônia, Lituânia, Polônia, Bielorrússia e Ucrânia. Desde o início, os judeus da Rússia emergiram como a força central do movimento sionista mundial, influenciando posteriormente a estruturação das instituições do Estado de Israel com base nos modelos da Europa Oriental. Seus representantes, pertencentes a todas as principais correntes do sionismo, constituíam aproximadamente metade dos delegados do Congresso e foram os mais ativos. Entre os protagonistas da primeira Aliá, destacam-se figuras culturais como Ahad Há"am e Eliezer Ben Yehuda, bem como rabinos hassídicos que legitimaram o movimento e políticos como Chaim Weizmann, que mais tarde se tornaria o primeiro presidente do Estado de Israel.

Em oposição ao sionismo, surgiu em 1897 o Bund: União Geral dos Trabalhadores da Lituânia, Polônia e Rússia, um movimento socialista judaico cujo objetivo era a unificação e emancipação dos trabalhadores judeus do Império Czarista sob um único partido socialista, secular e democrático, que lhes garantisse o reconhecimento legal como minoria

nacional, sem reivindicações territoriais, até se tornar parte da federação criada pelos mencheviques em 1912. Como vimos, não é exagero afirmar que o socialismo, em sua essência, correspondia às aspirações de unidade judaica, sob a forte influência do neomessianismo impulsionado pelo hassidismo, sobretudo dos judeus da Rússia.

O sionismo ocidental, liderado por Theodor Herzl, insistia na rápida criação de um Estado secular, aproveitando-se da onda favorável provocada pelo caso Dreyfus (1894-1906), durante o qual o termo "antissemitismo" se popularizou. Herzl estava, portanto, disposto a aceitar compromissos, como em áreas escassamente povoadas da Argentina ou Uganda, conforme sugerido pelo governo britânico. O sionismo russo, liderado por Weizmann, era marcadamente nacionalista e orientado para o retorno a Sião, pátria, segundo ele, legitimada por ideais históricos e principalmente religiosos.

Rabbis como Isaac Kook levavam essa causa religiosa até as considerações mais profundas da exegese bíblica. Para ele, por exemplo, a profecia de Zacarias, segundo a qual o Messias entraria em Jerusalém montado em um burro, significava o sacrifício de uma parcela do povo judeu, para que a era messiânica finalmente tivesse início. Evidentemente, os sionistas russos prevaleceram no debate e foram eles que financiaram o movimento, enquanto na Europa Oriental se faziam os preparativos para o retorno ao Oriente Médio. Como é de conhecimento geral, o Império Otomano não apoiou a criação de um Estado judeu na Palestina. Essa situação começaria a mudar em 7 de novembro de 1917, com a Declaração Balfour e o colapso do Império Otomano ao fim da Primeira Guerra Mundial.

O hassidismo messiânico, para além do estabelecimento de uma pátria na Palestina, também propunha projetos para a humanidade, configurando um internacionalismo definido pelo Rabino de Livorno, Elias Ben Abraham Benamozegh (1822-1900), como o "Catolicismo de Israel". Esse rabino afirmava que o papel da Igreja Católica não deveria ser algo transcendental. Segundo ele, a Igreja fracassara em sua missão salvífica, mas seu prestígio mundial poderia ser redirecionado para

o que chamou de "Catolicismo de Israel". Este termo, aliás, intitula a seção IV do Capítulo II de *Israel et L"Humanité. Étude sur le problème de la religion universelle et sa solution*, obra magna de Benamozegh. Nessa obra, ele afirma que a particularidade étnica do mosaísmo é compatível com a conversão de um número reduzido de não judeus, mas opõe-se, de maneira irredutível, à conversão em massa de toda a humanidade.

Benamozegh baseou-se nos escritos de Maimônides, ou Rambam, renomado estudioso do Talmude, que prescrevia a observância das sete leis de Noé por todos os não judeus. Das supostas sete leis de Noé e de sua obrigatoriedade para os não judeus, Maimônides extraiu o conceito de "justos entre as nações" (*hasidé ummot há-olam*). A respeito disso, Maimônides escreveu:

> «Todo homem que aceite os sete mandamentos e se empenhe em praticá-los com fluência, torna-se parte dos justos de todas as nações, e é partícipe do mundo vindouro, a condição de que os aceite e os pratique porque o Santo, bendito seja, lhe ordenou e lhes tem anunciado na Torah através de nosso mestre Moisés, assim os Filhos de Noé se encontram previamente obrigados a cumprir tais preceitos.»

A redescoberta do Noeísmo ensinado por Maimônides no século XII ocorreu antes mesmo da Revolução Francesa, com o surgimento da maçonaria especulativa na Inglaterra, em 1717. Na segunda das várias *Constituições de Anderson* (1738), o conceito noeico foi estabelecido:

> «... Nos tempos antigos os maçons cristãos estavam obrigados a cumprir os costumes cristãos da cada país por onde viajavam ou trabalhavam; porém como a Maçonaria se encontra já em todas as nações, mesmo de religiões diferentes, estão agora obrigados somente a aderir a essa Religião na qual todos os homens estão de acordo (deixando a cada homem suas opiniões particulares) quer dizer, ser bons homens e verdadeiros homens de honra

> e retidão, quaisquer nomes, religiões ou crenças que possam distingui-los: porque todos estão de acordo com os três grandes artigos de Noé, suficientes para preservar o cimento das lojas.»[61]

Por essa razão, os maçons se autodenominam Noéicos (Noachidas) ou Filhos de Noé. Maurice Paillard (1878-1960), maçom especialista nas Constituições de Anderson, elucidou o conceito noeico baseando-se no calvinista Pierre Jurieu (Histoire critique des dogmes et des cultes, publicada em dois volumes entre 1704 e 1705), que desenvolveu essa ideia ao longo de sua obra. Alguns autores críticos da maçonaria, que realizaram estudos substanciais sobre suas verdadeiras aspirações, argumentam que esse princípio foi extraído da obra do puritano John Selden (De jure naturali et gentium juxta disciplinam Ebraeorum, 1640), que buscava harmonizar a concepção rabínica das sete leis de Noé com a tradição cristã.

A aglutinação das sete leis de Noé em três princípios foi, de fato, influenciada por Selden, que tentou ajustá-las ao conceito de *jus naturale*[62] de Santo Ambrósio. Dessa forma, estabeleceu-se uma base moral supostamente universal, utilizada pela maçonaria especulativa a partir de 1717 para sustentar sua visão de uma fraternidade global:

1. **CRENÇA E ADORAÇÃO A DEUS**
2. **EXISTÊNCIA MORAL**
3. **CONDUTA EXEMPLAR**

---

61. ANDERSON, Jacob. *The Books of Constitutions*. Londres, pp. 134-144, apud DF, pp. 298-299.

62. O *jus naturale* (direito natural) é um conceito fundamental na filosofia e na teologia, referindo-se a um conjunto de princípios universais e imutáveis, considerados inerentes à natureza humana e acessíveis à razão humana, independentemente de legislação ou revelação divina. Para Santo Ambrósio, o *jus naturale* era visto como a lei moral inscrita por Deus no coração de cada ser humano, um reflexo da ordem divina. (*Nota do Editor*)

Foram os protestantes, portanto, os primeiros a aceitar e elogiar as leis talmúdicas de Noé. Contudo, sem dúvida, foi Elias Benamozegh o autor do primeiro tratado Noéico da história judaica, na obra já mencionada, que o transformou no teórico contemporâneo dessa doutrina talmúdica e seu principal difusor nos meios católicos, especialmente através de seu discípulo Aymé Pallière, a quem desestimulou de se converter ao judaísmo, pois, segundo Benamozegh, Pallière seria mais útil permanecendo católico.

Em 10 de novembro de 2000, foi organizado o Diálogo Internacional em homenagem a Benamozegh, patrocinado pelo então presidente da Itália, Carlo Azeglio Ciampi. Na apresentação de *"Israel et Humanité"*, Alfred Lévy, Gran Rabino da França, considerou o trabalho de Benamozegh de suma importância e acrescentou que ele, utilizando fontes bíblicas, talmúdicas e cabalísticas, definiu o Noeísmo como "a religião universal" destinada a todo o gênero humano e que, nos tempos messiânicos, deverá reunir sob sua vasta égide, todas as nações do mundo. Benamozegh expressou dessa forma em seu livro *"Israel et L"Humanité"*:

> «A verdadeira religião da humanidade é a lei de Noé, a qual o gênero humano abraçará nos dias do Messias que Israel tem a missão de conservar e de fazer prevalecer a sua hora.»

Benamozegh, embora rejeitasse os princípios católicos, utilizou-os atribuindo-lhes nova significação. Assim, por exemplo: Cristo, como mediador entre os homens e Deus, é substituído pelo povo judeu, que atua como mediador entre a humanidade e o Criador; Deus Verbo é substituído pela Torá Verbo; a coroa de espinhos de Cristo é substituída por Israel, que carrega uma coroa de espinhos sobre sua cabeça; o magistério eclesiástico é substituído pelo magistério rabínico; e a infalibilidade papal é substituída pela infalibilidade da religião judaica. Inspirado nessas ideias, o Grão-Rabino da França pôde afirmar que Israel é um povo pontífice.

Segundo a doutrina Noéica, a Lei revelada no Sinai possui duas partes: o Mosaísmo, reservado ao povo judeu, designado como povo pontífice ou sacerdote da humanidade, e o Noeísmo, destinado a todos os não judeus. Em outras palavras, como a Lei Noéica é universal, pode-se defini-la como uma doutrina "verdadeiramente católica", o que justifica chamar o Noeísmo de "Catolicismo de Israel".

É precisamente aqui que chegamos ao cerne da questão dos «erros da Rússia», que se espalhariam pelo mundo. O centro difusor dessa doutrina foi, de fato, o Hassidismo Lubavitch, originário da Ucrânia (Rússia Branca), cujos principais mestres foram os Rebes, especialmente Menachem Mendel Schneerson, de quem falaremos posteriormente. Ele era genro do sexto Rebe de Lubavitch, o rabino Yosef Yitzhak Schneerson, que migrou da Rússia para a Polônia após a Revolução que pôs fim ao Império Czarista dos Romanov.

Quando a Alemanha Hitlerista invadiu a Polônia, em setembro de 1939, Yitzhak Schneerson encontrava-se em Otwock, uma cidade turística nos arredores de Varsóvia. A perseguição nazista, contudo, colocava em risco sua vida, pois, naquela ocasião, ele já era a maior autoridade rabínica judaica, embora o movimento Chabad Lubavitch ainda fosse relativamente pequeno na América e no resto do mundo. No entanto, foi justamente em consequência da Segunda Guerra Mundial que o centro operacional de Chabad Lubavitch foi transferido da Rússia Branca para Nova York, o que exigiu uma operação cinematográfica de resgate do Rebe.

O rabino Israel Jacobson iniciou uma campanha junto ao governo americano para resgatar o Rebe. Henry Morgenthau, então conselheiro econômico do presidente Roosevelt, aderiu à campanha, e uma série de telegramas foi trocada entre o Serviço de Inteligência americano e alguns membros da Abwehr alemã dispostos a colaborar. Um desses homens era o almirante Wilhelm Canaris. Foi justamente Canaris quem coordenou a operação por meio de um de seus agentes no Exército Alemão, o major Ernst Bloch. Na ocasião, Canaris lhe deu a seguinte ordem:

> «Você vai até Varsóvia e encontrará o rabino mais ultra-judeu do mundo, o rabino Yosef Yitzhak Schneerson, e vai resgatá-lo. Você não pode errar, ele se parece com Moisés.»

Bloch conseguiu localizar o Rebe e conduzi-lo em segurança até a fronteira com a Letônia. De lá, ele seguiu para Riga, de onde foi finalmente embarcado com segurança para Nova York. A partir desse momento, os acontecimentos tomariam um rumo irreversível, com consequências profundas para a Igreja Católica, como veremos adiante.

Menachem Mendel Schneerson, o sétimo e último Rebe, nasceu no dia 11 de Nissan pelo calendário hebraico, correspondente a 18 de abril de 1902, em Nikolaev, Império Russo. Quando a Segunda Grande Guerra Mundial eclodiu, o Rabino Schneerson viu-se obrigado a migrar para Nova York, seguindo os passos de seu sogro, o sexto Rebe de Lubavitch. Após a morte deste, em 1950, Schneerson tornou-se o sétimo Rebe da linhagem.

Para compreendermos a imensa expansão do messianismo Lubavitch no pós-guerra e sua relação com a propagação dos chamados "erros da Rússia", é fundamental analisar a doutrina de Menachem Mendel Schneerson. Antes de atribuir a ele certas ideias e termos relevantes, devemos considerar que grande parte de sua concepção teológica foi extraída dos escritos de Isaac Louria e seus discípulos, além de outras fontes cabalísticas, como o *Zohar*. A ênfase de Schneerson, portanto, estava no esoterismo.

A visão do segredo promovida pelos cabalistas está relacionada à impossibilidade de comunicá-lo plenamente. Isso não ocorre apenas devido à suposta indignidade de um receptor específico, mas, sobretudo, à inefabilidade inerente da verdade que deve ser preservada como mistério. No entanto, isso não significa que os cabalistas não tenham adotado a retórica do esoterismo, baseando-se na premissa de que certos conhecimentos devem permanecer ocultos daqueles que não são dignos de recebê-los.

No contexto do hassidismo, a questão do segredo apresenta um desafio particular. Esse ponto foi abordado por Martin Buber, que afirmou:

> «E justamente porque "o homem simples" é tão importante, não pode haver qualquer hassidismo esotérico, em contraste com a Cabala, enquanto o movimento mantiver sua força e pureza originais. Não há ocultação dos mistérios; tudo é fundamentalmente aberto a todos, e tudo é repetido de maneira tão simples e concreta que cada verdadeiro crente pode compreendê-lo.»

No caso específico de Chabad, seu ímpeto inicial foi tornar o infinito acessível a todos os judeus. Nesse aspecto, vale lembrar que diversos mestres hassídicos criticaram Schneur Zalman, argumentando que ele havia despojado a Cabala Louriânica de seu caráter esotérico ao reformulá-la de maneira intelectual, tornando seu simbolismo arcano e alusivo mais acessível.

Em uma palestra proferida na reunião de *Aggudat Hasidei Chabad*, em 10 de setembro de 1941, Yosef Yitzhak observou que aqueles que desconhecem o *Hassidismo Chabad* frequentemente cometem o erro de assumir que a Cabala e o Hassidismo são uma "entidade única que se expressa de diferentes formas". Para corrigir esse equívoco, ele explicou que a primeira trata do estudo de questões esotéricas por um número restrito de indivíduos eleitos (*yehidei segulah*) de uma determinada geração, enquanto a segunda diz respeito à divulgação desses segredos, oferecendo a cada judeu a oportunidade de ser incorporado à essência da tradição. O próprio Baal Shem Tov exemplificou esse modelo, comparando-se a um construtor que finca os alicerces de um edifício: ele se dedicou a ensinar as crianças as verdades esotéricas de uma forma que pudessem compreender.

O ensinamento do *Chabad* equilibra duas características aparentemente contraditórias: de um lado, a compreensão fria e racional; de outro, um sentimento apaixonado. Para compatibilizar esses dois objetivos, o *Alter*

Rebe e seus sucessores Lubavitch dispersaram emissários por todo o mundo, com o propósito de difundir amplamente esses segredos.

Em uma carta de 19 de novembro de 1950, endereçada aos Lubavitch de todo o mundo, meses antes de assumir sua posição como o sétimo *Rebe*, Schneerson invocou uma carta escrita em 1º de dezembro de 1949 por seu sogro, o sexto *Rebe*, na qual ele destacava a necessidade de expandir o estudo do *Hassidismo* para todos os judeus, em vez de limitá-lo a uma pequena parcela da população. Essa mensagem está diretamente relacionada ao ensinamento de Baal Shem Tov, que afirmava que as fontes precisam transbordar como "uma preparação e um receptáculo para a vinda do Messias".

Aqui, vale a atenção para a palavra utilizada por Nossa Senhora em Fátima: "espalhará", ao se referir aos erros da Rússia. Schneerson, em sua interpretação, ressalta que a frase-chave "*Suas fontes se espalharão*" (*yafusu ma"yanotekha husah*) implica três condições fundamentais:

1. **Yafusu – "espalharão"**: a divulgação das doutrinas hassídicas deve ser pública e abranger todos os lugares onde a Torá é estudada;
2. **Ma"yanotekha – "suas fontes"**: o ensinamento deve fluir incessantemente da fonte e gotejar gradualmente, sem preocupação com a quantidade;
3. **Husah – "para fora"**: a doutrina não deve ser confinada à sinagoga ou à academia, nem restrita a um grupo seleto, pois pertence à totalidade do povo judeu.

Em resumo, essa foi a agenda que Schneerson estabeleceu para si, fundamentado em sua crença de que a necessidade de divulgar os segredos da tradição foi intensificada no tempo de seu predecessor, o líder da geração, devido à iminência da vinda do *Mashiach*. Ele abordou essa questão em uma carta datada de 5 de junho de 1951:

> «*Agora é o* tempo dos passos do Messias, os passos dos passos, e, de acordo com a proclamação do meu santo

> professor e sogro, Admor, que ele disse e repetiu várias vezes, tudo o que resta a ser purificado são questões insignificantes. E é bem recebido que a fonte para trazer a vinda do Messias é sua disseminação mundo afora... Por meio do engajamento com a Torá, e especialmente a luz *que está nela, que é o ensino do Hassidismo, ou seja, a escuridão será transformada em luz.*»

Outro exemplo dessa doutrina de "espalhar os mananciais" pelo mundo, como forma de acelerar a vinda do Messias, pode ser encontrado no que Schneerson afirmou em 11 de outubro de 1958:

> «Considerando essa questão "Seus mananciais se espalharão pelo mundo", nossos rabinos e líderes enviarão emissários a diferentes locais a fim de disseminar os mananciais do ensino do Hassidismo, como foi em cada e toda geração. E as últimas gerações – desde o Messias que deve vir imediatamente (*ot ot daef shoyn moshiach kumen*), e sua chegada é dependente da difusão das fontes – isto é com a ampliação da distância e da sua magnitude.»

Nessa ocasião Schneerson citou a seguinte passagem do Zohar, que credencia a interpretação do Chabad a respeito da carta que mencionamos antes:

> «No seiscentésimo ano do sexto milênio, os portões da sabedoria acima e as fontes da sabedoria abaixo se abrirão, e o mundo será preparado para entrar no sétimo, assim como um homem se prepara para o sexto dia, quando o sol está prestes a se pôr, para entrar no Shabat... e o sinal disso é "No seiscentésimo ano da vida de Noé... todas as fontes do grande abismo se romperam e as comportas do céu se abriram" (Gen. 7-11)»

No pensamento de Schneerson, esse texto confirma a visão de que a era messiânica estará marcada pela difusão do estudo da *sabedoria acima*

(*hokhmata le"eila*), pela interioridade da *sabedoria da Torá* (*hokhmat haTorah*), juntamente com a proliferação da *sabedoria abaixo* (*hokhmot haOlam*).

Não podemos deixar de notar como a doutrina do *Hassidismo*, aqui exposta, influenciou sobremaneira a *Nouvelle Théologie*, vitoriosa no Concílio Vaticano II, sobretudo na ideia de interiorização da Torá, assumida no Concílio como tradição viva.

Favorecido pelo resultado da guerra e pela nova reorientação política do mundo, Schneerson dedicou-se imediatamente a unir o mundo judaico em favor desse projeto messiânico, seguindo exatamente estes pontos fundamentais: a realização de *Mitzvot* (os 613 mandamentos ou ações rituais do judaísmo rabínico), a difusão de *Yiddishkeit* (costumes e modo de vida judaicos entre os judeus) e a propagação das Leis de Noé, ou a Religião de Noé (*Noeísmo* ou *Noachismo*), entre os não judeus.

Em 1953, Schneerson fundou a organização feminina *Lubavitch*, acreditando que as mulheres deveriam estudar a Torá em seus níveis mais elevados, isto é, o Talmude e a Cabala. As mulheres desempenhariam um papel crucial à frente dos principais movimentos feministas em sociedades não judaicas. Milhares de *shluchim* (emissários) foram enviados pelo mundo para fundar sinagogas e centros cívicos com o objetivo de reeducar os cristãos de acordo com a observância das Leis de Noé. Atualmente, totalizando mais de 3.660 instituições em mais de 80 países e 1.000 cidades ao redor do mundo, pode-se dizer que o êxito foi completo.

O reconhecimento oficial e público dos *B"nai Noach* (Filhos de Noé) ocorreu em 20 de março de 1991, com a publicação de um artigo no *Wall Street Journal*, por R.G. Niebuhr, intitulado "*Tennessee Baptists Turn to Judaism for New Inspiration: Christian Fundamentalists Seek Root of Their Faith; There Goes the Steeple.*"

Desde então, o *Noeísmo* promove uma intensa propaganda, destacando-se o trabalho da *Root & Branch Association* e seus centros nos EUA e em Israel. Seu fundador e presidente, Aryeh Gallin, enviou, em dezembro de 1988, uma circular apresentando a proposta de substituir as Nações Unidas pelas *Noahide Nations*, cujo título era: "*Let us replace*

the United Nations with the Noahide Nations." (The Root and Branch Information Service).

Em março de 1991, foi aprovada nos EUA a *Lei Pública* 102-14, em conjunto por ambas as câmaras do Congresso, no dia 20 de março, mesmo dia em que nasceu o movimento Noéico. A lei foi imediatamente promulgada pelo presidente George H.W. Bush.

> «Considerando que o congresso reconhece a tradição histórica de valores e princípios éticos que são a base da sociedade civilizada e sobre os quais nossa grande nação foi fundada;
>
> Considerando que sem estes valores e princípios éticos o edifício da civilização se encontra em perigo de retornar ao caos;
>
> Considerando que a sociedade está profundamente preocupada pelo recente debilitamento destes princípios que resultaram nas crises que bloqueiam e ameaçam a construção da sociedade civilizada;
>
> Considerando que a justificada preocupação por esta crise não deve fazer perder ao cidadão desta nação o conceito de sua responsabilidade de transmitir estes históricos valores éticos desde nosso passado ilustre até as gerações do futuro;
>
> Considerando que o movimento Lubavitch tem nutrido e promovido estes valores e princípios éticos em todas as partes do mundo;
>
> Considerando que o Rabino Menaschem Schneeerson, líder do movimento Lubavitch, é respeitado e reverenciado universalmente e que seu octagésimo nono aniversário cai no dia 26 de março de 1991;
>
> Considerando que em homenagem a este grande líder espiritual o Rebe, este seu nonagésimo ano será visto como um dia de educação e dedicação, (*por ocasião do aniversário de 78 anos do Rebe, Jimmy Carter já proclamado essa data como o "Dia da educação dos EUA", e dois anos depois,*

> *ao completar* 80 *anos, Reagan a denominou "Dia Nacional de Refelxão"*) o ano no qual faremos que a educação e a caridade tragam de volta ao mundo os valores morais e éticos presentes nas Leis Noéicas; e
>
> Considerando que ficará registrado em um documento internacional assinado pelo Presidente dos Estados Unidos da América e outros Chefes de Estado. Por conseguinte,
>
> Determina o Senado e a Câmara de Representantes dos Estados Unidos reunidos no Congresso, que o dia 26 de março de 1991, o começo do nonagésimo ano do Rabino Manaschem Schneerson, líder do movimento Lubavitch, seja designado como "Dia da educação dos EUA". Solicita-se ao Preseidente fazer uma proclamação, exortando ao povo norte americano a observar tal dia com apropriadas cerimônias e festividades.»

Na Igreja pós-conciliar, o Noeísmo consolidou-se como fundamento das relações judaico-cristãs, sendo seu surgimento comentado de maneira favorável no *Cahiers Ratisbone*, periódico do Instituto Pontifício, cuja sede está localizada em Jerusalém e é dirigido pela Ordem de Nossa Senhora de Sião. Não parece mera coincidência que, no ano subsequente à promulgação da *Lei Pública* 102-14 nos Estados Unidos, o catecismo pós-conciliar, sob a égide do Cardeal Joseph Ratzinger, tenha incorporado, como verdade cristã, a doutrina talmúdica da *"Aliança Noéica"*.

> «A aliança com Noé permanece em vigor até o fim dos tempos das nações (Cf. Lc 21, 24), Até a proclamação universal do Evangelho. A Bíblia venera algumas grandes figuras das nações como Abel o justo, e o rei-sacerdote Melquisedec (Cf. Gn 14, 18), figura de Cristo (Cf. Hb 7,3), os justos Noé e Daniel e Jó (Ez 14, 14). Desta maneira a Escritura expressa a que grau de santidade podem se elevar os que vivem segundo a aliança de Noé e na espera

> de que Cristo unifique a todos os filhos de Deus que se encontram dispersos (N 11, 52)»[63]

O pontificado do Papa João Paulo II foi o grande impulsionador do *Catolicismo de Israel* (termo designado pelo rabino de Livorno Elias Benamozegh em *Israel et L"humanité*), por meio das diversas comunidades e movimentos de leigos que se consolidaram durante seu pontificado, como a Renovação Carismática, o movimento Comunhão e Libertação, os Legionários de Cristo, o Neocatecumenato, a Comunidade Santo Egídio, Lumen Dei e Schoenstatt. No entanto, não há dúvidas de que o principal irradiador do *Catolicismo de Israel*, a partir do próprio Vaticano, foi o Opus Dei, o poder de fato por trás do longo pontificado do Papa polonês.

O capítulo *Reflexões judaicas* da *Declaração sobre a Aliança e a Missão*, de 12 de agosto de 2002, afirma:

> «O judaísmo considera que todos os povos estão obrigados a observar uma lei universal. Essa lei, chamada de os Sete Mandamentos de Noé, se aplica a cada ser humano. Essas leis são: estabelecer tribunais de justiça para que a lei governe a sociedade, a proibição da blasfêmia e da idolatria, do incesto, do derramamento de sangue, do furto e de comer carne de um animal vivo.»

Por ocasião do 40º aniversário da Declaração Conciliar *Nostra Aetate*, sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs, essa nova doutrina, expressa nesse documento sobre a religião judaica e confirmada há quase sessenta anos em numerosos documentos e pronunciamentos oficiais da Hierarquia Católica, foi exposta de maneira ainda mais clara. Um dos textos mais relevantes foi o artigo de Monsenhor Francis Deniau, Bispo de Nevers e Presidente do Comitê Episcopal para as Relações com o Judaísmo, publicado no nº 290 (setembro de 2004) da *Revista Sens*, intitulado *Questiones ouvertes à propos d"une série de*

63. Catecismo da Igreja Católica, cap. II, 1, II, "A Aliança com Noé", pp. 33-34.

transmissions diffusées par Arte ("Questões abertas a propósito de uma série de transmissões difundidas pela Arte"), onde se lê:

> «Hoje a Igreja repudiou toda "Teologia da substituição" e reconheceu a atual eleição do povo judeu, o povo de Deus da Antiga Aliança que nunca foi revogada, segundo a expressão usada por João Paulo II diante da comunidade judaica de Mainz, em 17 de novembro de 1980. Isso obriga a uma releitura completa da Tradição, a uma obra de reinterpretar os dois Testamentos. Trata-se de um caminho cuja abertura João Paulo II contribuiu de maneira particular. A "Teologia da substituição", que provocou tanto mal, não é mais o pensamento da Igreja de hoje. O reconhecimento do significado atual da fidelidade de Israel é o caminho pelo qual a Igreja se lançou, descobrindo um aprofundamento da compreensão de si mesma, do significado da boa nova de Cristo e da esperança para o mundo.»

Em 2002, pouco antes da canonização de Josemaría Escrivá de Balaguer, o Rabino Angel Kreiman, Vice-Presidente Internacional do Conselho Mundial de Sinagogas, afirmou, durante uma palestra em um congresso em Roma sobre o fundador do Opus Dei, que seus ensinamentos estão fortemente enraizados nas tradições talmúdicas. Ele declarou:

> «O conceito Talmúdico de trabalho, é que o trabalho não é um castigo, mas um dever do homem, uma bênção de Deus que nos permite desfrutar plenamente o sábado e nos permite também ser a imagem e semelhança de Deus.
>
> Segundo o Talmude ensina, encontrar Deus nas ocupações comuns e servir aos outros por meio do trabalho é uma das principais batalhas não violentas a serem vencidas.»

O rabino mencionou que, em hebraico, a palavra *trabalho* também é aplicada ao culto religioso, entendendo-a como adoração, uma ação sagrada e, portanto, um ato de louvor divino. De fato, Escrivá nunca se cansou de repetir que era necessário transformar cada ocupação em uma oração.

Ele continua:

> «Muitos dos conceitos de Josemaría Escrivá evocam a tradição Talmúdica e revelam o seu profundo conhecimento do mundo judaico, bem como o seu amor apaixonado, como repetia abertamente, por dois judeus, Jesus e Maria. Além disso, o que mais compara seus ensinamentos ao judaísmo é a vocação do homem para servir a Deus através do trabalho criativo, aperfeiçoando a criação todos os dias, através da perfeição do trabalho.»

Vale ressaltar que o referido rabino é cooperador Opus Dei, segundo consta do gabinete de informação do Opus Dei na internet.

CAPÍTULO XIII

Jules Isaac e o ovo da serpente

Em 1936, pouco antes de partir em viagem para os EUA, o Secretário de Estado do Papa Pio XI, o Cardeal Eugênio Pacelli — futuro Papa Pio XII — disse de maneira assustadoramente profética ao Conde Enrico Pietro Galeazzi:

> «Suponha, meu caro amigo, que o comunismo seja apenas o mais visível dos órgãos de subversão contra a Igreja e contra a Tradição da Revelação divina; então nós vamos assistir à invasão de tudo o que é espiritual, a filosofia, a ciência, o direito, as artes, a imprensa, a literatura, o teatro e a religião. Estou obcecado pelas confidências da Virgem à pequena Lúcia de Fátima. Essa obstinação de Nossa Senhora diante do perigo que ameaça a Igreja é um aviso divino contra o suicídio que representaria a alteração da Fé, em sua liturgia, sua teologia e sua alma" (...)
>
> Ouço ao meu redor os inovadores que querem desmantelar a Capela sagrada, destruir a Chama Universal da Igreja, rejeitar seus ornamentos, dar-lhe remorso pelo seu passado histórico. Pois bem, meu caro amigo, estou convicto que a Igreja de Pedro deve assumir o seu passado ou então ela cavará a sua sepultura.
>
> (...) Um dia virá em que o mundo civilizado renegará seu deus, em que a Igreja duvidará, como Pedro duvidou. Ela será tentada a crer que o homem se tornou deus, que seu Filho é apenas um símbolo, uma filosofia como tantas outras, e nas Igrejas os cristãos procurarão em vão pela lâmpada vermelha onde deus os espera.»

Como ele previu com precisão, tudo o que afirmou concretizou-se a partir de 1960.

O término da Segunda Guerra Mundial e a "Causa Judaica", evidenciada como uma urgência internacional devido ao impacto da Shoah, estabeleceram os alicerces necessários para a criação de uma entidade que promovesse a unidade do gênero humano no campo da geopolítica global. A fundação da ONU em 1945 correspondeu, em parte, às aspirações de uma cooperação mundial já idealizada pela fracassada Liga das Nações. Contudo, o projeto anterior era significativamente mais ambicioso; tratava-se da criação de um Parlamento das Religiões.

A fundadora da Sociedade Teosófica, Helena Petrovna Blavatsky, em colaboração com destacados maçons de Nova York, especialmente o Coronel Henry Steel Olcott, a quem conheceu em uma sessão espírita em outubro de 1874, deu início ao estabelecimento em Nova York de uma Sede ou Parlamento internacional de religiões. O projeto concretizou-se, entretanto, quando, em Chicago, entre 11 e 27 de setembro de 1893, reuniram-se representantes de diversas tradições religiosas. Entre os presentes, destacavam-se o renomado pregador budista Anagarika Dhamapala, representante do budismo theravada, e o guru indiano Swami Vivekenanda, além da sucessora de Blavatsky, a teosofista Annie Besant.

Esse esforço inter-religioso, embora ambicioso em sua perspectiva universalista, tinha como principal alvo a Igreja Católica. A maçonaria e suas ramificações esotéricas e cabalistas, como a Teosofia, acusavam a Igreja Católica de ser incapaz de promover a paz e a ordem mundial devido ao seu caráter exclusivista. No entanto, para eles, o termo cristão seria melhor aproveitado caso se promovesse um movimento ecumênico entre as chamadas religiões cristãs.

No final do século XIX, emergiu a doutrina americanista, cujo principal expoente foi o padre Hecker. Seus adeptos participaram do Parlamento das Religiões de 1893. O americanismo buscava promover a unidade das religiões cristãs, ou seja, protestantes e católica, uma unidade baseada na diversidade, afastando-se das verdades dogmáticas.

O Papa Leão XIII condenou o americanismo na Carta Apostólica de 1899, *"Testem Benevolentiae"*, enviada ao Cardeal James Gibbons, da qual extraímos o seguinte trecho:

> «(...) Assim, o fundamento daquelas novas opiniões que mencionamos é principalmente isto: que a Igreja deve se aproximar consideravelmente da humanidade do mundo atual, a fim de que aqueles que discordam sejam mais facilmente conduzidos à sabedoria católica e, afrouxando a antiga severidade, sejam mais indulgentes com as novas opiniões e razões apresentadas pelos povos. Muitos entendem que isso não se refere apenas à disciplina da vida, mas também às doutrinas que contêm o depósito da Fé. Pois eles argumentam que é oportuno, para atrair as vontades discordantes, omitir ou suavizar certos pontos doutrinários, como se fossem de menor importância, de modo a não manterem o mesmo sentido que a Igreja sempre sustentou de forma constante.
>
> "(...) Pois a doutrina da Fé, que Deus revelou, não foi proposta para ser aperfeiçoada pelas habilidades humanas como uma invenção filosófica, mas como um depósito divino confiado fielmente à Esposa de Cristo para ser guardado e declarado infalivelmente, deve-se sempre manter o mesmo sentido que a Santa Madre Igreja uma vez declarou, e nunca devemos nos afastar desse sentido em busca de uma interpretação mais elevada, seja em aparência ou em nome.»

O americanismo, apesar da condenação papal, expandiu-se não apenas a partir de suas origens protestantes, que, como já discutimos, possuem um caráter noéico, mas também penetrou nas esferas do próprio catolicismo. Um exemplo disso é o movimento "Le Sillon", liderado por Marc Sangnier, que posteriormente também enfrentaria a condenação da Igreja. Sangnier, por sua vez, acabou por se tornar um

adepto do noéismo e, mais tarde, integrou o *Congrès National contre le racisme, l"antisémitisme et pour la paix*, realizado em 22 de maio de 1949.

O Papa Pio XI também condenou a tentativa de promover a unidade entre as religiões sem considerar os fundamentos da verdade revelada. Vejamos alguns trechos da Encíclica *Mortalium Animos*:

> «... Talvez jamais em uma outra época os espíritos dos mortais foram tomados por um tão grande desejo daquela fraterna amizade, pela qual em razão da unidade e identidade de natureza – somos estreitados e unidos entre nós, amizade esta que deve ser robustecida e orientada para o bem comum da sociedade humana, quanto vemos ter acontecido nestes nossos tempos.
>
> Pois, embora as nações ainda não usufruam plenamente dos benefícios da paz, antes, pelo contrário, em alguns lugares, antigas e novas discórdias vão explodindo em sedições e em conflitos civis; como não é possível, entretanto, que as muitas controvérsias sobre a tranquilidade e a prosperidade dos povos sejam resolvidas sem que exista a concórdia quanto à ação e às obras dos que governam as Cidades e administram os seus negócios; compreende-se facilmente (tanto mais que já ninguém discorda da unidade do gênero humano) porque, estimulados por esta irmandade Universal, também muitos desejam que os vários povos cada dia se unam mais estreitamente.
>
> No entanto alguns lutam por realizar coisa não dissemelhante quanto à ordenação da Lei Nova trazida por Cristo, Nosso Senhor.
>
> Pois, tendo como certo que rarissimamente se encontram homens privados de todo sentimento religioso, por isto, parece, passaram a ter esperança de que, sem dificuldade, ocorrerá que os povos, embora cada um sustente sentença diferente sobre as coisas divinas, concordarão fraternalmente na profissão de algumas doutrinas como que em um fundamento comum da vida espiritual.

Por isto costumam realizar por si mesmos convenções, assembleias e pregações, com não medíocre frequência de ouvintes e para elas convocam, para debates, promiscuamente, a todos: pagãos de todas as espécies, fiéis de Cristo, os que infelizmente se afastaram de Cristo e os que obstinada e pertinazmente contradizem à sua natureza divina e à sua missão.

Sem dúvida, estes esforços não podem, de nenhum modo, ser aprovados pelos católicos, pois eles se fundamentam na falsa opinião dos que julgam que quaisquer religiões são, mais ou menos, boas e louváveis, pois, embora não de uma única maneira, elas alargam e significam de modo igual aquele sentido ingênito e nativo em nós, pelo qual somos levados a Deus e reconhecemos obsequiosamente o seu Império.

Erram e estão enganados, portanto, os que possuem esta opinião, pervertendo o conceito da verdadeira religião, eles repudiam-na e gradualmente inclinam-se para o chamado Naturalismo e para o Ateísmo. Daí segue-se claramente que quem concorda com os que pensam e empreendem tais coisas afasta-se inteiramente da religião divinamente revelada.

Entretanto, quando se trata de promover a unidade entre todos os cristãos, alguns são enganados mais facilmente por uma disfarçada aparência do que seja reto.

Acaso não é justo e de acordo com o dever — costumam repetir amiúde — que todos os que invocam o nome de Cristo se abstenham de recriminações mútuas e sejam finalmente unidos por mútua caridade?

Acaso alguém ousaria afirmar que ama a Cristo se, na medida de suas forças, não procura realizar as coisas que Ele desejou, ele que rogou ao Pai para que seus discípulos fossem "Um" (Jo 17, 21)?

Acaso não quis o mesmo Cristo que seus discípulos fossem identificados por este como que sinal e fossem

por ele distinguidos dos demais, a saber, se mutuamente se amassem: "todos conhecerão que sois meus discípulos nisto: se tiverdes amor um pelo outro?" (Jo 13, 15)

Oxalá todos os cristãos fossem "Um", acrescentam: eles poderiam repelir muito melhor a peste da impiedade que, cada dia mais, se alastra e se expande, e se ordena ao enfraquecimento do Evangelho.

Os chamados "pancristãos" espalham e insuflam estas e outras coisas da mesma espécie. E eles estão tão longe de serem poucos e raros, mas, ao contrário, cresceram em fileiras compactas e uniram-se em sociedades largamente difundidas, as quais, embora sobre coisas de fé cada um esteja imbuído de uma doutrina diferente, são, as mais das vezes, dirigidas por acatólicos.

Esta iniciativa é promovida de modo tão ativo que, de muitos modos, consegue para si a adesão dos cidadãos e arrebata e alicia os espíritos, mesmo de muitos católicos, pela esperança de realizar uma união que parecia de acordo com os desejos da Santa Mãe, a Igreja, para Quem, realmente, nada é tão antigo quanto o reconvocar e o reconduzir os filhos desviados para o seu grêmio.

Na verdade, sob os atrativos e os afagos destas palavras oculta-se um gravíssimo erro pelo qual são totalmente destruídos os fundamentos da Fé.

Advertidos pois, pela consciência do dever apostólico, para que não permitamos que o rebanho do Senhor seja envolvido pela nocividade destas falácias, apelamos, veneráveis irmãos, para o vosso empenho na precaução contra este mal. Confiamos que, pelas palavras e escritos de cada um de vós, poderemos atingir mais facilmente o povo, e que os princípios e argumentos, que a seguir proporemos, sejam entendidos por ele pois, por meio deles, os católicos devem saber o que devem pensar e praticar, dado que se trata de iniciativas que dizem respeitos a eles,

para unir de qualquer maneira em um só corpo os que se denominam cristãos.

Fomos criados por Deus, Criador de todas as coisas, para este fim: conhece-lO e servi-lO. O nosso Criador possui, portanto, pleno direito de ser servido.

Por certo, poderia deus ter estabelecido apenas uma lei da natureza para o governo do homem. Ele, ao cria-lo, gravou-a em seu espírito e poderia portanto, a partir daí, governar os seus novos atos pela providência ordinária dessa mesma lei. Mas, preferiu dar preceitos aos quais nós obedecêssemos e, no decurso dos tempos, desde os começos do gênero humano até a vinda e a pregação de Jesus Cristo, Ele próprio ensinou ao homem, naturalmente dotado da razão, os deveres que dele seriam exigidos para com o Criador. "Em muitos lugares e de muitos modos, antigamente, falou Deus aos nossos pais pelos profetas; ultimamente, nestes dias, falou-nos por seu Filho" (He 1, 1 seg).

Está, portanto, claro que a religião verdadeira não pode ser outra, senão a que se funda na palavra revelada de Deus; começando a ser feita desde o princípio, essa revelação prosseguiu sob a Lei Antiga e o próprio Cristo completou-a sob a Nova Lei.

Portanto, se Deus falou – e comprova-se pela fé histórica ter Ele realmente falado – não há quem não veja ser dever do homem acreditar, de modo absoluto, em Deus que se revela e obedecer integralmente a Deus que impera. Mas, para a glória de Deus e para a nossa salvação, em relação a uma coisa e outra, o Filho unigênito de Deus instituiu na terra a sua Igreja.

Acreditamos, pois, que os que afirmam serem cristãos, não possam fazê-los sem crer que uma Igreja, e uma só, foi fundada por Cristo. Mas, se se indaga, além disso, qual deve ser ela pela vontade de seu Autor, já não estão todos em consenso.

Assim, por exemplo, muitíssimos destes negam a necessidade da Igreja de Cristo ser visível e perceptível, pelo menos na medida em que deva aparecer como um corpo único de fiéis, concordes em uma só e mesma doutrina, sob um só magistério e um só regime. Mas, pelo contrário, julgam que a Igreja perceptível e visível é uma Federação de várias comunidades cristãs, embora aderentes, cada uma delas, a doutrinas opostas entre si.

Entretanto, Cristo Senhor instituiu a sua Igreja como uma sociedade perfeita de natureza externa e perceptível pelos sentidos, a qual, nos tempos futuros, prosseguiria a obra da reparação do gênero humano pela regência de um só cabeça (Mt 16, 18 seg; Lc 22, 32; Jo 21, 15 – 17), pelo magistério de uma voz viva (Mc 16, 15) e pela dispensação dos sacramentos, fontes da graça celeste (Jo 3, 5; 6, 48 – 50; 20, 22 seg; cf. Mt 18, 18; etc.). Por esse motivo, por comparações afirmou-a semelhante a um reino (Mt, 13), a uma casa (Mt 16, 18), a um redil de ovelhas (Jo 10, 16) e a um rebanho (Jo 21, 15 – 17).

Esta Igreja, fundada de modo tão admirável, ao Lhe serem retirados o seu Fundador e os Apóstolos que por, primeiro a propagaram, em razão da morte deles, não poderia cessar de existir e ser extinta, uma vez que Ela era aquela a quem, sem nenhuma discriminação quanto a lugares e a tempos, fora dado o preceito de conduzir todos os homens à salvação eterna: "Ide, pois, ensinai a todos os povos" (Mt 28, 29).

Acaso faltaria à Igreja algo quanto à virtude e eficácia no cumprimento perene desss múnus, quando o próprio Cristo solenemente prometeu estar sempre presente a ela: "Eis que Eu estou convosco, todos os dias, até a consumação dos séculos?" (Mt 28,20).

Deste modo, não pode ocorrer que a Igreja de Cristo não exista hoje em todo o tempo, e também que Ela não exista como inteiramente a mesma que existiu à época dos

> Apóstolos. A não ser que desejemos afirmar que: Cristo Senhor ou não cumpriu o que propôs ou que errou ao afirmar que as portas do inferno jamais prevaleceriam contra Ela (Mt 16, 18).
>
> Assim sendo, é manifestamente claro que a Santa Sé, não pode, de modo algum, participar de suas assembleias e que, aos católicos, de nenhum modo é lícito aprovar ou contribuir para estas iniciativas: se o fizerem concederão autoridade a uma falsa religião cristã, sobremaneira alheia à única Igreja de Cristo.
>
> Assim, de que vale excogitar no espírito uma certa Federação cristã, na qual ao ingressar ou então quando se tratar do objeto da fé, cada qual retenha a sua maneira de pensar e de sentir, embora ela seja repugnante às opiniões dos outros." (...)»

Apesar de todas essas advertências, muitos católicos se associaram ao projeto elaborado pelo Conselho Internacional de Cristãos e Judeus (ICCJ), dissimulando a natureza ecumênica da organização sob o pretexto de abordar a questão do antissemitismo. Essa organização foi criada com ampla adesão e apoio de protestantes noéicos, maçons e a B"nai B"rith. Seu segundo encontro ocorreu em Seelisberg, na Suíça Central, de 30 de julho a 5 de agosto de 1947. O principal impulsionador do projeto foi o professor de história Jules Isaac (1877–1963), um judeu francês que perdeu a esposa e a filha em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Jules Isaac havia aderido à causa sionista após o "affair" Dreyfus, juntamente com Charles Péguy, com quem fundou a revista *Cahiers de la Quizaine*. Na década de 1930, foi nomeado Inspetor Geral da Educação Pública na França. Com o início da Segunda Guerra Mundial, Isaac associou imediatamente o "affair" Dreyfus à coletividade do povo judeu, assim como Theodor Herzl o fizera anteriormente. Mais tarde, ele afirmaria:

> «Mesmo que apenas através de uma perseguição grave e cada vez pior, a questão judaica impôs-se à minha mente

> e a solidariedade judaica ao meu coração e consciência. Eu fazia parte deste Israel odiado, caluniado e desprezado; enfrentando os perseguidores, aceitei plenamente, fazer parte disso. Tive também de empreender uma nova luta, para lidar com as queixas injustas que nos foram feitas.»[64]

Isaac, assim, tomou para si a responsabilidade de buscar uma reparação ao povo judeu pelas perseguições nazistas ocorridas durante a guerra. No entanto, em vez de investigar as raízes raciais e pré-cristãs do antissemitismo de Hitler, Isaac, seguindo a tradição do judaísmo talmúdico, atribuiu toda a responsabilidade da perseguição nazista à Igreja Católica, que ele considerava a verdadeira disseminadora do antissemitismo histórico. Sua pesquisa, que o levou a essa conclusão, foi fornecida por clérigos amigos seus. Em 1947, publicou seu livro *Jésus et Israel*, com mais de 600 páginas impregnadas de hostilidade a Jesus Cristo, aos apóstolos, aos mártires, aos santos, aos Concílios, enfim, à Igreja Católica. No prefácio, Isaac escreveu: "O livro nasceu da perseguição... É o grito de uma consciência ultrajada, de um coração dilacerado. Recuse-se a ouvi-lo" (Jules Isaac, *Jésus et Israel*). Provavelmente foi nesse período que Jules Isaac conheceu Ângelo Roncalli, Núncio Apostólico da Santa Sé em Paris desde 1944, sob o pontificado do Papa Pio XII.

Isaac, de forma interessante, redirecionou seu foco de trabalho após a guerra, buscando promover o diálogo judaico-cristão. Em 1948, junto com Edmond Fleg, fundou a *Amitié Judéo-Chrétienne de France*, associação da qual foi presidente por muitos anos. Durante a Conferência de Seelisberg, Jules Isaac apresentou sua proposta para uma redefinição do catolicismo, com o objetivo de expurgar os elementos antissemitas de sua doutrina, resumida em dez pontos:

1. Deve ser relembrado que um só e mesmo Deus nos fala no Antigo e Novo Testamento.

   Comentário: Dizer que Deus é um e o mesmo não basta para um católico; é necessário afirmar que Deus é uno e trino.

64. ROBBERECHTS, Edouard. "The Legacy of Jules Isaac".

2. Não se pode esquecer que Jesus nasceu de mãe judia, pertencia à família de Davi e ao povo de Israel, e que seu amor eterno abrange o seu povo e o mundo inteiro.

   Comentário: Um católico deve, antes de mais nada, afirmar que Jesus Cristo é Deus Filho, consubstancial ao Pai. Deve também esclarecer que, embora Jesus tenha sido judeu quanto à sua descendência de Davi, da tribo de Judá, sendo Deus, não pode ser judeu no sentido em que Isaac compreende o judaísmo, pois Deus não pode pertencer a uma religião que o rejeita. Por essa razão, o povo judeu não é mais o povo de escolhido.

3. Recorde-se ainda que os primeiros discípulos, os Apóstolos e os primeiros mártires eram judeus.

   Comentário: Recorde-se, antes, porém, que os primeiros discípulos e Apóstolos eram judeus até compreenderem a apostasia de seus líderes. Ao negar o Messias, esses líderes abandonavam a religião de seus pais. Foi precisamente para defender a verdadeira religião de seus antepassados que os primeiros cristãos se converteram do judaísmo apóstata para a verdadeira Fé, razão pela qual foram martirizados pelos judeus.

4. Tenha-se presente que o principal mandamento do cristianismo, o amor de Deus e do próximo, anunciado no Antigo Testamento e confirmado por Jesus, obriga igualmente cristãos e judeus, em todas as relações humanas.

   Comentário: Diga-se, porém, que amar o próximo não significa amar seus erros. Amar a Deus implica não entregar armas aos Seus inimigos, visto que os judeus visam um mundo com leis próprias para si e outras para os não judeus, conforme definido na religião B'nai Noach.

5. Deve-se evitar diminuir o judaísmo bíblico e pós-bíblico para exaltar o cristianismo.

   Comentário: Para exaltar o Antigo Testamento, é necessário exaltar o cristianismo, pois é pelo Novo Testamento que se

compreende o Antigo. Fazê-lo é afirmar a verdade, e a verdade pertence à Igreja Católica, não ao judaísmo pós-bíblico.

6. Não se deve empregar a palavra "judeu" para designar exclusivamente os inimigos de Jesus, e as palavras "inimigos de Jesus" para designar o povo judeu em seu conjunto.

   Comentário: Sendo inimigos da realeza social de Jesus Cristo — consequência de sua Divindade, que os judeus negam —, como não chamá-los de inimigos de Jesus?

7. Não se deve apresentar a Paixão de Jesus como se todos os judeus, ou somente os judeus, tivessem incorrido na odiosidade da crucificação. Não foram todos os judeus que pediram a morte de Jesus, nem foram somente judeus que se responsabilizaram por ela. A cruz, que salva a humanidade, revela que Cristo morreu pelos pecados de todos. Pais e mestres cristãos deveriam ser alertados a respeito de sua grande responsabilidade na maneira de narrar os sofrimentos de Jesus. Se o fazem de uma forma superficial, correm o risco de fomentar aversões no coração das crianças ou dos ouvintes. Numa mente simples, movida de um ardente amor compassivo pelo Salvador crucificado, o horror natural dos perseguidores de Jesus pode facilmente tornar-se, por motivos psicológicos, ódio indiscriminado pelo judeu de todos os tempos, inclusive nos nossos dias.

   Comentário: O Deicídio foi o pior crime da História, embora o Concílio Vaticano II o tenha negado sob influência e pressão do hassidismo judaico, através do Comitê Judaico Internacional, liderado por Abraham Joshua Heschel, e pela colaboração fervorosa do Cardeal Augustin Bea. Portanto, afirmá-lo não é promover o ódio contra o povo judeu, mas sim chamá-los a um sincero arrependimento e conversão.

8. Não se devem evocar as condenações bíblicas e o grito da multidão enraivecida: "Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" sem relembrar que esse grito não anulou as

palavras de Jesus, de consequências incomparavelmente maiores: "Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem."

Comentário: Ao perdão cabe o pleno arrependimento, e o judaísmo hassídico impede-o.

9. É preciso evitar qualquer tentativa de mostrar os judeus como um povo reprovado, amaldiçoado e votado a um sofrimento perpétuo.

   Comentário: Todo aquele que não beber do Sangue e comer do Corpo de Cristo não terá participação na vida eterna. Os judeus rejeitam a graça, sem a qual não podem salvar-se.

10. Deve ser mencionado que os primeiros membros da Igreja eram judeus.

    Comentário: Isso é absolutamente incorreto, pois quem é membro da Igreja não pode ser considerado judeu. Os judeus que receberam o batismo deixaram de ser judeus para se tornarem filhos de Deus, membros do Corpo Místico de Cristo.

A teologia da substituição ensinada desde os tempos dos apóstolos e que, em verdade, é a alma do Novo Testamento, expõe a realidade do judaísmo pós bíblico, marcado sobretudo pela rejeição de Jesus Cristo como o Messias pelo povo judeu. Dessa rejeição e sobretudo fundamentado nela, é que se configura o atual judaísmo. Esse judaísmo, desde a destruição do segundo Templo no ano 70 D.C., não possui mais os elementos da antiga religião de seus pais — Templo, Sacerdócio e Sacrifício — sem os quais não pode haver religião propriamente dita e nem cumprem mais a verdadeira lei. A Igreja Católica, por sua vez, desde seu início, por ser a continuação da obra da Redenção operada por Jesus Cristo em sua paixão e morte, se configurou, daí em diante, como a nova Israel, a nova e eterna aliança. Dessa oposição entre a Igreja Católica e o judaísmo pós bíblico, se configurou uma inimizade e uma coexistência teológica impossível, e assim o foi por dois mil anos de História. A ideia de um catolicismo convertido ao judaísmo pós bíblico era simplesmente impensável, o contrário, quer dizer, a conversão dos

judeus, é que era o desejado pela Igreja, no entanto o modernismo do fim do século XIX, ao assumir pressupostos da filosofia moderna, já acenava na direção de um catolicismo desprovido da doutrina da substituição. Finalmente, a possibilidade da Igreja se "purificar" e reconhecer a Antiga Aliança como viva e eterna começou a se concretizar em 1958, após a morte de Pio XII e a ascensão de Ângelo Roncalli ao trono pontifício, com o nome de João XXIII, ele mesmo diria, já como Papa, quando, certa vez passando em frente à Sinagoga de Roma, abriu seus braços ao avistar alguns judeus: "Eu sou José, vosso irmão..."

Acredito ser essa a razão pela qual Nossa Senhora ordenou à Irmã Lúcia que escrevesse por fora do envelope que o segredo deveria ser lido em 1960. Antes porém, voltemos aos acontecimentos posteriores a 1950 e ao destino do Terceiro Segredo de Fátima.

CAPÍTULO XIV
O Terceiro Segredo de Fátima chega a Roma

Irmão Michel da Santíssima Trindade, em sua obra *Toda a Verdade sobre Fátima*, concluiu que a terceira parte do segredo de Fátima estaria intrinsecamente relacionada a uma crise de fé, a qual atingiria os mais altos escalões da hierarquia eclesiástica. Observemos como ele articulou essa visão, estabelecendo uma correlação com o Concílio Vaticano II:

> «Sim, é verdade, porque a grande profecia de Fátima não só anuncia a crise de Fé que chegaria depois de 1960, mas também os fracassos dos mais altos representantes da hierarquia, e porque denuncia também — mais ou menos explícitamente, embora com bastante clareza — as "grandes orientações conciliares" que abriram as portas da Igreja à apostasia, de modo que os Papas, embora persistam em continuar a governar a Igreja segundo o espírito do Concílio — exaltando a liberdade religiosa, aquela heresia abominável, o ecumenismo, os ideais de 1789 e o culto do homem — nunca poderão dar a conhecer ao mundo as palavras da Rainha dos Céus, que os condena.»[65]

O jornalista italiano Antonio Socci critica essa passagem de Irmão Michel, considerando-a surpreendente e duvidosa, dado que, à época, o texto do Terceiro Segredo ainda não era conhecido. Todavia, após 24 anos de conhecimento do texto, não considero, de modo algum, equivocada a afirmação de Irmão Michel, como demonstrarei mais

65. *Toda a verdade sobre Fátima*, vol. III, p. 558.

adiante. Pelo contrário, é Socci quem se aferra, imprudentemente, a uma interpretação falsa e forçada.

Irmão Michel também descreve, em minúcia, os detalhes do percurso do envelope contendo o Terceiro Segredo, desde Leiria até sua chegada a Roma. Em 1957, a Cúria de Leiria recebeu do Santo Ofício, por intermédio do Núncio Monsenhor Cento, a ordem de enviar todos os escritos de Lúcia. Essa postura de Roma é, no mínimo, curiosa, considerando que o mesmo procedimento não fora adotado em relação às duas partes anteriores do segredo. Por que razão, apenas nesse momento, após 13 anos, Roma determinou que o segredo lhe fosse remetido? Evidentemente, o pedido foi prontamente atendido:

> «Quando tudo terminou de ser fotocopiado, Monsenhor Da Silva indagou ao núncio se o Terceiro Segredo também deveria ser enviado. O núncio consultou Roma, que respondeu: *Naturalmente*! *O segredo também*! *Principalmente*!»

Como a própria Irmã Lúcia registrou em seu diário, o envelope contendo o segredo estava lacrado e deveria, portanto, ser enviado nessa condição. Dom Venâncio, bispo auxiliar de Leiria, dirigiu-se ao bispo titular, Dom José Alves da Silva, que, à época, já contava com oitenta e cinco anos e sofria de quase total cegueira. Dom Venâncio incentivou-o a ler o segredo, mas Dom Da Silva recusou-se. Assim, Dom Venâncio incumbiu-se, pessoalmente, de levar o envelope lacrado à nunciatura de Lisboa, onde o entregou em mãos a Monsenhor Cento, que demonstrou visível satisfação ao recebê-lo. Esse fato ocorreu no dia 1º de março; o envelope chegou a Roma em abril de 1957.

A partir desse momento, eventos enigmáticos passaram a envolver a Irmã Lúcia, especialmente à medida que se aproximava o ano de 1960, data estabelecida por Nossa Senhora para a leitura do segredo. O envelope continha o manuscrito da Irmã Lúcia. Sabemos hoje que havia dois envelopes, conforme esclarecido pelo próprio Cardeal Bertone em uma entrevista à televisão italiana. Na ocasião, ele respondia ao livro de

Antonio Socci, *O Quarto Segredo de Fátima*, no qual o jornalista menciona que o segredo estava escrito em quatro folhas e quatro páginas. O Cardeal esclareceu que o segredo fora redigido em uma única folha de papel, dobrada em quatro partes, totalizando quatro páginas.

Em ambos os envelopes, lê-se:

> «Por ordem expressa de Nossa Senhora, este envelope só pode ser aberto em 1960 por sua EMcia. O senhor cardeal Patriarca de Lisboa ou por sua EXcia. REVma. O senhor Bispo de Leiria.»

Para determinados grupos *fatimistas*, a existência de dois envelopes sustenta a tese de um Quarto Segredo. Entretanto, considero que essa peculiaridade foi um artifício adotado pela própria Irmã Lúcia, dado o rigor imposto quanto à responsabilidade de se abrir o envelope apenas em 1960, como visto, não pelo Papa, mas pelo Patriarca de Lisboa ou pelo Bispo de Leiria. Tal circunstância, contudo, não exclui a possibilidade de haver outro texto redigido por ela, embora eu acredite ser pouco provável, pelas razões que apresentarei posteriormente.

Ainda assim, Roma requisitou o documento antecipadamente, provavelmente com o intuito de evitar que fosse lido. Mas de onde teria partido essa iniciativa? É plausível supor que essa nova postura em relação a Fátima e à Irmã Lúcia tenha sua origem nos altos círculos romanos. Outro fato ocorrido no mesmo ano reforça essas suspeitas: a entrevista da Irmã Lúcia com o padre Augustin Fuentes, então postulador da causa de beatificação de Francisco e Jacinta Marto.

A possibilidade de um segredo cujo conteúdo fosse marcado por tons apocalípticos era algo que necessitava estar sob o controle direto da Secretaria de Estado do Vaticano. Certos setores progressistas da Igreja, determinados a inaugurar uma nova "era de paz", buscavam fundamentar suas bases em um novo modelo de humanidade — um ideal que contrastava frontalmente com profecias catastróficas.

CAPÍTULO XV

A entrevista com o padre Augustin Fuentes

Em 26 de dezembro de 1957, o padre Augustin Fuentes encontrou-se com a Irmã Lúcia. Essa seria sua última entrevista irrestrita. O conteúdo da conversa foi publicado em 1958 com o *Imprimatur* das autoridades eclesiásticas de Coimbra, nos Estados Unidos, na revista do padre Ryan, *Fatima Findings*, e, em 1959, no jornal português *A Voz*. Contudo, a partir de 1960, a Irmã Lúcia passou a ser proibida de conceder entrevistas sem a autorização prévia do Vaticano ou do cardeal responsável pelo Santo Ofício (posteriormente renomeado como "Congregação para a Doutrina da Fé"). Apenas seus parentes consanguíneos ou aqueles que a conheciam desde antes de 1955 tinham permissão para visitá-la — ainda assim, sob restrições rigorosas.

Toda a documentação referente à Irmã Lúcia, que estava sob a guarda do padre Alonso, arquivista de Fátima, composta por mais de 5.793 documentos organizados em 24 volumes, foi proibida de publicação a partir de 1976. Em outras palavras, essa entrevista precipitou a decisão de silenciá-la definitivamente.

A entrevista revela uma Irmã Lúcia, às vésperas de 1960, profundamente abatida e inquieta. Percebe-se que ela havia recebido uma nova revelação de Nossa Senhora, que a alarmara quanto ao futuro da Igreja e da humanidade. O padre Fuentes relatou o ocorrido com as seguintes palavras:

> «A Irmã Lúcia parecia muito triste, pálida e emaciada. Ela me disse: "Padre, a Santíssima Virgem está muito triste porque ninguém deu atenção à sua mensagem, nem os bons, nem os maus. Os bons seguem seu caminho, mas

sem dar importância à sua mensagem. Os ímpios, não vendo o castigo de Deus cair sobre eles, continuam na sua vida de pecado, ignorando a mensagem. Mas o castigo do Céu é iminente. Não posso revelar mais detalhes, pois ainda é segredo. De acordo com a vontade da Santíssima Virgem, apenas o Santo Padre e o Bispo de Leiria estavam autorizados a conhecer o segredo, mas optaram por não o fazer, para não serem influenciados. Trata-se da terceira parte da mensagem de Nossa Senhora, que permanecerá secreta até 1960."»

Comentário: Tem-se a impressão de que a Irmã Lúcia desconhecia a data em que se encontrava naquele momento, nem sabia que o segredo já não estava mais em Leiria, mas em Roma.

«Diga-lhes, padre, que muitas vezes a Santíssima Virgem nos disse, tanto aos meus primos Francisco e Jacinta como a mim, que muitas nações desaparecerão da face da Terra. Ela disse que a Rússia será o instrumento escolhido pelo Céu para punir o mundo inteiro, caso não se consiga a conversão dessa infeliz nação. Padre, o Diabo está prestes a iniciar uma batalha decisiva contra a Santíssima Virgem. Ele sabe o que mais ofende a Deus e como conquistar o maior número de almas no menor espaço de tempo.»

Comentário: Sem dúvida, a melhor maneira de conquistar almas rapidamente é, como descrito no Apocalipse, capítulo 12, varrer as estrelas do céu e jogá-las no chão, ou seja, provocar a apostasia do clero; porque, se um bispo perde a fé, todo o seu rebanho será facilmente capturado pelo Diabo.

«Assim, o Diabo faz tudo ao seu alcance para derrotar as almas consagradas a Deus, pois sabe que, assim, as almas dos fiéis, abandonadas pelos seus guias, cairão ainda mais facilmente em suas mãos. O que aflige o Coração Imaculado de Maria e o Coração de Jesus é a queda das

almas dos religiosos e dos sacerdotes. O Diabo sabe que, por cada religioso e sacerdote que apostata de sua elevada vocação, inúmeras almas são arrastadas para o inferno.

Diga-lhes também, padre, que meus primos Francisco e Jacinta se sacrificaram porque, em todas as aparições, a Virgem Santa apresentava-se muito triste. Ela nunca sorriu para nós. Aquela tristeza, aquela angústia que percebemos nela, penetrou profundamente em nossas almas. Essa tristeza foi causada pelas ofensas a Deus e pelos castigos que ameaçam os culpados. E nós, sendo crianças, não sabíamos o que pensar, exceto inventar várias formas de rezar e fazer sacrifícios. Outra coisa que santificou meus primos foi a visão do inferno.

Padre, por todas essas razões, minha missão não é indicar ao mundo os castigos materiais que certamente o aguardam, caso não se converta a tempo à oração e à penitência. Não! Minha missão é lembrar a todos do perigo de perdermos nossas almas imortais se persistirmos no pecado.»

Comentário: O maior perigo para nós, segundo se pode deduzir dessas palavras, é a perda da fé, e esse seria o maior de todos os castigos. A ideia de uma apostasia generalizada se faz presente de forma mais veemente no próximo parágrafo.

«Padre, não devemos esperar que venha de Roma, da parte do Santo Padre...»

Comentário: Veremos posteriormente como, em uma análise teológica do texto do Terceiro Segredo, essa passagem se harmoniza perfeitamente com a visão do texto.

«... um apelo ao mundo para que faça penitência. Nem devemos esperar que esse apelo à penitência venha dos nossos bispos, nas nossas dioceses...»

Comentário: Aqui, ela especifica inclusive a falta de confiança mesmo na sua diocese, a de Coimbra, e ela tinha razão, como veremos.

«... nem das congregações religiosas. Não! Nosso Senhor já utilizou muitas vezes esses meios, e o mundo não deu atenção. Eis por que agora é necessário que cada um de nós comece a se reformar espiritualmente. Cada pessoa deve não apenas salvar a sua alma, mas também ajudar a salvar todas as almas que Deus colocar em seu caminho.

Senhor padre, a Santíssima Virgem não me disse que estamos nos últimos tempos do mundo, mas me fez compreendê-lo por três razões.»

Comentário: Os Fatimistas parecem ignorar deliberadamente essa parte, que obviamente não se encaixa na interpretação que dão à mensagem.

«A primeira razão é porque ela me disse que o demônio está travando uma batalha decisiva, a batalha final, em que um lado sairá vencedor e o outro, derrotado.»

Comentário: Essa descrição não corresponde a uma catástrofe nuclear, mas a algo muito mais profundo e espiritual, com consequências eternas. A descrição alude mais à Grande Apostasia prevista por São Paulo na Segunda Carta aos Tessalonicenses, pois é dessa apostasia que surgirá o "Filho da Perdição".

«Assim, a partir de agora, devemos escolher o nosso lado: ou estamos com Deus, ou com o Demônio. Não há outra opção.

A segunda razão é porque ela disse aos meus primos, assim como a mim, que Deus está oferecendo os dois últimos remédios ao mundo: o Rosário e a devoção ao Imaculado Coração de Maria. São os dois últimos remédios, o que significa que não haverá outros.»

Comentário: Parece-nos um indício de que a Santa Missa seria alterada de modo a perder a eficácia sacramental; do contrário, não se poderia admitir que restariam apenas esses dois remédios espirituais: o Rosário e a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

«A terceira razão é porque, nos planos da Divina Providência, Deus esgota todos os outros remédios antes de castigar o mundo. Mas, quando Ele percebe que o mundo não presta atenção, como dizemos em nossa maneira imperfeita de falar, oferece-nos com «temor certo» o último meio de salvação: sua Santíssima Mãe. E é com «temor certo» porque, se desprezarmos e repelirmos este último meio, não teremos mais nenhum perdão do Céu, pois teremos cometido o pecado que o Evangelho chama de pecado contra o Espírito Santo. Este pecado consiste em rejeitar abertamente, com pleno conhecimento e consentimento, a salvação que Ele nos oferece.

Lembremos que Jesus Cristo é um filho muito dedicado e que não permite que ofendamos e desprezemos sua Santíssima Mãe. Ao longo de muitos séculos da história da Igreja, recolhemos testemunhos inequívocos que demonstram, através dos castigos terríveis que caíram sobre aqueles que atacaram a honra de sua Santíssima Mãe, como Nosso Senhor Jesus Cristo sempre defendeu a honra de sua Mãe. Os dois meios para a salvação do mundo são a oração e o sacrifício.

Repare, senhor padre, que a Santíssima Virgem, nestes últimos tempos em que vivemos, deu uma nova eficácia à recitação do Rosário, e concedeu-nos esta eficácia de tal forma que não há problema temporal ou espiritual, por mais difícil que seja, na vida pessoal de cada um de nós, de nossas famílias, das famílias do mundo, das comunidades religiosas, ou mesmo na vida dos povos e nações, que não possa ser resolvido pelo Rosário. Com o Rosário, salvar-nos-emos, santificar-nos-emos, consolaremos o Nosso Senhor e alcançaremos a salvação de muitas almas.

Finalmente, a devoção ao Imaculado Coração de Maria, nossa Mãe Santíssima, consiste em vê-la como fonte de misericórdia, de bondade e de perdão, e como a porta segura pela qual entraremos no Céu.»

No dia 2 de julho de 1959, a Cúria de Coimbra publicou uma nota duríssima contra o padre Augustin Fuentes, afastando-o definitivamente do cargo de postulador da causa de beatificação dos videntes Francisco e Jacinta Marto. O padre Fuentes, que, conforme confirmado em 3 de junho de 1959 por Dom Venâncio, havia sido escolhido pelo próprio bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva, ainda em 1954 — não como postulador oficial, uma vez que a causa estava na fase diocesana —, fora reconfirmado pelo próprio Dom Venâncio em 1958.

Ainda assim, a Chancelaria da Diocese de Coimbra o destituiu, nomeando, no mesmo ano, o padre húngaro Luis Kondor para a função. Em seguida, a Cúria publicou um comunicado atribuído à Irmã Lúcia, no qual todas as declarações de Fuentes eram categoricamente negadas. Surge, então, uma pergunta inevitável: por que esse interdito partiu da Diocese de Coimbra, e não diretamente de Roma? Essa questão deveria ser de interesse para toda a Igreja, pois tratava de alertas relacionados a graves problemas que afetariam a vida espiritual e o destino das almas.

Já examinamos, em capítulos anteriores, as relações entre a Diocese de Coimbra e o Opus Dei, bem como a influência dessas relações na decisão de Montini, então secretário de Estado do Papa Pio XII, de determinar que o Carmelo de Coimbra fosse o convento para o qual a Irmã Lúcia seria enviada em 1948. Naquele momento, o bispo de Coimbra, Dom Antônio Antunes, era amigo pessoal de membros do Opus Dei em Portugal. Foi ele quem organizou a entrada da Irmã Lúcia no Carmelo de Santa Teresa, em 25 de março daquele ano. Dom Antônio, contudo, faleceria meses depois, sendo sucedido por Dom Ernesto Sena de Oliveira, também amigo pessoal de Josemaría Escrivá. Seu secretário, Monsenhor Joaquim Cunha, era membro do Opus Dei.

Por fim, a Cúria Diocesana de Coimbra publicou, no dia 2 de julho, uma nota de repúdio à entrevista concedida pelo padre Fuentes, nos seguintes termos:

> «O Reverendo Padre Augustin Fuentes, postulador na causa de beatificação dos videntes de Fátima, Francisco e Jacinta, visitou a Irmã Lúcia e falou com ela

exclusivamente sobre assuntos relacionados ao processo. Ao retornar ao México, sua pátria, permitiu-se fazer afirmações mirabolantes, de cunho apocalíptico, escatológico e profético, que declarou ter ouvido da Irmã Lúcia.

Dada a gravidade de tais afirmações, a cúria diocesana de Coimbra entendeu ser seu dever ordenar rigorosa investigação sobre a autenticidade do que pessoas, propensas a tais especulações do maravilhoso, divulgaram no México, nos Estados Unidos, na Espanha e, finalmente, em Portugal.

Para tranquilidade daqueles que, ao lerem a documentação publicada em *A Voz*, se alarmaram, temendo os cataclismos que (segundo diz tal documentação) cairiam sobre o mundo em 1960, e sobretudo para pôr fim a tão tendenciosa campanha de "profecias", cujos autores, talvez sem disso se darem conta, estão a expor ao ridículo a si mesmos e as coisas referentes à Irmã Lúcia, a cúria diocesana de Coimbra torna públicas estas palavras da Irmã Lúcia, em resposta a perguntas feitas por quem de direito:

O padre Fuentes falou comigo por ser o postulador da causa de beatificação dos servos de Deus, Jacinta e Francisco Marto; tratamos unicamente de assuntos relacionados a esse tema, pelo que tudo o mais a que ele se refere não é exato nem verdadeiro, o que lamento, pois não compreendo que bem se possa fazer às almas com coisas que não têm por base Deus, que é a verdade. Nada sei, nem poderia dizer, sobre os castigos falsamente atribuídos a mim.»[66]

Em um jornal local, por meio de uma inserção paga, foi publicada a seguinte manchete em letras garrafais: "A Irmã Lúcia desmente", seguida pela nota oficial da Cúria de Coimbra:

«A cúria diocesana de Coimbra está habilitada a declarar que a Irmã Lúcia, tendo dito tudo o que considerava

66. (*Grifo Nosso*)

necessário sobre Fátima, conforme registrado em vários livros publicados sobre o tema, pelo menos desde fevereiro de 1955, nada disse, e não autorizou ninguém a divulgar publicamente qualquer outra informação que lhe possa ser atribuída sobre Fátima.»

Coimbra, 2 de julho de 1959

Devo acrescentar que o documento que afastou o padre Fuentes foi emitido pela Chancelaria da Diocese de Coimbra. Não é absurdo, portanto, supor que o interdito tenha sido imposto diretamente sob a influência do Opus Dei, com origens em Roma.

É importante destacar que, àquela altura, já havia um novo Papa no Vaticano: João XXIII. Ele havia anunciado, em 25 de janeiro daquele mesmo ano, 1959, a convocação de um Concílio Ecumênico.

CAPÍTULO XVI

1960: O Segredo por revelar

Finalmente, chegara o ano de 1960, e a expectativa mundial era imensa para que o Papa, enfim, revelasse o conteúdo do Terceiro Segredo de Fátima. O Papa João XXIII já o havia lido. No dia 17 de agosto de 1959, ele solicitou ao Padre Paul Philippe, comissário do Santo Ofício, que lhe trouxesse o envelope contendo o Terceiro Segredo. O então secretário do Papa, Loris Capovilla, descreveu o que se passou:

> «Disse que o tinha aberto e lido, na presença do seu confessor, Monsenhor Cavagna, na sexta-feira seguinte (21 de agosto), ou seja, sem pressa. Leu a anotação, mas como o texto lhe parecesse em alguns pontos difícil de decifrar devido às locuções dialetais portuguesas, mandou-o traduzir por monsenhor Paulo Tavares, minutador da Secretaria de Estado (e posteriormente Bispo de Macau). Eu estava presente. Tiveram conhecimento dele os chefes da Secretaria de Estado e do Santo Ofício, além de outras pessoas, como, por exemplo, o Cardeal Agagianian.»[67]

Poucos meses antes, em maio, João XXIII havia constituído uma comissão antepreparatória, presidida pelo Cardeal Secretário de Estado Tardini, a quem confiou a missão de organizar o Concílio que tanto desejava. Em 18 de junho, o Cardeal Tardini emitiu um comunicado para toda a hierarquia católica — cardeais, patriarcas, arcebispos e

67. *GIOVANNI XXIII. Nel ricordo del Segretario Loris F. Capovilla. Marco Concalli, cit., pp.* 113-117.

bispos residenciais e titulares, abades e prelados nullius, vigários e prefeitos apostólicos — convocando-os a participar do Concílio. Esse era o cenário de fundo no momento em que o Papa João XXIII decidiu antecipar-se à data de abertura do envelope contendo o Terceiro Segredo. Sua reação foi descrita pelo padre Capovilla:

> «João XXIII, depois de ter falado com todos, disse-me: *Escreva*, e escrevi a seu ditado: *O Santo Padre recebeu este escrito das mãos de Monsenhor Philippe. Foi reservado para lê-lo na sexta-feira com seu confessor. Como continha locuções obscuras, chamou Monsenhor Tavares, que traduziu. Ele mostra isso aos seus colaboradores mais próximos e, no final, diz para fechar o envelope novamente, com esta frase: Não expresso nenhum julgamento, silencio diante de algo que pode ser ou não ser uma manifestação da divindade.*»

Portanto, já em 1959, João XXIII decidira arquivar o texto do terceiro segredo sem dá-lo a conhecer ao público. Não consultou especialistas em textos escatológicos, nem solicitou que providenciassem uma inquirição à vidente ainda viva sobre o significado real daquele texto. Sua única dúvida foi quanto ao fato de o texto estar em língua portuguesa, a qual ele não dominava. Mas é importante compreendermos o que se passaria de realmente importante para a Igreja naquele período entre 1959 e 1962.

Geralmente, os historiadores fatimistas citam os eventos geopolíticos, que realmente foram muito graves, mas restritos à questão do avanço comunista. A Revolução Cubana confirmava que os comunistas soviéticos, de fato, tinham um plano expansionista que incluía a instalação de mísseis em Cuba. Esse fato quase provocou uma guerra nuclear entre os EUA e a União Soviética.

Em agosto de 1962, ocorreu em Metz o encontro secreto entre o Cardeal Tisserant e o novo Arcebispo Ortodoxo de Yaroslav, Nikodim, no qual foi firmado um acordo entre a Santa Sé e o Patriarcado Ortodoxo, que, naquela ocasião, estava sob a autoridade do regime

soviético. O acordo estabelecia que, como era desejo do Papa João XXIII de que, com o Concílio a se iniciar, fosse um Concílio ecumênico, o Papa gostaria de contar com a presença de representantes da Igreja Ortodoxa Russa como assistentes nas sessões conciliares. Por outro lado, o governo comunista russo exigiu que não se realizasse, durante o Concílio, nenhuma referência ou condenação de qualquer tipo ao regime comunista, o que de fato ocorreu.

No entanto, eu gostaria de chamar a atenção para um fato igualmente importante, mas que, por razões diversas, não é mencionado pelos fatimistas: trata-se da captura de Adolf Eichmann pelo serviço secreto israelense, o Mossad, em 1960.

Eichmann foi um *SS-Obersturmbannführer* da Alemanha Nazista. Ele fora designado pelo *SS-Obergruppenführer* Reinhard Heydrich para gerir a logística das deportações em massa dos judeus para, primeiramente, os guetos e, posteriormente, para os campos de concentração das zonas ocupadas pelos alemães no Leste Europeu durante a Segunda Guerra Mundial.

Após a guerra, ele conseguiu fugir para a Argentina, onde viveu durante 15 anos como clandestino, adotando uma identidade falsa com o nome Riccardo Klement. A operação israelense que o levou clandestinamente da Argentina para Israel provocou um mal-estar diplomático entre os dois países, que se resolveria depois, dado o peso das acusações que pairavam sobre o prisioneiro. Eichmann foi posteriormente julgado em Jerusalém e executado na noite de 31 de maio para 1º de junho de 1962.

Seu julgamento teve ampla difusão midiática no mundo todo e trouxe à tona novamente os horrores da Segunda Grande Guerra. No entanto, logo se associou a fuga de nazistas proeminentes após a guerra à política do Vaticano de corredor humanitário nesse período. A mídia passou a denunciar as chamadas *"ratlines"*, através das quais criminosos de guerra nazistas teriam se beneficiado da ajuda da Igreja Católica e do Vaticano, onde conseguiam documentação e passaportes para se refugiarem na América do Sul, principalmente na Argentina, como era o caso de Eichmann.

A associação das *ratlines* com a Igreja Católica foi explorada pela mídia em função do caso que envolveu o Bispo Alois Hudal, que era membro honorário do Partido Nazista. De fato, ele forneceu ajuda para Franz Stangl, que havia sido o comandante de Treblinka, na Polônia.

Evidentemente, o julgamento de Eichmann trazia à tona todos esses fatos, e logo se pôs em xeque a figura do Papa Pio XII e, através dele, atingia-se o Papado. A acusação de que a Igreja teria sido a maior fonte de antissemitismo da História entrava definitivamente na "pauta do dia", e isso, bem às vésperas do Concílio, trazia um peso enorme para aquilo que seria debatido ali. Como se resolveriam as relações entre a Igreja Católica e o povo judeu? A partir do julgamento de Adolf Eichmann, o Concílio não poderia mais fugir da armadilha em que se enfiara e, como veremos, não o fez.

Dois meses após o encerramento do primeiro período do Concílio, na noite de 20 de fevereiro de 1963, começou a representação, em Berlim, da peça teatral escrita pelo alemão Rolf Hochhuth, intitulada *Der Stellvertreter* (*O Vigário*), que acusava o Papa Pio XII de omissão e silêncio frente aos crimes perpetrados pelos nazistas contra os judeus. A peça teve um enorme efeito psicológico e surgiu, como veremos, no momento oportuno, quando o Cardeal Augustin Bea, que havia sido nomeado em 15 de junho de 1960 pelo Papa João XXIII presidente do recém-criado Secretariado para a Unidade dos Cristãos, encontrava-se secretamente em Nova York com os membros do Comitê Judaico Americano.

O resultado desses encontros foi a Declaração *Nostra Aetate* (*Em Nosso Tempo*), promulgada em 28 de outubro de 1965 pelo Papa Paulo VI. Este é o mais curto dos documentos conciliares e o primeiro da Igreja Católica a centrar-se nas relações entre a Igreja e os judeus. Inicialmente, o documento deveria tratar apenas dessas relações. No entanto, os conflitos entre os governos do mundo árabe e os israelenses fizeram com que se incluíssem no documento alusões a outras religiões, incluindo o budismo e o hinduísmo.

Reproduzo-o abaixo para que o leitor compreenda a extensão do desvio doutrinal que nele se apresenta.

DECLARAÇÃO *NOSTRA AETATE* — SOBRE A IGREJA E AS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS

LAÇOS COMUNS DA HUMANIDADE E INQUIETAÇÃO RELIGIOSA DO HOMEM; A RESPOSTA DAS DIVERSAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS E SUA RELAÇÃO COM A IGREJA

1- Hoje, que, o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não cristãs. E, na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência.

Com efeito, os homens constituem todos uma só comunidade, todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a terra o inteiro gênero humano; têm também todos um só fim último, Deus, que a todos estende a sua providência, seus testemunhos de bondade e seus desígnios de salvação até que os eleitos se reúnam na cidade santa, iluminada pela glória de Deus e onde todos os povos caminharão na sua luz. Os homens esperam das diversas religiões respostas para os enigmas da condição humana, os quais, hoje como ontem, profundamente preocupam seus corações: que é o homem? Qual o sentido e a finalidade da vida? Que é o pecado? Donde provém o sofrimento, e para que serve? Qual o caminho para alcançar a felicidade verdadeira? Que é a morte, o juízo e a retribuição depois da morte? Finalmente, que mistério último e inefável envolve a nossa existência, do qual vimos e para onde vamos?

HINDUÍSMO E BUDISMO

2- Desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, encontra-se nos diversos povos certa percepção daquela força

oculta presente no curso das coisas e acontecimentos humanos; encontra-se por vezes até o conhecimento da divindade suprema ou mesmo de Deus Pai. Percepção e conhecimento esses que penetram as suas vidas de profundo sentido religioso. Por sua vez, as mais elaboradas. Assim, no hinduísmo, os homens perscrutam o mistério divino e exprimem-no com a fecundidade inexaurível dos mitos e os esforços da penetração filosófica, buscando a libertação das angústias da nossa condição quer por meio de certas formas de ascetismo, quer por uma profunda meditação, quer, finalmente, pelo refúgio amoroso e confiante em deus. No Budismo, segundo as suas várias formas, reconhece-se a radical insuficiência deste mundo mutável, e propõe-se o caminho pelo qual os homens, com espírito devoto e confiante, possam alcançar o estado de libertação perfeita ou atingir, pelos próprios esforços ou ajudados do alto a suprema iluminação. De igual modo, as outras religiões que existem no mundo procuram de vários modos ir ao encontro das inquietações do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e também ritos sagrados.

A Igreja Católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, "caminho, verdade e vida"(Jo. 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas.

Exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs, reconheçam,

conservem e promovam os bens espirituais e morais e os valores sócio-culturais que entre eles se encontram.

A RELIGIÃO DO ISLÃO

3- A Igreja olha também com estima para os muçulmanos. Adoram eles o Deus único, vivo e subsistente, misericordioso e omnipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca. Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta, e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente. Esperam pelo dia do juízo, no qual Deus remunerará todos os homens, uma vez ressuscitados. Têm, por isso, em apreço a vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum.

E se é verdade que, no decurso dos séculos, surgiram entre cristãos e muçulmanos não poucas discórdias e ódios, este sagrado Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais, a paz e liberdade para todos os homens.

A RELIGIÃO JUDAICA

4- Sondando o mistério da Igreja, este sagrado Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência da Abraão.

Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professa que todos os cristãos, filhos de Abraão segundo a fé, estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja

foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ele recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios. Com efeito, a Igreja acredita que Cristo, nossa paz, reconciliou pela cruz os judeus e os gentios, de ambos fazendo um só, em Si mesmo.

Também tem sempre diante dos olhos as palavras do Apóstolo Paulo a respeito dos seus compatriotas: "deles é a adoção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas e deles nasce, segundo a carne, Cristo" (Rom. 9, 4-5), filho da Virgem Maria. Recorda ainda a Igreja que os apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do povo judaico, bem como muitos daqueles primeiros discípulos que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo.

Segundo o testemunho da Sagrada escritura, Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada; e os judeus, em grande parte, não receberam o Evangelho; antes, não poucos, se opuseram à sua difusão. No entanto, segundo o Apóstolo, os judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados por Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento. Com os profetas e o mesmo Apóstolo, a Igreja espera por aquele dia, só de Deus conhecido, em que todos os povos invocarão a Deus com uma só voz e "o servirão debaixo dum mesmo jugo" (Sof. 3,9)

Sendo assim tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos.

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo não se pode, todavia, imputar

indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o Povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, com se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.

Além disso, a Igreja, que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada do seu comum patrimônio com os judeus, e levada não por razões políticas mas pela religiosa, caridade evangélica, deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus.

De resto, como a Igreja sempre ensinou e ensina, Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor, a Sua paixão e morte pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação. O dever da Igreja, ao pregar, é portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça.

A FRATERNIDADE UNIVERSAL E A REPROVAÇÃO DE TODA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL OU RELIGIOSA

5- Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligados a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: "quem não ama, não conhece a Deus." (1 Jo 4,8)

Carece, portanto, de fundamento toda a teoria ou modo de proceder que introduza entre homem e homem ou entre povo

e povo qualquer discriminação quanto à dignidade humana e aos direitos que dela derivam.

A Igreja reprova, por isso, como contrária ao espírito de cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça, cor, condição ou religião. Consequentemente, o sagrado Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que "observando uma boa conduta no meio dos homens. (1 Ped 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens, quanto deles depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está nos céus.

Roma, 28 de outubro de 1965
Papa Paulo VI

Resumidamente, podemos ver, nessa declaração, os três pontos fundamentais estabelecidos por Elias Benamozegh para o estabelecimento do Noeísmo:

1. O judaísmo tem em si o caráter exclusivo de povo sacerdote e legislador.
2. Todas as religiões possuem elementos úteis à promoção da harmonia fraternal entre todos os povos, bastando que aprendam a conviver em diálogo, com respeito mútuo às suas tradições culturais, e que promovam a paz e a justiça social.
3. A Igreja Católica é a instituição universal que reconhece e proclama esses valores e, além disso, assume o dever de conduzir os povos à Fraternidade Universal com base neles.

CAPÍTULO XVII

João XXIII e Jules Isaac

O humanismo é a base para a constituição das "Torres de Babel" modernas, representadas pela ONU, pela UNESCO e pela FAO, organismos que, na prática, buscam promover a unidade do gênero humano sob os princípios do "Catolicismo de Israel". Não por acaso, todos os papas da Igreja, a partir de João XXIII, têm entoado incessantemente o hino da paz proposto por essas instituições, não poupando elogios às suas iniciativas.

João XXIII, antes mesmo de ser eleito Papa, foi o primeiro observador permanente junto à UNESCO e, inclusive, criou a primeira representação oficial da Santa Sé nesse organismo. Na encíclica *Pacem in Terris*, publicada em 11 de abril de 1963, ele deixou clara sua posição em relação à ONU e à Declaração dos Direitos do Homem:

> «Um dos atos mais importantes concluídos pela ONU foi a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada em 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Seu preâmbulo proclama como objetivo comum promover, entre todos os povos e nações, o reconhecimento e o respeito efetivos de todos os direitos e liberdades enumeradas na Declaração. Não ignoramos que certos pontos dessa Declaração levantaram objeções e se tornam objetos de justificadas reservas. Entretanto, nós consideramos essa Declaração como um passo em direção ao estabelecimento duma organização jurídico — política da comunidade mundial. Essa Declaração reconhece solenemente para todos os homens, sem exceção, sua dignidade de pessoas... Possa chegar logo o momento

> quando essa organização garantirá eficazmente os direitos da Pessoa Humana: esses direitos que derivam diretamente de nossa dignidade natural e, que, por essa razão, são universais, invioláveis e inalienáveis.»

Desde o início de seu pontificado, João XXIII deixou claro o caminho que pretendia seguir ao conduzir a Igreja: ela seria direcionada ao homem. Historicamente, o termo "humanismo", desde o seu surgimento no século XIV, tem se colocado em oposição ao conceito de "cristão". Essa oposição fundamenta-se na compreensão de liberdade.

Na doutrina cristã, a liberdade está alicerçada na verdade, conforme ensina o Evangelho: "*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*" (Jo 8,32). O humanismo, por outro lado, fundamenta a liberdade na dignidade da pessoa humana. Mas o que, afinal, se entende por dignidade?

Segundo a doutrina cristã, a dignidade deriva do reconhecimento da verdade e da busca pelo bem. O homem é digno de respeito na medida em que se empenha em cumprir o fim para o qual foi criado: conhecer, amar e servir a Deus. O humanismo, no entanto, ao supervalorizar a dignidade humana, ensina que o homem é livre até mesmo para errar, justificando essa liberdade em nome da própria dignidade. Dessa forma, a liberdade passa a ser exercida também em favor do erro, tornando-se, assim, um fim em si mesma.

Sobre a eleição de Angelo Roncalli ao trono pontifício, o diálogo descrito por Roger Poelman com o Padre Lambert Beauduin é revelador:

> **Padre Beauduin** — Desde já te afirmo que Pio XII morrerá muito em breve e que seu sucessor será Roncalli!
> **Poelman** — Aquele núncio gordo que está em Paris?
> **Padre Beauduin** — Pois vais ver. Vai fazer um Concílio, e vai fazê-lo ecumênico!

O Cardeal Suenens, em suas memórias, também confirma as palavras do Padre Beauduin: "Se Roncalli for eleito Papa, teremos um Concílio!".

O Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli nasceu em Sotto il Monte (Bérgamo), em 25 de novembro de 1881, em uma família de camponeses. Desde o início de sua carreira eclesiástica, sofreu a influência do notório modernista Ernesto Buonaiuti, que esteve presente em sua ordenação sacerdotal, realizada em 10 de agosto de 1904. Roncalli sempre procurou manter em segredo suas simpatias pelas ideias modernistas.

Após o falecimento de Radini Tedeschi, em 22 de agosto de 1914, Roncalli atuou como capelão durante os quatro anos da Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, foi chamado a Roma, onde, em 1925, foi consagrado bispo e nomeado visitador apostólico na Bulgária, iniciando sua carreira diplomática, que, como veremos, traria sérias consequências para a Igreja.

Entre 1935 e 1944, atuou como delegado apostólico na Turquia de Kemal Atatürk, um período em que sua aproximação com setores da maçonaria se intensificou a tal ponto que alguns autores ainda suspeitam de sua possível iniciação na sociedade secreta. A Turquia de Atatürk, tendo adotado valores revolucionários, assumiu uma posição de neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial, tornando-se um corredor humanitário para refugiados, especialmente judeus que fugiam da perseguição nazista. Roncalli era frequentemente visto e fotografado à paisana, preferindo evitar as vestes clericais e participando de eventos pouco ligados às suas funções sacerdotais.

Em 1945, foi nomeado Núncio na França, cargo que ocupou até 1953. Sua escolha foi uma resposta controversa à retirada do Núncio Valério Valeri, acusado pelo governo francês de simpatias pelo regime de Vichy. Em Paris, os laços de Roncalli com membros proeminentes da maçonaria se estreitaram ainda mais. O prestígio do cargo abriu-lhe as portas do Sacro Colégio, e, em 1953, ele foi feito cardeal, sendo nomeado, aos 72 anos, para a Sé Patriarcal de Veneza — ironicamente, a mesma que fora ocupada por São Pio X.

No dia 13 de junho de 1960, ocorreu um evento extraordinário no Vaticano: o Papa João XXIII recebeu, em audiência privada, o professor de História Jules Isaac. Isaac, que em 1947 havia formulado os já citados

e comentados 10 *pontos de Seelisberg*, entregou ao Papa um memorial intitulado *De la nécessité d"une réforme de l"enseignement*.

Jules Isaac, judeu assimilado por mais de trinta anos, foi autor do manual de História *Mallet et Isaac*, que, até a Segunda Guerra Mundial, era o livro escolar mais popular da França. Durante esse período, ele estava distante do judaísmo e pouco se preocupava com suas origens semitas. Contudo, a tragédia da Shoah o atingiu de forma devastadora: sua esposa e sua filha foram deportadas e pereceram tragicamente em um campo de concentração nazista.

Esse episódio pessoal o levou a produzir duas obras críticas ao cristianismo: *Jésus et Israël* (1948) e *L"Enseignement du Mépris* (*O Ensino do Desprezo*). Na obra *Jésus et Israël*, Isaac formulou dezoito pontos que, segundo ele, explicariam as causas históricas do antissemitismo.

Antes de expor esses dezoito pontos, é importante destacar que, naquele período, os prelados mais importantes da Igreja Católica deixaram-se levar pela intensa comoção causada pela imensa tragédia da Segunda Guerra Mundial. Isso resultou na incapacidade de distinguir adequadamente três aspectos fundamentais do termo "judeu", além da confusão gerada pela falta de critérios filológicos que envolvem certos termos. Esses três aspectos são:

1. Aspecto racial: O termo "judeu" não é adequado para designar períodos anteriores à descendência de Judá. Por exemplo, Moisés não era judeu, mas levita, e Abrão era hebreu, não judeu. Assim, historicamente, o termo aplica-se racialmente apenas aos descendentes de Judá.

2. Aspecto geográfico: Historicamente, "judeu" referia-se aos habitantes do Reino de Judá que foram escravizados pelos caldeus na Babilônia. Após sua libertação e retorno a Jerusalém, o termo adquiriu maior abrangência, especialmente durante o período de domínio romano, na região conhecida como Judéia.

3. Aspecto religioso: A aplicação do termo "judeu" para designar um pertencimento religioso é mais apropriada ao período pós-Cristo. Nos tempos de Jesus, a religião que hoje chamamos de judaísmo era praticada não apenas por judeus, mas também por não judeus assimilados,

como os idumeus, sendo Herodes um exemplo. Além disso, havia facções internas com doutrinas conflitantes, como fariseus, saduceus e essênios. Muitas vezes, traduções simplificadas dos textos antigos unificaram em "judeu" os termos "hebreus" e "israelitas", contribuindo para confusões históricas e teológicas.

Esclarecidos os termos, vejamos como são equivocadas as exigências de Jules Isaac em seus dezoito pontos:

1. Dar a todos os cristãos um conhecimento básico do Antigo Testamento e das suas origens judaicas.
2. Explicar que grande parte da liturgia cristã baseia-se no Antigo Testamento.
3. Não omitir que Deus se revelou primeiro através do Antigo Testamento aos judeus e, depois, aos cristãos.
4. O judaísmo não é uma fé degenerativa. O cristianismo nasceu disso.
5. O mito da dispersão histórica judaica por causa da morte de Jesus está errado. Os judeus foram, em grande parte, dispersos de Israel durante 500 anos antes de Jesus.
6. O uso da palavra "judeus" no texto dos Evangelhos é muito amplo em seu contexto. A experiência dos judeus dos tempos de Jesus limitou-se aos judeus do Templo e a uma pequena multidão diante de Pilatos. A leitura errada feita pelos Evangelhos atinge todos os judeus, em todos os lugares, de forma igual e errada.
7. Jesus era judeu.
8. Jesus viveu como judeu.
9. Jesus recrutou seus apóstolos entre os judeus.

10. Jesus, ao longo de seu ministério, procurou apenas reunir adeptos dentre os judeus.
11. Não ensine que Jesus foi rejeitado pelos judeus antes e durante o seu julgamento, porque a grande maioria dos judeus não tinha conhecimento de Jesus.
12. Jesus não foi rejeitado universalmente pela liderança judaica. Os Evangelhos reconhecem que ele foi rejeitado por uma seção dos sacerdotes que não era unânime contra Jesus.
13. Não há nada nos Evangelhos de uma condenação universal dos judeus.
14. Esteja ciente da falsa acusação de deicídio.
15. Os Evangelhos deixam claro que o sumo sacerdote e seus apoiadores agiram sem o conhecimento do povo.
16. O julgamento de Jesus foi um julgamento romano, não um julgamento judaico. O povo judeu, como um todo, nem sequer sabia do julgamento ou de suas brutalidades.
17. O procurador do julgamento romano foi Pôncio Pilatos, com total controle sobre a vida e a morte, e não os judeus. O quarto Evangelho reconhece que a acusação e o julgamento envolveram apenas o sumo sacerdote e seus apoiadores.
18. A acusação "O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos" não pode ser equilibrada com as palavras de perdão de Jesus na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem".

Em 1949, Jules Isaac tentou apresentar sua proposta ao Papa Pio XII, mas este recusou-lhe uma audiência. Pio XII não se mostrou aberto a considerar os 10 *Pontos de Seelisberg*, e Jules Isaac teve de aguardar por um Papa disposto a ouvir suas ideias. Esse momento, contudo, não tardaria. Cerca de nove anos depois, em 9 de outubro de 1958, Pio XII faleceu no Palácio de Castel Gandolfo, aos 82 anos, vítima de uma cárdio-pneumonia. Seu sucessor foi eleito no Conclave de 28 de outubro de 1958: Angelo Roncalli, que escolheu o nome de João XXIII.

João XXIII já havia concebido, consciente ou inconscientemente, a ideia de convocar um Concílio Ecumênico. Assim, quando se encontrou com Jules Isaac, certamente não foi surpreendido com o programa apresentado. Muito pelo contrário: o resultado do colóquio foi a promessa do Papa de que faria algo a respeito, acrescentando, porém, que a Igreja não era uma monarquia absolutista e que seria necessário ouvir os bispos. Em 1960, João XXIII confiou ao cardeal alemão Augustin Bea, um jesuíta profundamente simpático à causa judaica, a presidência do recém-criado Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Muito além disso, Bea manteve conversas secretas em Nova York com o rabino Abraham Joshua Heschel e outras figuras importantes do Comitê Judaico Americano, encontros que se prolongaram durante praticamente todo o Concílio Vaticano II (1962-1965). O objetivo imediato dessas reuniões era fomentar o chamado diálogo católico-judaico.

Durante esses encontros, delineou-se gradativamente aquele que seria, ao término do Concílio, um dos documentos mais escandalosos da história da Igreja: a Declaração *Nostra Aetate*. Quando proclamada ao mundo, a declaração causou grande impacto midiático, pois representava a supressão de dois milênios de ensino católico sobre a substituição da Antiga Aliança pela Nova. Além disso, confirmava o judaísmo e o povo judeu como não apenas escolhidos por Deus, mas como os "irmãos mais velhos na fé". Jules Isaac não poderia ter esperado um resultado mais favorável. Contudo, ele não viveria para testemunhar plenamente os frutos das sementes plantadas em Seelisberg. Ele faleceu em 6 de setembro de 1963, poucos meses após a morte de João XXIII.

CAPÍTULO XVIII

"Operação Judith": Paulo VI, o novo Holofernes

Quando pensamos no Concílio Vaticano II, não podemos deixar de perguntar: quem foi Abraham Joshua Heschel? E por que essa pergunta é tão relevante? A resposta a esses questionamentos é de suma importância para compreendermos as raízes da profunda crise que vivemos hoje.

Abraham Joshua Heschel era descendente de rabinos hassídicos proeminentes de ambos os lados de sua família. Seu tataravô paterno, Avraham Yehoshua Heschel, era um rabino conhecido como o Apter Rebe. Sua mãe também descendia de Yehoshua Heschel e de outras dinastias hassídicas. Doutorou-se pela Universidade de Berlim e obteve sua ordenação rabínica na Hochschule für die Wissenschaft des Judentums, uma instituição não denominacional. Em Berlim, teve como mentor David Koigen e, mais tarde, passou a lecionar o Talmude na mesma instituição.

No final de outubro de 1938, foi preso pela Gestapo em Frankfurt e deportado para a Polônia, no episódio conhecido como *Polenaktion*. Seis semanas antes da invasão alemã à Polônia, conseguiu fugir de Varsóvia para Londres com a ajuda de Julian Morgenstern, presidente do Hebrew Union College, e de Alexander Guttmann, que, de maneira sigilosa, reescreveu o certificado de ordenação de Heschel para atender aos requisitos do visto americano.

Finalmente, em março de 1940, Heschel chegou a Nova York e, de lá, partiu para Cincinnati, onde passou a lecionar no Hebrew Union College, o principal seminário do judaísmo reformista. Permaneceu nessa instituição por cinco anos. Em 1946, retornou a Nova York

e assumiu uma posição no Seminário Teológico Judaico da América (*Jewish Theological Seminary* — JTS).

Foi a partir de Nova York que se tornou o principal articulador das ações nos bastidores que não apenas influenciaram profundamente o Concílio Vaticano II, mas também determinaram sua aplicação desde 1965 até os dias atuais. Heschel foi, de fato, a força motriz que ditava estratégias e redirecionava planos sempre que estes sofriam algum revés. Seu árduo e incansável trabalho obteve êxito, sobretudo porque contou com o apoio de bispos e cardeais dispostos a segui-lo, em especial o cardeal Augustin Bea.

Bea nasceu em Riedböhringen, atualmente parte de Blumberg, Baden-Württemberg, em 28 de maio de 1881. Filho de um carpinteiro, estudou nas universidades de Freiburg, Innsbruck, Berlim e em Valkenburg, a casa de estudos jesuítas da Holanda.

Em 18 de abril de 1902, ingressou na Companhia de Jesus e foi ordenado sacerdote em 25 de agosto de 1912. De 1912 a 1928, exerceu a função de superior da Casa Bienal de Formação; posteriormente, atuou como professor do Pontifício Instituto Bíblico e, finalmente, como reitor do Instituto de Estudos Eclesiásticos Superiores. Em 1930, foi nomeado reitor do Pontifício Instituto Bíblico, cargo que exerceu por dezenove anos. Também foi confessor do Papa Pio XII de 1945 até sua morte, em 1958. Em 1945, quando Pio XII propôs a nomeação de Bea para o Colégio de Cardeais, o Superior Geral Jean Baptiste Janssens, também jesuíta, manifestou-se contra a indicação. Embora ambos fossem simpáticos à causa judaica em questão, as divergências diziam respeito a questões de influência e poder.

Elevado ao posto de cardeal antes de sua consagração episcopal, Bea foi criado cardeal-diácono de São Saba pelo Papa João XXIII, no consistório de 14 de dezembro de 1959. Em 6 de junho de 1960, foi nomeado o primeiro presidente do recém-formado Secretariado para Promoção da Unidade Cristã, organização curial encarregada de assuntos ecumênicos. Somente dois anos depois, em 5 de abril de 1962, o cardeal Bea foi nomeado bispo, assumindo o cargo de arcebispo titular

da Germânia na Numídia. Recebeu sua consagração do próprio Papa João XXIII. Sua participação, tanto nos bastidores quanto nas sessões do Concílio Vaticano II, foi fundamental para a transformação que a Igreja Católica sofreu. O historiador John Borelli definiu-o da seguinte forma:

> «Foi preciso a vontade de João XXIII e a perseverança do Cardeal Bea para impor a Declaração *Nostra Aetate* ao Concílio.»

O primeiro encontro secreto entre Heschel e o cardeal Augustin Bea ocorreu em 17 de novembro de 1961. Inicialmente, o encontro estava previsto para o sábado; contudo, para não violar o Shabat judaico, Bea aceitou realizar a reunião no domingo, desconsiderando o dia sagrado católico. Além de Bea e Heschel, estiveram presentes Max Horkheimer[68] e Zachariah Schuster. Nesse primeiro encontro, determinou-se a necessidade de modificar a liturgia e o catecismo da Igreja, conforme expresso no seguinte memorando enviado ao cardeal Bea:

> «Vossa Eminência,
>
> De acordo com a conversa entre você e os representantes do Comitê Judaico Americano, Srs. Ralph Friedman e Zacharian Schuster, que ocorreu em seu estudo em 13 de julho, enviamos a você o memorando anexo intitulado "Elementos Antijudaicos na Liturgia Católica". Esse documento complementará o material contido em nosso memorando sobre "A imagem dos judeus no ensino católico" enviado para você em 13 de julho. Estamos muito gratos por você ter concordado em receber no dia 26 de novembro, o eminente teólogo judeu, professor Abraham J. Heschel, da cidade de Nova York, Dr. Max Horkheimer, professor de filosofia e sociologia na Universidade

68. Filósofo e sociólogo alemão, foi um dos principais escritores da "Escola de Frankfurt", responsável pelas ideias implementadas pela revolução marcusiana ou sadolibertina. (*Nota do Editor*)

de Frankfurt, na Alemanha; Zacharian Schuster de Paris, Diretor do escritório Europeu do Comitê Judaico Americano, para uma discussão desses documentos.

Estamos confiantes de que suas discussões contribuirão significativamente para a realização do nosso objetivo comum de melhorar a cooperação mútua nas nossas relações. Como indicamos em nossa carta de 13 de julho, estamos preparados para disponibilizar nossos recursos de bolsa de estudos adicional, pesquisa e outros serviços que você possa considerar úteis tanto antes quanto depois da convocação do Concílio Ecumênico.

Como procuramos indicar em nossa carta de 15 de dezembro de 1960 (*Notem a data*) a Sua Santidade, o Papa João XXIII, é nossa profunda esperança que o Concílio Ecumênico considerará as sugestões contidas nestes documentos como uma abordagem para melhorar significativamente as relações entre católicos e judeus em diversas partes do mundo. Acreditamos que um reexame sério e abrangente dos ensinamentos católicos sobre os judeus e diretrizes que resultarão na implementação das conclusões de tal exame através dos muito canais disponíveis para a Igreja, constituiria um ponto de viragem histórico nas relações entre os nossos dois grandes povos históricos e tradições.

Em nome do Comitê Judaico Americano, expresso o nosso caloroso agradecimento pelo seu gracioso interesse e cooperação fraterna demonstrada em nosso relacionamento nos últimos meses. É nosso desejo que os próximos meses e anos nos aproximem ainda mais em associação mutuamente útil.»

Respeitosamente,
Louis Caplan

Os judeus na liturgia católica

Ao submeter este memorando ao Secretariado da Promoção da Unidade dos cristãos, somos motivados pelo mesmo desejo que promoveu nosso memorando anterior sobre a imagem dos judeus no ensino católico. Esperamos que o presente documento que se concentra em certas passagens da liturgia católica que consideramos prejudiciais aos judeus, serão aceitos pelo Secretariado como uma tentativa construtiva de confrontar fontes de mal entendidos posições e hostilidades entre católicos e judeus. Atitudes comunicadas aos católicos em culto público da Igreja estão profundamente implantadas e são apoiadas pelas autoridades da Igreja e a majestade solene do serviço.

Assim, quando chamamos a atenção neste memorando para passagens da liturgia católica que é hostil aos judeus, fazemos isso em suposição de que essas passagens e os comentários que elas tradicionalmente suscitaram, contribuem para atitudes e comportamentos antijudaicos, uma suposição infelizmente justificada pela experiência histórica dos judeus.

Apresentado a Sua Eminência, Cardeal Augustin Bea, em 13 de julho de 1961.

Coincidentemente, essa data corresponde ao mesmo dia em que a Virgem revelou o segredo aos pastorinhos: 13 de julho de 1917.

A seguir, Heschel detalha os elementos que, segundo ele, deveriam ser removidos da liturgia católica.

Mudanças recentes na liturgia

Reconhecemos com satisfação que as mudanças recentes na liturgia da Igreja com vista a efetivar uma compreensão mais positiva do povo judeu e do judaísmo

por parte dos católicos, ou seja, a remoção em 1955 da rubrica especial que fazia dos judeus a única exceção à regra de *flectamus genua*, uma rubrica que era muito ofensiva aos judeus que estavam cientes disso e sabiam que a sua intenção era humilhá-los. A especificação da Sagrada Congregação de Ritos de 1918 na qual as expressões *perfides judaes* e *judaica perfídia* podem ser traduzidas como significando simplesmente uma falta de Fé na revelação cristã, e finalmente a eliminação das palavras *perfídia* e *pérfidis* pelo Papa João XXIII em 1959, (*João XXIII eliminou essas palavras na primeira sexta-feira santa do seu pontificado*) e o subsecretariado considerou pertinente esta mudança pela Sagrada Congregação dos ritos.

No entanto, passagens antijudaicas permanecem dentro da comunidade católica devido à liturgia da Igreja, essas passagens podem ser encontradas em:

1- Livros Litúrgicos da Igreja como em *Missae, graduale, Vesperae, Antiphonae*, etc. que se utilizam no culto público nas igrejas paroquiais e catedrais.

2- Homilías e comentários oficialmente aprovados sobre a liturgia pública, que orienta e informa o sacerdote na preparação do seu sermão.

3- Textos pertencentes ao ritual monástico, ou ao Breviário, ou a ordenações, ou sacramentários obsoletos.

4- O chamado paralitúrgico.

Neste memorando limitamos a nossa consideração as duas primeiras categorias que estão diretamente relacionadas ao público e adoração da Igreja, embora numerosas passagens antijudaicas e observações interpretativas possam ser encontradas na terceira categoria e em folhetos para litúrgicos, particularmente em materiais devocionais preparados localmente por confrarias, fraternidades, etc.

Por exemplo: *"Dican nunc judae, quomodo milites custodientes sepulcrum perdideruntt regem ad lapidis positionem.*

Quare non servo Petram justitiae? Aut sepultum reddant, aut resurgentem adorante, nobiscum dicentes. Quod enim, vivit, vivit Deo, Aleluia" (Hino *"Christus resurgens" Vesperale Uxta ritum S. Ordinis Praedicatorum*, Roma 1900. Ed. Fruhwirth, p. 190)

"Deixe o judeu dizer como os soldados que guardavam o sepulcro entregaram o corpo do Rei, de acordo com a posição (alterada) da pedra que selava a Tumba. Por que eles não serviram a rocha da justiça? Eles deveriam ter colocado a pedra de volta ou adoravam o ressuscitado (Cristo), dizendo conosco: "Pois Ele está vivo com Deus, Aleluia. *Erubescat judaes infelix qui dicit Christum ex Joseph semino esse natum"*

"Que o miserável judeu enrubesça por dizer que Cristo nasceu da terceira geração de José."

"Sit etiam signorum sonitus, Domine, judeis et perfidis terrificatio valida resipiscenda a malitia... (*Liber ordinum, Ed. Ferotin*), a fórmula mais antiga para a bênção dos sinos.

"Deixe também seu som clamoroso (dos sinos) ser um forte impedimento para judeus e traidores, para que eles não ganhem coragem para novas maldades..."

"Lugaat carnalis judaes, sed spiritalis gaudeat Christianus..."

"Que o judeu carnal chore, mas o espiritual cristão pode se alegrar.

"Saevienti diabolo por ministeria judaeorum foritiam servi nihil peccati habentia objecit..."

"Ó nação de caráter infame, por que recusas os dons da graça de Deus?"

Dentro do culto público da Igreja, há vária passagens e declarações expressando hostilidades ao povo judeu. Na maior parte, estes são encontrados nos lecionários do Novo Testamento. Ocasionalmente um comentário hostil gerado do Novo Testamento realmente se torna parte da Missa. Exemplo:

"Tradent em vos in concilils, et in synagogue suis flagellabunt vos..."

"Eles vão te entregar nas reuniões e nas suas sinagogas eles vos açoitarão".

Esta frase é celebrada durante a missa por ocasião de cada dia em memória de um apóstolo ou evangelista. Além disso, alguns hinos medievais, vários dos quais são ainda utilizados na liturgia, são particularmente prejudiciais aos judeus. Citamos apenas alguns exemplos:

Sequência do Wlpo para a Páscoa (*victimae paschali laudes*); *Credendum est magis solae Mariae veraci quam judaeorum turbae falaci.* Você deveria confiar mais em Maria, a verdadeira, do que na horda de judeus mentirosos.

Guilelmus Secundus: (*Meditationes circa mysteria passionis Domini*)

Judae jesum Reum Mortis Conclamente.

Bos herum noscit rationis expers sedulo impensas redimens labore, Te suum quaerit scelerata proles perdere Patrem.

Os judeus exigem que Jesus seja condenado à morte. Até um escravo, estúpido como um boi, reconhece o seu senhor e paga suas despesas com trabalho útil, mas esta raça hedionda procura seus próprios filhos perversos para destruir seu Pai.

Enquanto os textos e cantos citados neste memorando, centramos a nossa atenção nessa área do culto público católico que é considerada mais crítico em formulação de atitudes em relação aos judeus e ao judaísmo: a liturgia do tríduo e das homilías nele baseados. O tríduo é o auge e o clímax do ano cristão. Destaca-se de todos os outros dias santos, é o núcleo da mais antiga adoração cristã. Uma grande e extensa literatura homilética tem evoluído a partir do Tríduo e é aqui que o movimento antijudaico representado em sentimentos e interpretações se acumulam em seus aspectos gerais.

Além disso, a história registra que neste período da era cristã, o calendário era frequentemente acompanhado pelas mais duras e cruéis manifestações de antissemitismo, pelos notórios rituais de libelo de sangue e por *pogroms* e massacres de judeus. As crônicas judaicas medievais atestam o sofrimento generalizado que os judeus suportaram nas mãos da população cristã durante a Semana Santa. Evidência semelhante também se encontra nas crônicas de autores cristãos desse período. Um reconhecimento contemporâneo da relação entre a liturgia da semana Santa e os maus tratos aos judeus é encontrado nos escritos de Gregory Baum, O.S.A. "... Os dias da Semana Santa eram os mais perigosos para os judeus medievais. As pessoas entusiasmadas com a liturgia, que retrata os crimes dos judeus contra Cristo, iriam ao sair da igreja, molestar e maltratar a população judaica. Em alguns locais a humilhação ocorreu mesmo dentro da Igreja como parte da cerimônia."

Liturgia no vernáculo: todas as passagens que são suscetíveis de interpretação antijudaica e que tem sido usadas para justificar duras declarações antijudaicas, são ainda mais perigosas quando ditas no vernáculo.

O TF. ILUUM

Dentro da liturgia do tríduo existem três categorias em uma série de passagens a serem consideradas:

A- Leituras do lecionário do Novo Testamento.
B- Passagens da literatura patrística.
C- Poesia litúrgica.

Consideramos estas três categorias separadamente.

A- Lecionário do Novo testamento.

As principais lições da semana santa são tiradas do quarto Evangelho, que como é comumente reconhecido, é o Evangelho mais frequentemente usado como base

> para a difamação dos judeus e como justificativa para medidas antijudaicas.
>
> Não pode haver dúvida de que o Evangelho de João tem sido frequentemente servido como justificativa para disseminar o desprezo ao povo judeu e até mesmo para promover a injustiça e a violência contra os judeus. As passagens mais hostis aos judeus que encontramos na igreja, tem sua origem no evangelho de João, comparando sinagogas com templos do diabo, comparando cada judeu como um cooperador de espíritos malignos na luta contra Cristo e seu reino.
>
> Todo esse ódio contra o povo judeu é extraído do Novo Testamento.

Impressionante! O que os judeus almejavam com o Concílio convocado pelo Papa João XXIII era, simplesmente, a destruição completa da Igreja Católica. Essa foi a razão pela qual o Papa João XXIII arquivou o Terceiro Segredo de Fátima. Hoje, podemos afirmar isso com certeza, pois conhecemos o conteúdo do segredo: tratava-se de uma condenação a todo o compromisso que João XXIII assumira com os judeus. E, como veremos, não era pouca coisa.

O subcomitê, presidido pelo Cardeal Bea, elaborou um documento com base no memorando de Heschel e o encaminhou à Comissão Preparatória do Concílio, visando sua aprovação e posterior envio aos prelados. A intenção era iniciar um debate, ainda que sob pressão.

A abertura do Concílio ocorreu em outubro de 1962. Em dezembro do mesmo ano, foi publicado o livro *Complô contra a Igreja*, de Maurice Pinay — pseudônimo de um autor provavelmente muito bem informado sobre as negociações secretas entre Heschel e o Cardeal Bea. A obra foi escrita com urgência e distribuída rapidamente aos padres, com o intuito de evitar a tragédia iminente sobre o Concílio. Foi por essa razão que o Cardeal Bea não conseguiu, naquele momento, a aprovação de seu documento.

O Cardeal Bea, então, viajou aos Estados Unidos para se reunir com bispos americanos favoráveis à causa judaica no Concílio, especialmente com o Arcebispo de Boston, Richard Cushing. No início de 1963, organizaram uma reunião em Harvard, com a participação de representantes de diversas denominações protestantes. Heschel, por sua vez, escreveu ao rabino Albert G. Minda uma carta datada de 25 de março de 1963:

> «Caro rabino Minda:
>
> Estou muito satisfeito por você ter aceitado meu convite para se encontrar com o Cardeal Bea em uma reunião confidencial e não divulgada, a ser realizada no domingo, 31 de março no prédio do Comitê Judaico Americano.
>
> Como você sabe, o objetivo desta reunião é discutir, com o Cardeal Bea, várias questões básicas de preocupação judaica para o Segundo concílio do vaticano deve tratar quando for retomado em 8 de setembro. Entre as perguntas que esperamos explorar com o Cardeal Bea, estão aquelas delineadas na agenda proposta anexa. Agradeceria se você pudesse estudar esta agenda e me dar o benefício de sua opinião sobre se ela deve ser modificada ou ampliada. Teremos aproximadamente uma hora e meia para nossa conversa com o Cardeal Bea e, portanto, será prudente limitar nossa discussão às questões chave listadas na agenda. Para sua informação pessoal, essas perguntas estão entre as principais proposições apresentadas ao Cardeal Bea nos dois documentos apresentados a ele durante 1961 e 1962, pelo Comitê Judaico Americano, bem como em minha própria memória a ele apresentada no ano passado.
>
> A fim de garantir a máxima eficácia e representatividade de nossa conversa com o Cardeal Bea, consultei o rabino Louis Finkelstein, o rabino Joseph B. Soloveitchik e eles se juntam a mim em convidá-lo e a vários outros que estarão envolvidos nesta consulta para se reunirem

no domingo ao meio-dia, 31 de março, às quinze horas e trinta minutos, no prédio do Comitê Judaico Americano. O objetivo desta consulta preliminar será esclarecer para nós mesmos nossa abordagem desta discussão. Também pode ser aconselhável convidar autoridades AJC para nos informar sobre a situação mais recente no Vaticano, no que diz respeito à nossa discussão com o Cardeal Bea.»

Abhaham J. Heschel

E, em outra carta confidencial, datada de 31 de março, Heschel apresentou os pontos a serem discutidos na reunião:

QUESTÕES A SEREM DISCUTIDAS COM O CARDEAL BEA NO ENCONTRO COM OS PROFESSORES JUDEUS:

1- A Para condenar pecados contra a verdade e esclarecer a posição da Igreja, o Concílio Ecumênico pode emitir uma declaração inequívoca de que declarações atribuindo culpa coletiva ao povo judeu pela crucificação de Jesus são contrárias ao ensinamento católico? Essa declaração pode especificar como erro acusações como o "deicídio do povo judeu", a "maldição de sangue" sobre o povo judeu, a rejeição do povo judeu por Deus, a consequente dispersão e punição do povo judeu por Deus e outros ensinamentos falsos que têm sido usados por antissemitas para justificar o tratamento mais cruel e desumano aos judeus.

A- Certos ensinamentos católicos, especialmente o catecismo do Concílio de Trento, universalizam a responsabilidade pela morte e sofrimento de Jesus, afirmando que todos os homens compartilham dessa culpa, de modo que seja perfeitamente claro para os fiéis?

B- O amor genuíno implica que os judeus sejam aceitos como judeus. Ao longo dos séculos, nosso povo pagou um preço tão alto em sofrimento e martírio para preservar a Aliança e o legado de santidade na fé e devoção. Assim, é nossa sincera esperança que o Concílio Ecumênico reconheça a integridade e preciosidade permanente dos judeus e do judaísmo.

2- Para condenar pecados contra a caridade e esclarecer certas questões de moral, o Concílio Ecumênico pode enfatizar em termos facilmente aplicáveis às situações contemporâneas, proibições contra: (a) julgar as intenções de qualquer ser humano (assim, acusações caluniosas sobre, por exemplo, as motivações seculares, materialistas ou conspiratórias dos judeus seriam claramente rotuladas como pecaminosas); (B) tirar generalizações de evidências superficiais que desdenham as pessoas (por exemplo, bairros negros têm uma taxa de criminalidade mais alta, portanto, os negros são inerentemente criminosos, ou, muitos judeus eram usureiros, portanto os judeus são inerentemente mercenários). Tais generalizações, que ignoram uma avaliação verdadeira de todos os fatos, trazem desprezo a grupos e indivíduos, e reforçam as próprias condições que são usadas para justificar a generalização, devem ser vistas como um pecado contra a caridade. Recusar-se a estimar outros seres humanos escolhendo a pior interpretação de seu comportamento, por exemplo, os judeus são filantrópicos apenas porque dar dinheiro substitui os impulsos religiosos, ou, os negros estão lutando pela igualdade apenas para se casarem com a raça branca. A atribuição do pior motivo possível deve ser vista como um pecado contra a caridade.

3- O Concílio Ecumênico pode traduzir os princípios dogmáticos e morais acima em regulamentações concretas, de modo que todos aqueles encarregados da missão de ensino e disciplina moral da Igreja, como professores,

confessores e aqueles que concedem o imprimatur, exerçam sua autoridade para condenar os pecados contra a verdade e a caridade.

4- A autoridade competente pode oficialmente incentivar a criação de um centro de estudos inter-religiosos e intergrupais para organizar trocas mutuamente úteis entre diferentes grupos raciais e religiosos, de modo que informações autênticas, comunicação e cooperação sejam estimuladas tanto em níveis populares quanto acadêmicos? Esse centro pode incluir uma cadeira para ensino e pesquisa sobre o judaísmo e o povo judeu, sobre as relações entre cristãos e judeus e sua relação com a civilização moderna?

Eis aí, em poucas linhas, todo o programa que, mais tarde, seria seguido à risca pela Igreja pós-conciliar. O que Heschel propunha nessas instruções era, simplesmente, a plena judaização do catolicismo ou a redução de uma religião divinamente revelada a um naturalismo pueril e humanista, como se a Igreja Católica, ao longo de dois mil anos, não fosse outra coisa senão um amontoado de preceitos baseados, segundo a concepção de Heschel, em preconceitos arraigados.

Após a leitura do memorando, Heschel, o Cardeal Bea e os demais presentes propuseram que se buscasse obter do Concílio uma condenação por heresia da acusação contra o povo judeu de deicídio. Bea argumentou, ainda, que algo assim poderia ser previsto com um *plano B*, a ser estabelecido após o encerramento do Concílio, na forma de uma organização específica e permanente para estudar, por exemplo, questões inter-religiosas. Os judeus presentes na reunião sugeriram a inclusão na pauta da aceitação, pelo Vaticano, do Estado de Israel. Bea ficou extremamente entusiasmado com a ideia, contudo, três meses depois, em 3 de junho de 1963, João XXIII faleceria, e o projeto sobre Israel ficaria de lado. Somente em 1993 o Papa João Paulo II reconheceria oficialmente o Estado de Israel.

Em 21 de junho de 1963, Giovanni Battista Montini foi eleito Papa, adotando o nome de Paulo VI. Mas quem era, afinal, esse homem que acabava de ascender ao trono pontifício?

Giovanni Battista Montini, segundo definição do Cardeal Ruffini em publicação do *Avvenire*, de 19 de março de 1999, "foi o Papa que mudou a Igreja". Mas em que sentido ocorreu essa mudança? Sua personalidade pode ser resumida em três aspectos: politicamente, era de esquerda; intelectualmente, era um modernista; e, religiosamente, era um maçom. E é verdade que, durante seu pontificado, a Fé foi substituída pelo ecumenismo, a Evangelização foi posta a serviço do diálogo e o Reino de Deus se transformou no reino dos homens. O humanismo tomou o lugar da religião divinamente revelada. Seus objetivos não foram dissimulados; ao contrário, ele os demonstrou desde o início de seu pontificado.

Em sua *Mensagem de Natal* de 1964, disse:

> «Hoje, a fraternidade impõe-se, a amizade é o princípio de toda a sociedade humana moderna... É preciso que a democracia, a que hoje se chama convivência humana, se abra a uma concessão universal, que transcenda os limites e os obstáculos de uma efetiva fraternidade.»

Paulo VI se colocou sob a autoridade da ONU quando, em 1965, visitou sua sede em Nova York e, em seu discurso nessa organização anticristã, depositou nela as esperanças da mesma humanidade que lhe fora confiada por Cristo:

> «Este aspecto da Organização das Nações Unidas é o mais belo, é o seu lado humano mais autêntico. É o ideal da humanidade peregrina no tempo, é a esperança melhor do mundo, é o reflexo, ousamos dizer, do desígnio transcendente e amoroso de Deus acerca do progresso do consórcio humano na terra, um reflexo onde vislumbramos a mensagem evangélica, de celeste fazendo-se terrena.»

Em Belém, em 6 de janeiro de 1964, Paulo VI disse:

> «Devemos assegurar à vida da Igreja um novo modo de sentir, de querer, de comportar-se.
> A religião deve ser renovada.»

E em seu discurso de 7 de setembro de 1965, durante a Assembleia conciliar, foi ainda mais longe:

> «Não é mais o caso de atrair almas e de interessa-las nas coisas supremas.»

E, promoveu o "culto do homem", nos seguintes termos:

> «Para conhecer Deus, precisa conhecer-se o homem.»
> «Toda esta riqueza doutrinal do Concílio não almeja senão uma coisa: servir ao homem.»
> «Nós, mais do que ninguém, temos o culto do homem.»
> «A religião do Deus que se fez homem encontrou-se com a religião (*porque é uma*!) do homem que se faz Deus.»

E em uma outra ocasião, em 5 de julho de 1969, disse:

> «... O homem revela-se divino. Revela-se divino não em si, mas no seu princípio e no seu destino.»

Esse era o Papa que, no dia 27 de junho de 1963, segundo o testemunho de Loris Capovilla, leu o Terceiro Segredo de Fátima. Eis como os fatos ocorreram, segundo o próprio ex-secretário de João XXIII:

> «Quinta-feira, 27 de junho de 1963, estou de plantão na antecâmara do Vaticano. Naquela manhã, Paulo VI recebeu, entre outros, o Cardeal Fernando Cento (que foi núncio em Portugal) e logo depois o Bispo de Leiria, Monsenhor João Pereira Venâncio. Ao despedir-se, o Bispo pede "uma bênção especial para a irmã Lúcia.

É evidente que durante a audiência falaram de Fátima. Com efeito, naquela tarde, o Substituto Monsenhor Angelo Dell"Aqua me telefonou via Casilina (*como hóspede provisório das irmãzinhas dos pobres*):

— Estão procurando a ficha de Fátima. Você sabe onde ela está arquivada?

— Está na gaveta direita da escrivaninha Barbarigo, no quarto.

Uma hora depois, Dell"Aqua me liga novamente:

— Está tudo em ordem. O arquivo foi localizado.»

O Papa Paulo VI, depois de ler o conteúdo do envelope, rapidamente tomou sua decisão e, assim como seu predecessor João XXIII, optou por arquivar o segredo. Seu único desejo era dar continuidade ao Concílio. Obviamente, aquilo que havia lido não foi suficiente para fazê-lo reconsiderar aquilo que, pessoalmente, decidira acreditar. Ele estava ébrio dos ideais da Maçonaria e, sobretudo, do humanismo. A embriaguez faz com que os homens percam a razão; a História costuma ensinar essa lição. Com Paulo VI, não seria diferente. No entanto, as verdadeiras vítimas de seu torpor seriam a Igreja e a humanidade.

Nos bastidores, as maquinações contra a Igreja continuavam ativas. O grande golpe final se delineava nos encontros secretíssimos entre o Cardeal Augustin Bea e Abraham Joshua Heschel.

Heschel organizou, o mais rápido que pôde, um novo encontro com o Cardeal Bea em Nova York. O prelado partiu imediatamente e, nesse encontro, reconheceu que enfrentava dificuldades para avançar com as pautas, devido à resistência de alguns bispos. Decidiram realizar uma nova reunião no Hotel Plaza para definir novas estratégias. Os ânimos estavam renovados, pois, certamente, Paulo VI daria continuidade ao projeto de João XXIII. E, obviamente, estavam certos.

Em 29 de setembro de 1963, a secretaria do Cardeal Bea elaborou um novo documento que atendia plenamente à maioria das exigências dos judeus e submeteu uma cópia desse documento ultrassecreto a

Heschel, sob o título *Informações adicionais sobre as relações judaico-cristãs*. É perturbador notar como os rabinos possuíam informações detalhadas sobre as estratégias a serem adotadas no Concílio bem antes dos próprios bispos.

Esse documento continha a já conhecida heresia judaizante de que o catolicismo teria se originado do judaísmo. Ora, é preciso reafirmar ao leitor as advertências já feitas anteriormente ao comentarmos os Dezoito Pontos de Jules Isaac. Essa afirmação não passava de uma confusão premeditada. Além dessa proposição judaizante, o novo documento do Cardeal Bea expressava claramente:

> «A Igreja rejeita a acusação de deicídio movida contra os judeus e deplora o antissemitismo tanto do passado quanto do presente.»

Bea ressaltava ainda a necessidade de manter tudo sob o mais absoluto sigilo, para evitar qualquer reação em Roma. No entanto, em 4 de outubro de 1963, o *New York Times* publicou um artigo revelando a existência dessa declaração e atribuindo sua origem às negociações entre o Cardeal Bea e o Comitê Judaico Americano. Muito provavelmente, foram os próprios agentes de Heschel que vazaram a notícia, com o intuito de exercer maior pressão sobre os padres conciliares.

E, de fato, como era de se esperar, houve alguma reação de Roma, embora não fosse suficiente para impedir que o projeto da declaração fosse, enfim, distribuído aos prelados reunidos no dia 8 de novembro de 1963. Na ocasião, foi anunciado que o Cardeal Bea inseriria o documento no capítulo IV, como uma declaração exclusiva sobre o povo judeu, e no capítulo V, com outra declaração sobre a liberdade religiosa. Os bispos aplaudiram a iniciativa. A pressão da mídia, por fim, começava a gerar resultados positivos para os conspiradores.

Os redatores de *Complô contra a Igreja* estavam alarmados — e com razão. Secretamente, distribuíram novos documentos denunciando a conspiração. Essa manobra acabou surtindo efeito, levando

ao adiamento da votação dos capítulos IV e V. A segunda sessão do Concílio terminaria no dia 4 de dezembro de 1963.

Menaschem Schneerson, o *Rebe*, parecia, na ocasião, um tanto apreensivo com as manobras de Heschel. Ele expressou essa preocupação em uma carta que se encontra disponível nos arquivos de Heschel:

> «Não há necessidade de termos quaisquer diálogos religiosos com não judeus, nem quaisquer atividades interreligiosas na forma de discussões religiosas, intercâmbio de púlpitos e similares. O diálogo interreligioso com os não judeus não tem lugar na vida judaica, muito menos aqui e agora.»

Ao que Heschel respondeu de forma bem-humorada, mas prontamente:

> «Não se preocupe, velho, não seja obsoleto. Veja a vida como muitas portas, algumas abertas, outras fechadas. Você tem que saber como abri-las.»

1964 seria o ano decisivo. Os judeus não pareciam muito confiantes nas estratégias de Heschel; no entanto, ele permanecia resoluto. O projeto sofreu alterações, mas a questão principal estava fixada em dois pontos inegociáveis: suprimir, definitivamente, da vida católica a acusação de deicídio e o apelo à conversão do povo judeu.

Em 12 de junho de 1964, o *New York Times* publicou o texto alterado da declaração sobre os judeus. Essa pressão midiática dava voz a religiosos empenhados na causa do diálogo inter-religioso, como Thomas Merton, que, na ocasião, fez uma declaração baseada em uma má compreensão da realidade histórica, mas dramática o bastante para chamar a atenção do mundo:

> «O cristianismo tem uma dívida com a História, se essa declaração não for aprovada todos os judeus ficarão consternados, toda uma geração que foi testemunha do

> massacre de seis milhões de judeus e da destruição de milhares de sinagogas em um continente onde a religião dominante não era o Islã, nem o Budismo e nem o Hinduísmo. Declaro solidariedade aos judeus, (*e aqui ele revela o seu caráter B"nai Noach*) minha ambição de ser um verdadeiro judeu, sob a pele de católico, só se realizará se eu suportar passar pela experiência de ser esbofeteado por essas pessoas tão cegas quanto complacentes.»

Heschel estava apreensivo porque o Cardeal Bea lhe informara que o ponto crítico residia na afirmação de que os judeus não precisavam de conversão. Para ele, um apelo à conversão dos judeus equivalia a um pedido de eliminação do judaísmo.

Em uma conversa íntima com seu amigo, o teólogo Gustav Weigel, ele teria dito:

> «É realmente a vontade de Deus que não haja mais judaísmo no mundo? Seria realmente o triunfo de deus se os rolos da Torá não forem mais retirados da Arca para serem lidos na sinagoga?»

Heschel, no entanto, compreendeu que era improvável que a Igreja Católica renunciasse explicitamente à sua longa esperança de conversão do povo judeu. Durante um encontro com Monsenhor Willebrands, ele sugeriu uma estratégia para conduzir essa mudança, inspirada na lei rabínica, segundo a qual uma prática ou crença absoluta não precisa ser negada explicitamente, mas simplesmente ignorada. À luz das constantes reportagens favoráveis à causa, Heschel sentiu-se compelido a emitir uma declaração contundente, na qual se referiria ao rascunho do texto ainda submetido à apreciação, que mencionava o objetivo de alcançar uma "recíproca compreensão":

> «Como afirmei repetidamente às principais personalidades do Vaticano, estou pronto para ir para Auschwitz a

qualquer momento, se for confrontado com a alternativa de conversão ou morte.»

No dia 14 de setembro, teve início a terceira sessão do Concílio. Coincidentemente, era o mês da festa judaica do Yom Kippur. Para os rabinos envolvidos nas negociações com o Secretariado do Cardeal Bea, aquele momento representava um ponto decisivo em uma verdadeira guerra religiosa — mais significativa, talvez, do que aquela em que Judite venceu o exército inimigo ao cortar a cabeça de Holofernes. Talvez movido por esse espírito, Heschel conseguiu agendar uma audiência pessoal com o Papa Paulo VI. Os riscos eram altos para ele: a reunião não poderia se tornar pública, mas a aposta era grande, e o momento, oportuno demais para ser ignorado.

Inicialmente, o encontro foi agendado para um sábado, mas Heschel recusou-se a comparecer devido ao *Shabbat*. Assim, a audiência foi remarcada para a segunda-feira, 14 de setembro de 1964 — exatamente no mesmo dia da abertura da terceira sessão do Concílio. Heschel partiu de Nova York para Roma em absoluto sigilo, chegando à cidade durante o *Shabbat* que precedia o Yom Kippur.

Na segunda-feira, ao meio-dia, Heschel e Zacharias Schuster entraram no gabinete privado do Papa. Heschel apresentou-lhe um novo memorando e o presenteou com seu livro mais recente. Também estavam presentes um tradutor e um jovem prelado americano chamado Paul Marcinkus. Essa reunião secreta, realizada às vésperas da terceira sessão do Concílio, permitiu a Heschel não apenas compreender melhor a política e a teologia do Vaticano, mas também a personalidade ambígua de Paulo VI.

No total, a audiência durou cerca de trinta e cinco minutos. Heschel leu a declaração para o Papa e destacou o parágrafo que afirmava que a Igreja mantinha a firme esperança e o ardente desejo de ver os judeus ingressarem nela. Esse era, na verdade, o trecho que Heschel desejava suprimir.

O Papa expressou certo espanto diante dessa questão. Segundo ele, essa era uma posição teológica que partia mais de Roma, pois, na França, o pensamento já não era mais esse. Assegurou, ainda, que o Concílio deveria funcionar como uma democracia. Heschel, por sua vez, afirmou que essa posição era teologicamente irreconciliável.

Paulo VI respondeu que aquele era um documento destinado a todo o mundo católico e que não poderia ser conduzido por motivações políticas ou jornalísticas. No entanto, garantiu que o documento de Heschel, com as propostas de alteração, seria submetido à comissão apropriada do Concílio.

Heschel retornou para Nova York e enviou um novo memorando ultrassecreto ao Cardeal Bea. Para ele, o Papa mostrava-se disposto a ouvir outros argumentos, e agradeceu ao Cardeal por ter providenciado o acordo.

O texto final seria, enfim, apresentado pelo Cardeal Bea no dia 20 de novembro de 1964, uma sexta-feira, durante a terceira sessão do Concílio, para aprovação preliminar. O projeto foi recebido com entusiasmo: 1.760 votos a favor e apenas 185 contra. O texto sobre outras religiões foi aprovado pela maioria dos bispos, com a promessa de que a versão definitiva seria apresentada na sessão final do Concílio, no ano seguinte.

No dia 13 de novembro, apenas dois meses após o encontro com Abraham Joshua Heschel, o Papa Paulo VI, em um gesto extraordinário, depôs a Tiara Papal. A partir desse dia, nenhum outro Papa voltaria a usar o maior símbolo da Autoridade Pontifícia do Vigário de Cristo. A cabeça de Paulo VI, o novo Holofernes, fora enfim entregue aos inimigos.

Em 14 de setembro de 1965, teve início a quinta e última sessão do Concílio. Os textos revisados sobre os judeus e a liberdade religiosa foram rapidamente examinados e, em 21 de setembro, esta última declaração foi aprovada por ampla maioria. A Secretaria do Cardeal Bea distribuiu uma versão da declaração sobre os judeus que lhes era um pouco menos favorável que a anterior, pois não excluía completamente a acusação de deicídio.

No entanto, em 14 de outubro, o Cardeal Bea apresentou um novo texto revisado. Ao meio-dia, os prelados aprovaram as cláusulas que afirmavam que a morte de Jesus não deveria ser atribuída coletivamente a todos os judeus, eliminando assim o termo *deicídio* e incluindo, ademais, uma passagem deplorando o antissemitismo. Além disso, toda a declaração sobre as religiões não cristãs foi aceita.

O *New York Times* pôde então estampar, em sua primeira página, uma manchete histórica: "*O Concílio finalmente aprovou a Declaração sobre os judeus*". Era o dia 16 de outubro de 1965, e a Declaração *Nostra Aetate* fora aprovada por 2.312 votos a favor, 88 contra e 3 abstenções. Paulo VI promulgou-a imediatamente como doutrina oficial da Igreja.

Como bem descreveu o Padre Álvaro Calderón, FSSPX, em *Prometeu: A Religião do Homem*:

> «O Concílio, iniciado por João XXIII e finalizado pelo seu sucessor, o Papa Paulo VI, a partir de 1965, substituiria a Religião divinamente revelada, ensinada e crida por todos os católicos, por um conjunto de doutrinas nascidas do humanismo laico e profano, às quais o próprio Papa Paulo VI chamou "Um novo Humanismo, um Humanismo Católico", com o qual a Hierarquia da Igreja pretendia coroar o homem como príncipe da paz na, qual a unidade do gênero humano era o fim último do homem e não mais Deus. O Titã Prometeu roubara o fogo Divino para oferta-lo ao homem. Paulo VI encerrou O Concílio Vaticano II com as seguintes e aterradoras palavras: ... *A religião do Deus que se fez homem encontrou-se, nesse Concílio, com a religião do homem que se faz Deus.*»

CAPÍTULO XIX

1967: A "outra" Irmã Lúcia aparece

Em 1961, iniciou-se a guerra colonial. Portugal procurava defender e manter seus territórios ultramarinos como parte de seu império colonial. Para Salazar, então presidente de Portugal, tratava-se de preservar as posições católicas diante de um mundo cada vez mais anticristão. Por mais incrível que pareça, naquele momento, Salazar procurava fazer exatamente o oposto da autoridade máxima da Igreja: salvaguardar a civilização católica, que o próprio Concílio ameaçava destruir em nome da paz mundial. Essa ideia já estava presente na mente do Papa João XXIII desde seus tempos como Delegado Apostólico na Turquia e foi bem expressa por ele na encíclica *Pacem in Terris*, de 11 de abril de 1963. O papado se abria ao processo histórico da descolonização, e a Igreja Católica realizava, assim, seu *Aggiornamento* em face do novo mundo que surgia a partir de 1960. Naturalmente, as tensões entre a Santa Sé e o governo salazarista tornavam-se cada vez mais agudas. Essas tensões eclodiriam definitivamente após a morte de João XXIII e a eleição de Giovanni Battista Montini, o Papa Paulo VI.

Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini foi o 262º Papa da História da Igreja, nasceu em Concesio na província de Bresciaem 26 de setembro de 1897, entrou no seminário em 1916 e foi ordenado em 1920. Estudou na Universidade Gregoriana, na Universidade de Roma e na Pontifícia Academia Eclesiástica. De saúde frágil mais de inteligência aguda fez carreira na Cúria Romana, a administração do Vaticano. Em 1937 foi nomeado Substituto para Assuntos Correntes pelo Cardeal Pacelli (futuro Papa Pio XII), que era então o Secretário de Estado da Santa Sé no pontificado do Papa Pio XI. Quando Pacelli foi eleito Papa, Montini manteve o cargo com o novo Secretário. Em 1944 com a morte do Secretário, o cargo foi tomado diretamente

pelo Papa, e Montini passou a trabalhar diretamente sob a orientação do Sumo Pontífice.

Se Montini foi o responsável por entregar os nomes de sacerdotes enviados secretamente em missão especial, pelo Papa Pio XII, aos países sob o regime comunista, diretamente às autoridade locais, o que resultava na prisão imediata deles, é muito possível, e talvez tenha mesmo sido essa a causa para que o Papa Pio XII retirasse dele o epíteto de homem da Cúria e o afastasse do centro de decisões em Roma, enviando-o para a Diocese de Milão. O mais notório desse período foi a aproximação entre Montini e Jacques Maritain, o conhecido filósofo Tomista. Na realidade Maritain foi o elo de ligação entre Montini e o judeu agitador chamado Saul Alinsky. Saul Alinsky nasceu em 1909 em Chicago, Illinois, filho de pais emigrantes judeus Liyuanos de Vilnus, Império russo. Ele era o único filho sobrevivente de Benjamin Alinsky e sua esposa Sara Tannembaum Alinsky. Ambos os pais eram judeus hassídicos, e o próprio Saul Alinsky, escreveu que temia que seus pais o forçassem a se ordenar rabino. Em 1926 ele entrou na Universidade de Chicago e estudou no primeiro departamento de sociologia da América. Uma bolsa de pós graduação levou-o a estudar na área de criminologia. Nesse período esteve junto com a máfia de Al Capone em Chicago, Alinsky dizia o quanto aprendera nesses anos sobre comportamentos radicais e exercícios de poder. Na Divisão de Criminologistas, nos anos seguintes , Alinsky trabalhou com delinquentes juvenis e no Centro Correcional de Joliet. Em 1938 se tornou um ativista político e arrecadava fundos para organizações comunistas como a Brigada Internacional na Guerra Civil espanhola e para os meeiros do sul, nos anos posteriores dedicou-se à fomentar agitação em todos os setores da sociedade civil e se envolveu, assim como Abrahan Joshua Heschel, em diversos movimentos ditos "pelos direitos civis", mas que em realidade eram utilizados como estímulos que fomentavam o choque entre grupos sociais. Para resumir quem foi esse homem sinistro basta mencionarmos a dedicatória que ele escreveu em seu livro "Rules for Radicals": "O primeiro e verdadeiro radical conhecido pelo homem, que se rebelou contra a ordem estabelecida e fez isso com sucesso o bastante para ter

seu reino, foi Lúcifer." Em seu estudo chamado The Radical Vision of Saul Alinsky, P. David Finsk nota que "durante anos Maritain falou com aprovação para Montini sobre as organizações de comunidades democráticas fomentadas por Saul Alinsky". Em 1958 Maritain providenciou uma série de encontros entre Alinski e o Arcebispo de Milão ,Montini, Maritain já havia avisado a alinsky que o Arcebispo estava lendo seus livros e o contataria em breve.

Houve três encontros entre Montini e Saul Alinsky em Milão durante a primavera de 1958. Não sabemos o que se passou durante esses encontros, mas sabemos que Alinsky, em Chicago, tendo retornado da Itália, escreveu para George Schuster dois dias antes do Conclave que elegeu João XXIII: "Não, eu não sei quem será o próximo Papa, mas se for Montini, as bebidas serão por minha conta nos próximos anos."

Montini, devido às suas tendências esquerdistas, fora afastado de Roma pelo Papa Pio XII, que não desejava fazê-lo Cardeal, no entanto após sua morte, tudo mudou, no consistório de 1958, o Papa João XXII, o sucessor de Pio XII, elevou-o finalmente à dignidade cardinalícia, preparando o caminho para que Montini se tornasse o próximo Papa.

Como já vimos, Montini era um humanista e como Papa, deu ao Concílio o tom humanista de sua formação intelectual, ele havia traduzido para o italiano o livro *Humanismo Integral*, de Jacques Maritain, e faria dessa obra um programa para seu pontificado. Maritain vale ressaltar, foi convidado como conferencista ao já mencionado Congresso de Seelisberg e, não podendo estar presente, enviou um representante expressando seu apoio àquele evento.

Além das relações com Maritain e Alinsky, Montini também compartilhava da mesma visão de santidade e trabalho do fundador do Opus Dei, ele havia lido "Caminhos" ainda na década de 1930 e as relações de admiração e respeito entre ele e Josemaría Escrivá se aprofundaram durante o pontificado do Papa Pio XII, período em que o Opus Dei buscava se consolidar em Roma. Entre 1942 e 1945, seis membros do Opus Dei foram a Roma por diversas razões, e durante esses quatro anos, Pio XII os recebeu em cinco audiências privadas. Três desses

membros estiveram em várias ocasiões com Giovanni Battista Montini, que, desde 17 de dezembro de 1937, era o substituto da Secretaria de Estado (Sostituto degli Affari Ordinari).

Pio XII só teve conhecimento do Opus Dei durante a segunda dessas cinco audiências, em 15 de janeiro de 1943. No entanto, antes dessa audiência, que sofreu muitos atrasos devido a vários imprevistos ocorridos naquela manhã, os membros do Opus Dei trocaram algumas palavras com Montini, que acompanhava o Papa e se encontrou com eles.

Na terceira audiência dos membros do Opus Dei com Pio XII, ocorrida em 21 de maio de 1943, Francisco Botella, doutor em Ciências Exatas e membro da Obra desde 1935, conversou bastante com o Papa, fornecendo-lhe detalhes sobre o Opus Dei. Pio XII ficou surpreso:

— Do Opus Dei?... Sei do que me diz...; É uma coisa boa, verdade?

Botella explicou, e o Papa, após um breve silêncio, perguntou:

— Tens dificuldades, verdade?

Francisco Botella começou a responder, mas o Papa insistiu:

— Quais são as dificuldades?

Botella, bastante comovido, contou como a Obra enfrentava as dificuldades com um sentido positivo. O Papa, no entanto, continuou perguntando:

— São contradições dos Bispos da Hierarquia?

Botella respondeu que não.

— Então, de onde vêm?
— Santo Padre, de algumas ordens religiosas.
— De alguma em especial? Qual?
— Da Companhia de Jesus.

Essa foi, portanto, a segunda vez que Pio XII ouviu falar do Opus Dei por um de seus membros. Mas é interessante notar que, já nessa ocasião, havia uma disputa pelo poder visando a administração política e econômica do Estado do Vaticano pós Pio XII, entre o crescente Opus Dei e os progressistas Jesuítas. A quarta audiência do Opus Dei com Pio XII ocorreu por intermédio de Álvaro del Portillo, que foi apresentado ao Papa como secretário-geral do Opus Dei.

A primeira audiência do Opus Dei com Montini ocorreu em 17 de junho de 1943. Álvaro del Portillo estava acompanhado por José Orlandis. Durante essa entrevista, Álvaro del Portillo presenteou Montini com o livro *Caminho*, de Josemaría Escrivá. Nos dois anos seguintes, eles se encontrariam com Montini outras duas vezes. Em 22 de julho de 1945, Orlandis entregou outro exemplar de *Caminho* a Montini. E, finalmente, em 6 de agosto de 1945, Orlandis e Canals foram novamente recebidos por Pio XII.

O leitor deve saber que a Secretaria de Estado tinha pleno conhecimento da fisionomia espiritual do Opus Dei e de seus apostolados quando Orlandis e Canals foram recebidos pela primeira vez por Pio XII, em 15 de janeiro de 1943. Uma das primeiras fontes de informação da Santa Sé foi Manuel Fernandez-Conde, o único sacerdote espanhol que trabalhava na Secretaria de Estado como minutante. No verão de 1942, ele passou férias na Espanha e, no dia 17 de agosto, no Centro da Obra, em Madri, teve uma longa entrevista com Josemaría Escrivá. Esse encontro se repetiu no dia 20, provavelmente para tratar da aproximação de Escrivá com Montini.

Outra fonte de informação para o Opus Dei sobre a Secretaria de Estado do Vaticano foi o R.P. Maximiliano Canal Gómez. Há uma carta deste frei dominicano, dirigida a Álvaro del Portillo, contando-lhe sobre uma audiência que tivera com Pio XII, na qual o Papa lhe pedira que falasse sobre o Opus Dei e seu fundador. Assim, Montini identificou-se com os temas tratados por Escrivá em *Caminho*, e daí nasceu uma amizade peculiar que se intensificaria nos anos seguintes, até a ascensão de Montini ao trono pontifício. É possível que, por meio

desses contatos diretos com Montini na Secretaria de Estado, o Opus Dei tenha conseguido a permissão final que levou a Irmã Lúcia para o Carmelo de Coimbra, em 1948.

Em 1962, o Opus Dei encontrava certas dificuldades em ampliar sua esfera de ação eclesiástica dentro do Vaticano sob o Papa João XXIII. Essa dificuldade levou Josemaría Escrivá de Balaguer a escrever diretamente para o Secretário do Santo Ofício, o Cardeal Amleto Giovanni Cicognani, em 7 de janeiro daquele ano. No entanto, as coisas mudariam rapidamente, pois no ano seguinte Montini seria eleito e assumiria o trono Pontifício com o nome de Paulo VI.

No período que se seguiu ao término do Concílio, a aproximação entre Paulo VI e Escrivá se deu novamente, mas por motivos políticos, que incluíam Portugal e, novamente, a Irmã Lúcia: ambos tinham a Salazar como inimigo.

Salazar havia recebido da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) um relatório sobre as ações e os objetivos do Opus Dei. O conteúdo do relatório era gravíssimo: o Opus Dei defendia a criação de uma União Ibérica comandada pela Espanha, que teria maior facilidade em impedir uma possível ameaça comunista. Os inspetores classificavam as ações do Opus Dei como conspiratórias. Diante desse cenário, a polícia, a partir do início dos anos 60, reforçou a vigilância sobre o Opus Dei, pois estava claro que a organização se preparava para controlar o poder no pós-Salazarismo. Escrivá tinha o Papa Paulo VI como aliado, e tanto a irmã Lúcia quanto o redirecionamento da mensagem de Fátima faziam parte de uma estratégia geopolítica que visava uma maior aproximação da Igreja com o mundo, rompendo definitivamente com a tradição católica, como havia sido manifestado pelo Concílio. Paulo VI seguiu na mesma direção: paz e ecumenismo. Escrivá desejava poder, mas ambos concordavam que as "velhas" estruturas da Igreja deveriam ser demolidas ou adaptadas aos novos tempos. Dessa forma, Escrivá manteria para o Opus Dei a prerrogativa de certo conservadorismo, enquanto o progressismo dos jesuítas avançava pela Igreja pós-conciliar sobretudo nos EUA.

Quando ocorreu a peregrinação por ocasião do aniversário das Aparições em Fátima, no primeiro mês de maio após sua eleição, Paulo VI enviou um telegrama manifestando sua união espiritual com os peregrinos de Fátima. No dia seguinte, por meio do Cardeal Augustin Bea, que presidira a peregrinação, o Papa entregou à Irmã Lúcia uma medalha com sua bênção apostólica. É curioso notar como, de repente, o homem responsável pelo diálogo inter-religioso entre católicos e judeus passou a ter certa relevância em relação a Fátima. Desde o início do pontificado de Paulo VI, a ideia de uma mensagem de Fátima que correspondesse às expectativas e anseios gerados pelo Concílio Vaticano II já estava muito bem amadurecida. Um dos momentos marcantes dessa aproximação com Fátima foi o encerramento da terceira sessão do Concílio Vaticano II, em 21 de novembro de 1964, quando Paulo VI declarou a Virgem Maria como "Mãe da Igreja" e renovou a consagração ao Imaculado Coração de Maria. Nesse mesmo dia, anunciou a concessão da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, como distinção pelo trabalho que o santuário vinha realizando pela Igreja e pelo mundo. Vejamos alguns trechos do discurso de Paulo VI nessa ocasião:

> «Não pode, veneráveis irmãos, o Nosso pensamento deixar de elevar-se, com sentimentos de sincera e filial gratidão, também à Virgem santa... podemos afirmar que a presente sessão se conclui com um incomparável hino de louvor em honra de Maria. Com efeito... faz-nos pensar ser este o momento mais solene e mais apropriado para satisfazermos um desejo que, por nós acenado no fim da sessão precedente, muitíssimos padres conciliares fizeram seu, pedindo instantemente uma declaração explícita, durante este Concílio, da função maternal que a Virgem exerce sobre o povo cristão. Para tal fim, julgamos oportuno consagrar, nesta mesma sessão pública, um título em honra da Virgem... para glória da Virgem e para nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima "Mãe da Igreja". Enquanto em ardente prece volvemos a nossa alma para a Virgem, a fim de que abençoe o Concílio Ecumênico e

> a Igreja toda... o nosso olhar abre-se para os horizontes sem fim do mundo inteiro, objeto das atenções mais vivas do Concílio Ecumênico, e que o nosso predecessor Pio XII, de veneranda memória, não sem inspiração do alto, solenemente consagrou ao Coração Imaculado de Maria. Esse ato de consagração julgamos oportuno recordá-lo hoje de modo particular. Para este fim, resolvemos enviar proximamente, por meio de uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, tão caro não só ao povo da nobre nação portuguesa — sempre, porém hoje particularmente, a nós caro — como também conhecido e venerado pelos fiéis de todo o mundo católico. Destarte, também nós pretendemos confiar aos cuidados da celeste Mãe a inteira família humana, com os seus problemas e as suas ânsias, com as suas legítimas aspirações e as suas ardentes esperanças.»

Por ocasião dos preparativos para as festividades do cinquentenário das aparições em Fátima, Paulo VI, inicialmente, em 15 de abril de 1967, havia nomeado como seu legado pontifício o Cardeal Dom José da Costa Nunes para representá-lo e presidir as celebrações. Contudo, no início do mês de maio, o Papa tornou público que ele mesmo pretendia ir a Fátima, mas como um peregrino, afastando assim o caráter de chefe de Estado de sua viagem a Portugal. Essa decisão do Papa parecia ser uma afronta ao governo salazarista, já que Paulo VI havia feito uma visita a Bombaim para participar no Congresso Eucarístico Internacional em 1964, justamente no momento em que Goa deixara de ser território do Império português devido à sua anexação em conjunto com Damão e Diu pela Índia. Com esse gesto, o Papa Paulo VI reconhecia oficialmente o processo de descolonização do império ultramarino português. O humanismo do Concílio não pretendia mais proclamar o reinado social de Cristo sobre todas as nações, muito pelo contrário, era necessário descristianizar os povos em prol do imperativo da liberdade religiosa, proclamada pelo Concílio Vaticano II como um direito inalienável da pessoa humana.

Paulo VI decidiu que o avião que o transportaria desde Roma não aterrissaria em Lisboa, mas em Monte Real. Ele ficou alojado na então Diocese de Leiria (hoje Leiria-Fátima). Escrivá havia chegado antes, no dia 8 de maio, em Lisboa, e no dia seguinte seguiu para Coimbra, onde visitou a irmã Lúcia. Esse pormenor nos parece muito importante e falaremos sobre ele mais adiante. No dia 9 de maio, Escrivá chegou a Fátima, como diriam mais tarde seus colaboradores: *"Vinha abrir os caminhos para o Papa"*. Ele deixou Portugal no dia 12 de maio, antes da chegada de Paulo VI. O que teria ido fazer em Coimbra e em Fátima o fundador do Opus Dei naqueles dias precedentes à visita do Papa? E por que Paulo VI preferiu ficar na Diocese de Leiria e não em Lisboa? Seria apenas uma questão de tensão política com o presidente Salazar?

Inicialmente, Salazar reagiu de forma hostil à visita e chegou a dizer ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, que, enquanto ele fosse vivo, o Papa não iria a Portugal e que lhe recusaria o visto para Fátima. Para Salazar, a atitude de Paulo VI era a continuação de uma série de erros cometidos pelas autoridades da Igreja desde o Concílio Vaticano II, erros que, obviamente, não seriam benéficos para o catolicismo no mundo. Embora a questão fosse política, ela também trazia consequências desastrosas em todas as áreas, algo que até mesmo um político prático como Salazar era capaz de ver. Seus inimigos políticos, no entanto, concentravam-se na boa relação do Papa com o socialismo. Somente após a advertência de Franco Nogueira, Salazar reconsiderou a situação. De fato, um conflito diplomático com a Santa Sé não seria benéfico para o povo português, cujas raízes eram profundamente católicas.

Ainda assim, para a oposição salazarista, a visita de Paulo VI seria um ponto de virada a favor de Mário Soares. Mais tarde, ele teria um papel importante, assinando um abaixo-assinado com vários líderes da oposição socialista-republicana, muitos dos quais tinham responsabilidades na Primeira República, que havia perseguido os pastorinhos. Diretamente.

Contudo, o Estado Novo controlava a comunicação social, e a RTP faria a transmissão oficial da visita do Papa. Dessa forma, as tensões se dissiparam por meio de um acordo tácito de tolerância mútua: as imagens da visita do Papa seguiriam o enquadramento adequado à religiosidade do povo português e à mensagem do "Papa Peregrino" que Paulo VI pretendia dar ao mundo, relegando a questão política a segundo plano. A ideia da presença da Irmã Lúcia durante as solenidades do dia 13 de maio, em Fátima, estava na mente do Papa. Para ele, era fundamental anunciar a renovação da Igreja e seu compromisso com o ecumenismo e com o diálogo com todos os povos rumo a um novo tempo de paz. O otimismo do Papa ganharia eco internacional nas celebrações do cinquentenário de Fátima.

No livro publicado pelo Carmelo de Coimbra em 2013, *Um caminho sob o olhar de Maria*, podemos ler nas páginas 400 e 401 o momento em que a Irmã Lúcia recebeu o anúncio da visita do Papa Peregrino:

> «Passados dois anos, no dia 4 de maio de 1967, o coração da Irmã Lúcia saltou de gozo, recebeu a notícia de que o Papa Paulo VI ia ser Peregrino de Fátima no dia 13, na celebração do cinquentenário das Aparições! Imediatamente emerge um sonho que nela tem também cinquenta anos – ver o Santo Padre! Mas nem se atreve a pronunciar a palavra:
>
> — Deram-me a notícia de que o Santo Padre vem a Fátima no dia 13. Senti uma grande alegria pela honra prestada a Nossa Senhora! E quem sabe! Quererá Nossa Senhora agora fazer-me a grande graça! Mas eu não a mereço, fico contente com a Sua glória!
>
> Passados dois dias depois (*dia 6 de maio*), nova informação que a deixa de braços caídos:
>
> — Dizem que o Santo Padre vem com as horas e minutos contados para regressar no mesmo dia, perco a esperança, mas ofereço gostosa o sacrifício a Nossa

> Senhora para que tudo corra bem e que seja para a glória de Deus, pela Santa Igreja, paz no mundo e união dos irmãos separados.
>
> Mais dois dias (8 *de maio*) ...entra uma réstia de sol no seu coração, com uma palavra do Senhor, Dom Ernesto, Arcebispo de Coimbra, que lhe dá algumas esperanças do desejado encontro, mas ela fica incrédula:
>
> — Será verdade? Não sei! Mas sei que Deus é bom! Muito bom!
>
> Por fim, no dia 9, quase em cima da hora, o mesmo Prelado confirma aquilo que lhe tinha dito por suposição. A pastorinha ia a Fátima ao encontro do Supremo Pastor, ia ver em pessoa o Bispo vestido de branco.»

A Irmã Lúcia soube da possível viagem do Papa a Fátima em maio de 1966, por meio do Cardeal Giuseppe Ferreto. Nessa ocasião, ela expressou o desejo de falar a sós com o Papa. Em abril de 1967, ela escreveu ao Papa manifestando esse desejo nos seguintes termos:

> «... não gostaria, Santo Padre, como já disse em resposta a uma pergunta de Sua Eminência o Cardeal Ferreto, de me encontrar em Fátima, no meio da multidão de peregrinos, e por isso gostaria de dizer: se houvesse a possibilidade, se a Vossa Santidade parecer bom e se quiser dar instruções nesse sentido, poderia eu poderia ir em segredo passar alguns dias no nosso Carmelo de Fátima e chegar ao santuário apenas no momento em que Vossa Santidade quiser providenciar uma audiência para mim.»[69]

Tão logo soube que o Papa participaria das festividades em Fátima, a Irmã Lúcia apressou-se a escrever-lhe uma mensagem em um pergaminho, que seria entregue juntamente com outros presentes que ela mesma preparara para a ocasião. O conteúdo dessa mensagem está descrito em seu diário datado de 11 de maio de 1967:

69. GAETA, Saverio. *I Segreti di Suor Lucia*, p. 131.

> «Santíssimo Padre, a mensagem da Virgem Maria é de paz, misericórdia e súplica. Em maio de 1917, Nossa Senhora disse: rezem o rosário todos os dias para obter a paz no mundo e o fim da guerra, por isso peço a Vossa Santidade que se digne a encorajar a oração do terço, se for possível, estabelecendo que aos domingos e feriados, em todas as igrejas e capelas públicas e semipúblicas onde não haja Missa vespertina, o rosário seja rezado diante do Santíssimo Sacramento exposto, concluindo com a bênção em espírito de reparação, adoração e súplica.»[70]

É de saltar aos olhos a diferença entre o pedido da Irmã Lúcia e os planos de Paulo VI em Fátima. Ela expõe a necessidade do Santo Rosário. A mensagem de Fátima é, por excelência, o avesso do ecumenismo, pois coroa Nossa Senhora como Rainha do Céu e da Terra. Nossa Senhora é, ela mesma, a Rainha da Paz. Obviamente, essa mensagem clara e direta da Irmã Lúcia seria ignorada por Paulo VI, pois seus objetivos em relação a Fátima eram completamente diferentes, como logo ficaria evidente.

> A Irmã Lúcia, por sua vez, não demonstrava interesse nas celebrações do cinquentenário de Fátima, o evento seria para ela, apenas uma oportunidade de uma conferência privada com o Papa. Na carta de 9 de maio, Dom Ernesto Sena de Oliveira havia informado-lhe que Monsenhor Paul Marcinkus a visitaria a fim de prepará-la para o evento e lhe dar as devidas instruções. O bispo de Leiria, Dom João Pereira Venâncio, teve de informá-la de que deveria assistir à Missa celebrada por Paulo VI a partir da tribuna, contrariando seu desejo de entrar discretamente pela porta dos fundos do Santuário, na Basílica ou na casa de retiros, onde esperava ser recebida pelo Santo Padre

70. GAETA, Saverio. *I Segreti di Suor Lucia*, p. 127.

em audiência privada. Foi exatamente essa esperança que ela expressou em seu diário no dia 11 de maio de 1967.[71]

Na página do Opus Dei na internet, encontra-se a informação de que uma comitiva do Opus acompanhou Josémaria Escrivá à Coimbra poucos dias antes da visita do Papa à Fátima, consta que, nessa ocasião ele fez uma visita à Irmã Lúcia no Carmelo no dia 9 de maio. Na tarde desse mesmo dia, partiu para Fátima, acompanhado por Dom Álvaro del Portillo (seu primeiro sucessor), Dom Javier Echevarría (atual Prelado do Opus Dei) e um pequeno grupo de sacerdotes e leigos numerários. Não há registro do que foi discutido nesse encontro ou da razão do colóquio, nem mesmo há uma nota sequer sobre esse encontro com o fundador da obra nos diários da Irmã Lúcia, permanece o mistério.

Agora podemos apenas nos perguntar, se teria sido possível que uma outra freira tenha se apresentado na tribuna durante as celebrações do cinquentenário de Fátima naquele dia 13 de maio de 1967, caso um fato inesperado tenha ocorrido às vésperas do evento, se a resposta for sim, vamos examinar os motivos que poderiam justificar algo dessa natureza e se isso seria, ao menos, plausível:

1. O Papa exigira a presença da Irmã Lúcia no evento anunciado para o dia 13 de maio. Ela imediatamente percebeu que essa seria sua única oportunidade de ter uma audiência privada com o Papa e fez tudo o que pôde para que ele lhe concedesse esse momento precioso. No entanto, diante da recusa do Santo Padre em recebê-la, e ainda sendo obrigada a estar presente na tribuna durante toda a cerimônia sob o olhar do mundo, é possível que a Irmã Lúcia tenha se recusado a comparecer, ao menos, como Irmã Lúcia.

Paulo VI inicialmente não iria comparecer às celebrações do cinquentenário de Fátima, mas mudou de ideia no início de maio, e foi essa mudança de planos que tornou imperativa a presença da Irmã Lúcia no evento. A presença do Papa daria um outro significado à mensagem de Fátima, o Papa seria um peregrino unido ao povo, Paulo

71. GAETA, Saverio. *I Segreti di Suor Lucia*, p. 128.

Vi sonhava com uma nova primavera para a Igreja e para o mundo, o apelo popular e importância de Fátima, o maior evento mariano do século XX, seriam como uma espécie de selo divino para o Concílio e para a agenda política do Papa Paulo VI.

2. A Irmã Lúcia não deveria aparecer em público por muito tempo e o Papa não desejava falar com ela nem na Tribuna e nem em uma sala privada, após a cerimônia, e de fato, ele nem permaneceria muito tempo em Fátima; partiria no mesmo dia. Sua presença seria apenas o suficiente para anunciar ao mundo, a "religião do homem" e um apelo à paz e ao ecumenismo.

3. Embora a Irmã Lúcia fosse conhecida internacionalmente, sua imagem física não. Na época, suas fotografias não eram facilmente encontradas em jornais. Além disso, desde 1959, ela estava completamente enclausurada, usava uma prótese dentária e havia ganhado peso. Pouquíssimas pessoas tinham acesso a ela, incluindo prelados do Opus Dei que exerciam profunda influência sobre o Carmelo e sobre alguns familiares próximos. Suas conversas eram limitadas e supervisionadas pelo Santo Ofício, com várias restrições, como já mencionamos, a única exceção à essas restrições, era dada aos Cardeais, que poderiam vê-la e entrevistá-la sem que fosse necessária uma autorização de Roma.

4. A Irmã Lúcia, naquelas circunstâncias (como veremos), sentia-se constrangida e não considerava a sua presença nas celebrações, como algo importante, não havia sido anunciado que ela estaria presente.

5. Uma outra freira poderia se passar por Irmã Lúcia, e resolveria bem o problema de da exigência do Papa, ele não a conhecia pessoalmente. E de fato, a coisa só se complicou um pouco mais, quando o público exigiu que se apresentasse-lhes a Irmã Lúcia, e nesse momento foi inevitável que toda a atenção se fixasse nela. No entanto tão logo terminado o evento, a impostora retornaria ao anonimato e a Irmã Lúcia permaneceria silenciada e longe dos olhos do público até o fim de sua vida, Fátima seria sepultada definitivamente após aquela visita do Papa, ao menos era o que o Vaticano desejava para aquele cinquentenário,

ou no máximo, quem sabe, ser relembrada oficialmente dali a mais cinquenta anos.

6. As últimas imagens da Irmã Lúcia eram de pelo menos 7 anos antes. Além disso, substituir uma freira que usava um hábito pesado em um momento de intensa agitação coletiva e tumulto, não seria uma tarefa difícil, em uma Tribuna consideravelmente afastada da multidão.

7. Se algum familiar suspeitasse de algo, o que provavelmente não ocorreu, pois os familiares presentes estavam mais atento ao Papa e à cerimônia, e exigisse uma explicação, poderia ser-lhe fornecido uma carta oficial da Arquidiocese de Coimbra, alegando que uma sósia havia sido usada por motivos de impossibilidade da presença da Irmã Lúcia ou por motivo de saúde ou porque a própria Irmã Lúcia preferira essa solução para evitar a exposição pública, ou ainda, na pior das hipóteses, por motivo de segurança e que, sua ausência teria frustrado profundamente o Santo Padre e à multidão de peregrinos que desejavam vê-la, todos os casos, seriam compreensíveis a qualquer familiar ou pessoa próxima a ela.

Há ainda outra possibilidade, mais complexa, porém não impossível: a Irmã Lúcia poderia ter estado, de fato, presente naquela tribuna no dia 13 de maio de 1967, mas não como Irmã Lúcia, mas apenas como uma freira carmelita qualquer, ao menos para a comunhão e teria passado despercebida, como aliás, era o seu desejo.

Para descrever o que se passou naquele dia, segui o que está publicado em *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, publicado pelo próprio Carmelo, e *I Segreti di Suor Lucia* de Saverio Gaeta. Como em ambos os casos não se considera a possibilidade de uma impostora, alguns textos do diário, referentes ao dia 13 de maio de 1967, me parecem obscuros. Mas antes vejamos o que *Um Caminho Sob o Olhar de Maria* relata sobre os eventos daqueles dias que antecederam o grande evento do cinquentenário de Fátima:

> «No carro do Dr. Miguel Barata, grande amigo e medico da Comunidade, acompanhada pela Prioresa, Madre Maria de Cristo e da irmã Inês da Eucaristia,

sobrinha da Vidente, partiu para Fátima às 18 horas da tarde do dia 10 de maio e chegaram ao Carmelo de S. José em Fátima às 20h 30m. Na viagem, a Irmã Lúcia procurou dissimular a sua emoção, ao ver a interminável fila de peregrinos que caminhavam a pé sob uma chuva torrencial. Que vontade de saltar do carro e fazer caminho com eles, rezando e cantando... mesmo no carro, o seu coração vai ali palmilhando a terra lamacenta, como costumava viver esses dias em espírito desde o silêncio e escondimento da sua cela de carmelita ou antes quando era Doroteia. Estivesse onde ou como estivesse, o seu coração, como a bússola, nunca se desviava do seu Norte — Maria, Fátima. Estava em Fátima! Que turbilhão de sentimentos a invadiam, os quais ela procurava viver sem dar sinais exteriores.»

Até aqui, a narrativa é dos próprios autores de *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*. Segue abaixo um trecho do diário da Irmã Lúcia.

«Tudo me impressiona e faz sentir no íntimo como que um calafrio que procuro dissimular para que ninguém se aperceba do que me vai na alma. Sinto e vou oferecendo a Deus por aquela multidão em prece, no meio da qual, se me fosse possível, desconhecida, me quisera meter, para unir a minha voz às suas, confundida com a multidão, passar a noite à chuva, ao frio e relento, oferecer com eles a Deus, esta penitência em ato de reparação, de adoração e de súplica, como há 50 anos aqui nos foi pedido: "Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? — Sim, queremos.»[72]

72. *O Meu Caminho*, II, pp. 129-130.

A Irmã Lúcia passou o dia 10 aguardando a visita de Monsenhor Paul Marcinkus, que viria orientá-la sobre a tão esperada audiência com o Papa. Contudo, essa espera foi em vão. Foi o bispo de Leiria quem lhe informou que deveria estar presente na Missa do Papa, assistindo-a da tribuna, o que a deixou perplexa. Ela não tinha ido a Fátima para isso; seu desejo era ter um colóquio privado com Paulo VI. O próximo fragmento do diário da Irmã Lúcia descreve o momento da comunhão durante a Missa celebrada pelo Papa no dia 13 de maio:

> «Não sei descrever o que senti no momento em que tive a dita de receber o pão dos Anjos das mãos paternais do Sumo Pontífice! Só Deus poderá mostrar-nos no Céu a excelência da graça que nos comunica na terra
>
> A ação de graças não foi breve, porque ela ainda perdura no silêncio da minha alma agradecida a tantas delicadezas do Bom Deus, da querida Mãe do Céu a Quem se refere toda a honra e glória, e ao Vigário de Cristo na terra a quem venero, obedeço e estimo como o representante do mesmo Deus.»[73]

Notemos que a última citação do diário foi da página 130, e esta última está na página 138. O que teria sido escrito nas páginas intermediárias, de 130 a 138? São quase nove páginas de intervalo, precisamente as que relatariam os dias 11 e 12 de maio, justamente quando a Irmã Lúcia percebeu que não conseguiria seu encontro privado com o Santo Padre. Ainda mais intrigante é o trecho na página 402 de *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, que parece confirmar essa hipótese:

> «Então pediu licença ao Senhor Núncio para a acompanharem (durante a Missa na tribuna) mais algumas irmãs Carmelitas. Desejava no meio delas dissimular melhor a sua presença... Além da Prioresa de Coimbra e da irmã Inês, sobrinha da Irmã Lúcia, foi permitido

73. *O Meu Caminho*, p. 138.

> acompanha-la a Prioresa e primeira Conselheira do Carmelo de S. José.»[74]

É curioso que, para solicitar a presença de outras freiras na tribuna, tenha sido necessário falar com o Núncio Apostólico, quando bastaria pedir permissão ao bispo. Qual teria sido, de fato, o teor dessa conversa com o Núncio? Talvez tenha sido nesse momento crítico que ela decidiu não participar ativamente do evento e apenas comparecer à Tribuna escondida entre outras freiras, ou até mesmo tenha cogitado voltar a Coimbra ainda no dia 11, ou talvez tenha tido um mal estar súbito, lembremos que ela havia sido recém operada para a extração de um tumor. Seu desejo não era ser apresentada à multidão, mas cumprir sua missão celestial: falar algo em privado, cara a cara, com o Papa. Ao perceber que fora enganada, talvez tenha se sentido desobrigada de estar ali.

O fato é que, no dia 13 de maio de 1967, na Tribuna, estavam, além das três freiras que vieram de Coimbra, a Madre Prioresa do Carmelo de S. José, totalizando quatro carmelitas. No carro que partiu de Coimbra estavam o Dr. Miguel Barata, a Madre Maria de Cristo (prioresa do Carmelo de Coimbra), a Irmã Inês (sobrinha da irmã Lúcia) e a própria Irmã Lúcia. O padre Gruner, em uma entrevista com o padre Paul Kramer em 2012, reconheceu a possibilidade de que a prioresa do Carmelo pudesse ter facilitado a substituição de Lúcia por sua sobrinha. A Irmã Lúcia já manifestara o desejo de ser transferida de Coimbra para o Carmelo de Braga, o que foi confirmado pelo bispo de Coimbra, Dom Ernesto Sena de Oliveira, conforme registrado em uma reportagem do *Jornal do Comércio* de 9 de novembro de 1966:

> «... É possível — acrescentou o prelado — quem determinada ocasião se verifique a sua transferência do Carmelo de Coimbra para outro Convento Carmelo de Portugal. Há tempos falou-se que ela iria para o novo mosteiro daquela Ordem que será inaugurado em Braga. Mas não há nada que faça ausentar-se do país e da comunidade

74. *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, p. 402.

que escolheu. A sua vida certamente continuará a ser a mesma. O que eu não creio — acrescentou D. Ernesto Sena de Oliveira — é que Lúcia se desloque até Fátima por ocasião do quinquagésimo aniversário das Aparições e muito menos nos dias em que estão projetadas as grandes cerimônias. Pois seria numa altura dessas contra a sua vontade e a própria vontade da Igreja, como que o centro das atenções gerais e o principal motivo de uma peregrinação que tem por base o sacrifício, a oração, o limite de toda a vaidade e o apelo para a paz.»

A madre Inês ingressaria no Carmelo de Braga em 1973, onde permaneceu até a sua morte em 2006.

Façamos uma breve cronologia dos fatos:

I. Maio de 1966: O Cardeal Giuseppe Ferreto menciona à Irmã Lúcia a possibilidade de uma viagem de Paulo VI a Fátima. A Irmã Lúcia lhe diz que não deseja ir a Fátima a menos que possa ter um encontro privado com o Papa.

II. 19 de abril de 1967: A Irmã Lúcia envia uma carta ao Papa Paulo VI sugerindo que, se ele viesse a Fátima, ela pudesse ir em segredo, hospedando-se no Carmelo de Fátima, até que pudesse ter um momento privado com ele.

III. 3 de maio: Paulo VI anuncia que irá a Fátima para as celebrações do cinquentenário das aparições.

IV. 4 de maio: A Irmã Lúcia é avisada da visita do Papa ao Santuário de Fátima.

V. 9 de maio: Dom Ernesto Sena comunica à Irmã Lúcia que Monsenhor Paul Marcinkus se encontrará com ela no Carmelo de Fátima para lhe dar as instruções para o encontro com o Papa.

VI. 10 de maio: A Irmã Lúcia parte para Fátima às 18h, chegando às 20h30.

VII. Depois de uma longa espera no dia 10 de maio, o bispo de Leiria lhe comunica que deverá participar das celebrações do dia 13

desde a tribuna. A Irmã Lúcia, desconcertada com o engano, pediu licença para falar com o Núncio e solicitou permissão para que outras carmelitas a acompanhassem, pois desejava dissimular sua presença.

VIII. Há uma lacuna em *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, pois não há trechos do diário relativos aos dias 11 e 12 de maio.

IX. No dia 13, houve um encontro, registrado por fotógrafos, entre a "Irmã Lúcia" e o Presidente de Portugal, mas não há menção a esse importante encontro no diário de *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*.

Se Paulo VI não tivesse ido a Fátima em 1967, é provável que a Irmã Lúcia teria permanecido esquecida. Ela certamente não teria comparecido às celebrações do cinquentenário das aparições se o Papa não estivesse presente. Para ela, aquela era uma oportunidade única e urgente para falar sobre o Terceiro Segredo com o Papa. Isso é confirmado por uma citação do cônego Barthas:

> «Lúcia recusou-se obstinadamente a obedecer à ordem que o Bispo de Coimbra lhe transmitiu de abandonar o seu claustro no dia 13 de maio para ir à Fátima. Finalmente, ela própria telefonou para o Núncio (Papal) em Lisboa, que lhe informou que desobedeceria gravemente ao Santo Padre se não fosse para lá. Se isso fosse apenas um desejo do Santo Padre e não uma ordem, ela teria preferido ficar no Convento.»[75]

No entanto, a situação inusitada da recusa do Papa em conceder-lhe uma audiência privada complicou tudo, tanto para ela quanto para a história.

Os acontecimentos envolvendo a "Irmã Lúcia" durante o evento de 1967, especialmente no dia 13 de maio, são confusos e nebulosos. Em 13 de junho, por exemplo, o jornal *Voz da Fátima* publicou uma foto da irmã Lúcia ao lado do Papa Paulo VI e do bispo de Leiria, Dom Venâncio, com a legenda: "*O Papa sorri carinhosamente para a multidão, ao lado da irmã Lúcia, a única sobrevivente dos pastorinhos de há 50 anos.*

75. FELLOWS, Mark. Sister Lucia – *Apostle of Mary's Immaculate Heart*. Buffalo: Immaculate Heart Publications, 2007, p. 167.

Os peregrinos aplaudem com emoção o Vigário de Cristo." Como descoberto e comprovado por *Sister Lucy Truth*, essas ilustrações tratavam-se de montagens fotográficas cujo objetivo era apresentar a Irmã Lúcia ao lado do Papa Paulo VI, como que em uma intimidade, que nunca existiu nem naquele momento e nem em nenhum outro. Essa tipo de manipulação nos leva à seguinte questão: se foram capazes de manipular fotografias e fatos com o objetivo de construir uma narrativa histórica, porque não seriam capazes de trocar pessoas em função dessa mesma narrativa? As imagens falsificadas permaneceram e continuam publicadas em revistas e livros oficiais sobre Fátima.

Voltemos agora nossa atenção para o palco das celebrações do cinquentenário em Fátima. Já vimos que a Irmã Lúcia ficou profundamente desapontada ao saber que o Papa não a receberia em uma audiência privada. Além disso, ela não estava totalmente saudável devido a uma recente cirurgia para a remoção de um tumor. No entanto, a mulher que se apresentou como Irmã Lúcia naquele 13 de maio de 1967, parecia jovial e bem-disposta, conforme relatado pelo periódico *O Jornal* (RJ) em 14 de maio de 1967, na matéria intitulada "*Presença da Irmã Lúcia é o ponto alto das comemorações*":

> «Precisamente às 11 horas, horário local, pelo milagre da cadeia de televisão formada por toda as emissoras da Europa Cristã, a imagem da irmã Lúcia entrou em todos os lares e foi vista por toda a gente. Na esplanada, o regozijo foi indescritível, tendo sido vivamente aplaudida e solicitada pela multidão, embora esteja convalescente de recente extração de um tumor e já seja uma mulher de 60 anos de idade. É admirável o aspecto físico da grande privilegiada. Traços enérgicos, olhar alegre, ela não aparenta ter mais do que 40 anos e deixa a impressão de ser uma criatura extremamente segura e descontraída.»

Naquele momento, aos menos para os mais atentos, era possível perceber que haviam diferenças aparentes entre aquela Irmã Lúcia e a

de imagens anteriores, diferenças também na postura principalmente. O registro cinematográfico do evento pode ser visto no documentário *Fátima, Altar do Mundo*, produzido pela RTP, disponível na internet. O momento da comunhão é particularmente relevante, pois a outra Irmã Lúcia pode ser vista comungando junto com as outras freiras, embora eu não exclua a possibilidade de que a verdadeira estivesse ali, dissimulada entre outras freiras como era o seu desejo, ao menos para comungar e isso explicaria o que ficou registrado no diário:

> "Não sei descrever o que senti no momento em que tive a dita de receber o pão dos Anjos das mãos paternais do Sumo Pontífice! Só Deus poderá mostrar-nos no Céu a excelência da graça que nos comunica na terra!"[76]

No entanto é impossível fazer uma identificação precisa de todas as freiras que comungaram naquele momento. O que posso dizer baseado no parecer técnico dos especialistas forenses, é que daí para diante, nem o descrito no diário como sendo palavras da Irmã lúcia, se pode dar pleno crédito.

Após o encerramento da celebração eucarística, ocorreu um episódio curioso: Paulo VI, sentado na cadeira pontifícia, abriu os braços e disse à "Irmã Lúcia": "*Vem, minha filha, vem.*" A mulher aproximou-se, beijou-lhe o pé e o anel do Pescador em sua mão direita. Saverio Gaeta menciona esse fato registrado no diário da Irmã Lúcia:

> «O Santo Padre, inclinando-se para mim, disse: "Recebi o seu escrito, fale com o bispo e obedeça ao bispo."»[77]

Mas a que carta Paulo VI estava se referindo? Segundo Gaeta, tratava-se da carta de abril de 1967, na qual a Irmã Lúcia manifestava seu desejo de ir a Fátima em segredo, apenas para conversar pessoalmente

76. *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, p.402

77. GAETA, Saverio. *I Segreti di Suor Lucia*, p. 130.

com o Papa. No entanto, naquele momento da Missa, a Irmã Lúcia já tinha certeza de que não conseguiria falar com o Papa em privado. Então por que se relata o seguinte episódio?

> «A Irmã Lúcia perguntou, naquele momento (*o encontro com Paulo VI no Palco*), se era possível falar com Sua Santidade em privado, e o Santo Padre respondeu: "Não". O Bispo de Leiria, talvez sem entender o que Santo Padre disse, virou-se para a irmã Lúcia e disse: "Irmã, diz o Santo Padre, que a Irmã diga a mim o que queria dizer a Sua Santidade e eu transmito." Ao que o Santo Padre respondeu: "É assim."»

Saverio Gaeta cita novamente o diário da Irmã Lúcia, embora sem mencionar as páginas:

> «Mas, na realidade, as palavras do Bispo de Leiria não são, nem na letra nem no sentido, aquelas que o Santo Padre acabara de me dirigir.»

Quando solicitei ao Carmelo de Coimbra as informações necessárias para obter autorização para consultar os originais manuscritos do diário, a resposta foi que "essa documentação é sigilosa e está sob a tutela do Dicastério para a Causa dos Santos, devido ao processo de beatificação e canonização da Irmã Lúcia".

Além do registro cinematográfico feito pela RTP, o leitor poderá ver as fotografias da outra Irmã Lúcia, tiradas logo após sua chegada ao Santuário de Fátima, quando se viu cercada por uma multidão de personalidades importantes que queriam vê-la. O momento mais incômodo, o encontro com o Presidente de Portugal, António de Oliveira Salazar, Salazar era um devoto de Nossa Senhora de Fátima e já estivera em outras ocasiões no Santuário de Fátima, a Irmã Lúcia, portanto não lhe era uma completa estranha. Curiosamente, essa sequência de imagens registradas do evento, são as únicas em que ela aparece usando óculos, óculos são também excelentes para

encobrir certos aspectos marcantes dos olhos. O interessante é que esse importante encontro não é mencionado em seu diário., sabemos da estima que a Irmã Lúcia tinha pelo presidente de Portugal, o que torna surpreendente a ausência de qualquer registro desse momento no livro *Um Caminho Sob o Olhar de Maria.*

Naquela ocasião, durante sua homilia, o Papa Paulo VI apresentava ao mundo "a religião do homem que se faz Deus". Em sua fala, a palavra "homem" foi repetida treze vezes, refletindo o humanismo do Concílio Vaticano II, que transbordava em Fátima pela voz do Papa. A partir desse momento, o Terceiro Segredo e a verdadeira irmã Lúcia foram relegados ao esquecimento. A "outra" Irmã Lúcia havia cumprido seu papel e não voltaria a ser vista publicamente, exceto por ocasião do atentado ao Papa João Paulo II em 13 de maio de 1981.

A seguir, apresentamos a homilia proferida pelo Papa, momento máximo daquele evento, mas que demonstra que a mensagem de Fátima ali apresentada estava desprovida de caráter sobrenatural, e o enfoque dado em todo o evento é o de uma mensagem de clamor popular devocional, um aspecto importante de identificação do povo com suas crenças e fervor religioso:

> «Sábado, 13 de maio de 1967
> Veneráveis irmãos e diletos filhos,
> Tão grande é o nosso desejo de honrar a Santíssima Virgem Maria, Mãe de Cristo e, por isso, Mãe de Deus e Mãe Nossa, tão grande é a nossa confiança na sua benevolência para com a Santa Igreja e para com a Nossa missão apostólica, tão grande é a Nossa necessidade da sua intercessão junto de Cristo, seu divino Filho, que viemos, peregrinos, humildes e confinantes, a este Santuário bendito, onde se celebra hoje o cinquentenário das aparições de Fátima e onde se comemora hoje o vigésimo quinto aniversário da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria.

É com alegria que nos encontramos convosco, Irmãos e Filhos caríssimos, e que vos associamos à profissão da nossa devoção a Maria Santíssima e à nossa oração, a fim de que seja mais manifesta e mais filial a comum veneração e mais aceite a nossa invocação.

Nós vos saudamos, Irmãos e Filhos aqui presentes, a vós especialmente cidadãos desta ilustre nação que, na sua longa história, deu à Igreja homens santos e grandes, e um povo trabalhador e piedoso, a vós peregrinos, que viestes de perto e também de longe, e a vós fiéis da Santa Igreja Católica que, de Roma, das vossas terras e das vossas casas, espalhados por todo o mundo, estais agora espiritualmente voltados para este altar. A todos, a todos vós, nós saudamos. Estamos agora a celebrar, convosco e para vós, a santa Missa e, todos juntos, estamos reunidos, como filhos de uma família única, perto da Mãe celeste, para sermos admitidos, durante a celebração do santo Sacrifício a uma comunhão mais estreita e salutar com Cristo, nosso Senhor Salvador.

Não queremos excluir ninguém desta recordação espiritual, porque é vontade nossa que todos participem das graças que estamos agora a impetrar do céu. Todos vós tendes um lugar no nosso coração: vós, famílias cristãs; vós leigos caríssimos, que desejais colaborar com o Clero na propagação do Reino de Deus; vós, jovens e crianças, que desejaríamos que estivésseis todos à nossa volta; e todos vós que sentis atribulados e cansados, vós que sofreis, e que certamente, vos recordais como Cristo vos chama para perto de si, a fim de vos associar à sua paixão redentora e vos consolar.

O nosso olhar abrange ainda todos os cristãos não católicos, mas nossos irmãos ao batismo, mencionamo-los com esperança de perfeita comunhão nessa unidade que o Senhor Jesus deseja. E o nosso olhar abraça o mundo todo: não queremos que a nossa caridade tenha fronteiras

e, neste momento, estendemo-la à humanidade inteira, a todos os Governantes e a todos os Povos da Terra. Vós sabeis quais são as nossas intenções especiais que desejamos caracterizem esta peregrinação. Vamos recordá-las aqui, a fim de que inspirem a nossa oração e sejam luz para todos aqueles que nos ouvem.

A primeira intenção é a Igreja: A Igreja una, santa, católica e apostólica. Queremos rezar, como dissemos, pela sua paz interior. O Concílio Ecumênico despertou muitas energias no seio de Igreja, abriu perspectivas, mais largas no campo da sua doutrina, chamou todos os seus filhos a uma consciência mais clara, a uma colaboração mais íntima, a um apostolado mais ativo. Queremos firmemente que tão grande benefício e tão profunda renovação se conservem e se tornem ainda maiores. Que mal seria, se uma interpretação arbitrária e não autorizada pelo magistério da Igreja transformasse este renascimento espiritual numa inquietação que desagregasse a sua estrutura tradicional e constitucional, que substituísse a teologia dos verdadeiros e grandes mestres por ideologias novas e particulares que visam a eliminar da norma da fé tudo aquilo que o pensamento moderno, muitas vezes falta de luz racional, não compreende e não aceita, e que mudasse a ânsia apostólica de caridade redentora na aquiescência às formas negativas da mentalidade profana e dos costumes mundanos. Que desilusão causaria o nosso esforço de aproximação universal, se não oferecesse aos irmãos cristãos, ainda de nós separados, e aos homens que não possuem a nossa fé, na sua sincera autenticidade e na sua original beleza, o patrimônio de verdade e de caridade, de que a Igreja é depositária e distribuidora?

Queremos pedir à Maria uma Igreja viva, uma Igreja verdadeira, uma Igreja unida, uma Igreja santa. É vontade nossa rezar convosco a fim de que as esperanças e energias suscitadas pelo Concílio, possam trazer-nos em

larguíssima escala os frutos daquele Espírito Santo, que a Igreja amanhã celebra na festa de Pentecostes e do qual provém a verdadeira vida cristã; esses frutos enumerados pelo apóstolo Paulo: "Caridade. Alegria e paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e temperança" (Gál. 5,22). É vontade nossa rezar a fim de que o culto de Deus hoje e sempre conserve a sua prioridade no mundo. E a sua lei dê forma à consciência e aos costumes do homem moderno. A fé em Deus é a luz suprema da humanidade; e esta luz não só não deve apagar-se no coração dos homens, mas pelo contrário, deve reacender-se por meio do estímulo que lhe vem da ciência e do progresso.

Este pensamento, que anima e estimula a nossa oração, leva-nos a pensar neste momento naqueles países: em que a liberdade religiosa está praticamente suprimida e onde se promove a negação de Deus, como se esta representasse a verdade dos tempos novos e a libertação dos povos. Mas a verdade é bem diferente. Rezamos por esses países; rezamos pelos nossos irmãos crentes dessas nações, a fim de que a íntima força de Deus os sustente e a verdadeira liberdade civil lhes seja concedida.

E, assim, passamos à segunda intenção deste nosso peregrinar, intenção que enche a nossa alma; o mundo, a paz do mundo.

Sabeis como a consciência da missão da Igreja no mundo, missão de amor e de serviço, se tornou, no dia de hoje, depois do Concílio, bem vigilante e bem ativa. Sabeis como o mundo se acha numa fase de grande transformação por causa do seu enorme e maravilhoso progresso, na consciência e na conquista das riquezas da terra e do universo. Mas sabeis também e verificais que o mundo não é feliz nem está tranquilo. A primeira causa desta inquietação é a dificuldade que encontra em estabelecer a concórdia, em conseguir a paz. Tudo parece impelir o

mundo para a fraternidade, para a unidade, no entanto, no seio da humanidade, descobrimos ainda tremendos e contínuos conflitos. Dois motivos principais tornam, por isso, grave esta situação histórica da humanidade, ela possui um grande arsenal de armas terrivelmente mortíferas, mas o progresso moral não iguala o progresso científico e técnico. Além disso, grande parte da humanidade encontra-se ainda em estado de indigência e de fome, ao mesmo tempo que nela se acha tão desperta a consciência inquieta das suas necessidades e do bem estar dos outros. É por este motivo que dizemos estar o mundo em perigo. Por este motivo, viemos nós aos pés da Rainha da paz a pedir-lhe a paz, dom que só Deus pode dar.

Sim, a paz é dom de Deus, que supõe a intervenção de uma ação do mesmo Deus, ação extremamente boa, misericordiosa e misteriosa. Mas nem sempre é dom miraculoso; é dom que opera os seus prodígios no segredo dos corações dos homens; dom que, por isso, tem necessidade da livre aceitação, depois se ter dirigido ao céu, dirige-se aos homens de todo o mundo: homens, dizemos neste momento singular, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens. Homens sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do mundo. Homens, sede magnânimos. Homens, procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros, mas como solidários com eles. Homens, não penseis em projetos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projetos de conforto comum e de colaboração solidária. Homens, pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura; e recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um mundo novo; sim, um mundo de homens verdadeiros, o qual é impossível de conseguir se não tem o sol de Deus no seu horizonte. Homens, escutai,

através da nossa humilde e trêmula voz, o eco vigoroso da palavra de Cristo: "Bem aventurados os mansos, porque possuirão a terra, bem aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus."

Vede, Filhos e Irmãos, que aqui, nos escutais, como o quadro do mundo e dos seus destinos se apresenta aqui imenso e dramático. É o quadro que Nossa Senhora abre aos nossos olhos, o quadro que contemplamos com os olhos aterrorizados, mas sempre confiantes; o quadro do qual nos aproximaremos sempre — assim o prometemos — seguindo a admoestação que a própria Nossa Senhora nos deu: a da oração e da penitência; e, por isso, queira Deus que este quadro do mundo nunca mais venha a registrar lutas, tragédias e catástrofes, mas sim as conquistas do amor e as vitórias da paz.»

CAPÍTULO XX

João Paulo II e a "outra" Irmã Lúcia

Karol Józef Wojtyła, cardeal polonês, foi eleito Papa em 16 de outubro de 1978, sucedendo ao breve pontificado de Albino Luciani, João Paulo I. Ao adotar o nome de seus predecessores, João XXIII e Paulo VI, indicava claramente a continuidade das reformas conciliares. No entanto, seu pontificado iria além: seria marcado pela queda do comunismo soviético. A escolha de um polonês para o papado não parece ter sido mera coincidência. Quem era esse homem?

Nascido em 18 de maio de 1920, em Wadowice, uma pequena localidade no sul da Polônia, no mesmo dia em que as forças polonesas do marechal Józef Piłsudski entravam triunfantes em Varsóvia, repelindo o Exército Vermelho, ele era o mais novo de três filhos de Karol Wojtyła e de Emilia Kaczorowska, de ascendência lituana. Emilia nascera em 1884 e faleceu em 13 de abril de 1929, aos 45 anos.

Seu pai manteve uma grande amizade com Wilhelm Kluger, presidente da comunidade judaica de Wadowice, que, em Viena, havia sido membro ativo do Bund Judaico Comunista. Em uma entrevista ao *Clarín*, de Buenos Aires, João Paulo II declarou: *"O povo judeu marcou toda a minha vida."*[78]

Em 1936, Wojtyła e seu pai foram, a convite de Wilhelm Kluger, à sinagoga de Wadowice para ouvir o cantor judeu Moishe Kussawiecki. Mais tarde, ele se recordaria da intensa emoção que sentiu naquele momento.

Quando, em 1989, Jerzy Kluger retornou a Wadowice e visitou o local onde ficava a antiga sinagoga — destruída pelos nazistas —, leu entusiasmado uma carta que João Paulo II lhe enviara para aquela ocasião:

78. *Os judeus em minha vida. Clarín Diário*, Buenos Aires, 03 abr. 1994, p. 40.

> «Me lembro muito bem da sinagoga de Wadowice, que ficava perto de nossa escola secundária. Parece que vejo passar diante de meus olhos os muitos fiéis que, durante suas festividades, iam rezar ali. Diga a todos os que estão agora reunidos, que eu, me junto a eles, venero a memória de seus correlegionários e compatriotas assassinados de maneira tão cruel e também, deste lugar de culto, que os invasores destruíram. Recordo com profunda reverência a todos aqueles a quem se homenageiam nesse dia 9 de maio de 1989 em Wadowice.»

Wojtyła interpretava teologicamente a ocupação da Polônia à luz do Antigo Testamento, segundo a exegese judaica, e, por isso, identificava a Polônia com Israel. Ele expressou essa visão em três dramas em versos que escreveu: *Davi* (1940), *Jó e Jeremias* (1941) e *Escrevi sobre a Polônia do Ponto de Vista da História Judaica*.

Ao concluir seus estudos no seminário de Cracóvia, Karol Wojtyła foi ordenado sacerdote em 1º de novembro de 1946. Em Roma, estudou Teologia na Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, onde obteve sua licenciatura e, posteriormente, o doutorado em Teologia, com a tese *A Doutrina da Fé segundo São João da Cruz*.

Em 1954, Wojtyła obteve seu segundo doutorado, desta vez em Filosofia, com uma tese avaliando a viabilidade de uma ética católica baseada no sistema filosófico do fenomenologista Max Scheler.

Em 1958, o Papa Pio XII o elevou à posição de bispo auxiliar de Cracóvia. Próximo ao Santuário de Kalwaria Zebrzydowska, na igreja principal do mosteiro cisterciense, havia um antigo quadro anônimo do século XVIII, cujo tema era a Paixão de Cristo. Nele, Jesus era representado carregando a cruz, enquanto um grupo de judeus enfurecidos o cuspia e o golpeava. Ao tomar conhecimento desse quadro, Karol Wojtyła ordenou sua remoção e teria instruído que fosse jogado no sótão para que os ratos o devorassem. É, no mínimo, perturbador imaginar um bispo católico pronunciando tais palavras sobre uma imagem que retrata a Paixão de Cristo.

João Paulo II fez o que nenhum outro Papa havia feito: citou de forma elogiosa, em uma carta apostólica (*Dies Domini*, 31 de maio de 1998), um escrito da literatura midráshica, *Gênesis Rabbah I*. Nessa citação, ele estabeleceu uma analogia entre a noção católica da Igreja como esposa de Cristo e a concepção judaica da *Shekinah* — a presença divina — como a união entre o povo judeu e Deus.

O *Lechá Dodi*, o mais popular dos cânticos do *Shabbat*, é um hino cabalístico cujos escritos estão repletos de ofensas contra a Igreja, identificada ali como *Edom*. Desde a revolta de Bar Kochba, no século II, os judeus passaram a associar *Edom* a Roma e, posteriormente, à Igreja. É improvável que João Paulo II não tivesse conhecimento do Talmude, da Mishná e até mesmo do *Zohar*, visto que frequentemente elogiava a literatura midráshica.

Não há dúvida de que o pontificado de João Paulo II foi profundamente marcado pelos temas de sua infância e juventude, sobretudo sua ligação com o judaísmo e sua devoção à Polônia, que, como dissemos, ele identificava com a Israel bíblica.

Seus amigos em Wadowice e Cracóvia eram, em sua maioria, judeus provenientes de famílias hassídicas, como Jerzy Kluger e Ginka Beer, com quem teve grande proximidade, especialmente nos anos em que atuou no teatro. Durante a festa de *Sucot* (Tabernáculos), o pai de Wojtyła permitia que os judeus se reunissem na sacada de sua residência. De fato, o futuro Papa João Paulo II cresceu em um ambiente familiarizado com os costumes judaicos.

Seu melhor amigo era Jerzy Kluger, de quem nunca se afastou. No próprio dia de sua eleição ao trono pontifício, em 16 de outubro de 1978, Wojtyła convidou Kluger para estar presente em uma reunião que realizaria com sua família na semana seguinte. Quando Jerzy Kluger o encontrou já com as vestes papais, fez menção de se ajoelhar, ao que João Paulo II o repreendeu: *"Nunca te ajoelhes diante de mim, Jurek"*. Ambos trabalhariam juntos pelo reconhecimento da Igreja ao Estado de Israel.

Filosoficamente, a formação de Karol Wojtyła foi quase inteiramente influenciada por autores judeus, especialmente pela fenomenologia de Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859–1938). Essa escola filosófica baseia-se, essencialmente, em um método que considera apenas os fenômenos, os quais são sempre parciais, ignorando conceitos universais e leis gerais. Em outras palavras, trata-se de uma forma de subjetivismo que se opõe à genuína filosofia e, em particular, à tradição aristotélico-tomista.

Seus autores preferidos eram, em sua totalidade, anticatólicos, como Emmanuel Levinas, a quem citou em seu livro *Cruzando o Umbral da Esperança*:

> «Não posso deter-me aqui em pensadores contemporâneos, porém um nome ao menos devo citar: o de Emmanuel Levinas, representante de uma especial corrente de personalismo contemporâneo e da filosofia do diálogo. Analogamente a Martin Buber e Franz Rosenzweig, expõe a tradição personalista do Antigo Testamento, de onde tão fortemente se acentua a relação entre o "Eu" humano e o Divino, o absolutamente soberano "Tu", Deus, que é o supremo legislador, promulgou com grande força sobre o Sinai o mandamento de "Não matar", como um imperativo moral de caráter absoluto. Levinas, assim como seus correligionários, viveu profundamente o drama do Holocausto e oferece deste fundamental mandamento do Decálogo uma singular formulação: para ele, a pessoa se manifesta através do rosto. A filosofia do rosto e dos escritos dos profetas, nos quais com frequência se fala da procura ou busca do rosto de Deus. Através do rosto, fala o homem, falam, em particular, todos os homens que já sofreram uma injustiça, falam e pronunciam estas palavras: "Não me mates!" O rosto humano e o mandamento de "Não matar" se unem em Levinas de modo genial, convertendo-se ao mesmo tempo em um testemunho de nossa época.»[79]

79. *João Paulo II: Cruzando os Umbrais da Esperança*, p. 206.

Esse parágrafo é bastante revelador, pois veremos tais princípios da filosofia de Emmanuel Levinas aplicados à interpretação pessoal que João Paulo II daria ao atentado que sofreu em 13 de maio de 1981.

Outro filósofo personalista admirado por Karol Wojtyła era o cabalista Martin Buber. Figura central do judaísmo no século XX, Buber foi o principal representante da chamada *filosofia do diálogo*, exposta em sua obra de 1923 *Eu e Tu* (*Ich und Du*). Essa teoria existencialista, derivada dos estudos cabalísticos de Baal Shem Tov, não possui fundamentos filosóficos sólidos no sentido clássico, estando mais próxima de uma abordagem mística.

João Paulo II foi o primeiro Papa a fazer uma visita oficial a uma sinagoga, no dia 13 de abril de 1986. Em 1994, estabeleceu relações diplomáticas formais entre a Santa Sé e o Estado de Israel. Além disso, era notória sua amizade com Elio Toaff, o Grande Rabino de Roma, filho de Alfredo Sabato Toaff, que integrou, desde 1931, o Conselho Rabínico Italiano e foi autor do livro de orações do qual João Paulo II extraiu uma estrofe do *Lechá Dodi*, o cântico cabalista do *Shabbat*. Toaff fora aluno de Elias Benamozegh, o rabino de Livorno que concebeu a ideia de transformar a Igreja Católica no *Catolicismo de Israel*.

Em uma mensagem proferida no centenário da sinagoga de Roma, em 22 de maio de 2004, João Paulo II elogiou Maimônides de Córdoba, o mesmo que amaldiçoou Jesus Cristo e propôs as Leis de Noé como modelo para os não judeus:

> «O grande filósofo e teólogo Maimônides de Córdoba (1138-1204), o qual recordamos neste ano o oitavo centenário de seu falecimento, expresso o desejo de que uma melhor relação entre judeus e cristãos pode levar o mundo inteiro a adoração do Deus único, como está escrito: "Eu então voltarei puro, no lábio dos povos para que, invoquem todos o nome do Senhor e lhe sirvam sob o mesmo jugo.»

Nessa ocasião, João Paulo II se expressou como se fosse um rabino, utilizando expressões como *"Mundo futuro"*, que significa *"Reino messiânico"*, além de empregar a terminologia rabínica *"O Eterno"* e *"Deus de Shalom"*. Na realidade, o texto lido por João Paulo II na sinagoga de Roma foi uma falsificação deliberada, pois excluiu do original a noção de que Jesus não pode ser o Messias, uma vez que realizou milagres — segundo o ensinamento rabínico, o Messias não fará milagres — e que os povos serão subjugados por Israel nos tempos messiânicos.

Maimônides, o filósofo elogiado por João Paulo II, escreveu na *Carta ao Iêmen* o seguinte sobre Jesus Cristo:

> «Jesus foi o primeiro que pretendeu aniquilar o judaísmo, porque quis proclamar uma nova Lei: o primeiro a tramar tais coisas foi Jesus de Nazaré, que seus ossos sejam triturados! (*fórmula de maldição contra os inimigos de Israel já falecidos, desejando que não tenham parte na ressurreição futura*). Quando os sábios se deram conta do que ele pretendia e de quais eram as suas intenções, fizeram o que era conveniente: entregaram-no à morte pelas mãos dos romanos.»

No décimo parágrafo da referida carta, Maimônides repete a blasfema história do Talmude segundo a qual Jesus era filho de Panthera, um soldado romano, e o chama de bastardo.

As raízes intelectuais de João Paulo II, ligadas à fenomenologia judaica, são frequentemente ignoradas por seus biógrafos, mas estão expressas em sua obra *Pessoa e Ação* (1969). Sua formação filosófica e teológica revelam muito sobre a natureza de seu pontificado. No entanto, o que mais se destaca em sua biografia não é tanto sua formação intelectual, mas sim sua atuação política contra o comunismo soviético.

A influência que o judaísmo exerceu sobre João Paulo II explica sua orientação doutrinal e sua trajetória em direção à transformação do Catolicismo Romano no *Catolicismo de Israel.*

O redirecionamento da mensagem de Fátima para a questão comunista obscureceu a apostasia judaizante de João Paulo II. Seus encontros com membros da *B"nai B"rith* e da *Comissão Trilateral*, bem como seus inúmeros atos de apostasia, foram considerados menos graves do que a ameaça comunista. No entanto, seu pontificado demonstrava, ano após ano, que o Concílio Vaticano II não havia sido um fim em si mesmo, mas uma etapa para a reconfiguração da Igreja.

Por tudo isso, João Paulo II jamais poderia ser o Papa da mensagem de Fátima, jamais poderia ser ele o Papa que era ofendido e apedrejado, como a pequena Jacinta viu. Na realidade, ele desempenhou um papel ativo na demolição da Igreja. Contudo, a sangria silenciosa da Igreja era percebida por poucos.

Fátima tornou-se um reflexo de seu pontificado, e a mensagem de Fátima foi reduzida a interesses políticos que envolviam o Vaticano, a CIA e a KGB. O atentado sofrido por João Paulo II foi elevado de um ato terrorista a uma intervenção divina na história.

No livro *Sua Santidade*: *João Paulo II e a História Oculta de Nosso Tempo*, Carl Bernstein e Marco Politi exploram em detalhes a luta de João Paulo II contra o comunismo, destacando o surgimento do Partido Solidariedade na Polônia, em 1980, coincidindo com o início de seu pontificado. O Papa, em colaboração com o governo norte-americano, teria contribuído financeiramente com milhões de dólares para o movimento liderado por Lech Wałęsa, o sindicalista polonês que ganhou projeção internacional à frente do Solidariedade.

É possível que Dom Wojtyła tenha sido, no conclave de 1978, o candidato ideal para os interesses da CIA. Em 1976, ele viajou para a Filadélfia, por ocasião das celebrações do bicentenário da independência norte-americana, em uma viagem que não era estritamente apostólica. Durante essa estadia, Wojtyła hospedou-se na residência de Anna Teresa Tymieniecka, esposa de Hendrik S. Houthakker, um influente membro do serviço secreto do governo Nixon.

Tymieniecka, intelectual de origem judaica, compartilhava com Dom Wojtyła interesses filosóficos semelhantes. Ela havia sido aluna

de Emmanuel Levinas e tinha grande afinidade com a fenomenologia, cujo movimento mais importante se expressava no *Círculo de Gotinga*, a mesma universidade onde lecionavam Husserl e Roman Ingarden, este último sendo um dos mestres de Wojtyła.

Em 1968, Wojtyła convidou Ingarden para ministrar uma conferência no Palácio Cardinalício. Foi por essa época que Anna Teresa Tymieniecka leu o livro *Pessoa e Ação*, de Wojtyła, e se identificou profundamente com sua abordagem, pois encontrara nele pontos em comum com seu próprio livro, *Eros e Logos* (1962).

A amizade entre João Paulo II e Tymieniecka perduraria até sua morte, incluindo uma série de cartas que, quando publicadas após o falecimento do Papa, sugeriram uma relação excessivamente íntima entre um Sumo Pontífice e uma mulher casada. No entanto, mais importante que isso, é o fato de que provavelmente foi Tymieniecka quem abriu portas para Wojtyła na política externa norte-americana, especialmente no governo Reagan.

Naquela época, o governo Brejnev era conduzido pelos mais radicais opositores da política norte-americana, mesmo em um momento histórico em que o socialismo real já mostrava sinais de colapso econômico. No início da década de 1980, a democracia liberal buscava consolidar sua hegemonia global. Nesse contexto, as forças aliadas a João Paulo II garantiram-lhe um apoio midiático fundamental em sua luta contra a União Soviética. Assim, a mensagem anticomunista de Fátima tornou-se, naquele momento histórico, mais relevante do que nunca.

Quando, em 13 de maio de 1981, o terrorista turco Ali Agca tentou assassinar o Papa em plena Praça de São Pedro, surgiram suspeitas de que a KGB estivesse por trás da conspiração. Contudo, essa hipótese jamais foi comprovada, e o enigma permanece até hoje. No entanto, o impacto espiritual e político desse atentado foi imediatamente aproveitado, pois tratava-se da vida do Papa, a maior autoridade religiosa do planeta, ameaçada de forma dramática.

Foi nesse contexto que a narrativa do *Bispo vestido de branco*, que seria oficialmente divulgada pelo Vaticano no ano 2000, começou a ser construída, envolvendo novamente a figura da Irmã Lúcia.

Monsenhor Stanisław Dziwisz, presente no momento do atentado, relatou que, a caminho do hospital, o Papa repetia com os olhos fechados: "*Maria, minha mãe! Maria, minha mãe!*" Já em recuperação, João Paulo II declararia: "*Uma mão disparou, e outra guiou a bala.*" Evidentemente, ele associou o atentado do dia 13 de maio ao 13 de maio de 1917, data da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima.

Não surpreende que a narrativa do *Bispo vestido de branco*, posteriormente apresentada como interpretação oficial do Terceiro Segredo de Fátima, já estivesse sendo preparada. Segundo o Cardeal Tarcísio Bertone, que introduziu o dossiê vaticano publicado pela Santa Sé em 2000, João Paulo II teria solicitado a leitura do Terceiro Segredo ainda no hospital, enquanto se recuperava dos ferimentos, e o teria lido em julho de 1981.

Está claro que João Paulo II identificou-se com a figura do *Bispo vestido de branco* descrita no segredo. A partir dessa convicção, o Vaticano se empenhou em moldar a interpretação oficial da profecia para que ela se referisse diretamente ao atentado de 13 de maio de 1981 na Praça de São Pedro.

De acordo com o livro *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, a Irmã Lúcia teria imediatamente associado o atentado ao Papa João Paulo II com o conteúdo do Terceiro Segredo, identificando-o como o *Bispo vestido de branco*, conforme se lê no seguinte parágrafo:

> «Momento que abalou profundamente o seu coração, foi a chegada da notícia do atentado de 13 de maio de 1981. Se esta notícia abriu uma brecha em todos os corações, por onde entrou um maior medo pelo Papa, no coração da Irmã Lúcia, produziu um enorme rasgão e uma tomada de consciência de que este era o Bispo vestido de branco visto em 1917.»[80]

80. *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, p. 412.

No entanto, não há registros em seu diário a esse respeito no referido livro, tratando-se, portanto, de uma interpretação dos autores. É possível que, após 1967, a Irmã Lúcia tenha permanecido em retiro absoluto no interior do convento, escrevendo e respondendo às cartas apenas após a verificação e aprovação de seu conteúdo pelos superiores. Até o momento, não foram publicados os trechos de seu diário correspondentes ao período de 1967 a 1977.

De fato, os indícios sugerem que a "outra" Irmã Lúcia não foi mais necessária. Essa suposição é plausível, considerando que não há registros fotográficos publicados nem da Irmã Lúcia nem de sua substituta até seu encontro com João Paulo II, em 1982 — um período de praticamente 15 anos sem aparições públicas.

Ademais, no livro publicado pelo Carmelo de Santa Teresa em 2013, não há menção significativa a esse período, exceto por uma breve referência ao encontro da vidente com o Cardeal Albino Luciani, que mais tarde se tornaria o Papa João Paulo I. A morte deste último, após apenas 33 dias de pontificado, permanece envolta em mistério e ainda não foi completamente esclarecida.

João Paulo II foi convidado a visitar Portugal no ano seguinte ao atentado que sofreu e aceitou o convite, repetindo o gesto de Paulo VI ao afirmar que iria a Fátima como peregrino e expressando o desejo de encontrar-se com a Irmã Lúcia. Esse pedido do Papa criou um dilema para aqueles que haviam recorrido a uma suposta falsa Irmã Lúcia na visita de Paulo VI, pois, evidentemente, seria necessário que ela reaparecesse publicamente.

No entanto, após treze anos, a situação tornou a farsa menos arriscada, pois, como se diz em investigações criminais, *"o tempo é inimigo da verdade e aliado da mentira"*.

Examinaremos, então, um ponto fundamental do encontro entre João Paulo II e a "outra" Lúcia, conforme descrito pelos autores do livro *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*.

> «A Irmã Lúcia na companhia da Madre Maria das Mercês, então prioresa e que regressou ainda nessa manhã a Coimbra, saíram do Carmelo às 7 horas do dia 7 de maio, novamente no carro do Dr. Miguel Barata a caminho de Fátima, tendo chegado ao Carmelo de S. José, duas horas mais tarde. Rodeadas pelas atenções de toda a comunidade, onde em 1980 já tinha estado quinze dias, para dar indicações sobre a pintura de uns quadros representando as Aparições de Fátima, a Irmã Lúcia, no tempo que pôde dispor de solidão na cela, ocupou-se a responder a algum correio mais urgente que levou e a escrever uma carta para o Santo Padre, receando não ter tempo para abrir a sua alma a Sua Santidade. Mas não. Desta vez pôde falar, embora tivesse passado muito rápido o tempo de colóquio!... Mesmo assim entregou a carta, atrás da qual se foram os olhos de todos os jornalistas e que mais tarde serviu como orientação para a interpretação da terceira parte do "segredo".»[81]

O texto manuscrito dessa carta foi finalmente publicado pelo Vaticano no chamado *Dossiê de Fátima*, que inclui também o texto original do Terceiro Segredo e a interpretação oficial dada pelo Vaticano, assinada pelo Cardeal Tarcísio Bertone em 13 de maio de 2000. No momento, interessa-nos apenas o texto da carta. Sobre o restante do documento, falaremos posteriormente:

> «A terceira parte do segredo: refere-se às palavras de Nossa Senhora: *"Se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas"*. (13-VII-1917)
>
> A terceira parte do segredo que tanto ansiais por conhecer, é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da mensagem, condicionado a se, sim ou não,

81. *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, p. 463.

nós aceitamos ou não, o que a mensagem nos pede: *"Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo"*, etc.

Porque não temos atendido a este apelo da mensagem, verificamos que ela se tem cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, como fato consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado, do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência, etc.

E não digamos que é Deus que assim nos castiga; mas, sim, que são os homens que para si mesmos se preparam o castigo. Deus apenas nos adverte e chama ao bom caminho, respeitando a liberdade que nos deu; por isso os homens são responsáveis.»

Faremos uma análise detalhada deste texto posteriormente. Por ora, destacamos algumas questões:

O padre Paul Kramer, em *O Derradeiro Combate do Demônio* (p. 322), observou que, na transcrição da carta publicada pelo Cardeal Bertone no documento do Vaticano de 26 de junho de 2000, foi omitida uma frase do texto manuscrito: *"... que tanto ansiais por conhecer..."*

O padre Kramer considerou isso um indício de que essa carta não foi escrita para João Paulo II, argumentando que a frase deixava claro que o segredo ainda não havia sido lido pela pessoa a quem a carta foi endereçada. No entanto, o Papa teria lido o Terceiro Segredo em 1978, dias antes de sua eleição ao pontificado, segundo Joaquín Navarro-Valls, secretário de imprensa do Vaticano, ou no dia 18 de julho de 1981, segundo Monsenhor Bertone. Em ambos os casos, João Paulo II já conhecia o conteúdo do segredo quando a carta foi escrita.

Então, a quem essa frase suprimida se destinava? Quem *ansiava por conhecer* o segredo?

Minha opinião é que a carta foi, de fato, dirigida a João Paulo II, mas o que ele desejava saber não era o conteúdo do segredo em si, mas seu significado. No entanto, se minhas suspeitas estiverem corretas, a Irmã Lúcia não teria escrito diretamente a interpretação da visão contida no Terceiro Segredo. Em vez disso, essa frase indicava a necessidade de transmiti-la pessoalmente ao Papa — algo que evidentemente não aconteceu, pois, se estamos corretos, quem esteve com João Paulo II em 1982 foi a *outra* Irmã Lúcia.

Um ponto que merece destaque: na época em que escreveu o referido livro, o padre Kramer não possuía elementos suficientes para suspeitar que uma *outra* Irmã Lúcia teria entregue essa carta a João Paulo II. Hoje, no entanto, diante das evidências e contradições acumuladas, sua opinião talvez fosse diferente.

Outro detalhe importante: após a frase *"que tanto ansiais por conhecer"*, o restante do texto apresenta uma explicação condicionada à liberdade dos homens, e não a um fato concreto — como a apostasia. Isso levanta imediatamente uma dúvida: aqueles que conheciam o texto do Terceiro Segredo sempre afirmaram que sua mensagem tratava da apostasia no alto da Hierarquia. Quem estava mentindo, afinal?

A verdade é que o conteúdo desses quatro parágrafos é extremamente frustrante, pois condiciona todo o mistério de Fátima à liberdade humana. Francamente, essa abordagem parece mais próxima daquilo que foi definido pelo Concílio Vaticano II — ou seja, a dignidade do homem sendo determinada mais por sua liberdade do que pela graça.

Além disso, nas palavras da Irmã Lúcia anteriores ao Concílio, nota-se um tom bem diferente no que diz respeito aos desejos de Nosso Senhor em relação à decadência moral do clero e à necessidade de piedade e sacrifícios. Por exemplo, em uma carta de 1940 dirigida ao Patriarca de Lisboa, ela afirma o seguinte:

> «Eminentíssimo Senhor Cardeal, Nosso Senhor está descontente e amargurado com os pecados do mundo e com os de Portugal, queixando-se da falta de

correspondência, vida pecaminosa do povo e em especial da tibieza, indiferença e vida demasiado cômoda que levam a maioria dos sacerdotes, religiosos e religiosas; é limitadíssimo o número de almas com quem se encontra na oração e no sacrifício. Em reparação e súplica por si e pelas outras nações, Nosso Senhor deseja que em Portugal sejam abolidas as festas profanas nos dias de carnaval e substituídas por orações e sacrifícios com preces públicas pelas ruas. Rogo pois, a Vossa Eminência se digne em união com todos os Excelentíssimos Senhores Bispos promove-las, não esquecendo que Nosso Senhor, ao prometer uma proteção especial à nossa Nação, a declarou também culpada e lhe anunciou algo que sofrer também. Esse algo consistirá em consequências de guerras estrangeiras mais ou menos graves segundo a nossa correspondência aos desejos de Nosso Senhor. Nosso Senhor deseja que atraiamos assim a paz não só sobre Portugal mas sobre as demais nações.»[82]

No entanto, como explicar a descontinuidade entre o anúncio de castigos pela má vida e pelos maus costumes, feito na carta de 1940, e o conteúdo da carta de 1982? Por acaso, os maus costumes e o relaxamento moral, tanto do povo quanto do clero, não pioraram consideravelmente desde então?

Na realidade, a carta de 1940 ao Patriarca de Lisboa parece estar mais em continuidade com a frase que a Irmã Lúcia acrescentou ao texto da segunda parte do segredo em sua *Quarta Memória*: *"Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé."*

Para especialistas em Fátima, como Irmão Michel da Santíssima Trindade, essa última frase introduziria a terceira parte do segredo. E, de fato, isso faz muito mais sentido do que a interpretação apresentada na carta de 1982.

82. Apud MARTINS, Pe. Antônio Maria, S.J. *Novos Documentos de Fátima*. São Paulo: Ed. Loyola, s.d., p. 251.

A explicação do Terceiro Segredo contida nessa carta de 1982 foi, na verdade, utilizada pelo Vaticano na interpretação oficial que o Cardeal Angelo Sodano daria ao segredo. Nessa perspectiva, a mensagem de Fátima teria sido encerrada no ano 2000, sem qualquer menção ao Concílio Vaticano II — o maior desastre do século XX.

Lembremos, por fim, as palavras do próprio Papa Paulo VI:

> «Por alguma brecha, a fumaça de Satanás entrou no Templo de Deus; há dúvida, há incerteza, há problemática, há inquietação, há insatisfação, o afrontamento surgiu (...)
>
> Nós teríamos acreditado que o porvir do Concílio seria um dia de sol para a Igreja. Mas nós encontramos novas tempestades. Procuramos cavar novos abismos em vez de preenchê-los.
>
> Que aconteceu?
>
> Nós vos confiamos nosso pensamento: trata-se de uma potência adversa, o diabo, este ser misterioso, inimigo de todos os homens, este qualquer coisa de sobrenatural, vindo estragar e secar os frutos do Concílio ecumênico e impedir que a Igreja expluda em hinos de alegria por ter redescoberto a consciência dela mesma.»[83]

Pondo a questão para além do pontificado de João Paulo II, temos ao menos três acontecimentos que entram em choque com o conteúdo da carta de 1982.

O primeiro deles diz respeito a uma frase atribuída ao Papa Bento XVI. Quando se soube de sua visita a Fátima, em 2010, questionaram-no sobre o motivo da viagem. Segundo relatos, ele teria dito que haviam *forçado sua mão* em duas questões: na condenação de Monsenhor Lefebvre e na questão de Fátima.

O segundo evento foi sua declaração aos jornalistas no avião a caminho de Fátima. Ele afirmou que, embora se pudesse traçar uma relação entre o atentado contra João Paulo II e os sofrimentos de um Papa,

83. Apud CHIRON, Yves, *op. cit.*, p. 320.

o Terceiro Segredo falava, na realidade, de fatos que ainda estariam relacionados ao futuro da Igreja.

O terceiro acontecimento foi a entrevista publicada pela jornalista investigativa Dra. Maike Hickson, em 15 de maio de 2016. Nessa ocasião, a Dra. Hickson obteve do Padre Ingo Dollinger informações muito reveladoras sobre o conteúdo do Terceiro Segredo.

Buscando mais informações, procurei a Dra. Hickson e obtive sua permissão para publicar o texto completo da entrevista:

> «Hoje, na festa de Pentecostes, liguei para o Pe. Ingo Dollinger, um padre alemão e ex-professor de teologia no Brasil, que agora está bem idoso e fisicamente fraco. Ele é amigo pessoal do Papa Emérito Bento XVI há muitos anos. O Padre Dollinger, inesperadamente, confirmou por telefone os seguintes fatos:
>
> Pouco depois da publicação do Terceiro Segredo de Fátima pela Congregação para a Doutrina da Fé, em junho de 2000, o Cardeal Joseph Ratzinger disse ao Padre Dollinger, durante uma conversa pessoal, que ainda há uma parte do Terceiro Segredo que eles não publicaram! *"Há mais do que publicamos"*, disse Ratzinger. Ele também disse a Dollinger que a parte publicada do Segredo é autêntica e que a parte não publicada do Segredo fala sobre *"um mau Concílio e uma má Missa"*, que aconteceriam em um futuro próximo.
>
> O Padre Dollinger me deu permissão para publicar esses fatos nesta Grande Festa do Espírito Santo e me deu sua bênção.
>
> O Padre Dollinger foi ordenado padre em 1954 e serviu como secretário do respeitado bispo de Augsburg, Josef Stimpfle. Na providência de Deus, conheci esse bispo uma vez, quando ainda não era católica, e fiquei profundamente tocada por sua humildade, calor e boas-vindas. Ele me convidou para visitá-lo uma vez em Augsburg. Quando eu estava em processo de conversão, procurei-o,

mas, então, para meu pesar, descobri que o Bispo Stimpfle já havia falecido. (Ele faz muita falta.)

O próprio Dollinger também se envolveu nas discussões da Conferência Episcopal Alemã sobre a Maçonaria, na década de 1970, ao final das quais foi feita a declaração de que a Maçonaria não é compatível com a fé católica.

Mais tarde, ele ensinou teologia moral no seminário da Ordem dos Cônegos Regulares da Santa Cruz, que pertence ao Opus Angelorum. O Bispo Athanasius Schneider, bispo auxiliar de Astana, Cazaquistão, é membro da mesma Ordem dos Cônegos Regulares da Santa Cruz. Mais importante: o Padre Dollinger teve o Padre Pio (falecido em 1968) como seu confessor por muitos anos e se tornou muito próximo dele. Dollinger também é conhecido pessoalmente por um dos meus amados familiares.

Esta informação sensível referente ao Terceiro Segredo, que tem circulado entre certos grupos católicos por alguns anos, foi agora pessoalmente confirmada a mim pelo próprio Padre Dollinger, em um momento da história em que a Igreja parece ter caído em um poço de confusão. Pode ajudar a explicar, pelo menos em parte, por que estamos onde estamos agora.

É importante ressaltar que isso mostra a misericórdia amorosa da Mãe de Deus ao nos alertar e preparar seus filhos para essa batalha na qual a Igreja agora se encontra. Apesar da decisão daqueles em posições de responsabilidade dentro da Igreja, Ela garantiu que a verdade mais completa ainda fosse revelada e espalhada.

Esta informação também pode explicar por que o Papa Bento XVI, uma vez que se tornou Papa, tentou desfazer algumas das injustiças que estão diretamente relacionadas com esta revelação de Dollinger, a saber: ele libertou a Missa Tradicional de sua supressão, removeu a excomunhão dos bispos da FSSPX e, por fim, declarou publicamente, em 2010, em Fátima: *"Estaríamos enganados*

se pensássemos que a missão profética de Fátima está completa". Ele também acrescentou estas palavras em uma entrevista, durante seu voo de avião para Fátima: "*Quanto às coisas novas que podemos encontrar nesta mensagem hoje, há também o fato de que os ataques ao Papa e à Igreja não vêm apenas de fora, mas os sofrimentos da Igreja vêm precisamente de dentro da Igreja, do pecado existente dentro da Igreja. Isso também é algo que sempre soubemos, mas hoje estamos vendo de uma forma realmente assustadora: que a maior perseguição à Igreja não vem de seus inimigos de fora, mas surge do pecado dentro da Igreja e que a Igreja, portanto, tem uma profunda necessidade de reaprender a penitência, de aceitar a purificação, de aprender o perdão, por um lado, mas também a necessidade de justiça.*"

Com esta declaração, Bento XVI contradisse efetivamente suas próprias palavras anteriores, de junho de 2000, onde ele havia declarado: "*Antes de tudo, devemos afirmar com o Cardeal Sodano: ... os eventos aos quais a terceira parte do segredo de Fátima se refere agora parecem parte do passado. Na medida em que eventos individuais são descritos, eles pertencem ao passado. Aqueles que esperavam revelações apocalípticas emocionantes sobre o fim do mundo ou o curso futuro da história estão fadados a se decepcionar.*"

Todas essas ações do Papa Bento XVI mostram que ele deve ter sabido, em sua consciência, que, de alguma forma, tinha que corrigir certas injustiças e ambiguidades confusas do passado recente. Ele defendeu a Missa Tradicional, devolveu a dignidade à FSSPX e reinseriu a importância da mensagem de Fátima. Além disso, também tentou lidar com o mistério do Vaticano II, embora, ao que parece, de uma maneira vaga.

Nesse contexto, talvez valha a pena mencionar que meu marido e eu fomos informados por um padre, que se encontrou em particular com o Papa Bento XVI, de que o próprio Papa Bento considera o Arcebispo Marcel

Lefebvre "*o maior teólogo do século XX*". Meu marido e eu garantimos ter ouvido essas mesmas palavras diretamente desse padre, palavras que foram supostamente ditas pelo Papa Bento no contexto da proposta do Papa de reintroduzir os ensinamentos de Marcel Lefebvre de forma mais ampla na Igreja Católica.

Enquanto contemplamos a gravidade das omissões e atrasos cumulativos relativos à liberação real do Terceiro Segredo completo e quando o Céu nos pediu para fazê-lo, ou seja, não depois de 1960, somos gratos ao Espírito Santo por Ele aparentemente ter tornado possível, agora, esta conversa telefônica afirmativa, hoje, na festa de Pentecostes. Que a verdadeira mensagem de Fátima, juntamente com as recentes revelações do Pe. Brian Harrison e da Dra. Alice Von Hildebrand sobre o que ela também contém, se espalhe por toda parte e, assim, ajude a libertar todos os fiéis católicos de qualquer escravidão a meias-verdades e lealdades deficientes.

Que todos nós possamos aderir livre e completamente à verdade completa da Mensagem da Misericórdia de Maria, que certamente, sob a graça, ajudará a nos libertar.»

Dra. Maike Hickson
15 de maio de 2016

A Dra. Maike Hickson publicou no *Life Site News*, em colaboração com o Dr. Paul Cahill, uma série de matérias sobre o *Chabad Lubavitch* e sua influência na política atual. Parte desse material foi traduzida e publicada, em 2024, em meu canal no YouTube, um conteúdo riquíssimo e altamente pertinente ao drama que se desenrola diante de nossos olhos — e que também exponho neste livro que o leitor tem em mãos.

O Vaticano publicou, no dia 21 de maio de 2016, um desmentido assinado pelo próprio Bento XVI, então Papa Emérito. No entanto,

logo após essa declaração oficial, o Padre Ingo Dollinger reafirmou sua versão dos fatos. Ele faleceria em junho do ano seguinte.

Voltando à carta de 1982, nota-se a completa ausência de menção à crise que devasta a Igreja desde o Concílio Vaticano II. Não há nada sobre a corrupção moral dos costumes, nada sobre a crise de Fé, nada sobre a apostasia na alta Hierarquia. O texto se limita a acontecimentos passados, relacionando tudo às guerras e perseguições promovidas pelo comunismo internacional. A ameaça comunista é apresentada como a principal barreira entre o homem e sua liberdade, entre o homem e sua dignidade.

Curiosamente, a carta parece seguir a mesma linha interpretativa adotada pelos apostolados de Fátima: trata o Terceiro Segredo como uma simples extensão da segunda parte do segredo, ou melhor, como uma repetição.

Em uma entrevista com o vaticanista Marco Tosatti, a Dra. Maike Hickson obteve o seguinte relato:

> Maike Hickson — Você recentemente mencionou meu próprio relatório sobre o Padre Ingo Dollinger, que alegava que o então Cardeal Ratzinger lhe dissera que não publicaram todo o segredo. Você teria alguma explicação sobre o motivo de eles não terem divulgado o texto completo? Poderia haver algum tipo de *reserva mental* envolvida?
>
> Marco Tosatti — Vou lhe contar o que o secretário pessoal de São João Paulo II, o Arcebispo Stanisław Dziwisz, me disse uma vez quando perguntei sobre Fátima. Ele respondeu: "*O problema é entender o que a Virgem disse e o que a Irmã Lúcia disse.*"

Minha opinião pessoal é que todas as dificuldades relacionadas a Fátima — tanto dos Papas quanto do Vaticano — giram em torno dessa questão. A Irmã Lúcia acrescentou, mesmo involuntariamente, algo à

mensagem? E o quê? Acho que esse é o ponto que deixou tantas pessoas dentro da Igreja cautelosas sobre esse fenômeno global.

Comentaremos alguns trechos da carta de 1982 para ilustrar essa afirmação e a seguinte: o Terceiro Segredo estaria condicionado ao cumprimento dos pedidos de Nossa Senhora feitos na segunda parte do segredo: *"Se forem atendidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo."*

Evidentemente, toda a mensagem de Fátima passou por uma reinterpretação à luz do personalismo do Concílio Vaticano II. Isso foi, em grande parte, consequência da própria atuação dos fatimistas, que tentaram adaptar a mensagem a um conhecimento parcial, lidando com fatos ainda não completamente esclarecidos, enquanto todas as atenções se voltavam para o comunismo e para João Paulo II, o Papa que parecia destinado a implodir o *socialismo realmente existente* a partir da Polônia.

No entanto, ninguém se preocupou em observar as contradições na narrativa da *Irmã Lúcia* e sua adesão ao Concílio, como se ela própria fosse uma redatora da *Dignitatis Humanae*. Isso se evidencia no trecho: *"... atropelando os direitos da pessoa humana..."*

Esse texto foi claramente elaborado para dar um fechamento definitivo à mensagem de Fátima, deslocando seu sentido para um contexto mais alinhado à doutrina conciliar.

A partir de 1981, a possibilidade de que uma impostora estivesse ocupando o lugar da vidente de Fátima não era, de forma alguma, uma suspeita pública. Todas as atenções estavam voltadas para a possibilidade de João Paulo II realizar a consagração da Rússia, o que, segundo as expectativas dos fatimistas, desencadearia uma reação em cadeia: o fim do comunismo e o tão esperado Triunfo do Imaculado Coração de Maria. No entanto, embora o comunismo tenha caído, esse triunfo ainda não ocorreu.

Esse afastamento da realidade por parte dos apostolados de Fátima deu ao Vaticano a oportunidade de construir uma narrativa que deslocasse o verdadeiro significado da mensagem de Fátima — da crise da Igreja para a luta política do Papa polonês contra o comunismo.

Entretanto, à medida que João Paulo II se aproximava de seus objetivos na Polônia, ele também encaminhava a Igreja para a maior crise de Fé de sua história.

Haveria razões para supor que João Paulo II era realmente o *Papa de Fátima*, dada sua personalidade carismática e o apoio midiático sem precedentes de que desfrutava. No entanto, um certo arcebispo se colocava no caminho dessa narrativa: **Dom Marcel Lefebvre**.

CAPÍTULO XXI

Dom Marcel Lefebvre, João Paulo II e Fátima

Se, durante os anos agitados de 1980, houve um homem que foi a antítese de João Paulo II em todos os sentidos que possamos imaginar, tanto no campo das ações humanas quanto na sua significação no campo sobrenatural, esse homem foi o Arcebispo Marcel Lefebvre. Ao contrário de João Paulo II, que nasceu em uma Polônia com profundas raízes do judaísmo hassídico, a França de Dom Marcel Lefebvre, no final do século XIX, estava dividida entre católicos monarquistas e intelectuais socialistas republicanos. O caso Dreyfuss amplificara essa divisão, dada a sua apropriação esquerdista pela causa judaica. No entanto, após a revisão, devido às pressões internacionais, Dreyfuss foi considerado inocente da acusação de espionagem. Após isso, ao menos duas questões deveriam ter sido evidenciadas:

1. Em 1894, haviam centenas de oficiais judeus no exército francês e nenhum foi perseguido de nenhuma maneira.
2. Alguns anos após o caso Dreyfus, o único oficial da Marinha condenado por espionagem foi justamente um judeu, Charles Benjamin Ullmo. Ficou comprovado que ele mantinha correspondência com o Alto Comando de Guerra Alemão, revelando as estratégias dos navios franceses. Diante desses fatos, surge uma pergunta inevitável: por que o caso Dreyfus passou a ser tratado como um caso de antissemitismo, quando, na realidade, se tratava de um caso de espionagem? O problema era que, após o caso Ullmo, a França já não poderia revisitar, mais uma vez, o caso Dreyfus. Assim, a história foi consolidada dessa maneira.

Marcel Lefebvre nasceu em 29 de novembro de 1905, em Tourcoing, em uma família extremamente católica. Além dele, outro irmão seu foi ordenado à vida sacerdotal, e três de suas irmãs entraram para a vida religiosa. Foi seu pai quem o enviou para o Seminário Francês em Roma, por aconselhamento do Padre Collin, que já percebia a degradação dos seminários na França àquela época. Em Roma, Marcel Lefebvre conheceu o Padre Le Floch, então diretor do seminário. Foi com ele que o jovem Lefebvre estudou as principais encíclicas dos papas, que, desde Pio VI, combatiam os erros modernos. Os seminários franceses, à época, já estavam formando padres com espírito liberal, e, quando Dom Marcel Lefebvre foi ordenado sacerdote diocesano em 1929, seu aprendizado no seminário do Padre Le Floch estava solidamente fundado. Nos anos seguintes, juntou-se à Congregação do Espírito Santo para o trabalho missionário. Foi com esse espírito missionário que Lefebvre foi designado para lecionar em um seminário no Gabão, em 1932. Esse período afastado da França foi de suma importância, pois, após a condenação da *Action Française* de Charles Maurras pelo Papa Pio XII, os padres antiliberais foram removidos de seus postos. O espaço vazio foi rapidamente preenchido pelos progressistas.

Em 1947, Dom Lefebvre foi nomeado Vigário Apostólico de Dakar, Senegal, e, no ano seguinte, nomeado Delegado Apostólico para a África Ocidental, onde permaneceu até praticamente às vésperas do Concílio Vaticano II, quando foi eleito Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e designado para participar da redação e preparação dos documentos que norteariam o Concílio recém-convocado pelo Papa João XXIII.

Diante da perspectiva de um Concílio que desse sequência ao Concílio Vaticano I, de 1870, convocado pelo Papa Pio IX, mas interrompido devido à onda revolucionária que varria a Europa, Dom Marcel, a princípio, reagiu com certo otimismo. Mais tarde, no entanto, ele escreveria:

> «É interessante encontrar um precedente ao Concílio Vaticano II, pelo menos quanto aos métodos usados por uma ativa minoria liberal, que rapidamente se

transformou em maioria. A este respeito deve-se observar o Concílio Geral de Éfeso, a que o Papa São Leão I deu o nome de "A mistificação de Éfeso". Este Concílio foi presidido por um Bispo ambicioso e sem escrúpulos, Dióscoro, que com a ajuda de seus monges e dos soldados imperiais, exerceu uma pressão extraordinária sobre os Padres do Concílio. Foi negada a presidência aos legados do Papa, presidência que eles reclamavam; as cartas pontificais não foram lidas. Este Concílio, que não foi ecumênico, chegou a declarar ortodoxo o herege Eutiques, que sustentava o erro do monofisismo (Uma única natureza em Cristo).

O Vaticano II foi igualmente uma mistificação, com a diferença de que o Papas (João XXIII e Paulo VI) apesar de estarem presentes, não opuseram resistência nem ao menos à manipulação dos liberais, mas até a favoreceram. Como foi possível isto? Declarando este Concílio pastoral e não dogmático, insistindo no "aggiornamento" e no ecumenismo, estes Papas privaram a si mesmos e ao próprio Concílio da intervenção do carisma da infalibilidade, que o haveria preservado de qualquer erro.»[84]

Dom Marcel Lefebvre não tardou a compreender o golpe de Estado que estava por vir. O primeiro combate se deu logo durante as Comissões Conciliares, quando ficou clara a manobra dos liberais contra os teólogos romanos, a quem tentavam impedir de aprovar seus esquemas mais alinhados com a ortodoxia.

Como meio de pressão, os liberais utilizaram o *I.D.O.C.* (*Instituto de Documentação*), que, a seu serviço, inundava os Padres Conciliares com uma enxurrada de textos. Dom Lefebvre anotou que, até o término da terceira sessão conciliar, o *I.D.O.C.* havia distribuído mais de quatro milhões de páginas. Os responsáveis pela reprodução e distribuição desses documentos eram membros da Conferência Episcopal da Holanda, cujo financiamento havia sido assegurado, em parte, pelo

84. *LEFEBVRE*, Mons. Marcel. *Do Liberalismo à Apostasia: a Tragédia Conciliar*, p. 177.

Padre Werenfried e pelo Cardeal Cushing, Arcebispo de Boston. Este último, como se sabe, esteve envolvido, junto ao Cardeal Augustin Bea, nas negociações secretas com o *Comitê Judaico Americano*.

Dom Marcel Lefebvre, ciente da gravidade da situação, esforçou-se para contrabalancear a ofensiva liberal, reunindo alguns bispos conservadores. O Cardeal Larraona colocou seu secretariado à disposição de Dom Lefebvre, mas o que poderiam fazer, com apenas algumas máquinas de escrever, mimeógrafos e três ou quatro pessoas, contra uma poderosa estrutura organizada, desde fora, pelos inimigos da Igreja?

Alguns brasileiros da *Tradição, Família e Propriedade* (TFP), com boa disposição, ajudaram com abnegação, trabalhando dia e noite para imprimir e distribuir os textos escritos por cinco ou seis bispos. Esse era o Comitê Diretor do *Coetus Internationalis Patrum*, fundado por Dom Lefebvre com o apoio de Monsenhor Carli, Bispo de Segni, e de Monsenhor Geraldo de Proença Sigaud, Arcebispo de Diamantino, no Brasil. Mais tarde, o grupo contou com a adesão de mais de duzentos e cinquenta bispos, incluindo Dom Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos.

Os redatores dos textos dos bispos liberais eram teólogos peritos, quase todos anteriormente vinculados à *Nouvelle Théologie*, condenada pelo Papa Pio XII na encíclica *Humani Generis*. Pio XII denunciava os ataques à filosofia escolástica, promovidos principalmente por Maurice Blondel e seus seguidores. Agora, os principais expoentes dessa corrente teológica estavam reabilitados pelo próprio Papa João XXIII e ocupavam o papel de peritos na redação dos textos do Concílio.

O trabalho do *Coetus Internationalis Patrum* conseguiu, ao menos, evitar que erros ainda mais graves fossem aprovados, mas, no geral, a vitória foi dos progressistas e de seus aliados ocultos.

Conhecer a história de Dom Marcel Lefebvre e de sua obra é essencial para compreender o drama que se seguiu ao Concílio Vaticano II. Neste estudo, destacaremos apenas alguns eventos ocorridos durante o pontificado de João Paulo II, que ilustram, com clareza, quem de fato estava defendendo a Igreja e cumprindo a vontade de Nossa Senhora de Fátima.

Por ocasião da eleição de João Paulo II, Gérard Dupuy publicou o seguinte texto no *Libération*[85]:

> «Escolhendo um Papa polonês, e precisamente este Papa polonês, os conclavistas deram provas de seu gênio político. Importando seu "*Pontifex Maximus*" de detrás da cortina de ferro, a Igreja mostra a vitalidade de uma Igreja nacional polonesa, qualidade esta que não é abundante nos tempos atuais. Além disso, envia uma advertência do seu rival e inimigo em matéria de produção religiosa em massa: o "socialismo", tal como praticado na órbita soviética. De modo mais sutil que a recusa inabalável praticada durante a Guerra Fria (quase uma guerra santa, para Pio XII), os senhores príncipes da Igreja convidam os senhores *aparatchiks* a uma "partida de quebra de braço", mas na lealdade. Além disso, Karol Wojtyla não é qualquer prelado polonês... diferente de alguns, sua função religiosa não o levou a se congelar no conservadorismo social: ele está geralmente catalogado na ala progressista e avançada do catolicismo polonês.»

João Paulo II representava um momento de transição histórica ainda pouco compreendido. Foi o Papa que procurou se posicionar no centro de dois eventos fundamentais do século XX, que, para ele, tinham grande significado pessoal: o comunismo e a *Shoah*. Em 1979, durante sua visita à Polônia, tornou-se o primeiro Papa a visitar Auschwitz. Naquela ocasião, não se conteve e, imprudentemente, fez uma declaração que entraria para a história recente: "*Auschwitz é o Calvário da humanidade*", comparando o sacrifício redentor de Jesus Cristo ao que ocorreu com os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, conferindo um sentido teológico a um acontecimento obscuro — à época, apenas 34 anos haviam se passado desde o término da guerra.

85. Jornal diário francês de grande circulação, fundado em 1973. Conhecido por sua linha editorial progressista. (*Nota do Editor*)

O termo *Holocausto*, em substituição ao mais correto *Shoah*, foi introduzido ao mundo pela série de TV americana de 1978, exibida no mesmo ano pela RTP2 em Portugal. Essa narrativa antecipou o caráter teológico que João Paulo II viria a consolidar em sua visita à Polônia e que culminaria na sua definição do século XX como "O século da Shoah".

Embora ainda seja considerado conservador por alguns, João Paulo II era, na verdade, um progressista, como se percebe em sua oposição à Tradição. A questão central não é apenas reconhecer seu progressismo, mas compreender que tipo de progressista ele era. Para isso, é necessário lembrar que foram progressistas como ele os responsáveis pela criação daquilo que o Cardeal Benelli denominou de "Igreja Conciliar".

Pois bem, foi dentro da estrutura dessa Igreja Conciliar que se desenvolveu — e ainda se desenvolve — uma disputa pelo poder entre duas facções igualmente contrárias à Tradição, mas que podem ser identificadas como direita (Opus Dei) e esquerda (Jesuítas).

A Ordem dos Jesuítas, desde a virada do século XIX para o XX, passou a seguir uma tendência política cada vez mais inclinada à esquerda, ao socialismo. Essa deriva ocorreu, em grande parte, devido à fusão filosófica que os jesuítas realizaram entre o existencialismo de Kierkegaard e o materialismo histórico dialético de Marx. O Opus Dei, por outro lado, posicionava-se no extremo oposto, representando a direita liberal conservadora. O combate que se seguiu ao Concílio deu-se, precisamente, entre essas duas forças dentro da Igreja.

Em 1967, nos Estados Unidos, foi publicado o *Land O"Lakes Statement*[86], um documento sobre o ensino superior católico. Inspirados nas reformas introduzidas pelo Concílio Vaticano II, os jesuítas signatários e autores do texto declaravam que, para desempenhar eficazmente suas funções de ensino e pesquisa, a universidade católica deveria gozar de

86. Documento resultante de uma conferência realizada em julho de 1967, em um retiro no resort de Land O"Lakes, Wisconsin. A conferência reuniu líderes de universidades católicas americanas, incluindo presidentes de instituições como a *Universidade de Notre Dame*, e foi presidida pelo então presidente de *Notre Dame*, Padre Theodore Hesburgh. (*Nota do Editor*)

verdadeira autonomia e liberdade acadêmica, isenta da autoridade de qualquer tipo, seja ela leiga ou clerical, externa à própria comunidade acadêmica. Como consequência, em pouco tempo, diversas universidades católicas, embora mantivessem a designação religiosa, começaram a operar de forma independente e, por vezes, em oposição ao ensino católico, inclusive em questões morais.

O Papa Paulo VI advertiu informalmente os jesuítas:

> «No ensino e nas publicações, em todas as formas de vida acadêmica, deve-se tomar providências para assegurar a completa ortodoxia do ensino, a obediência ao magistério da Igreja, a fidelidade à hierarquia e à Santa Sé.»

A declaração de *Land O"Lakes* seria repudiada pelo Papa João Paulo II em 1990, na constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, destinada às universidades católicas. No entanto, essa ação não foi suficiente para reverter a situação, pois centenas de instituições de ensino já haviam se tornado independentes da Igreja.

Os jesuítas, ao mesmo tempo em que se inclinavam politicamente à esquerda socialista, promoviam um projeto cada vez mais liberal em termos morais. O *Opus Dei*, por outro lado, seguia a política oposta, apoiando figuras como Karol Wojtyła em seu objetivo de desmantelar o comunismo soviético. No entanto, ambos eram progressistas em termos doutrinários e apoiavam plenamente as reformas conciliares. Tratava-se de uma disputa interna pelo poder dentro da Igreja, especialmente no Vaticano. João Paulo II contava com o apoio integral do *Opus Dei*.

Em 1970, Dom Lefebvre decidiu fundar um seminário dedicado à formação de sacerdotes segundo o mesmo espírito da Igreja de sempre. Com a autorização do Bispo de Friburgo, na Suíça, foram inaugurados o seminário de Écône e a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), esta última aprovada canonicamente pelo Bispo da Diocese de Lausanne-Genebra-Friburgo.

À medida que os escândalos se multiplicavam em Roma e em toda a Igreja ao redor do mundo, Dom Lefebvre distanciava-se cada vez

mais das reformas conciliares, especialmente da Reforma Litúrgica promulgada por Paulo VI em 1969. De fato, a Igreja já não era mais a mesma de dois mil anos de história.

Dom Lefebvre sofreu profundamente com as mentiras e as perseguições movidas contra ele por aqueles que ocupavam os mais altos cargos no Vaticano durante todo o pontificado de Paulo VI. No entanto, seus sofrimentos estavam longe de acabar.

Na biografia de Dom Lefebvre, escrita por Dom Bernard Tissier de Mallerais, podemos encontrar a descrição exata desses acontecimentos. Citaremos alguns:

> «Quando soube da notícia da eleição de Dom Wojtyla ao pontificado, Dom Lefebvre reagiu com boa disposição, mas, em pouco tempo, se desiludiu, logo ao ler a encíclica inaugural de João Paulo II, *Redemptor Hominis*, de 4 de março de 1979. Dom Lefebvre escreveria na margem do texto: "O número 11 apresenta uma concepção inteiramente nova do cristianismo. É um humanismo teilhardiano". Teilhard de Chardin fora um padre jesuíta condenado por suas teses evolucionistas e heréticas. No entanto, era óbvio que João Paulo II compartilhava de suas teses. Na margem do número 14, cujas palavras são: "...Todos os homens (...) em toda a plenitude do mistério do qual se tornaram participantes em Jesus Cristo (...), cada qual (...), desde o instante de sua concepção junto do coração da sua mãe.", o arcebispo marcou com um ponto de exclamação e escreveu abaixo: "Onde está a questão da incorporação em Cristo pelo Batismo?" De fato, o Papa expunha, em um documento magisterial da Igreja, uma doutrina condenada por Pio XII: a tese de Henri de Lubac sobre "a graça devida à natureza". O mesmo de Lubac seria feito cardeal por João Paulo II em 1983, e a mesma doutrina herética se repetiria na *Mensagem do Papa aos povos da África*, de 21 de fevereiro de 1981: "No Espírito

> Santo, cada pessoa e cada povo se tornaram, pela Cruz e a Ressurreição de Cristo, filhos de Deus, participantes da natureza divina e herdeiros da vida eterna."»

No dia 21 de novembro de 1981, após a declaração da Comissão Mista Católica-Luterana, na qual as teses heréticas de Lutero foram consideradas aceitáveis pela Igreja, e na véspera da entrada em vigor do Novo Código de Direito Canônico sancionado pelo Papa, Dom Marcel Lefebvre não suportou mais e escreveu uma carta aberta em conjunto com o bispo brasileiro Dom Antônio de Castro Mayer, que fora forçado a pedir demissão de sua diocese. A carta foi publicada mundialmente:

> Considerando que "a Igreja encontra-se como uma cidade ocupada", que a autodestruição continua e que as diligências que tentamos em privado durante 15 anos foram em vão, sentimo-nos obrigados a intervir publicamente junto ao Papa, com os mesmos sentimentos que São Paulo para com São Pedro, quando o censurava por não andar segundo a verdade do Evangelho (Gl 2,11-14). Denunciamos seis erros ou desvios que constituem o objeto de um desenvolvimento explicativo, em anexo à carta.
>
> 1. Uma concepção latidudinarista e ecumenista da Igreja, dividida na sua fé e condenada particularmente pelo *Syllabus*, n. 28, DS. 2918 (*Lumen Gentium, Unitatis redintegratio* de Vaticano II e *Catechesi tradendae* de João Paulo II).
> 2. Um governo colegial e uma orientação democrática da Igreja, condenada particularmente pelo Concílio Vaticano I, DS 3055 (*Lumen Gentium* de Vaticano II e o Novo Código de Direito Canônico).
> 3. Uma falsa concepção dos direitos naturais do homem que aparece claramente no

documento da liberdade religiosa, condenada expressamente por *Quanta Cura* de Pio XI, e *Libertas praestantissimum* de Leão XIII, (*Gaudium et spes e Dignitatis Humanae*, do vaticano II, *Redemptor Homnis* de João Paulo II).

4. Uma concepção errônea do poder pontifício considerado absoluto, quando em verdade está subordinado ao poder divino que se exprime na Tradição, na Sagrada escritura e nas definições já promulgadas do Magistério eclesiástico (DS 3116).
5. A concepção protestante do santo sacrifício da Missa e dos sacramentos, condenada pelo Concílio de Trento (sess. XXII).
6. Enfim, de uma maneira geral, a livre difusão das heresias caracterizada pela supressão do Santo Ofício.

Dom Lefebvre diria mais tarde:

> «A História dirá que no momento em que tudo parecia prestes a desabar na santa Igreja, ao menos duas vozes episcopais se levantaram e bradaram o grito de alerta.»

Por outro lado, João Paulo II continuava a se envolver em novos escândalos. A seguir, destacamos alguns exemplos:

- Dois dias após a publicação do apelo de Dom Lefebvre e Dom Mayer, João Paulo II foi pregar em um templo luterano de Roma.
- No início de 1984, o Papa, em Bari, disse ao Metropolita Ortodoxo de Mira: *"A unidade não é nem absorção nem fusão; trata-se de uma unidade sinfônica entre as duas igrejas irmãs."*
- Em 18 de fevereiro, foi firmado o acordo para reformar a concordata entre a Santa Sé e a Itália, originalmente assinada

por Pio XI. João Paulo II consentiu em promover a laicização do país, abdicando, dessa forma, da soberania de Cristo sobre a nação italiana.

- Na Coreia, em 6 de maio, o Papa dirigiu uma mensagem aos representantes da tradição budista e, em 10 de maio, visitou um templo budista na Tailândia. Em Genebra, durante uma visita ao Conselho Ecumênico das Igrejas, declarou: *"O empenho da Igreja Católica no movimento ecumênico é irreversível."*
- Em 5 de fevereiro de 1986, o Papa recebeu em Madras, das mãos de uma sacerdotisa pagã, durante sua viagem à Índia, as cinzas *sagradas* da religião hindu. Dias antes, ele já havia participado de vários rituais animistas, onde pregou abertamente a promoção da fraternidade universal.
- Finalmente, o escândalo final em Assis. A Comunidade de Santo Egídio, a principal promotora do noeísmo, presidida por Andrea Riccardi, organizou, a pedido de João Paulo II, um grande encontro inter-religioso, com a presença de chefes de Estado e líderes religiosos de todas as procedências, acompanhados de suas respectivas delegações. Foram dias de cultos diversos, desde o animismo ao budismo, profanando a Basílica de Assis. Coisas *obscuras* aconteceram. O Papa comportou-se como se fosse apenas mais um líder religioso, em pé de igualdade com os demais líderes das falsas religiões. Jesus Cristo agora estava lado a lado com Buda, Maomé, Shiva e todas as outras divindades pagãs. A apostasia de Roma atingia seu ápice, a ponto de, durante essas celebrações, o Sacrário ser retirado e substituído por uma estátua de Buda.

Em 1984, Dom Lefebvre escreveu aos amigos sobre a "Paixão da Igreja". E aqui peço ao leitor que preste atenção a cada palavra, pois elas proporcionarão uma compreensão mais clara do Terceiro Segredo.

> «É preciso ter vivido desde 1960 até os nossos dias para saber que papas podem conduzir a Igreja à sua ruína.

> Isso parecia-nos impossível, conhecendo as promessas da assistência do Espírito Santo. *Contra factum non fit argumentum* (contra fatos os argumentos não valem nada). Os fatos estão aí, diante dos nossos olhos. Então, é necessário concluir que Nosso Senhor, ao pronunciar estas promessas da assistência até ao fim dos tempos, não exclui períodos de trevas e um tempo de Paixão para a sua esposa mística.»

Para Dom Lefebvre, esse nível de apostasia, promovido pela suprema autoridade da Igreja, era a consequência evidente da influência liberal disseminada pela Maçonaria nos meios eclesiásticos, culminando em seu ápice no pontificado de João Paulo II. A gravidade do que estava ocorrendo não poderia ser subestimada: Dom Lefebvre passou a considerar, finalmente, a possibilidade real de sagrar bispos sem o consentimento de Roma.

Essa decisão era crucial para garantir a sobrevivência da Igreja e preservar os meios para os quais ela foi instituída por Jesus Cristo: a salvação das almas (*salus animarum suprema lex est*), a celebração da Missa de Sempre, a formação autêntica de sacerdotes católicos e a administração dos sacramentos conforme a tradição constante da Igreja.

Um dado curioso e digno de nota: em seu recente livro *I Segreti Di Suor Lucia*, o autor italiano Saverio Gaeta menciona dois acontecimentos ocorridos nos anos 1970. O primeiro refere-se ao Concílio Pastoral dos Bispos Holandeses, realizado entre 1966 e 1970, no qual se questionava o celibato clerical, seguindo o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II. O autor expõe a reação da Irmã Lúcia a esse fato:

> «A vidente sentiu "uma dolorosa aflição pela atitude do episcopado holandês" (Diário da Irmã Lúcia, 26 de janeiro de 1970), e sentiu que "o Senhor me inspirou a escrever uma carta a Sua Eminência, o Cardeal Alfrink" (Ibid). "Lamento muito a desorientação que se espalha pelo mundo! Dos bispos da Holanda, de muitos sacerdotes

> e almas consagradas! O Diabo entrou em campo contra Deus e sua Igreja!" (Ibid).»[87]

Note-se, pois, a dureza das palavras da Irmã Lúcia: "*O Diabo entrou em campo contra Deus e sua Igreja!*" No dia 2 de março de 1970, após receber a autorização da Santa Sé, ela enviou uma carta ao Cardeal Alfrink ressaltando o valor do celibato para sacerdotes e pessoas consagradas a Deus, exortando-o a manter a plena comunhão com a Igreja.

O segundo caso citado pelo autor é o de Dom Marcel Lefebvre; no entanto, ele apenas utiliza o primeiro caso como pretexto para atacar o segundo, equiparando indevidamente Monsenhor Lefebvre ao bispo holandês. Ou seja, trata como semelhantes duas situações diametralmente opostas: no primeiro caso, há um claro desvio da doutrina, da moral e da disciplina católicas; no segundo, uma batalha para preservar precisamente essas mesmas doutrina, moral e disciplina.

Saverio Gaeta dá a entender que Dom Marcel Lefebvre também foi admoestado pela Irmã Lúcia, mas o que encontramos nos trechos da carta que ela enviou ao arcebispo, no dia 29 de setembro de 1976, não se compara, de modo algum, à forma como ela tratou o caso dos bispos holandeses. Vejamos como o autor Saverio Gaeta descreve esse fato:

> «A segunda dizia respeito ao Arcebispo Marcel Lefebvre, que em 1970 fundou a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, celebrando uma missa no Pavilhão Esportivo de Lille no dia 29 de agosto. Em 11 de setembro, encontrou-se com Paulo VI, no Vaticano, mas recusou-se a submeter-se ao Papa (em 1988, João Paulo II o excomungou pelo ato cismático de consagração de quatro bispos sem mandato pontifício). No dia 29 de setembro de 1976, a Irmã Lúcia enviou-lhe uma carta na qual sublinhava o valor essencial da unidade e afirmava não ter dúvidas "que serás animado pela melhor boa vontade e acredito, em qualquer caso, que dirás a Deus um "sim" capaz de todos os sacrifícios,

87. GAETA, Saverio. *I Segreti di Suor Lucia*, p. 211.

para que, na Igreja de Jesus Cristo, se cumpra aquilo que Ele tanto desejou e pediu: que todos perseverem unidos no amor e na unidade perfeita."»[88]

Olhando em retrospectiva, foi exatamente isso que Dom Lefebvre fez em 1988: disse "sim" a Deus e esteve disposto a todos os sacrifícios pela unidade perfeita, que só pode existir na verdade e na única Igreja de Jesus Cristo, fora da qual não há salvação. No entanto, Saverio Gaeta conclui o oposto e, para respaldar sua equivocada interpretação, cita um fato ocorrido quando Dom Lefebvre se dirigiu ao Carmelo de Santa Teresa, em 11 de setembro de 1987, a fim de um encontro com a vidente de Fátima. Segundo ele, a Irmã Lúcia se recusou a receber Dom Lefebvre, mas o mais provável é que o veto tenha partido da própria Diocese de Coimbra.

O Concílio, que se recusara a condenar erros, agora aceitava todas as heresias. Antigos hereges, outrora condenados, passaram a ser homenageados publicamente pelas mais altas figuras da hierarquia da Igreja. Todas as falsas religiões, combatidas no passado pela Igreja, agora eram proclamadas como manifestações de verdades divinamente reveladas.

Como tudo isso poderia estar conforme à vontade de Nossa Senhora de Fátima? Como seria possível que João Paulo II fosse o Papa da predileção de Nossa Senhora? Teria ela o salvado da morte para que ele conduzisse a Igreja à apostasia? O que pensar da apostasia promovida por João Paulo II? Essa apostasia teria sido prevista?

Para responder a essas perguntas, é fundamental ter em mente as advertências que os Papas do final e início do século XX dirigiram à humanidade, fundamentadas na Tradição Apostólica e nas Sagradas Escrituras. Veremos como essas advertências eram absolutamente necessárias diante da tragédia que já se avolumava naquele período de transição entre os séculos.

Os Papas desse tempo compreenderam que a hora da Grande Apostasia se aproximava perigosamente na aurora do século XX. Esse tema

88. GAETA, Saverio. *I Segreti di Suor Lucia*, pp. 211-212.

esteve presente na história da Igreja desde seus primórdios. Ainda no período apostólico, os primeiros cristãos temiam que esse momento estivesse próximo. Foi o caso dos tessalonicenses, que, perturbados por falsos doutores, ouviam pregações sobre a iminência do fim do mundo. Para apaziguar suas ovelhas, o Apóstolo São Paulo escreveu uma epístola esclarecedora, na qual apresenta a sequência dos eventos que culminarão na segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo:

> «Rogamos-vos, irmãos, pela vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com Ele, que não deixeis facilmente perturbar o vosso espírito nem alarmar por qualquer pretensa revelação, ou palavra, ou por qualquer carta atribuída a nós, como se o dia do Senhor estivesse perto. Ninguém de modo algum vos engane, porque isto não se dará sem que antes venha a apostasia (quase total dos fiéis), e sem que tenha aparecido o homem do pecado, o filho da perdição.»[89]

No primeiro século, a Igreja ainda estava em seus primórdios, e o Império Romano dominava grande parte do mundo conhecido, unindo vastos territórios pelo Mar Mediterrâneo. Embora o poder imperial estivesse marcado por intrigas palacianas, onde generais e a Guarda Pretoriana decidiam a sucessão, Roma ainda era senatorial e aristocrática. Parecia, portanto, impossível que humildes pescadores provenientes da Judéia, uma província distante e insignificante, pudessem conquistar esse império e, mais ainda, expandir sua fé para além de suas fronteiras.

É nesse contexto que São Paulo afirma que, antes da segunda vinda de Cristo, dois eventos devem necessariamente ocorrer: a apostasia — ou seja, o Evangelho deve ser pregado a toda criatura — e, somente depois, a vinda do Anticristo. São essas as condições prévias para a consumação dos tempos.

Quanto à primeira condição, a apostasia, São Paulo tranquiliza os Tessalonicenses, pois tal fenômeno não poderia ocorrer naquele

89. 2Ts II, 1-3.

primeiro século. Afinal, a apostasia consiste na renúncia voluntária à Fé, e só se pode renunciar àquilo que se possuiu. Além disso, segundo o próprio Apóstolo, essa apostasia abrangerá praticamente toda a humanidade, atingindo quase a totalidade dos fiéis. Portanto, antes que ela aconteça, é necessário que se cumpra a ordem de Cristo: "Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a toda criatura."[90]

Somente após essa difusão universal da Fé poderá ocorrer a apostasia final, marcada pela deserção das nações e do próprio Clero, o que foi confirmado pelas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dessa forma, o Anticristo não será a causa da apostasia, mas sim o seu fruto. Ele surgirá quando o mundo estiver devidamente preparado para recebê-lo. No entanto, para que isso aconteça, será necessário o desenrolar de uma série de eventos que se originam na própria apostasia.

Vejamos, então, em que consiste essa apostasia segundo o Evangelho e a Tradição da Igreja. Jesus a anunciou em várias passagens, como no Evangelho de São Lucas, VIII, 1-8:

> «Disse-lhes também uma parábola para mostrar que importa orar sempre e não cessar de o fazer: "Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. Havia também na mesma cidade uma viúva, que ia ter com ele dizendo: "Fazei-me justiça contra o meu adversário". Ele durante muito tempo não quis atender. Mas depois disse consigo: "Ainda que eu não tema a Deus nem respeite os homens, visto que esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça para que não venha continuamente importunar-me". Então o Senhor acrescentou: "Ouvi o que diz o juiz iníquo. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que estão clamando a Ele de dia e de noite, e tardará em os socorrer? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Mas, quando vier o Filho do Homem, julgais vós que encontrará fé sobre a terra?»

90. Mc XVI,15.

São Beda, a respeito da frase "Mas, quando vier o Filho do Homem, julgais que encontrará fé sobre a terra?", comenta o seguinte:

> «Não obstante, quando retornar o onipotente Criador na figura do Filho do Homem, os eleitos serão em tão exíguo número que o derruir do mundo será precipitado menos pelas súplicas dos fiéis do que pela indiferença dos demais homens. Não nos enganemos, no entanto, porque Nosso Senhor não está aqui a perguntar, senão a recriminar. Do mesmo modo procedemos quando usamos a forma interrogativa com o fito de repreender outrem, por muito que conheçamos de antemão a resposta, como, por exemplo, sempre que dizemos ao servo: acaso não sou eu teu senhor?»

Santo Agostinho, a esse respeito, sintetiza a advertência de Cristo com a necessidade da oração constante:

> «De maneira que Nosso Senhor quis dar a conhecer que se nos falta a fé, perde-se a oração. Portanto, creiamos para bem orar, e, para que a fé não esmoreça, oremos. Por um lado, a fé produz a oração; a oração, por seu turno, robustece a fé.»

E Teofilato acrescenta:

> «Como se dissesse: "se a insistência dessa viúva pôde dobrar um juiz cheio de pecados, tanto mais podem nossas orações atrair a misericórdia de Deus, Pai de toda a misericórdia". Pelo que segue: E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que estão clamando a Ele, de dia e de noite, e tardará em os socorrer? Houve quem deu a essa parábola uma mais sutil interpretação, cuidando que a viúva representa toda a alma que separou-se do primeiro marido seu (ou seja, do Diabo, inimigo dela) ao se apresentar diante de Deus de justiça, o qual, como consta na

> parábola, não teme a Deus (porque Ele próprio é Deus) nem respeita os homens, porque não faz acepção de pessoas. Condói-se ao Senhor dessa viúva, isto é, da alma a lhe rogar contra o Diabo, tomando sua defesa contra este. Depois de ter o Senhor dito que se deveria muito orar no final dos tempos por causa dos perigos que então se dariam, acrescenta: Mas, quando vier o Filho do Homem, julgai vós que encontrará fé sobre a terra?»

Como a fé e a oração são reflexos uma da outra, a perda da fé está intimamente ligada à perda do temor de Deus. Só suplicamos justiça àquele que reconhecemos como autoridade capaz de punir os maus e recompensar os bons. Assim, a oração é a expressão da fé, e como diz o antigo aforismo litúrgico atribuído a Próspero de Aquitânia, "*Lex orandi, lex credendi*". Como a oração nos é dada pelo Magistério da Igreja, conclui-se que esse mesmo Magistério será obstaculizado no fim dos tempos de tal maneira que tornará a fé quase extinta no mundo. Eis por que a advertência de Nosso Senhor nada mais é do que a referência à apostasia que precederá Sua segunda vinda. Essa apostasia terá início no próprio Clero e, depois, espalhar-se-á pelas nações. Como a Igreja é a luz das nações, será necessário que essa luz primeiro se apague para que o mundo mergulhe em trevas. Isso parece confirmar-se no Evangelho de São Mateus, XXIV, 29-30:

> «Logo depois da tribulação daqueles dias, escurecer-se-á o Sol, a Lua não dará a sua luz, as estrelas cairão do céu, e as potestades dos céus serão abaladas. Então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu, todas as tribos da terra chorarão...»

Santo Agostinho explica essa passagem da seguinte maneira:

> «Então se obscurecerá o Sol e a lua não dará a sua luz, porque a Igreja não se deixará ver por seus perseguidores ímpios e extraordinariamente cruéis. Então as

> estrelas cairão do céu, e as potestades dos céus serão abaladas. Porque muitos nos quais parecia brilhar a Graça de Deus, ao serem perseguidos cederão e cairão; e certamente alguns fiéis fortíssimos se perturbarão. Mas porque a tribulação virá antes, para que se siga a deserção de alguns: e porque isto ocorrerá por todos esses dias, ocorrerá Logo depois da tribulação daqueles dias, mas também nesses mesmos dias.»

Segundo essa interpretação, a Igreja será reduzida a uma condição quase invisível. O Sol é figura de Cristo e de Sua doutrina; a Lua, da Igreja, que reflete a luz de Cristo. Assim, após a tribulação, a luz de Cristo será eclipsada, e a Igreja não mais brilhará, salvo em pequena proporção. Algo semelhante lemos no Apocalipse XII, 3-4:

> «E foi visto outro sinal no céu; eis aqui um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e sete diademas; e a cauda dele arrastava a terça parte das estrelas do céu, e as fez cair sobre a terra.»

Na Antiguidade, e por muito tempo, as estrelas serviram de guia seguro para os navegantes. Por essa razão, a Tradição da Igreja sempre as compreendeu, teologicamente, como figuras dos bispos, sucessores dos Apóstolos e guias seguros na doutrina, pois a Igreja é mestra da verdade. Assim, a queda das estrelas, varridas e lançadas à terra pela cauda do Dragão — que é o próprio demônio — simboliza, por sua vez, a apostasia da qual falamos. Pois, de que serviriam as estrelas aos navegantes, senão para brilhar no céu, visíveis de norte a sul e de leste a oeste?

Nosso Senhor Jesus Cristo dá outro sinal disso em São Mateus X, 32-35:

> «Compreendei isto por uma comparação tirada da figueira: Quando os seus ramos estão tenros e as folhas brotam, sabeis que está perto o estio; assim também quando virdes tudo isso, sabei que o Filho do Homem está perto, está às portas. Em verdade vos digo que não

> passará esta geração, sem que se cumpram todas essas coisa. O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.»

Santo Hilário de Poitiers explica essa passagem com as seguintes palavras:

> «A sinagoga é comparada, em sentido místico, à figueira: os ramos da figueira se entendem como o Anticristo, filho do Diabo, porção do pecado, partidário da lei; e quando ele começar a fazer-se verde e a cobrir-se de folhas com certo verdor dos pecadores orgulhosos, então estará próximo o estio, isto é, perceber-se-á o dia do juízo.»

Como em uma balança cujos dois pratos são opostos, haverá, até o fim dos tempos, oposição entre a Igreja de Cristo e a sinagoga de Satanás. A sinagoga pode ser representada pelo sicômoro ou figueira brava, na qual subiu o pequeno publicano Zaqueu para contemplar a luz de Cristo (Lc 19, 1-10). Ou seja, foi necessário renunciar à Sinagoga para tornar-se filho da Igreja. Assim também, quando a figueira (Sinagoga) der ramos e folhas, será um indício de que o tempo do Anticristo se aproxima, pois, se a balança pende para a Sinagoga, a Igreja estará enfraquecida — e esse enfraquecimento se dará pela apostasia.

> «Quando, pois virdes a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel (Dn. 9, 27; 11, 31; 12, 11), posta no lugar santo – leitor atende bem – então os habitantes da Judéia, fujam para os montes, o que se acha sobre o telhado, não desça para tomar coisa alguma de sua casa, e o que está no campo, não volte atrás para tomar o seu manto. Ai das (mulheres) grávidas e das que tiverem crianças de peito naqueles dias! Rogai para que não seja a sua fuga no inverno, ou em dia de sábado, porque então será grande a tribulação, como nunca foi,

> desde o princípio do mundo até agora, nem jamais será. E, se não se abreviassem aqueles dias, não se salvaria pessoa alguma; porém, serão abreviados aqueles dias em atenção aos escolhidos.»[91]

Um dos sinais mais claros da apostasia será a abominação da desolação posta no lugar santo. Quem melhor esclarece esse evento é, sem dúvida, São Jerônimo:

> «Isto que disse: "leitor atende bem", expressa-se para que busquemos o sentido místico. Lemos, pois, em Daniel deste modo: "No meio da semana, fará cessar o sacrifício e a oblação, e virá sobre o templo a abominação da desolação, que durará até o fim, até o termo marcado para o devastador»[92]

O primeiro templo foi projetado pelo rei Davi, mas apenas seu filho Salomão o edificaria, por volta de mil anos antes de Cristo. Esse templo era o único local onde se podiam oferecer sacrifícios, e a função sacerdotal dependia exclusivamente dele. No entanto, em 586 a.C., o templo de Salomão foi completamente destruído pelos caldeus da Babilônia, época em que o profeta Daniel proferiu essa profecia. Naquele período, os judeus encontravam-se exilados e subjugados pelos pagãos babilônicos. Sem o templo, sua religião perdeu três elementos fundamentais: templo, sacerdócio e sacrifício.

A profecia de Daniel anunciava um novo templo e o restabelecimento das funções sacerdotais, pois a abominação da desolação posta no lugar santo representaria uma profanação do templo sagrado e da própria religião. São Jerônimo, em seu comentário, esclarece ainda mais essa questão:

> «Ou pode-se compreender como a estátua de César, que Pilatos colocou no templo, ou como a estátua equestre

91. Mt XXIV, 15-22.

92. Dn IX, 27.

> de Adriano, que permanece até hoje no mesmo lugar onde esteve o Santo dos Santos. Pois a abominação, segundo a antiga Escritura, é chamada de ídolo. E, portanto, acrescente-se a desolação, porque o ídolo foi posto no templo desolado e deserto.»

O Livro da Sabedoria, XIV, 12-14, revela que a idolatria surgiu da vaidade do próprio homem:

> «Porque o primeiro ensaio da formatura dos ídolos foi o princípio da fornicação, e o seu último descobrimento foi a corrupção da vida; porque nem os havia do princípio, nem os há de haver para sempre, porquanto a vaidade dos homens foi a que os introduziu no mundo, e por isso em breve se tem de ver o seu fim.»

Assim, a primeira forma de idolatria foi o culto do homem a si mesmo. Por isso, São Jerônimo associa a abominação da desolação no lugar santo às figuras da estátua de César e da estátua equestre do imperador Adriano, que foi colocada onde antes se situava o Santo dos Santos.

A religião dos antigos pagãos fundamentava-se no culto aos mortos, sendo essa prática particularmente evidente no mundo greco-romano. O fogo doméstico, mantido aceso continuamente em cada família, simbolizava a devoção aos antepassados divinizados. Nas cidades gregas, esse fogo sagrado era preservado no Pritaneu, centro religioso da pólis; em Roma, era venerado sob o culto de Vesta, deusa protetora da cidade. A deificação dos imperadores romanos foi uma consequência dessa tradição, razão pela qual os romanos davam a César o que era devido a Deus.

Dessa forma, podemos concluir que a pretensa divinização do homem será marcada pelo culto ao homem, que se estabelecerá antes da vinda do Anticristo. Assim, quando o Anticristo surgir, será adorado sem resistência, pois o mundo já estará plenamente disposto a recebê-lo. Do mesmo modo que o culto ao imperador foi imposto no templo de

Jerusalém — seja pela estátua de César, seja pela estátua equestre de Adriano no Santo dos Santos —, assim também o culto ao homem será estabelecido no lugar santo.

Resta, pois, uma pergunta essencial: qual será esse lugar santo?

Na Antiga Lei, o único lugar santo era o Templo de Salomão, destruído pelos caldeus e posteriormente reconstruído após o rei Ciro da Pérsia libertar os judeus do cativeiro babilônico. Ele permitiu que reconstruíssem o templo no mesmo local onde antes estivera o santuário erguido por Salomão para guardar a Arca da Aliança, dentro da qual se encontravam as Tábuas da Lei, entregues por Deus a Moisés. No entanto, a Arca desapareceu, restando apenas o Santo dos Santos, onde permaneceu por cerca de 500 anos.

Quando Jesus Cristo veio ao mundo, a religião dos antigos hebreus e israelitas havia passado por uma gradual transformação. Durante o exílio na Babilônia, os Escribas adquiriram maior influência do que os sacerdotes, pois a função sacerdotal, exclusiva da linhagem de Levi, perdera sua razão de ser com a ausência do Templo, único local onde se realizavam as imolações propiciatórias a Deus pela remissão dos pecados.

Os doutores da lei, ao longo do tempo, assimilaram um misticismo cuja origem pode remontar à Babilônia ou, segundo alguns estudiosos, aos tempos do Egito. Esse fenômeno gerou um afastamento progressivo da tradição divinamente revelada, dando origem, poucos séculos antes da vinda de Cristo, a dois grupos distintos: os Saduceus e os Fariseus. Os Saduceus, materialistas, negavam a vida após a morte e, em política, alinhavam-se com os poderes deste mundo. Já os Fariseus, de orientação gnóstica, adotaram a crença na superioridade ontológica dos judeus sobre os gentios, ou seja, acreditavam que as almas dos judeus eram distintas e superiores às dos não judeus. Essa concepção deturpada da doutrina messiânica levou-os a reinterpretar as Escrituras sob essa ótica, transformando a tradição divinamente revelada em um misticismo gnóstico baseado em tradições espúrias. Como consequência, passaram a esperar um Messias que lhes concedesse um reino terreno, dominando todas as nações do mundo e colocando-as sob seu domínio.

Por essa razão, os judeus não reconheceram Jesus Cristo como o Messias esperado, ainda que todas as profecias o confirmassem. Eles não as ignoravam, mas deliberadamente fecharam os olhos à verdade, tornando-se cegos. A profecia de Miquéias V, 2, era clara:

> «Belém Efrata, tu és pequenina entre as milhares cidades de Judá, e, no entanto, de teu seio sairá o dominador de Israel, Aquele que existe desde o princípio, e cuja geração remonta a eternidade.»

Jesus, ao avistar Jerusalém, chorou e profetizou o destino da cidade e de seu povo:

> «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis juntar teus filhos, como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não quisestes! Eis que será deixada deserta a vossa casa (Jr: 22-5). Porque eu vos digo: Desde agora não me tornarás a ver, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor»[93]

Essa profecia de Jesus revela a apostasia do povo judeu e o castigo que decorreria dela, especialmente nestas palavras: "Eis que será deixada deserta a vossa casa!" O termo "deserta" adquire aqui um significado místico, indicando que Deus abandonaria o Templo. E de fato, após a morte de Cristo, o véu do Templo se rasgou de alto a baixo, rompendo definitivamente a Antiga Aliança:

> «E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, as rochas fenderam-se, abriram-se as sepulturas, e muitos corpos de santos, que tinham adormecido, ressuscitaram, e saindo das sepulturas depois da ressurreição de Jesus, foram á cidade santa, e

93. Sl CXVII, 6.

> apareceram a muitos. O centurião e os que com ele estavam de guarda a Jesus, vendo o terremoto e as coisas que aconteciam, tiveram grande medo, e diziam: "Na verdade este era Filho de Deus". Achavam-se também ali muitas mulheres que olhavam de longe, as quais tinham seguido Jesus desde a Galileia, subministrando-lhe o necessário. Entre elas estava Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.»

Dessa forma, cumpria-se a profecia de Daniel:

> «Depois de setenta semanas de anos, o Messias será morto; o povo que há de renega-lo não será mais seu povo; a hóstia e o sacrifício cessarão; e lá estará a abominação da desolação, e a desolação durará até o fim.»[94]

Mais uma vez, a palavra "desolação" assume o mesmo significado de "deserto" ou ausência de Deus, consequência direta do pecado contra o Primeiro Mandamento: "Amarás o Senhor teu Deus sobre todas as coisas." Ao rejeitarem o Messias, os judeus colocaram-se a si próprios no lugar de Deus, incorrendo no pecado da idolatria. Por essa razão, ao rasgar-se o véu do Templo, Deus passou a habitar verdadeiramente na Igreja Católica, o verdadeiro Templo, por meio da Santíssima Eucaristia. Inaugurava-se, assim, a Nova e Eterna Aliança, que substituía a antiga, rompida pela infidelidade do povo judeu.

Toda essa reflexão nos conduz a uma conclusão inescapável: assim como a abominação da desolação se estabeleceu no antigo Templo de Jerusalém, também essa mesma abominação se instalará no novo Templo de Deus, ou seja, na própria Igreja Católica, o único e verdadeiro Templo de Cristo. Contudo, isso não significa que a Igreja cairá em defecção, mas sim que sua hierarquia introduzirá dentro dela uma nova doutrina, desviando-a da verdadeira fé e conferindo ao homem a glória devida exclusivamente a Deus.

94. Dn IX, 24-27.

Com a destruição do Templo de Jerusalém, consumada sob Tito no ano 70 d.C., o judaísmo perdeu seu caráter religioso. A função sacerdotal, antes exclusiva da casta de Levi, foi substituída por um sacerdócio espiritual, conferido por Jesus Cristo à Sua Igreja, através do Sacramento da Ordem. O Sacrifício da Cruz, outrora realizado de forma cruenta no Monte Calvário, passou a ser oferecido de maneira mística e incruenta em todos os altares e durante todas as Santas Missas, estendendo-se por todo o mundo e cumprindo a profecia de Malaquias:

> «Mas desde o nascente do sol até ao poente, será grande entre as nações o meu nome; e, em todo lugar, se oferecerá ao meu nome incenso e uma oblação pura; porque o meu nome será grande entre as nações, diz o Senhor Deus dos exércitos.»[95]

Dessa forma, a apostasia, propriamente dita, só pode ocorrer onde antes existiu a fé verdadeira. E como a fé teologal só pode ser encontrada na única e verdadeira religião, a abominação da desolação posta no lugar santo será, necessariamente, a apostasia da hierarquia católica.

No reinado de Pio IX, a Igreja viu-se cercada por forças que, ocultamente, eram manobradas pela Maçonaria, inimiga declarada da Igreja. O Concílio Vaticano I, convocado por esse Papa, tinha por objetivo condenar os erros modernos, já elencados pelo Sumo Pontífice na Encíclica *Syllabus* (1864). Contudo, a traição dos reis católicos, especialmente a de Vítor Emanuel II, soberano da Sardenha, que se aliou aos inimigos da Igreja, impediu a continuidade do Concílio. O monarca tomou para si os Estados Pontifícios, que haviam sido concedidos à Igreja por Pepino, o Breve, no século VIII. A partir de 1870, o Papa tornou-se prisioneiro dentro do Vaticano, e esse evento marcou um dos capítulos mais sombrios da apostasia que, desde a Revolução Francesa, vinha alastrando-se rapidamente pela Europa.

95. Ml I, 11-14.

Dois meses após a tomada de Roma e a chamada unificação da Itália, o Papa Pio IX excomungou o rei Vítor Emanuel II — em três ocasiões — juntamente com todos aqueles que haviam invadido os territórios pontifícios. No leito de morte, o rei pediu perdão ao Papa, desejando morrer como um bom católico, comprometendo-se a aprovar tudo o que a Igreja aprova e a rejeitar tudo o que ela reprova, além de reparar quaisquer faltas cometidas contra ela. Pio IX, movido pela compaixão e disposto a conceder-lhe o perdão, exigiu uma retratação por escrito de todos os atos contrários à Igreja perpetrados durante seu reinado. No entanto, não houve tempo: o rei faleceu em 9 de janeiro de 1878, após receber os sacramentos das mãos do capelão-mor, Monsenhor Valerio Anzino, autorizado pelo Papa. Pouco tempo depois, em 7 de fevereiro do mesmo ano, Pio IX, profundamente amargurado, também faleceria. Seu sucessor foi Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci-Prosperi-Buzzi, que assumiu o pontificado com o nome de Leão XIII, tornando-se o 256º Papa da Igreja.

No final do século XIX, o Papa Leão XIII, afligido pela crescente crise de fé que se anunciava e ameaçava mortalmente a Igreja no século seguinte, expressou sua preocupação no Consistório secreto de 30 de dezembro de 1889, por meio da *Alocução Tempestivum quoddam*. Diante dos cardeais, declarou:

> «Veneráveis irmãos (...), aparece tão evidente que (...) existe o comum propósito de cultivar a aversão pela Religião ancestral e de subtrair do abraço da Igreja, se fosse possível, todo o povo italiano, sob os auspícios e a guia das seitas malignas. (>>>) Com certeza queremos que seja conservada íntegra a fé cristã, com é de dever; de fato, a sua incolumidade está em perigo quando os governantes entregam ao Estado a função de reivindicar a supremacia da razão humana sem limites, sem leis; e isto, deixando de lado todo equívoco, nada mais significa do que rejeitar desde os fundamentos tudo que nos foi transmitido por

> Deus e separa-se (apostatar) totalmente da Igreja (...), não parece crível que tenhamos chegado a tal ponto.»

Em outra ocasião, dirigiu um severo protesto ao Cardeal Rampolla, seu Secretário de Estado, por meio da carta *Le insolite*, de 8 de outubro de 1895:

> «(...) o escopo último da ocupação de Roma, não dizemos na mente de todos os que cooperaram para isso, mas das seitas que foram dela os primeiros motores, não é, ou ao menos não é tudo no cumprimento da unidade política. Não! Aquele ato de violência, que tem poucos exemplos na História, devia, nos decretos sectários, servir como meio e ser prelúdio de um assunto mais tenebroso. Se estenderam a mão para dilacerar os muros da Metrópole civil, foi para melhor demolir a Cidade Sacerdotal e para conseguir o intento de atacar violentamente de perto o poder espiritual dos Papas, o que começou com a derrubada daquela fortaleza terrena (...). São cinco lustros que, olhando-se ao redor, Roma vê como os donos do campo os opositores das instituições e das crenças cristãs. Difundida toda a mais perversa doutrina; vilipendiados impunemente a pessoa e o ministério do Vigário de Deus; contraposto ao Dogma católico. E, justamente a este conjunto nefasto de ideias e de fatos se pretendeu, mais uma vez, dar uma aparência de direito e de estabilidade, através do selo de uma nova lei e das clamorosas manifestações que a apadrinharam, capitaneadas abertamente pela seita inimiga de Deus. Seria este, talvez o triunfo da causa italiana ou, antes, o advento da apostasia?»

Leão XIII compreendia que era necessário à Igreja retomar a autoridade perdida desde que a arrogância dos reis levou à derrocada da ordem cristã, sustentada pela doutrina dos dois gládios e reafirmada no final da Idade Média pelo Papa Bonifácio VIII, na bula *Unam Sanctam*,

de 1302. Esse mesmo Papa sofreria, mais tarde, o ultraje do atentado de Agnani, ocorrido quando um emissário do rei francês, Felipe, o Belo, o esbofeteou. Esse ato infame marcaria o fim da ordem cristã medieval e, a partir de então, a Igreja não cessaria mais de ser acossada por inimigos externos e internos. Os mesmos reis que fizeram da burguesia sua aliada acabariam, sem perceber, promovendo a derrocada do próprio sistema monárquico, cujo marco histórico foi a Revolução de 1789. Sem a Igreja, a monarquia não poderia sobreviver, pois o poder régio dependia da unção conferida pela Igreja aos reis no ato da coroação — a mesma unção pela qual Clóvis, rei dos Francos, foi sagrado em 481, evento que deu origem à monarquia cristã.

A Revolução Francesa rompeu com a tradição da sagração dos reis, impondo, de maneira definitiva, a separação entre a Igreja e o Estado. O próximo alvo, inevitavelmente, seria a própria ordem sacerdotal. Na época do Papa Leão XIII, mesmo diante do princípio de uma apostasia generalizada, a autoridade pontifícia ainda se fazia valer entre os fiéis, a tal ponto que, mesmo os monarcas revolucionários, ainda que hostis, não ousavam confrontar abertamente a Igreja. O próprio caso de Vítor Emanuel II ilustra essa realidade, pois, em seu leito de morte, o rei pediu perdão.

Pela terceira vez, Leão XIII alertava sobre o avanço da apostasia, desta vez em um pronunciamento no Consistório de 15 de abril de 1901:

> «Veneráveis Irmãos (...), turba-nos profundamente o pensamento de que as contrariedades e os obstáculos que cercam o Catolicismo, não só não se atenuam, mas todo dia aumentam; aliás, de uma parte a outra da Europa, como por contágio se estendem (...). Não diferentemente, em outros lugares se faz manifesto o que já de começo temos observado, ou seja, terem os inimigos decidido mover a mais feroz guerra às instituições católicas; e, para tal fim, se diria que tenham estreitado entre si uma aliança intestina. São prova disso os múltiplos fatos que, como é sabido, vêm se repetindo por toda parte, isto é, a agitação

> das plebes, os violentos alvoroços e as ameaças que se lançam publicamente, os escritos incitadores das paixões populares e as injúrias atiradas desrespeitosamente contra as coisas e as pessoas mais veneráveis. Todos esses são foscos indícios do futuro; nem é longe da verdade o temor de que às presentes calamidades outras ainda mais calamitosas devam se seguir. Todavia, sejam quais forem os afãs e as batalhas que o amanhã trará, a Igreja, confiante em Deus, não encontrará nem sofrerá coisa alguma pela qual tenha que temer por si. Hão de temer os governos, que não enxergam para onde se encaminham; há de temer a sociedade civil, que vai ao encontro de perigos ainda maiores, quanto mais se afasta de Cristo libertador.»

Leão XIII tinha razões de sobra para traçar um panorama tão sombrio para a humanidade. O século XX mal se iniciara, e, no entanto, suas palavras pareciam destoar do espírito da *Belle Époque*, que irradiava de Paris para o restante do mundo. De um lado, um otimismo exacerbado na técnica e no progresso; de outro, os nacionalismos republicanos fomentados pelas revoluções liberais de 1848, afastando cada vez mais os chefes de Estado de Deus e de Suas leis. Diante desse cenário, Leão XIII emitiu mais um alerta, em 24 de dezembro de 1902, por meio de uma alocução pronunciada em resposta à mensagem do Cardeal Luigi Oreglia, na qual denunciava a subversão legal das Congregações.

> «Violadas já de várias maneiras as razões da Igreja e do nome católico, eis irem além pela mesma via até à subversão legal de santas instituições cristãs (...) Ah! Não é sincero amor de pública prosperidade ou de incrementos civis que move os artífices de tais desgraças: o que se quer e se procura é a ruína das Ordens cristãs e a reconstrução dos Estados sobre as bases do naturalismo pagão. Se está escrito no Céu que, entre tais amarguras, esta última relíquia se extinga da Nossa jornada, fecharemos resignadamente as cansadas pupilas bendizendo o Senhor, mas

> com a firmíssima persuasão no coração de que, chegada a hora da misericórdia, surgirá Ele mesmo para a salvação das gentes destinadas em herança ao Unigênito de Deus.»

O Papa Leão XIII faleceu no dia 20 de julho de 1903. O Conclave de 1903 foi o primeiro do século XX e também o último em que se utilizou o veto imperial (*Jus exclusivae*), prerrogativa então exercida pelo imperador Francisco José I da Áustria, que impediu a eleição do Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro. O veto, como se verificaria mais tarde, mostrou-se acertado, pois surgiram documentos que indicavam a possível afiliação de Rampolla à Maçonaria. Verdade ou não, o episódio revelou algo inegável: os inimigos da Igreja já estavam infiltrados em seu interior. Assim, foi eleito o Cardeal Giuseppe Sarto, que assumiu o nome de Pio X.

Monsenhor Augustin Lémann, em seu livro *O Anticristo*, descreve as etapas da apostasia que se desenrolaram até o início do século XX:

1- Os autores: são o Príncipe do mundo, Satanás, e, sob o seu governo, a seita perversa da Franco-Maçonaria, inimiga de Deus.
2- A finalidade: é a destruição das instituições cristãs, a rejeição da Religião dos antepassados, a reconstituição dos Estados sobre as bases do naturalismo pagão.
3- Os meios empregados são a razão humana erigida a soberana e sem lei; a supressão de todo ensinamento cristão; a extinção das Ordens e Institutos religiosos; a sujeição dos sacerdotes fiéis; a separação da sociedade civil da Igreja.
4- As etapas já percorridas: a Tomada de Roma, baluarte terrestre do poder espiritual; o trono maçônico oposto à Cátedra de Pedro; o contágio que se propagou de um ponto a outro da Europa; e a apostasia oficial, nacional da França, pela separação da Igreja e do Estado.

Em seu brasão episcopal, o Papa São Pio X expressava claramente o norte de seu pontificado: *Instaurare Omnia in Christo* — "Restaurar todas

as coisas em Cristo". Seu papado seria, de fato, um combate incessante contra a crescente apostasia, como já demonstrava em sua primeira encíclica, na qual afirmava:

> «Quem tudo isso considera tem certamente razão de temer que tal perversidade de mentes seja quase um ensaio e, talvez, o começo dos males que aos extremos tempos são reservados, e que já esteja no mundo o filho da perdição de quem fala o Apóstolo.»[96]

A apostasia é o caminho que conduz ao Anticristo, e o Papa antecipava esse fato terrível, dado o rumo que as nações escolhiam trilhar. Por isso, na encíclica *Il Fermo Proposito*, de 11 de junho de 1905, endereçada aos bispos da Itália, não hesitou em empregar o termo apostasia:

> «... contínuos rasgos se vão fazendo às pacíficas conquistas da Igreja, tanto mais dolorosos e funestos, quanto mais a sociedade humana tende a se reger com princípios contrários ao conceito cristão; mais ainda, a apostatar completamente de Deus.»

Além disso, na encíclica *Supremi Apostolatus*, o Papa retomou o tema da apostasia, expressando-se nos seguintes termos:

> «Tamanha é a audácia e a ira com a qual se persegue por toda parte a Religião, se combatem os Dogmas da Fé e se trabalha despudoradamente para extirpar, para aniquilar qualquer relação do homem com a Divindade! Ao invés disso, o que é, de fato, segundo o dizer do mesmo Apóstolo, o caráter próprio do Anticristo, o próprio homem, com infinita temeridade, se colocou no lugar de Deus, elevando-se sobre tudo o que se chama Deus, de modo que, conquanto não possa apagar inteiramente em si mesmo toda notícia de Deus, do mesmo modo,

96. *E Supremi Apostolatus*, 4 de outubro de 1903.

> usurpada a majestade Dele, fez do universo quase um templo a si mesmo, para ser nele adorado. "Se sentará no Templo de Deus, apresentando-se como se fosse Deus.»

Entretanto, além de exortar as nações sobre a apostasia e suas consequências espirituais, São Pio X percebeu que essa ameaça já havia se infiltrado na própria fortaleza da Igreja. Esse movimento subterrâneo recebeu dele o nome de modernismo. Sua famosa encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, publicada em 8 de setembro de 1907, desmascarou e expôs ao público os princípios dessa doutrina perversa. O perigo de tal ideologia corromper as instituições religiosas e os seminários era real e iminente. São Pio X compreendeu a gravidade do problema já no final do pontificado de Leão XIII, que, apesar de sua enérgica luta contra os erros modernos, viu a proliferação de falsas ideias na Alemanha, França, Inglaterra e até mesmo na Itália.

O principal expoente dessa corrente era o padre francês Alfred Loisy, cujas obras estavam impregnadas dos erros filosóficos da época. São Pio X condenou seus escritos ainda em 1903 e, em julho de 1907, a Sagrada Congregação do Santo Ofício publicou o decreto *Lamentabili*, que condenava 65 proposições modernistas.

São Pio X conseguiu, de fato, conter o modernismo, a quem chamou de "*cloaca de todas as heresias*", pois esse movimento nada mais era do que a ressurreição de velhos erros já condenados pela Igreja, mas que encontraram novo fôlego com o advento da filosofia moderna. Entre suas principais premissas estavam:

1. **Subjetivismo** – Suas raízes remontam ao nominalismo de Guilherme de Ockham, mas ganharam força com o racionalismo de René Descartes e, principalmente, com o criticismo de Immanuel Kant. Essa doutrina nega a verdade objetiva, que consiste na adequação da inteligência ao objeto, e afirma que cada indivíduo possui sua própria verdade, reduzindo toda realidade à experiência subjetiva. Assim, o subjetivismo substituiu o tribunal da sabedoria cristã, fundamentada na

metafísica e na fé, pelo julgamento arbitrário da consciência individual e das ideias subjetivas.

2. **Agnosticismo** – Estabelece um limite para a razão humana, afirmando que ela só pode conhecer a realidade por meio dos sentidos e da experiência dos fenômenos. Dessa forma, o homem primeiro formula uma ciência baseada nos fenômenos observáveis e, posteriormente, aplica esse conhecimento parcial e superficial à realidade. O agnosticismo admite a existência do conhecimento sensível, mas nega a possibilidade de um conhecimento objetivo e transcendente.
3. **Imanentismo** – Representa a culminação dessa cadeia de erros. Se o homem não pode conhecer a realidade além das aparências captadas pelos sentidos, como explicar a crença universal na existência de Deus ao longo da história? Para os modernistas, a resposta é que a religião não passa de uma construção subjetiva, um reflexo das necessidades interiores do homem diante da realidade. Segundo essa visão, o homem sente em si mesmo uma necessidade do divino e, a partir dela, projeta um "deus" em que possa crer.

O modernismo não foi apenas um erro teológico, mas um projeto bem estruturado, promovido por prelados da alta hierarquia da Igreja com o claro objetivo de fomentar a apostasia e preparar o terreno para a vinda do Anticristo. São Pio X conseguiu deter seu avanço, mas não pôde evitar as catástrofes que sobrevieram ao mundo devido à negligência dos chefes de Estado, que, ao desprezarem a autoridade da Igreja em questões graves, lançaram a humanidade no caos.

Em 28 de julho de 1914, a Europa mergulhou nos horrores da Grande Guerra. Menos de um mês depois, em 20 de agosto, o Papa São Pio X entregou sua alma a Deus. A partir de então, a marcha para a apostasia não encontrou mais freios, culminando, durante o pontificado de João Paulo II, no evento de Assis. Dom Lefebvre, com plena clareza, compreendeu os apelos de Nossa Senhora de Fátima, ignorados por João XXIII, Paulo VI e João Paulo II.

CAPÍTULO XXII

A Rússia foi consagrada?

Conforme já exposto, os apostolados de Fátima atribuem uma importância crucial à Consagração da Rússia, considerando o comunismo como o evento mais aterrador do século XX. No entanto, talvez devessem refletir sobre essa Consagração à luz dos males desencadeados pelo Concílio Vaticano II. Se a apostasia, que Dom Marcel Lefebvre conseguiu enxergar e resistir heroicamente, fosse também reconhecida pelos apostolados de Fátima como o verdadeiro coração da mensagem, a imposição da nova religião pelo Vaticano aos católicos de todo o mundo teria encontrado maior resistência.

A via ecumênica adotada pelo Concílio, ao condenar o exclusivismo pré-conciliar, evidenciava que, embora alguns argumentassem que a necessidade da Consagração da Rússia se devesse a questões políticas, o verdadeiro obstáculo a esse ato era de natureza religiosa.

Após sobreviver ao atentado de 13 de maio de 1981, ainda no hospital, o Papa João Paulo II expressou o desejo de conhecer o conteúdo do Terceiro Segredo de Fátima. Foi com esse espírito que ele pensou em atender aos pedidos de Nossa Senhora, mas de acordo com sua mentalidade liberal. Contudo, os caminhos que escolheu tornaram isso inviável, pois João Paulo II, na verdade, buscava cumprir a vontade do Concílio Vaticano II, e não propriamente a de Nossa Senhora.

O desejo de agradar aos homens e manter seus compromissos com as definições conciliares foi o verdadeiro motor de sua missão. O documento publicado pela Santa Sé em 2000, com a assinatura de Dom Bertone, apresentado como uma síntese da mensagem de Fátima, reflete bem o pensamento dos Papas Conciliares.

> «... Como é sabido, o Papa João Paulo II pensou imediatamente na Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria e compôs ele mesmo uma oração para o designado "Ato de Entrega", que seria celebrado na Basílica de Santa Maria Maior, a 7 de junho de 1981, solenidade de Pentecostes, dia escolhido para comemorar os 1.600 anos do primeiro Concílio Constantinopolitano e os 1.550 anos do Concílio de Éfeso. O Papa, forçadamente ausente, enviou uma radiomensagem com a sua alocução.»

Transcrevemos, a seguir, a parte do texto que se refere especificamente ao ato de entrega:

> «Ó Mãe dos homens e dos povos, vós conheceis todos os seus sofrimentos e as suas esperanças. Vós sentis maternalmente todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que abalam o mundo. Acolhei o nosso brado, dirigindo no Espírito Santo diretamente ao Vosso Coração, e abraçai, com o amor da Mãe e da Serva do Senhor, aqueles que mais esperam por este abraço e, ao mesmo tempo, aqueles cuja entrega também Vós esperais de maneira particular. Tomai sob a Vossa proteção materna a família humana inteira, que, com enlevo afetuoso, nós Vos confiamos, ó Mãe. Que se aproxime para todos o tempo da paz e da liberdade, o tempo da verdade, da justiça e da esperança.»

Comentário do autor: O padre Kramer identificou, com razão, um erro bastante grave em relação às datas. O cardeal Bertone afirma que João Paulo II pensou em realizar a consagração imediatamente após ler o texto do Terceiro Segredo. No entanto, como isso seria possível, se ele leu o Terceiro Segredo no dia 18 de julho e, conforme relatado, o ato de consagração ocorreu em 7 de junho de 1981, ou seja, no mês anterior?

Comentário de Dom Bertone: Mas, para responder mais plenamente aos pedidos de Nossa Senhora, o Santo Padre quis, durante o Ano Santo da Redenção, tornar mais explícito o ato de entrega de 7 de junho de 1981, repetido em Fátima no dia 13 de maio de 1982. E, no dia 25 de março de 1984, quando se recorda o *fiat* pronunciado por Maria no momento da Anunciação, na Praça de São Pedro, em união espiritual com todos os bispos do mundo, precedentemente convocados, o Papa entrega ao Imaculado Coração de Maria os homens e os povos, com expressões que lembram as palavras ardorosas pronunciadas em 1981:

> «E por isso, ó Mãe dos homens e dos povos, Vós que conheceis todos os sofrimentos e as suas esperanças. Vós que sentis maternalmente todas as lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que abalam o mundo contemporâneo, acolhei o nosso clamor que, movidos pelo Espírito Santo, elevamos diretamente ao Vosso Coração: Abraçai, com amor de Mãe e de Serva do senhor, este nosso mundo humano, que Vos confiamos e consagramos, cheios de inquietude pela sorte terrena e eterna dos homens e dos povos.
>
> De modo especial Vos entregamos e consagramos aqueles homens e aquelas nações que desta entrega e desta consagração têm particularmente necessidade.
>
> À vossa proteção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus! Não desprezeis as suplicas que se elevam de nós que estamos na provação!»

Comentário de Dom Bertone: Depois, o Papa continua com maior veemência e concretização de referências, quase comentando a mensagem de Fátima nas suas predições, infelizmente cumpridas:

> «Encontrando-nos hoje diante de vós, Mãe de Cristo, diante do vosso Imaculado Coração, desejamos, juntamente com toda a Igreja, unir-nos à consagração que, por nosso amor, o vosso Filho fez de si mesmo ao Pai: "Eu

consagro-Me por eles" — foram as suas palavras — "para que eles sejam também consagrados na verdade" (Jo 17,19).

Queremos unir-nos ao nosso Redentor, nesta consagração pelo mundo e pelos homens, a qual, no seu Coração divino, tem o poder de alcançar o perdão e de conseguir a reparação. A força desta consagração permanece por todos os tempos e abrange todos os homens, os povos e as nações; supera todo o mal que o espírito das trevas é capaz de despertar no coração do homem e na sua história e que, de fato, despertou nos nossos tempos.

Oh, quão profundamente sentimos a necessidade de consagração pela humanidade e pelo mundo, pelo nosso mundo contemporâneo, em união com o próprio Cristo! Na realidade, a obra redentora de Cristo deve ser participada pelo mundo por meio da Igreja.

Manifesta-o o presente ano da redenção: o jubileu extraordinário de toda a Igreja.

Neste Ano Santo, bendita sejais acima de todas as criaturas vós, serva do Senhor, que obedecestes da maneira mais plena ao chamado divino!

Louvada sejais vós, que estais inteiramente unida à consagração redentora do vosso Filho!

Mãe da Igreja! Iluminai o Povo de Deus nos caminhos da fé, da esperança e da caridade!

Iluminai de modo especial os povos dos quais vós esperais a nossa consagração e a nossa entrega.

Ajudai-nos a viver na verdade da consagração de Cristo por toda a família humana do mundo contemporâneo.

Confiando-vos, ó Mãe, o mundo, todos os homens e todos os povos, nós vos confiamos também a própria consagração do mundo, depositando-a no vosso coração materno.

Oh, Imaculado Coração! Ajudai-nos a vencer a ameaça do mal, que se enraíza tão facilmente nos corações dos homens de hoje e que, nos seus efeitos incomensuráveis,

pesa já sobre a vida presente e parece fechar os caminhos do futuro!

Da fome e da guerra, livrai-nos!

Da guerra nuclear, de uma autodestruição incalculável, e de toda espécie de guerra, livrai-nos!

Dos pecados contra a vida do homem desde os seus primeiros instantes, livrai-nos!

Do ódio e do aviltamento da dignidade dos filhos de Deus, livrai-nos!

De todo o gênero de injustiça na vida social, nacional e internacional, livrai-nos!

Da tentativa de ofuscar nos corações humanos a própria verdade de Deus, livrai-nos!

Da perda da consciência do bem e do mal, livrai-nos!

Dos pecados contra o Espírito Santo, livrai-nos!

Acolhei, ó Mãe de Cristo, este clamor carregado do sofrimento de todos os homens! Carregado do sofrimento de sociedades inteiras!

Ajudai-nos, com a força do Espírito Santo, a vencer todo o pecado: o pecado do homem e o "pecado do mundo", enfim, o pecado em todas as suas manifestações.

Que se revele, uma vez mais, na história do mundo, a força salvífica infinita da redenção: a força do amor misericordioso! Que ele detenha o mal! Que ele transforme as consciências! Que se manifeste para todos, no vosso Imaculado Coração, a luz da esperança!»

O cardeal Bertone amarra então esse ato de consagração a um suposto documento, nunca apresentado, e que seria datilografado e assinado pela Irmã Lúcia em 8 de novembro de 1989. Leiamos as palavras dele:

«A Irmã Lúcia confirmou pessoalmente que este ato, solene e universal, de consagração correspondia àquilo que Nossa Senhora queria: "*Sim, está feita tal como Nossa*

> *Senhora a pediu, desde o dia 25 de março de 1984"* (carta de 8 de novembro de 1989). Por isso, qualquer discussão e ulterior petição não têm fundamento.»

A existência dessa carta é questionável; teria sido fundamental, ao menos, verificar a autenticidade da assinatura da Irmã Lúcia. Mas por que essa carta nunca foi apresentada?

De qualquer forma, a consagração realizada por João Paulo II, em 13 de maio de 1982, foi aceita pelo Exército Azul (*Blue Army*). John Haffert, um dos fundadores do apostolado, publicou na revista *Soul* uma suposta entrevista com a Irmã Lúcia (teria sido ela falsa?), na qual a vidente teria afirmado que a consagração da Rússia foi realizada na cerimônia de 13 de maio de 1982. No entanto, Hamish Fraser, outro membro proeminente do Exército Azul, protestou contra essa publicação.

Evidentemente, alguém estava mentindo, pois a vidente de Fátima sempre declarou que a consagração deveria mencionar "explicitamente" a Rússia. Essa exigência está evidenciada na carta manuscrita e assinada pela própria Irmã Lúcia, em correspondência privada com o padre salesiano Humberto Pasquale, datada de 13 de abril de 1980, e publicada pelo *L"Osservatore Romano*:

> «Respondendo à sua pergunta, esclareço: Nossa Senhora, em Fátima, no seu pedido, só se referiu à consagração da Rússia. Na carta que escrevi ao Santo Padre Pio XII, por indicação do confessor, pedi a consagração do mundo com menção explícita da Rússia...»

Essa carta também foi submetida por nós a uma análise grafotécnica, sobre a qual falaremos mais adiante. A confusão, como o leitor pode perceber, continuava a crescer. O Exército Azul corrigiu a publicação, mas acabou por reconhecer como válida a consagração de 1984, realizada na Praça de São Pedro por João Paulo II, mesmo sem menção explícita à Rússia. O Papa, posteriormente, declarou que a menção à Rússia havia sido feita em silêncio, no coração (*in pectore*).

Hamish Fraser faleceu em 1986, e o Exército Azul transformou-se no apostolado oficial de Fátima, recebendo pleno reconhecimento do Vaticano e adotando o nome *World Apostolate of Fatima* (WAF).

Diz-se que a Irmã Lúcia, em conversas privadas com amigos e familiares entre 1982 e 1983, negava repetidamente a validade da consagração de 1982. No entanto, ela mesma teria afirmado ao padre Joseph de Sainte Marie que precisaria de uma autorização oficial do Vaticano para fazer qualquer declaração sobre o assunto.

A resposta para essas aparentes contradições parece mais evidente do que os *Fatimistas* querem admitir: estamos diante de uma duplicidade de pessoas. A verdadeira Irmã Lúcia fazia declarações privadas para as poucas pessoas que ainda tinham acesso a ela, enquanto uma impostora, colocada em evidência, seguia as orientações do Vaticano. Uma vivia escondida; a outra, gradativamente, tornava-se mais exposta, atendendo às exigências que surgiam.

Os parentes mais próximos, que poderiam desmascarar a fraude, estavam quase todos mortos em 1989. Das irmãs de Lúcia, apenas Carolina ainda estava viva naquele período, mas faleceu em 1993. Mesmo assim, segundo o padre Kramer, fazia mais de 20 anos que Carolina não via a irmã.

O padre Gruner, fundador da revista *Fatima Crusade*, também percebeu que havia algo errado, mas não considerava a possibilidade, por mais absurda que pudesse parecer, de que uma impostora estivesse se passando pela Irmã Lúcia. Ele publicou diversos artigos contestando a matéria da revista *Soul* de 1982, apontando inconsistências sobre a consagração.

O Papa João Paulo II não poderia realizar uma consagração com menção explícita à Rússia pelo simples fato de que, ao fazê-lo, estaria dando razão ao arcebispo Lefebvre, que o denunciara publicamente por seus contínuos atos ecumênicos e contrários à Fé Católica. Como poderia um Papa que trabalhava pela unidade do gênero humano e pela Fraternidade Universal consagrar um país cismático ao Coração Imaculado de Maria? Tal ato implicaria o reconhecimento de que só há uma

verdadeira religião, algo que João Paulo II não poderia admitir, tanto por não acreditar nisso quanto por ser exatamente o que monsenhor Lefebvre afirmava. O arcebispo era a verdadeira pedra de tropeço para João Paulo II, mais do que a *Ostpolitik* do cardeal Casaroli.

A narrativa do Vaticano estava consolidada; não havia mais espaço para recuos. A outra Irmã Lúcia tornara-se peça-chave, não apenas para a política de João Paulo II, mas também para a execução do projeto final do Concílio Vaticano II, o chamado "Catolicismo de Israel". Politicamente, as coisas seguiram conforme os esforços do Papa. Em 10 de novembro de 1982, Brejnev faleceu, sendo sucedido por Yuri Andropov, ex-chefe da KGB. O presidente norte-americano Ronald Reagan via o cristianismo apenas como um instrumento útil para a Civilização. Sua aliança com o Papa polonês tinha o objetivo de mobilizar a consciência cristã do povo russo contra o ateísmo prático de seus líderes. Para ambos, Reagan e João Paulo II, o fato de a Rússia ser Ortodoxa era irrelevante. O utilitarismo religioso prevalecia; ambos eram humanistas.

O líder do movimento Solidariedade na Polônia, Lech Walesa, recebeu o Prêmio Nobel em 1983, um recado claro de que o Socialismo Real não era mais compatível com a realidade histórica de um mundo à beira de um novo milênio.

Foi nesse contexto que a Teologia da Libertação, proposta por setores esquerdistas do clero latino-americano, tornou-se um incômodo profundo para João Paulo II. Para ele, a Teologia da Libertação, mais do que seu idealismo socialista, representava o Socialismo Real, que ele combatia na Europa. Isso explica sua visita à Nicarágua, em 1983, onde repreendeu publicamente o padre sandinista Ernesto Cardenal com o dedo em riste. Era uma questão de agenda política, e não de doutrina; no fundo, esses homens seguiam princípios semelhantes.

Em 1984, Andropov faleceu e foi sucedido por Konstantin Chernenko. A velha guarda do Kremlin estava desaparecendo rapidamente. Onze meses depois, Chernenko também faleceu, e seu sucessor, Mikhail Gorbachev, finalmente pôde se sentar com Jaruzelski, o presidente comunista da Polônia, para repensar a situação da Polônia e da União Soviética.

CAPÍTULO XXIII

A falsa Irmã Lúcia e as entrevistas de 1992 e 1993

Em 11 de outubro de 1992, ocorreu a entrevista intitulada "*Duas horas com a Irmã Lúcia*", da qual participaram o Cardeal Antony Padyara, de Ernakulam, Índia; o Bispo Francisco Michaelappa, de Mysore, Índia; o Padre Francisco V. Pacheco, de Fortaleza, Brasil; e o Sr. Carlos Evaristo, que atuou como tradutor. Outra entrevista seria realizada no ano seguinte, em 1993.

Ambas as entrevistas reforçam o que temos afirmado: a duplicidade de pessoas, evidenciada pelas contradições gritantes entre a Irmã Lúcia pré-1967 e a pós-1967. As declarações dessa senhora, apresentada como Irmã Lúcia, chocavam-se com tudo o que era conhecido sobre Fátima, a ponto de até os mais experientes fatimólogos notarem as discrepâncias.

No entanto, a maior parte deles logo se acomodou, ignorando até mesmo o senso comum – algo que qualquer criança poderia perceber: "*Aquela não era a Irmã Lúcia.*"

Muitos *fatimistas* adotaram uma posição mais radical e rejeitaram a entrevista, considerando-a pouco confiável. O próprio Carlos Evaristo relatou ter sido acusado de ser agente da KGB, espião e alvo de subornos, além de ter sofrido ataques e até um sequestro por parte de pessoas que queriam silenciá-lo. Durante mais de dez anos, Evaristo moveu e venceu 12 ações judiciais em Portugal contra diversos grupos que o difamaram.

É trágico constatar até que ponto o apego a determinados pontos de vista levou algumas pessoas a desacreditarem o Sr. Carlos Evaristo e até mesmo a ameaçarem sua vida por causa de uma entrevista que,

obviamente, ele não forjou e na qual estava longe de ser o protagonista. Trata-se de uma tentativa patética de negar o óbvio.

Além disso, quem conhece bem o Sr. Evaristo sabe que ele é alguém com plena convicção acerca da versão oficial dos fatos e que, assim como os demais presentes, jamais havia encontrado a verdadeira irmã Lúcia.

O próprio Cardeal Antony Padyara enviou uma carta a Carlos Evaristo, agradecendo-o e confirmando a autenticidade da entrevista. A única nota de esclarecimento consta na página 16 do referido livro, onde se lê:

> «No dia 12 de março de 1998, o porta-voz do Papa João Paulo II, Dr. Joaquim Navarro Valls, prestou o seguinte esclarecimento público sobre estas palavras da Irmã Lúcia: *Gorbachev não pediu perdão ao Papa. Esta declaração está completamente incorreta. Mikhail Gorbachev não se ajoelhou perante o Papa e pediu perdão pelos seus pecados, como foi supostamente declarado pela Irmã Lúcia, de 89 anos de idade e única sobrevivente dos três videntes de Fátima. Nem é verdade nem plausível esta ocorrência contada pela Irmã Lúcia dos Santos aos Cardeais Padyara (Índia) e Vidal (Filipinas) durante uma série de conversas.*»

Vale destacar, como bem observou Carlos Evaristo, que essa foi a primeira declaração pública do Vaticano sobre Fátima desde 1960. Curiosamente, foi o único ponto desmentido de todo o conteúdo dessa entrevista.

A seguir, vejamos os principais pontos discutidos nesse encontro. A entrevista completa foi publicada por Carlos Evaristo em *Duas Entrevistas com a Irmã Lúcia* (Editora Regina Mundi Press, 1998).

Durante a conversa, o Cardeal Padyara perguntou à Irmã Lúcia se a consagração da Rússia, pedida por Nossa Senhora em 13 de junho de 1929, havia sido realizada pelo Papa João Paulo II no dia 25 de março de 1984. A resposta dela foi:

— Sim, sim, sim. A consagração já estava feita parcialmente. O Papa Pio XII fê-la em 1942, no dia 31 de outubro, mas faltava-lhe a união com todos os Bispos do mundo, que o Papa João Paulo II finalmente conseguiu reunir em 1984. O Papa Paulo VI também fez a consagração em Roma, no encerramento do Segundo Concílio Vaticano, com todos os Bispos do mundo presentes; e, nessa altura, perguntaram-me se Sua Santidade cumpriu o pedido de Nossa Senhora. Eu disse que "não" e expliquei que cada Bispo tinha que estar presente na sua própria diocese e não reunidos todos juntos num só lugar, porque a consagração era um apelo à união do povo de Deus. Em 1982, o Papa atual fez a consagração em Fátima.[97]

Quando indagada por Carlos Evaristo sobre a necessidade de mencionar explicitamente a Rússia no Ato de Consagração, a Irmã Lúcia respondeu:

— A intenção do Papa era a Rússia quando ele disse: "Aqueles povos..." no texto da consagração de 1984. Aqueles que sabiam do pedido para a consagração da Rússia sabiam ao que se referiu. Como também Deus, que é onisciente e pode ler os pensamentos dos homens. Deus sabia que a intenção do Papa era a Rússia e que ele se referiu à Rússia na consagração. O que importa é a intenção, tal como quando um sacerdote tem a intenção de consagrar uma hóstia.[98]

Carlos Evaristo, buscando maior clareza, reformulou a pergunta de maneira ainda mais direta:

— Mas Nossa Senhora não queria que a Rússia fosse especificamente mencionada?

97. *Duas Entrevistas com a Irmã Lúcia*, p. 19.

98. *Duas Entrevistas com a Irmã Lúcia*, p. 16.

Ao que ela respondeu:

— Nossa Senhora nunca pediu que a Rússia fosse especificamente mencionada pelo nome. Na altura, eu nem sabia o que era a Rússia. Nós pensávamos que ela era uma mulher má. O que conta é a intenção do Papa, e os Bispos sabiam que a intenção do Papa era a de consagrar a Rússia.[99]

Uma contradição chama atenção, pois, segundo o testemunho do Padre Salesiano Umberto Maria Pasquale, com quem a Irmã Lúcia trocou várias correspondências, ela teria dito o seguinte ao ser questionada se Nossa Senhora havia pedido uma consagração do mundo ao Seu Imaculado Coração:

— Não, Padre Umberto! Nunca! Na Cova da Iria, em 1917, Nossa Senhora prometeu: *"Eu virei pedir a consagração da Rússia... para impedir que ela espalhe seus erros pelo mundo, que haja guerras entre várias nações e perseguições à Igreja..."* Em 1929, em Tuy, tal como tinha prometido, Nossa Senhora voltou para me dizer que chegara o momento de pedir ao Santo Padre que fizesse a consagração daquela nação.

Em uma carta enviada ao Padre Pasquale, publicada no L"Osservatore Romano em 1980, a Irmã Lúcia declarou que a consagração realizada por Pio XII estava incompleta, pois deveria mencionar explicitamente a Rússia.

Na continuidade da sequência de perguntas, ela afirmou:

— Não há necessidade de consagrar a Rússia de novo, mas cada Bispo pode consagrar a sua própria diocese ao Coração Imaculado de Maria, se ele quiser.

Quando questionada se Nossa Senhora havia aceitado a consagração realizada pelo Papa João Paulo II, a

99. Ibidem.

Irmã Lúcia respondeu afirmativamente. Contudo, o mais surpreendente foi sua declaração de que a conversão da Rússia já havia ocorrido.

Carlos Evaristo, então, enfatizou:

— Mas a conversão da Rússia não é interpretada como a conversão do povo para o catolicismo?[100]

— Nossa Senhora nunca disse isso. Existem muitas más interpretações por aí. O fato é que, na Rússia, o poder comunista e ateísta impedia o povo de praticar a sua fé. As pessoas agora têm a escolha individual de ficar como estão ou de se converter. Agora estão livres para escolher, e de fato muitas conversões estão a acontecer; e aquele homem da Rússia, sem saber, foi um instrumento de Deus na conversão...[101]

Evaristo perguntou-lhe se ela se referia a Gorbachev, ao que ela respondeu:

— Sim, e quando visitou o Santo Padre em Roma, ele se ajoelhou aos pés do Papa pedindo perdão por todos os crimes que tinha cometido na sua vida.[102]

O mais impactante veio a seguir, quando ela se referiu à Segunda Grande Guerra Mundial. Segundo a Irmã Lúcia, Nossa Senhora mencionou apenas a Grande Guerra de 1914-1918:

— ... e da Segunda Guerra Mundial, que foi a maior guerra jamais vista na história do mundo, porque até essa altura o homem não possuía armas tão sofisticadas para matar. A Segunda Guerra Mundial foi uma guerra contra Deus, uma guerra do demônio, uma guerra do ateísmo,

100. *Duas Entrevistas com a Irmã Lúcia*, p. 17.

101. *Duas Entrevistas com a Irmã Lúcia*, p. 18.

102. Ibidem.

de apostasia, e uma guerra contra os judeus, que também continuam a ser o povo escolhido de Deus.[103]

Sobre o Terceiro Segredo, a conversa tornou-se ainda mais tensa. Vejamos como a entrevista está descrita nas páginas 20 e 21 do referido livro:

Carlos Evaristo — Mas Nossa Senhora não disse que o segredo tinha de ser revelado ao público até 1960, o mais tardar?

Irmã Lúcia — Nossa Senhora **nunca disse isso.** Nossa Senhora **disse que era para o Papa.**[104]

Obviamente, o Sr. Carlos Evaristo não tinha ideia da existência de um diário da Irmã Lúcia, no qual ela descrevia as palavras de Nossa Senhora ordenando que **fosse colocada, fora do envelope, a data de 1960, indicando que ele poderia ser aberto pelo Sr. Bispo de Leiria ou pelo Sr. Patriarca de Lisboa.** A existência desse diário só seria revelada em 2006. No entanto, quanto à "Irmã Lúcia" desconhecer o próprio diário...

Nesse momento, o Padre Pacheco, um sacerdote brasileiro presente, apertou o cerco, claramente desconfiado da situação:

Padre Pacheco — Nesse caso, o Terceiro Segredo era só para o Papa?

Irmã Lúcia — Sim.

Padre Pacheco — O Terceiro Segredo tem a ver com o Concílio Vaticano II?

Ninguém esperava por essa pergunta; estava, evidentemente, fora do script. A "Irmã Lúcia" respondeu com um:

— Não posso dizer.

---

103. Ibidem.

104. (*Grifo Nosso*)

Padre Pacheco — Mas Nossa Senhora é minha mãe, e tudo o que minha mãe tem pra mim, como filho, eu desejo saber... Antes de começar o Segundo Concílio Vaticano, a Irmã já era uma mulher adulta e já sabia das coisas que iam acontecer no mundo. Então, eu pergunto: já estava na cabeça da senhora que padre ia estar contra padre, bispo contra bispo, cardeal contra cardeal, e toda esta gente contra o Papa? Finalmente, toda esta confusão que existe na Igreja?

Nesse momento, a "Irmã Lúcia" voltou-se para Carlos Evaristo e, com um sorriso desajeitado, disse:

— Não consigo entender o seu português. Ele não fala português-português.

Carlos Evaristo — Sim, ele fala português brasileiro. Eu vou repetir.

Irmã Lúcia — Eu li documentos do Concílio, mas não li tudo.

Padre Pacheco — Irmã, eu não falo da literatura produzida pelo Concílio. Eu falo do que aconteceu depois do Concílio.

Irmã Lúcia — Eu li alguns problemas, mas não li tudo.

Mais adiante, Carlos Evaristo formulou uma pergunta extremamente interessante:

Carlos Evaristo — O Santo Padre pode revelar o Terceiro Segredo?

Irmã Lúcia — O Papa pode revelá-lo se ele quiser, mas eu aconselho-o a não revelar. Se ele decidir fazê-lo, eu aconselho muita prudência. Ele terá que ser muito prudente.[105]

Se o segredo revelado pelo Vaticano e sua interpretação oficial se referiam a um fato passado – o atentado contra o Papa João Paulo II –, por que seria necessária tanta prudência para revelá-lo? Parece evidente

105. *Duas Entrevistas com a Irmã Lúcia*, pp. 20-21.

que a "Irmã Lúcia" desconhecia o texto do segredo. O mais intrigante, contudo, é que, como veremos, na carta de 1982 que ela entregou ao Papa João Paulo II em Fátima, a interpretação do segredo, que só seria apresentada pelo Vaticano em 2000, já estava implicitamente ali. Isso é particularmente evidente no que diz respeito ao comentário teológico do Cardeal Ratzinger, apresentado como complemento dessa interpretação.

A transcrição dessa entrevista, curiosamente, não gerou qualquer reação do Apostolado Mundial de Fátima, anteriormente conhecido como Exército Azul. John Haffert, um dos fundadores do apostolado, já estava plenamente alinhado com o Vaticano desde, pelo menos, 1984, em relação à Consagração da Rússia e à versão oficial de Fátima apresentada pela Santa Sé. Haffert faleceu em 2001, um ano após a revelação do texto do Terceiro Segredo de Fátima pelo Vaticano.

Vale destacar alguns pontos sobre John Haffert. Além de ser um dos fundadores do Exército Azul, ele também criou a Fundação Oureana, da qual o Sr. Carlos Evaristo é o atual presidente vitalício. Carlos Evaristo conheceu Haffert por ocasião da referida entrevista. Haffert era um bilionário, proprietário de uma importante agência de viagens e dono de dois Boeings 737. Foi dele a ideia de organizar peregrinações internacionais com a imagem da Virgem de Fátima, conhecida como "Peregrina". Ele mandou confeccionar duas imagens, sendo uma destinada aos Estados Unidos.

Nos EUA, Haffert era chamado de "*Mr. Fatima*" e se tornou um pioneiro das peregrinações internacionais. Sua empresa aérea operou essas rotas por mais de meio século, com escala em Portugal três vezes por semana. Segundo Carlos Evaristo, Haffert trouxe pessoalmente a Fátima, com passagem pelo Castelo de Ourém, cerca de 3,5 milhões de pessoas. Sua agência de viagens atingiu a marca de 30 milhões de clientes.

Sem dúvida, o Exército Azul explorou comercialmente o potencial religioso de Fátima. Esse fato talvez explique o descaso de seus membros em relação ao combate liderado por Dom Marcel Lefebvre contra os erros do Concílio Vaticano II, bem como sua aceitação passiva de toda a fraude envolvendo Fátima.

Outro personagem relevante ligado a esses fatos é o falecido Dr. Frederick T. Zugibe. A seguir, reproduzimos uma entrevista concedida por ele a Steve Mahowald, editor do *Catholic News & Commentary*, publicada em outubro de 2003. Apresentamos o texto na íntegra para garantir fidelidade aos fatos:

> «Há quem especule há anos sobre a longevidade da Irmã Lúcia, que completou 96 anos. Alguns propõe que lhe tenha sido dada uma vida longa para cumprir mais uma tarefa, a de confirmar de uma vez por todas se a Consagração da Rússia ainda não foi feita e que deve ser realizada conforme o pedido de Nossa Senhora para trazer a paz.
>
> Muitos rumores propõe que, a Irmã Lúcia esteja trancada num claustro, uma prisioneira virtual, incapaz de dar a conhecer os seus verdadeiros pensamentos devido à sua obediência aos seus superiores. Foi ainda proposto que ninguém possa encontrar-se com ela sem a permissão de Cardeal Ratzinger, da congregação para a doutrina da Fé.
>
> Fiquei, portanto, um pouco surpreso quando um dos meus leitores me alertou sobre a seguinte notícia, publicada em spiritdaily.org no ano passado: *o Dr. Zugibe foi convidado a apresentar suas descobertas (sobre a crucificação) às freiras carmelitas em Coimbra, Portugal, incluindo a famosa vidente de Fátima, a Irmã Lúcia.*
>
> O médico passou duas horas na presença da visionária e constatou que ela tinha um forte senso de humor e estava em "excelente" condição física, apesar da idade — 95 anos na época. Eis o relato:
>
> "Ela nos contou todo tipo de histórias sobre quando era jovem e coisas interessantes", conta o Dr. Zugibe sobre sua conversa com ela. "Ela fez rosários e os deu para mim e para minha esposa, além de um exemplar de seu livro. Eu disse: Quero lhe fazer uma pergunta direta: A Rússia foi consagrada ao imaculado Coração de Maria ou não?

Porque há toda esta controvérsia sobre isso." Ela disse-me com estas palavras: "Está feito. O Santo Padre o fez. E você pode contar aos seus amigos que foi feito."

Certamente, essa não foi a primeira vez que surgiram relatos de Portugal afirmando que a Irmã Lúcia havia declarado que a consagração tinha sido realizada. O que, então, torna o relato do Dr. Zugibe diferente dos outros? É outra tentativa de nos incitar a seguir a linha partidária do Vaticano? Mais fumaça e espelhos?

Ou há algo realmente diferente aqui? Querendo ter certeza de que havia compreendido a história corretamente, solicitei uma entrevista com o Dr. Zugibe, com a qual ele gentilmente concordou.

Entrevista com o Dr. Zugibe:

Steve Mahowald — Há muitos anos que é opinião comum que a Irmã Lúcia foi silenciada tanto nas questões do segredo como da promessa de Fátima. Era essa a sua impressão antes da sua viagem a Portugal?

Dr. Zugibe — Bem, antes disso eu tinha ouvido, através dos escritos de um padre em particular, através destas longas dissertações, que a tia da Irmã Lúcia, ou alguém tinha dito que, não havia sido feito, ou que não havia sido feito corretamente, porque tinha que ter a presença de todos os Bispos.

Steve Mahowald — Deixe-me trazê-lo de volta à questão, já chegaremos nisso, mas antes de você ir para lá, você tinha a impressão de que ela estava em silêncio sobre esses assuntos, antes de você viajar para Portugal?

Dr. Zugibe — Não. Tive a impressão de que a Irmã lúcia tinha verificado a um padre em particular, e a todos os outros, que isso não havia sido feito corretamente.

Steve Mahowald — Por que você foi lá? Em que circunstâncias lhe foi permitido visitar a Irmã Lúcia no seu claustro?

Dr. Zugibe — Fui convidado pelas irmãs para ir a Coimbra, para dar a minha palestra sobre a crucificação. E também, eu havia enviado uma carta antes, porque meu filho teve problemas de saúde alguns anos antes e pediu para que a Irmã Lúcia rezasse por ele e a sobrinha da Irmã Lúcia, através de uma amiga minha que conhecia os parentes dela, atendeu o pedido e até pediram uma foto dele. Ela rezou põe ele e ele ficou bem. Então senti, ao mesmo tempo, que devia agradecer à Irmã Lúcia pelas orações.

Fui e fiz a palestra sobre a crucificação, a Irmã Lúcia e todo o grupo estavam presentes. Na verdade, a Irmã Lúcia me recebeu de braços abertos, quando perguntei a superiora se poderia tirar algumas fotos com ela, pois sabia que não era permitido, ela disse que não se importava nenhum pouco. Ela permitiu que tirássemos várias fotos e conversamos sobre muitos assuntos.[106]

Então fui em frente, naquele momento específico e disse: Não sei se isso está proibido aqui, mas tenho ouvido muitos rumores e muitas ideias diferentes. Gostaria de lhe perguntar, irmã: a Consagração da Rússia foi feita ou não? Ouvi dizer que sim, mas que não foi corretamente e assim por diante. A Irmã Lúcia olhou-me nos olhos e disse a mim e a minha esposa: "Foi feito. O Santo padre assim quis. Foi feito, e você pode contar aos seus amigos que foi feito (...)"

Steve Mahowald — Doutor, não se trata de sua credibilidade, como você responderia àquelas pessoas que afirma que a pessoa que lhe foi apresentada não era a Irmã Lúcia?

Dr. Zugibe — Tal afirmação seria totalmente absurda. Vou lhe contar por que era a Irmã Lúcia: há alguns anos, me procuraram, era um homem chamado Carlos Evaristo, ele havia escrito alguns livros sobre pontos turísticos em Portugal, ele havia escrito uma carta ao chefe de polícia sobre a Irmã Lúcia, com algumas fotografias sua com ela. Ele

106. Observe, leitor, que a essa altura, a falsa Irmã Lúcia já se expunha sem problemas. (*Nota do Autor*)

> pensou que não era a Irmã Lúcia, queria saber se o chefe de polícia conhecia algum perito forense que pudesse comparar aquelas fotografias com outras fotografias conhecidas da Irmã lúcia. Ele veio até mim, e eu fiz um estudo completo, chamado de estudo antropomórfico das fotos, e demonstrei que era definitivamente a mesma pessoa. Estou muito familiarizado com a aparência da Irmã Lúcia, sei exatamente como ela é.»

O Dr. Frederick T. Zugibe faleceu em 2013 e está sepultado na Fundação Oureana, criada por John Haffert e atualmente presidida por Carlos Evaristo. Recentemente, a Fundação assinou um protocolo com o Carmelo de Coimbra para apoiar o "Arquivo Irmã Lúcia". Nesse local, encontra-se o simulacro da Irmã Lúcia (a outra) na Regalis Lipsanotheca, preparado para futura veneração, junto a outras relíquias de santos.

Diante desses fatos, propomos ao leitor o seguinte problema, considerando três hipóteses:

1ª hipótese: Havia, de fato, uma impostora ocupando o lugar da vidente de Fátima.

2ª hipótese: A verdadeira Irmã Lúcia, em várias ocasiões, afirmou sobre Fátima o oposto do que dizia antes, alinhando-se à apostasia do clero e às diretrizes do Concílio Vaticano II.

3ª hipótese: O Concílio Vaticano II cumpriu os desejos de Nossa Senhora, e João Paulo II foi, de fato, o Papa de Fátima.

Carlos Evaristo e o Blue Army optaram pela terceira hipótese. Os que negam a possibilidade de uma impostora fatalmente aceitam a segunda hipótese e transformam Fátima em um terreno instável, muitas vezes sem perceber. Afinal, se a Irmã Lúcia se contradisse depois, por que não poderia ter se contradito antes, em relação à mensagem de Fátima?

Eu sigo a primeira hipótese, considerando todas as implicações que ela envolve. No entanto, ainda podemos afirmar: se esses homens foram capazes de introduzir na Igreja uma nova religião, que inclui o culto ao homem, por que não seriam capazes de realizar uma fraude como essa?

CAPÍTULO XXIV

O colóquio da falsa Irmã Lúcia com Dom Bertone

Em 1989, durante o histórico encontro no Vaticano entre o Papa João Paulo II e o Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev, o Pontífice definiu sua petição aos dirigentes comunistas nos seguintes termos:

> «Temos esperado, com grandes angústias e expectativas, pela adoção, em seu País, de uma lei sobre a liberdade de consciência. Esperamos que a adoção de uma lei desse tipo conduza a uma ampliação das possibilidades de vida religiosa para todos os cidadãos soviéticos. Uma pessoa passa a ter fé por sua livre vontade; é impossível forçar alguém a crer.»

Nesse breve parágrafo, o Papa João Paulo II expunha a doutrina liberal do Concílio Vaticano II, que exaltava a liberdade de consciência como um bem em si mesma — doutrina já condenada pelo Papa Gregório XVI na Encíclica *Mirari Vos* de 1832. Agindo mais em nome da democracia moderna do que em nome de Cristo, ele relativizava a verdade, que deveria estar acima da liberdade. Para Gorbachev, isso era suficiente, pois, no fundo, ele também era um liberal, apesar de ocupar o cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista.

A União Soviética, em decorrência das reformas liberais de abertura política e econômica promovidas por Gorbachev, entrou em colapso. O grande símbolo desse acontecimento foi a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. O regime comunista no Leste Europeu chegava ao fim, e João Paulo II assistia, pela televisão, o povo celebrando, na Praça Vermelha, o colapso da União Soviética, no dia 31 de dezembro de 1991.

Contudo, um evento ocorrido no início daquele ano deixaria uma marca ainda mais profunda na história e, um dia, será reconhecido como tal. Em 25 de março de 1991, na festa da Anunciação, Dom Marcel Lefebvre entregava sua alma a Deus. Seu falecimento, decorrente de um câncer, foi marcado por coragem e resignação em meio a um longo sofrimento silencioso, sem qualquer queixa. Ele morreu com odores de santidade.

Na mesma época, João Paulo II começou a manifestar os primeiros sinais da doença de Parkinson. A mesma mão que havia assinado a injusta excomunhão daqueles que ousaram dizer a verdade começou a tremer. No ano seguinte, o Papa submeteu-se a uma cirurgia para a remoção de um tumor benigno. Em novembro de 1993, escorregou em um carpete recém-instalado, caiu vários degraus e quebrou o ombro direito. Quatro meses depois, sofreu outra queda em sua banheira, quebrando o fêmur, o que resultou em sua internação na Policlínica Gemelli para a substituição do quadril.

O Vaticano manteve em segredo sua doença de Parkinson por 12 anos, só a tornando pública em 2003.

No ano 2000, o mundo vivia grande expectativa com a chegada do novo milênio. Rumores sobre o fim dos tempos surgiam por toda parte, enquanto agitações políticas ocorriam tanto no cenário global quanto no Vaticano, que celebrava o Grande Jubileu. Nesse contexto, a FSSPX realizou uma peregrinação a Roma, demonstrando a vitalidade de suas vocações e a força da tradição abandonada pelo Concílio.

Entretanto, o Papa João Paulo II estava determinado a não olhar para trás: ou a FSSPX se submetia à autoridade papal, ou continuaria condenada por ele.

Movido pelo otimismo de uma nova era para o milênio que se iniciava, após rumores apocalípticos não se confirmarem, o Papa anunciou sua ida a Fátima para a beatificação de Francisco e Jacinta, os dois pastorinhos. A cerimônia foi marcada para o dia 13 de maio. Antes disso, enviou uma carta à Irmã Lúcia, datada de 19 de abril de 2000:

Reverenda Irmã Lúcia,

Na exultância das festas pascais, apresento-lhe os votos de Cristo Ressuscitado aos discípulos: "A paz esteja contigo!"

Terei a felicidade de poder encontrá-la no tão aguardado dia da beatificação de Francisco e Jacinta que, se Deus quiser, beatificarei no próximo 13 de maio.

Tendo em vista, porém, que naquele dia não haverá tempo para um colóquio, mas somente para uma breve saudação, encarreguei expressamente de vir falar consigo Sua Excelência Monsenhor Tarcísio Bertone, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé. É a congregação que elabora, mais diretamente com o Papa, para a defesa da verdadeira fé católica, e que conservou, como saberá, desde 1957, a sua carta manuscrita contendo a terceira parte do segredo revelado no dia 13 de julho de 1917, na Cova da Iria, em Fátima.

Monsenhor Bertone, acompanhado pelo Bispo de Leiria, Sua Excelência Monsenhor Serafim de Souza Ferreira e Silva, vem em Meu nome fazer-lhe algumas perguntas sobre a interpretação da "terceira parte do segredo".

Reverenda Irmã Lúcia, pode falar abertamente e sinceramente a Monsenhor Bertone, que Me referirá diretamente as suas respostas.

Peço ardentemente à Mãe do Ressuscitado pela reverenda Irmã, pela Comunidade de Coimbra e por toda a Igreja.

Maria, Mãe da humanidade peregrina, nos mantenha sempre estreitamente unidos a Jesus, Seu dileto Filho e nosso Irmão, Senhor da vida e da glória.

Com uma especial Bênção Apostólica.

O Papa encarregou o Arcebispo Tarcísio Bertone de obter o parecer da Irmã Lúcia sobre a interpretação que o Vaticano havia preparado. É provável que João Paulo II desconhecesse que aquela mulher não era a verdadeira vidente de Fátima. Na verdade, tudo aponta para uma farsa

que, a cada novo ato, se tornava mais indispensável e, ao mesmo tempo, impossível de ser desfeita, pois, claramente, já se havia ido longe demais.

A falsa Irmã Lúcia não poderia ter conhecimento do texto do segredo, muito menos de sua interpretação. É provável que o Cardeal Ratzinger, como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, soubesse da verdade, o que explicaria sua decisão de isolar a cela da falsa Irmã Lúcia logo após seu falecimento, em 2005, para que fosse periciada por inspetores enviados por ele. Também é possível que o Arcebispo Bertone estivesse ciente desses fatos ao se encontrar com a falsa Irmã Lúcia, orientando-a sobre como agir dali em diante, dado que ela certamente seria exposta publicamente de forma mais intensa.

Vale destacar que, desse encontro com a "Irmã Lúcia", o Arcebispo Bertone não produziu nenhum registro gravado ou escrito. Tudo o que sabemos provém da descrição que ele mesmo forneceu:

> O encontro da Irmã Lúcia com Sua Ex.cia Rev.ma Dom Tarcísio Bertone, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, por encargo recebido do Santo Padre, e Sua Ex.cia Rev.ma Dom Serafim de Souza Ferreira e Silva, Bispo de Leiria-Fátima (ele só foi nomeado bispo coadjutor de Leiria-Fátima em 7 de maio de 1987, e provavelmente nunca viu a verdadeira Irmã Lúcia) teve lugar a 27 de abril passado, no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra.
>
> A Irmã Lúcia estava lúcida e calma, dizendo-se muito feliz com a ida do Santo Padre a Fátima (seria o terceiro encontro dela com o Papa) para a beatificação de Francisco e Jacinta, há muito desejada por ela.
>
> O Bispo de Leiria-Fátima leu a carta autografada do Santo Padre, que explicava os motivos da visita. A Irmã Lúcia disse sentir-se muito honrada e releu pessoalmente a carta, comprazendo-se de vê-la nas suas próprias mãos. Declarou-se disposta a responder francamente a todas as perguntas.

Então, o senhor Dom Tarcísio Bertone apresenta-lhe dois envelopes: um exterior que tinha dentro outro com a carta onde estava a terceira parte do segredo de Fátima. Tocando esta segunda com os dedos, logo exclamou:

— É a minha carta.

E depois de a ler, acrescentou:

— É a minha letra.

Com o auxílio do Bispo de Leiria-Fátima, foi lido e interpretado o texto original, que está em língua portuguesa. A Irmã Lúcia concorda com a interpretação de que a terceira parte do segredo consiste em uma visão profética, comparável às da História Sagrada. Ela reafirma sua convicção de que a visão de Fátima se refere, sobretudo, à luta do comunismo ateu contra a Igreja e os cristãos, descrevendo o imenso sofrimento das vítimas da fé no século XX.

Pergunta:

— O personagem principal da visão é o Papa?

A Irmã Lúcia responde imediatamente que sim, e recorda como os três pastorinhos sentiam muita pena pelo sofrimento do Papa, e Jacinta repetia: "Coitadinho do Santo Padre. Tenho muita pena dos pecadores!"

A Irmã Lúcia continua:

— Não sabíamos o nome do Papa; Nossa Senhora não nos disse o nome do Papa. Não sabíamos se era Bento XV, Pio XII, Paulo VI ou João Paulo II, mas que era o Papa que sofria, e isso fazia-nos sofrer a nós também.

Quanto à passagem relativa ao Bispo vestido de branco, isto é, o Santo Padre, como logo perceberam os pastorinhos durante a visão — que é ferido de morte e cai

por terra[107] —, a Irmã Lúcia concorda plenamente com a afirmação do Papa: "Foi uma mão materna que guiou a trajetória da bala, e o Santo Padre agonizante deteve-se no limiar da morte."[108]

Uma vez que a Irmã Lúcia, antes de entregar ao Bispo de Leiria-Fátima o envelope selado com a terceira parte do segredo, havia escrito no envelope exterior que ele só poderia ser aberto depois de 1960 pelo Patriarca de Lisboa ou pelo Bispo de Leiria.

Dom Bertone perguntou-lhe:

— Por que o limite de 1960? Foi Nossa Senhora que indicou essa data?

A resposta da Irmã Lúcia foi:

— Não foi Nossa Senhora; fui eu que coloquei a data de 1960, pois, segundo minha intuição, antes de 1960 não se compreenderia; só se entenderia depois. Agora pode-se compreender melhor. Eu escrevi o que vi; a interpretação não compete a mim, mas ao Papa.

Por fim, alude-se ao manuscrito não publicado que a Irmã Lúcia preparou para responder a muitas cartas de devotos peregrinos de Nossa Senhora. A obra, intitulada "Os Apelos da Mensagem de Fátima", contém pensamentos e reflexões que exprimem, em chave catequética e parenética, seus sentimentos e espiritualidade cândida e simples. Perguntou-se se ela gostaria que fosse publicado, ao que a Irmã Lúcia respondeu:

— Se o Santo Padre estiver de acordo, fico contente; caso contrário, obedeço ao que ele decidir.

---

107. Na verdade, o Santo Padre, no texto, não é apenas ferido de morte; ele morre de fato. (*Nota do Autor*)

108. JOÃO PAULO II. Meditação com os Bispos Italianos, a partir da Policlínica Gemelli, 13 de maio de 1981.

> A Irmã Lúcia deseja submeter o texto à aprovação da Autoridade Eclesiástica, esperando que seu escrito possa guiar homens e mulheres de boa vontade no caminho que conduz a Deus, meta última de todo o anseio humano.
>
> O colóquio termina com uma troca de terços: à Irmã Lúcia foi dado o terço oferecido pelo Santo Padre, e ela, por sua vez, entregou alguns terços confeccionados pessoalmente por ela.
>
> A bênção concedida em nome do Santo Padre concluiu o encontro.[109]

Além da ausência de qualquer registro gravado, o que seria essencial dada a importância histórica do encontro, é difícil acreditar que, de uma conversa tão significativa, restem apenas algumas poucas linhas como registro. O relato disponível sugere que a conversa seguiu um roteiro previamente preparado, como se pode perceber pelos seguintes pontos:

1. **A "Irmã Lúcia" concorda que o personagem principal da visão é o Papa:** Para reforçar a narrativa do Vaticano de que o segredo se referia a um Papa específico e não alegoricamente ao Papado, ela cita as conversas com Jacinta. No entanto, essas conversas já eram conhecidas, pois estão registradas na *Primeira Memória*, finalizada pela Irmã Lúcia em dezembro de 1935.
2. **A "Irmã Lúcia" concorda imediatamente que o Papa da visão "cai ferido por terra":** A verdadeira Irmã Lúcia saberia que, na visão do Terceiro Segredo, o Santo Padre cai morto após ser alvejado. Existe uma diferença crucial entre "cair ferido" e "morrer", o que torna essa concordância altamente questionável.
3. **A afirmação sobre a "mão materna" e a trajetória da bala:** Segundo o relato, a "Irmã Lúcia" concordou plenamente com a famosa frase atribuída ao Papa João Paulo II: "Foi uma mão

109. *Memórias da Irmã Lúcia*. Compilação do padre Luís Kondor, SVD.

> materna que guiou a trajetória da bala, e o Santo Padre agonizante deteve-se no limiar da morte." Essa frase também foi repetida por Monsenhor Stanislau Dziwisz, secretário pessoal de João Paulo II, conhecido por suas ligações com o Opus Dei. Contudo, na carta de 1982 entregue pessoalmente pela Irmã Lúcia a João Paulo II, não há qualquer menção ao atentado de 13 de maio de 1981, tampouco se estabelece relação entre esse evento e o Terceiro Segredo. É evidente que, naquele momento, ela não tinha conhecimento de uma operação em curso para associar o Terceiro Segredo à tentativa de assassinato do Papa.

Antonio Socci, em *O Quarto Segredo de Fátima*, levanta ainda outra questão importante ao analisar as palavras de João Paulo II na entrevista concedida a Vittorio Messori, publicada no livro *Cruzando o Limiar da Esperança* (1994), muitos anos após o atentado:

> «Quando fui atingido pelo projétil no atentado da Praça de São Pedro, não notei a princípio, que se tratava precisamente do aniversário da primeira aparição de Maria aos pastorinhos de Fátima, Portugal, dirigindo-lhes aquelas palavras que, com o fim do século, parecem aproximar-se de seu cumprimento.»

Nota-se que João Paulo, na frase final do parágrafo citado, *"parecem aproximar-se de seu cumprimento..."*, sugere que o segredo ainda estaria por se cumprir. Em outro trecho, ele diz: *"Talvez seja também por isso que o Papa foi chamado de "um país distante"; talvez por isso o atentado na Praça de São Pedro precisasse ocorrer precisamente no dia 13 de maio de 1981, aniversário da primeira aparição de Fátima, para que tudo isso se tornasse mais transparente e compreensível, para que a voz de Deus, que fala na História do homem e através dos "sinais dos tempos", pudesse ser mais facilmente ouvida e compreendida"*. É possível concluir que, de fato, a interpretação de que o segredo havia se cumprido em 13 de maio de 1981 ainda não estava madura na mente do Papa; embora ele admitisse a possibilidade de aquele acontecimento fazer parte da profecia, ainda não o via como seu desfecho.

4. **A questão mais absurda desse colóquio envolve a data de 1960:** Perguntada sobre o assunto por Dom Bertone, a "Irmã Lúcia" respondeu que não foi Nossa Senhora quem lhe disse para escrever essa data no envelope, mas que teria sido uma ideia dela. No entanto, existe um manuscrito da verdadeira Irmã Lúcia, de 1944, publicado em 2013 pelo Carmelo de Coimbra (*Um Caminho sob o Olhar de Maria*), no qual ela afirma textualmente as palavras de Nossa Senhora:

> «Não temas, quis Deus provar a tua obediência, Fé e humildade, está em paz e escreve o que te mandam, não, porém, o que te é dado entender do seu significado. Depois de escrito, encerra-o num envelope, fecha-o e lacra-o e escreve por fora, que só pode ser aberto em 1960, pelo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa ou pelo Sr. Bispo de Leiria.»

De quem é, afinal, a responsabilidade por essa flagrante mentira? Do Cardeal Bertone ou da falsa Irmã Lúcia? O certo é que, naquela ocasião, ambos desconheciam esse documento manuscrito; caso contrário, não se exporiam a tamanha contradição.

Outro ponto mencionado por Bertone sobre essa entrevista foi que o resultado do encontro teria sido fundamental para a decisão do Papa de tornar público o Terceiro Segredo. Essa afirmação soa ainda mais absurda, porque o segredo não precisava de permissão da Irmã Lúcia para ser publicado; a data para sua revelação estava claramente escrita no envelope: 1960. Desde então, a verdadeira Irmã Lúcia jamais se opôs ou impôs quaisquer condições à sua publicação.

A mentira, como sempre, gera situações desconcertantes devido às suas contradições inerentes. O que o Papa realmente desejava era o aval da "Irmã Lúcia" para validar a interpretação que o Vaticano apresentaria. Ela precisava, evidentemente, saber exatamente o que seria dito em 13 de maio de 2000 pelo Cardeal Ângelo Sodano, para que pudesse responder às várias perguntas de Dom Bertone de maneira a confirmar, palavra por palavra, a versão oficial.

CAPÍTULO XXV

O Terceiro Segredo enfim revelado

O Opus Dei exerceu forte influência e pressão sobre a vida da Irmã Lúcia. Josemaría Escrivá soube explorar a fama de santidade e o prestígio que ela possuía, não apenas perante as autoridades eclesiásticas, mas também diante das instâncias políticas, para consolidar a presença da Obra em Portugal. Ao que tudo indica, foi por meio da influência de Escrivá no Vaticano, especialmente junto ao então Secretário de Estado do Papa Pio XII, Giovanni Montini, que se obteve a permissão papal para que a Irmã Lúcia deixasse a congregação das Irmãs Doroteias e adotasse o hábito carmelita, justamente em Coimbra, onde já se encontrava instalado o primeiro centro operacional do Opus Dei no país. Também coube à Obra a condução da operação que impôs silêncio à vidente de Fátima após sua célebre entrevista, em 1959, com o Padre Augustin Fuentes. A partir de então, apenas as publicações alinhadas aos interesses do Opus Dei sobre Fátima seriam permitidas.

A influência da organização rapidamente se estendeu aos mais elevados postos do Vaticano, especialmente após a ascensão de João Paulo II ao trono pontifício. Desde então, o Opus Dei tornou-se o principal articulador da narrativa conservadora, liberal e anticomunista que se disseminou na direita católica. Seus tentáculos envolveram a mensagem de Fátima, transformando-a em um instrumento político de poder e finanças.

A relação entre Karol Wojtyła e o Opus Dei iniciou-se ainda nos anos 1960, consolidou-se na década seguinte e atingiu seu auge nos anos 1980 e 1990, período em que a organização ascendeu à cúpula do Vaticano. Com influência nos cargos mais estratégicos, a Obra interferiu diretamente no projeto político-teológico da Igreja pós-conciliar, desempenhando um papel fundamental na implementação das reformas

do Concílio Vaticano II sob a liderança de João Paulo II e a orientação teológica de Josef Ratzinger. Não é exagero afirmar que, nas últimas quatro décadas, a Igreja Católica foi moldada à imagem e semelhança da estrutura e dos princípios estabelecidos por Escrivá de Balaguer.

O Opus Dei já cortejava Karol Wojtyła desde os anos 1970, reconhecendo nele o possível sucessor de Paulo VI, e exerceu influência decisiva no conclave que o elegeu. A estratégia foi meticulosamente traçada, contando com o apoio do arcebispo de Munique, Josef Ratzinger, dos cardeais americanos ligados à Obra, J. Joseph Krol e J. Patrick Cody, e do arcebispo de Viena, cardeal Franz König, um entusiasta declarado do Opus Dei. O centro de operações foi a Villa Tevere, quartel-general da organização em Roma, onde Wojtyła, antes de entrar no conclave do qual sairia Papa, fez questão de rezar diante do túmulo de Escrivá de Balaguer.

Após sua eleição, João Paulo II iniciou uma série de nomeações estratégicas de eclesiásticos ligados ao Opus Dei para postos-chave no Vaticano. O espanhol Martínez Somalo, anteriormente núncio na Colômbia, conservador e diretamente vinculado à Obra, foi designado substituto da Secretaria de Estado. O cardeal Pietro Pallazzini, igualmente associado ao Opus Dei, assumiu a função de prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, impulsionando o processo de canonização de Escrivá, iniciado em maio de 1981, apenas seis anos após sua morte.

Um dos avanços mais significativos da influência do Opus Dei no Vaticano foi a nomeação de Joaquín Navarro-Valls, médico espanhol e membro numerário da Obra, para o cargo de diretor do Serviço de Imprensa da Santa Sé. Sob seu comando, a mídia vaticana foi amplamente direcionada para garantir o êxito do programa de reformas do Papa polonês, tanto no campo doutrinal quanto no político. Contudo, o ápice da ascensão do Opus Dei foi a obtenção do status de prelazia pessoal, concedido de forma inédita na história da Igreja.

Durante a 32ª Assembleia dos Bispos espanhóis, o cardeal Dom Vicente Enrique y Tarancón, arcebispo de Madri e presidente da

Conferência Episcopal, informou aos prelados que o Opus Dei buscava tornar-se uma prelazia pessoal e obter um bispo próprio. Paralelamente, nos bastidores, manobras secretas estavam em andamento. A Obra articulava-se com o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho), então presidido pelo colombiano Alfonso López Trujillo, um dos principais expoentes da ala conservadora e discípulo do cardeal Sebastiano Baggio, prefeito da Congregação para os Bispos e fervoroso defensor do Opus Dei, que patrocinava a nova estrutura jurídica da organização.

A revista *Vida Nueva* revelou, em novembro de 1979, os planos para a transformação canônica do Opus Dei, o que causou grande alvoroço dentro da instituição, que imediatamente acusou a publicação de ter obtido os documentos de forma ilícita. A revista chegou a ser pressionada a suspender a impressão do dossiê, mas a informação era autêntica: desde pelo menos 1979, o Opus Dei vinha empreendendo esforços para alcançar um status canônico jamais concedido a qualquer outra instituição laical na história da Igreja.

O desfecho desse processo ocorreu com a promulgação da Constituição Apostólica *Ut Sit*, assinada em 28 de novembro de 1982 e publicada no *L'Osservatore Romano* em 21 e 22 de março de 1983, que oficializou o Opus Dei como prelazia pessoal. João Paulo II foi o pontífice que a Obra precisava. Não surpreende, portanto, que nenhum dos apostolados de Fátima tenha manifestado apoio à posição do arcebispo Lefebvre quanto ao Concílio Vaticano II; todos permaneceram fiéis ao Papa e à sua corte ligada ao Opus Dei. Assim, foi essa complexa rede de poder que pavimentou o caminho para a ascensão da Obra ao status de prelazia pessoal, conferindo-lhe a condição de uma espécie de diocese supraterritorial, isenta da jurisdição dos bispos locais e submetida exclusivamente à autoridade direta do Papa.

Certamente, o Opus Dei dispunha dos meios necessários para utilizar uma outra Irmã Lúcia, caso isso fosse conveniente. Detinha poder no Vaticano, em Coimbra e em Fátima, além de vastos recursos financeiros, influência política e controle midiático. Se uma outra Irmã Lúcia foi

utilizada em benefício do pontificado de João Paulo II, apenas o Opus Dei teria condições de realizar tal façanha. A Obra possuía tanto os meios quanto os motivos. Não afirmo que o tenha feito, mas que tinha plena capacidade de fazê-lo, tanto em 1967 quanto a partir de 1982.

A causa imediata seria, sem dúvida, a consolidação de sua posição dentro e fora da Igreja. Apresentar João Paulo II como o Papa de Fátima, justamente no momento em que o comunismo desmoronava na Europa, representaria também a coroação espiritual do Opus Dei, que passaria a se apresentar como a verdadeira *Obra de Deus*, aprovada pela Virgem Maria em Fátima. Segundo essa narrativa, teria sido a mesma Virgem a salvar a vida de João Paulo II para que ele pudesse elevar o Opus Dei à condição de prelazia pessoal e canonizar seu fundador. Essa, de fato, é a essência da interpretação que o Vaticano deu ao texto do Terceiro Segredo de Fátima.

Não por acaso, apenas dois anos depois, em 2002, Escrivá de Balaguer foi canonizado por João Paulo II, em um dos processos mais rápidos e controversos da história da Igreja. A influência do Opus Dei, que guiou esses acontecimentos, atingiu seu auge sob o cardeal Ângelo Sodano, um dos assessores mais próximos de João Paulo II desde junho de 1991, quando assumiu o cargo de Secretário de Estado do Vaticano, após a renúncia do cardeal Agostino Casaroli.

O cardeal Ratzinger, por sua vez, foi o responsável por conduzir as entrevistas com a Irmã Lúcia em 1992 e 1993. Em 1996, realizou uma visita enigmática ao Carmelo de Coimbra, solicitando um colóquio privado com a vidente. Sodano e Ratzinger prepararam, assim, o cenário para a grandiosa encenação midiática em Fátima, culminando na interpretação oficial do Terceiro Segredo, que seria apresentada em 13 de maio de 2000, antes mesmo da publicação do próprio texto do segredo.

Ao final da Solene Concelebração Eucarística, presidida por João Paulo II em Fátima, o cardeal Ângelo Sodano, então Secretário de Estado do Vaticano, pronunciou, em português, as seguintes palavras:

COMUNICAÇÃO DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL ÂNGELO SODANO SECRETÁRIO DE ESTADO DE SUA SANTIDADE

Irmãos e irmãs no Senhor!

No termo desta solene celebração, sinto o dever de apresentar ao nosso amado Santo Padre João Paulo II os votos mais cordiais de todos os presentes pelo seu próximo octogésimo aniversário natalício, agradecidos pelo seu precioso ministério pastoral em benefício de toda a Santa Igreja de Deus.

Na circunstância solene da sua vinda a Fátima, o Sumo Pontífice incumbiu-me de vos comunicar uma notícia. Como é sabido, a finalidade da vinda do Santo Padre a Fátima é a beatificação dos dois pastorinhos. Contudo, Ele quer dar a esta sua peregrinação também o valor de um renovado preito de gratidão a Nossa Senhora pela proteção que Ela lhe tem concedido durante estes anos de pontificado. É uma proteção que parece ter a ver também com a chamada terceira parte do "segredo" de Fátima.

Tal texto constitui uma visão profética comparável às da Sagrada Escritura, que não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo fatos que se prolongam no tempo numa sucessão e duração não especificadas. Em consequência, a chave de leitura do texto só pode ser de caráter simbólico.

A visão de Fátima refere-se sobretudo à luta dos sistemas ateus contra a Igreja e os cristãos e descreve o sofrimento imane das testemunhas da fé do último século do segundo milênio. É uma Via Sacra sem fim, guiada pelos Papas do século XX.

Segundo a interpretação dos pastorinhos, interpretação confirmada ainda recentemente pela irmã Lúcia, o "Bispo vestido de branco" que reza por todos os fiéis é o

Papa. Também Ele, caminhando penosamente para a Cruz por entre os cadáveres dos martirizados (Bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e várias pessoas seculares), cai por terra como morto sob os tiros de uma arma de fogo.

Depois do atentado de 13 de maio de 1981, pareceu claramente a Sua Santidade que foi "uma materna a guiar a trajetória da bala", permitindo que o "Papa agonizante" se detivesse "no limiar da morte" (João Paulo II, Meditação com os Bispos Italianos, a partir da Policlínica Gemelli, em: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVII-1 (Città del Vaticano, 1994), 1061). Certa ocasião em que o Bispo de Leiria-Fátima de então passara por Roma, o Papa decidiu entregar-lhe a bala que tinha ficado no jeep depois do atentado, para ser guardada no santuário. Por iniciativa do Bispo, essa bala foi depois encastoada na coroa da imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Depois, os acontecimentos de 1989 levaram, quer na União Soviética quer em numerosos países do Leste, à queda do regime comunista que propugnava o ateísmo. O Sumo Pontífice agradece do fundo do coração à Virgem Santíssima também por isso. Mas, noutras partes do mundo, os ataques contra a Igreja e os cristãos, com a carga de sofrimento que eles provocam, infelizmente não cessaram. Embora os acontecimentos a que faz referência a terceira parte do "segredo" de Fátima pareçam pertencer já ao passado, o apelo à conversão e à penitência, manifestado por Nossa Senhora ao início do século XX, conserva ainda hoje uma estimulante atualidade. "A Senhora da Mensagem parece ler com uma perspicácia singular os sinais dos tempos, os sinais do nosso tempo. (>>>) O convite insistente de Maria Santíssima à penitência não é senão a manifestação da sua solicitude materna pelos destinos da família humana, necessitada de conversão e de perdão" (João Paulo II, mensagem para o Dia Mundial do

Doente — 1997, n. 1, em: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIX-2 (Città del Vaticano, 1996), 561).

Para consentir que os fiéis recebam melhor a mensagem da Virgem de Fátima, o Papa confiou à Congregação para a Doutrina da Fé o encargo de tornar pública a terceira parte do "segredo", depois de lhe ter preparado um adequado comentário.

Irmãos e irmãs, damos graças a Nossa Senhora de Fátima pela sua proteção. Confiamos à sua materna intercessão a Igreja do terceiro milênio.

Sub tuum praesidium confugimus, Sancta Dei Genetrix! Intercede pro Ecclesia. Intercede pro Papa nostro Ioanne Paulo II. Amen.

Fátima, 13 de maio de 2000

No dia 26 de junho de 2000, durante uma conferência de imprensa, o cardeal Joseph Ratzinger apresentou seu comentário teológico enquanto o texto do Terceiro Segredo de Fátima era oficialmente publicado, acompanhado de outros documentos que compunham a declaração final do Vaticano, assinada pelo cardeal Tarcisio Bertone.

A seguir, reproduziremos integralmente o texto do cardeal Ratzinger, acrescentando alguns comentários que julgamos pertinentes para uma análise mais aprofundada.

COMENTÁRIO TEOLÓGICO

«Quem lê com atenção o texto do chamado Terceiro Segredo de Fátima, que depois de longo tempo, por disposição do Santo Padre, é aqui publicado integralmente, ficará presumivelmente desiludido ou maravilhado depois de todas as especulações que foram feitas. Não é revelado nenhum grande mistério.»

Comentário: Se não revelou nenhum grande mistério, por que razão esse texto ficou arquivado pela Santa Sé

durante 40 anos? Existe uma chave de interpretação que não corresponde àquela que o Vaticano apresentou em 2000, mas que poderia ter sido aplicada no ano de 1960 por uma comissão teológica ainda não contaminada pelos erros da *Nouvelle Théologie*, que prevaleceram no Concílio Vaticano II. Quer dizer, seria possível compreender o segredo em 1960? Penso sinceramente que sim, pois, se não fosse assim, Nossa Senhora não teria dado a ordem para lê-lo nessa data.

«... o véu do futuro não é rasgado.»

Comentário: Não se trata de uma profecia? Na verdade, o Cardeal Ratzinger não o considera como tal.

«Vemos a Igreja dos mártires deste século que está para findar, representada através duma cena descrita numa linguagem simbólica de difícil decifração. É isto o que a Mãe do Senhor queria comunicar à cristandade, à humanidade num tempo de grandes problemas e angústias? Serve-nos de ajuda no início do novo milênio? Ou não serão talvez apenas projeções do mundo interior de crianças, crescidas num ambiente de profunda piedade, mas simultaneamente assustadas pelas tempestades que ameaçavam o seu tempo? Como devemos entender a visão? O que pensar dela?»

Comentário: Até aquele momento, os três pastorinhos não tinham a menor noção da realidade histórica de seu tempo. Se a vida rural é simples, é ainda mais para as crianças. O que Ratzinger sugere não faz sentido, pois trata-se do imanentismo modernista aplicado por ele aos pastorinhos de Fátima, sobre o qual ele passa a discorrer em seguida.

REVELAÇÃO PÚBLICA E REVELAÇÕES PRIVADAS – O SEU LUGAR TEOLÓGICO

«Antes de encetar uma tentativa de interpretação, cujas linhas essenciais podem encontrar-se na comunicação que o Cardeal Sodano pronunciou, no dia 13 de maio deste ano, no fim da Celebração Eucarística presidida pelo Santo Padre em Fátima...»

Comentário: Ele antecipa que sua análise teológica será uma confirmação do que foi exposto anteriormente pelo Cardeal Sodano.

«... é necessário dar alguns esclarecimentos básicos sobre o modo como, segundo a doutrina da Igreja, devem ser compreendidos no âmbito da vida de fé fenômenos como o de Fátima. A doutrina da Igreja distingue "revelação pública" e "revelações privadas"; entre as duas realidades existe uma diferença essencial, e não apenas de grau. A noção "revelação pública" designa a ação reveladora de Deus que se destina à humanidade inteira e está expressa literariamente nas duas partes da Bíblia: o Antigo e o Novo Testamento. Chama-se "revelação" porque nela Deus Se foi dando a conhecer progressivamente aos homens, até ao ponto de Ele mesmo Se tornar homem, para atrair e reunir em Si próprio o mundo inteiro por meio do filho encarnado, Jesus Cristo. Não se trata, portanto, de comunicações intelectuais, mas de um processo vital em que Deus Se aproxima do homem; naturalmente nesse processo, depois aparecem também conteúdos que têm a ver com a inteligência e a compreensão do mistério de Deus.»

Comentário: O conceito de revelação, conforme definido por Ratzinger neste parágrafo, pode muito bem ser aplicado às outras religiões, pois não exprime a realidade divina fora do homem. Nesse caso, parece ser antes algo

necessário — *vital* — ao próprio homem para que ele, a posteriori, inteligencie e atribua a essa sua necessidade um caráter divino. Essa é a tese modernista da imanência vital.

«Tal processo envolve o homem inteiro e, por conseguinte, também a razão, mas não só ela. Uma vez que Deus é um só, também a história que Ele vive com a humanidade é única, vale para todos os tempos e encontrou a sua plenitude com a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por outras palavras, em Cristo Deus disse tudo de Si mesmo, e portanto a revelação ficou concluída com a realização do mistério de Cristo, expresso no Novo Testamento.»

Comentário: Ratzinger omite outro aspecto da revelação, o que está contido no *livro das revelações*, o Apocalipse de São João, que profetiza os últimos tempos e a Parúsia como desfecho da história.

«O Catecismo da Igreja Católica, para explicar este caráter definitivo e pleno da revelação, cita o seguinte texto de S. João da Cruz: "Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra — e não tem outra — Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta palavra única (...) porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade" (CIC, n.65; S. João da Cruz, *A Subida do Monte Carmelo*, II,22).»

Comentário: Ratzinger recorre a um argumento de autoridade — São João da Cruz — para confirmar o que expôs, mas o que o santo diz não se coaduna com o que foi exposto pelo Cardeal, pois foi o próprio Cristo quem

revelou a São João Evangelista o livro do Apocalipse. Portanto, apesar de a revelação estar plenamente em Cristo, Ele ainda a expressou, em relação ao futuro, no Apocalipse, que Ratzinger parece rejeitar como parte da revelação pública. Fica patente, portanto, a sua intenção de, a partir daí, diminuir a autoridade do caráter da revelação de Fátima, como já antecipara no preâmbulo deste comentário teológico.

«O fato de a única revelação de Deus destinada a todos os povos ter ficado concluída com Cristo e o testemunho que d'Ele nos dão os livros do Novo Testamento, vincula a Igreja com o acontecimento único que é a História Sagrada e a palavra da Bíblia, que garante e interpreta tal acontecimento, mas não significa que agora a Igreja pode apenas olhar para o passado, ficando assim condenada a uma estéril repetição. Eis o que diz o Catecismo da Igreja Católica: "No entanto, apesar de a Revelação ter acabado, não quer dizer que esteja completamente explicitada. E está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance no decorrer dos séculos" (N.66).

Estes dois aspectos — o vínculo com a unicidade do acontecimento e o progresso na sua compreensão — estão optimamente ilustrados nos discursos de despedida do Senhor, quando Ele declara aos discípulos: "Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o espírito da verdade, ele guiar-vos-á para a verdade total, porque não falará de Si mesmo (...) Ele glorificar-Me-á, porque há de receber do que é meu, para vo-lo anunciar" (Jo 16, 12-14).»

Comentário: Ratzinger procura confirmar o que diz citando Jesus, mas a verdade é que Jesus diz uma coisa e Ratzinger diz outra. Ratzinger sugere um "amadurecimento" da revelação condicionado ao tempo, enquanto Jesus condiciona a compreensão daquilo que foi revelado ao Espírito Santo.

«Por um lado, o Espírito serve de guia, desvendando assim um conhecimento cuja densidade não se podia alcançar antes porque faltava o pressuposto, ou seja, o da amplidão e profundidade da fé cristã, e que é tal que não estará concluída jamais.»

Comentário: O que significa isso? Uma eterna evolução da compreensão da revelação? Esse é o mesmo conceito modernista de "tradição viva".

«Por outro lado, esse ato de guiar é "receber" do tesouro do próprio Jesus Cristo, cuja profundidade inexaurível se manifesta nesta condução por obra do Espírito. A propósito disto, o Catecismo cita uma densa frase do Papa Gregório Magno: "As palavras divinas crescem com quem as lê" (CIC, n.94; S. Gregório Magno, *Homilia sobre Ezequiel* 1,7,8).»

Comentário: Crescer, como explicitado por São Gregório Magno na frase citada, tem o sentido de desenvolvimento, assim como uma criança cresce e se torna adulta, permanecendo, porém, a mesma pessoa. "As palavras divinas crescem com quem as lê" significa que quem as leu cresceu e deixou de ser criança, pois as palavras que não são compreensíveis na infância tornam-se claras na maturidade, embora continuem sendo as mesmas.

«O Concílio Vaticano II indica três caminhos essenciais, através dos quais o Espírito Santo efetua a sua guia da Igreja e, consequentemente, o "crescimento da Palavra": realiza-se por meio da meditação e estudo dos fiéis, por meio da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, e por meio da pregação daqueles "que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade" (Dei Verbum, n.8).»

Comentário: Ratzinger cita o documento conciliar *Dei Verbum*, do qual ele mesmo é um dos autores, e que, por sugestão dele, substituiu o capítulo exclusivo sobre o

Apocalipse que deveria ter sido visto durante o Concílio. *Dei Verbum* trata justamente da Revelação, porém já em um sentido "ratzingeriano".

«Neste contexto, torna-se agora possível compreender corretamente o conceito de "revelação privada", que se aplica a todas as visões e revelações verificadas depois da conclusão do Novo Testamento; nesta categoria, portanto, se deve colocar a mensagem de Fátima. Ouçamos o que diz o Catecismo da Igreja Católica sobre isto também: "No decurso dos séculos tem havido revelações ditas 'privadas', algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. (...) O seu papel não é (...) 'complementar' a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente numa determinada época da história" (n. 67).»

«Isto deixa claro duas coisas:

A autoridade das revelações privadas é essencialmente diversa da única revelação pública; esta exige a nossa fé; de fato, nela, é o próprio Deus que nos fala por meio de palavras humanas e da mediação da comunidade viva da Igreja. A fé em Deus e na sua Palavra é distinta de qualquer outra fé, crença, opinião humana. A certeza de que é Deus que fala, cria em mim a segurança de encontrar a própria verdade; uma certeza assim não se pode verificar em mais nenhuma forma humana de conhecimento. É sobre tal certeza que edifico a minha vida e me entrego ao morrer.»

Comentário: O que seria a fé para o cardeal Ratzinger? Ao que parece, o conceito de fé que ele exprime não é o de virtude teologal infusa por Deus na nossa inteligência pelo batismo, mas algo que parte do interior do homem, um ato da vontade humana. Trata-se de uma concepção protestante de fé.

«A revelação privada é um auxílio para esta fé, e manifesta-se credível precisamente porque faz apelo à

única revelação pública. O Cardeal Próspero Lambertini, mais tarde Papa Bento XIV, afirma a tal propósito num tratado clássico, que se tornou normativo a propósito das beatificações e canonizações: "A tais revelações aprovadas não é devida uma adesão de fé católica; nem isso é possível. Estas revelações requerem, antes, uma adesão de fé humana ditada pelas regras da prudência, que no-las apresentam como prováveis e religiosamente credíveis".»

Comentário: O cardeal Próspero, porém, faz uma distinção que Ratzinger não faz: fé natural e fé sobrenatural.

«O teólogo Flamengo E. Dhanis, eminente conhecedor desta matéria, afirma sinteticamente que a aprovação eclesial duma revelação privada contém três elementos: que a respectiva mensagem não contém nada em contraste com a fé e os bons costumes, que é lícito torná-la pública, e que os fiéis ficam autorizados a prestar-lhe de forma prudente a sua adesão (E. Dhanis, *Sguardo su Fatima e bilancio di una discussione*, em: *La Civiltà Cattolica*, CIV (1953-II), 392-406, especialmente 397).»

Tal mensagem pode ser um válido auxílio para compreender e viver melhor o Evangelho na hora atual; por isso, não se deve transcurar. É uma ajuda que é oferecida, mas não é obrigatória fazer uso dela.»

«Assim, o critério para medir a verdade e o valor duma revelação privada é a sua orientação para o próprio Cristo. Quando se afasta d'Ele, quando se torna autônoma ou até se faz passar por outro desígnio de salvação, melhor e mais importante que o Evangelho, então ela certamente não provém do Espírito Santo, que nos guia no âmbito do Evangelho e não fora dele. Isto não exclui que uma revelação privada realce novos aspectos, faça surgir formas de piedade novas ou aprofunde e divulgue antigas.»

Comentário: Parece, para ele, ser este o local teológico de Fátima: a religiosidade e a piedade popular.

«Mas, em tudo isso, deve tratar-se sempre de um alimento para a fé, a esperança e a caridade, que são, para todos, o caminho permanente da salvação. Podemos acrescentar que frequentemente as revelações privadas provêm da piedade popular e nela se refletem, dando-lhe novo impulso e suscitando formas novas. Isto não exclui que aquelas tenham influência também na própria liturgia, como o demonstram por exemplo a festa do Corpo de Deus e a do Sagrado Coração de Jesus. Numa determinada perspectiva, pode-se afirmar que, na relação entre liturgia e piedade popular, está delineada a relação entre revelação pública e revelações privadas; a liturgia é o critério, a forma vital da Igreja no seu conjunto alimentada diretamente pelo Evangelho. A religiosidade popular significa que a fé cria raízes no coração dos diversos povos, entrando a fazer parte do mundo da vida quotidiana. A religiosidade popular é a primeira e fundamental forma de "inculturação" da fé, que deve continuamente deixar-se orientar e guiar pelas indicações da liturgia, mas que, por sua vez, a fecunda a partir do coração.»

Comentário: A religiosidade, segundo Ratzinger, se manifesta no âmbito das culturas humanas e se realiza nelas. Vista assim, a religião revelada não é senão uma emanação da própria coletividade, que cria raízes no coração do povo e encontra a fecundidade no amor. A verdade, porém, é bem diferente: a fé não é um sentimento.

«Desta forma, passamos já das especificações mais negativas, e que eram primariamente necessárias, à definição positiva das revelações privadas: Como podem classificar-se de modo correto a partir da Escritura? Qual é a sua categoria teológica? A carta mais antiga de São Paulo que nos foi conservada e que é também o mais antigo escrito do Novo Testamento, a primeira carta aos

Tessalonicenses, parece-me oferecer uma indicação. Lá diz o apóstolo: "Não extingais o Espírito, não desprezeis as profecias. Examinai tudo e retende o que for bom" (5, 19-21).»

Em todo o tempo é dado à Igreja o carisma da profecia, que, embora tenha de ser examinado, não pode ser desprezado. A este propósito, é preciso ter presente que a profecia, no sentido da Bíblia, não significa predizer o futuro, mas aplicar a vontade de Deus ao tempo presente e consequentemente mostrar o reto caminho do futuro.»

Comentário: Obviamente, Ratzinger não define profecia em termos católicos; parece soar mais como algo próprio do judaísmo talmúdico. Em sentido católico, profecia é aquilo que está distante no tempo, ou, antes, no futuro, que o profeta expressa como porta-voz de Deus.

«Aquele que prediz o futuro pretende satisfazer a curiosidade da razão, que deseja rasgar o véu que esconde o futuro; o profeta vem em ajuda da cegueira da vontade e do pensamento, ilustrando a vontade de Deus enquanto exigência e indicação para o presente. Neste caso, a predição do futuro tem uma importância secundária; o essencial é a atualização da única revelação, que me diz respeito profundamente: a palavra profética ora é advertência ora consolação, ou então as duas coisas ao mesmo tempo.

Neste sentido, pode-se relacionar o carisma da profecia com a noção "sinais do tempo", redescoberta pelo Vaticano II: "Sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu; como é que não sabeis interpretar o tempo presente?" (Lc 12, 56). Por "sinais do tempo", nesta palavra de Jesus, deve-se entender o seu próprio caminho.»

Comentário: É evidentíssimo que, passados mais de sessenta anos do Concílio Vaticano II, aqueles teólogos, incluindo Ratzinger, foram incapazes de compreender seu

próprio tempo. As provas disso são abundantíssimas e as consequências estão diante de nossos olhos.

«Interpretar os sinais do tempo à luz da fé significa reconhecer a presença de Cristo em cada período de tempo. Nas revelações privadas reconhecidas pela Igreja — e, portanto, na de Fátima — trata-se disto mesmo: ajudar-nos a compreender os sinais do tempo e a encontrar na fé a justa resposta para os mesmos.»

A ESTRUTURA ANTROPOLÓGICA DAS REVELAÇÕES PRIVADAS

«Tendo nós procurado, com estas reflexões, determinar o lugar teológico das revelações privadas, devemos agora, ainda antes de nos lançarmos numa interpretação da mensagem de Fátima, esclarecer, embora brevemente, o seu caráter antropológico (psicológico). A antropologia teológica distingue, neste âmbito, três formas de percepção ou "visão": a visão pelos sentidos, ou seja, a percepção externa corpórea; a percepção interior; e a visão espiritual (*visio sensibilis, imaginativa, intellectualis*). É claro que, nas visões de Lourdes, Fátima, etc., não se trata da percepção externa normal dos sentidos: as imagens e as figuras vistas não se encontram fora no espaço circundante, como está lá, por exemplo, uma árvore ou uma casa. Isto é bem evidente, por exemplo, no caso da visão do inferno (descrita na primeira parte do "segredo" de Fátima), mas pode-se facilmente comprovar também noutras visões, sobretudo porque não eram captadas por todos os presentes, mas apenas pelos "videntes". De igual modo, é claro que não se trata duma "visão" intelectual sem imagens, como acontece nos altos graus da mística. Trata-se, portanto, da categoria intermédia, a percepção

interior que, para o vidente, tem uma força de presença tal que equivale à manifestação sensível.

Este ver interiormente não significa que se trata de fantasia, que seria apenas uma expressão da imaginação subjetiva. Significa, antes, que a alma recebe o toque suave de algo real mas que está para além do sensível aos sentidos: Uma visão através dos "sentidos internos". Trata-se de verdadeiros "objetos" que tocam a alma, embora não pertençam ao mundo sensível que nos é habitual. Por isso, exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma. A pessoa é levada para além da pura exterioridade, onde é tocada por dimensões mais profundas da realidade que se lhe tornam visíveis. Talvez assim se possa compreender por que motivo os destinatários preferidos de tais aparições sejam precisamente as crianças: a sua alma ainda está pouco alterada, e quase intacta a sua capacidade interior de percepção. "Da boca dos pequeninos e das crianças de peito recebeste louvor": esta foi a resposta de Jesus — servindo-se duma frase do Salmo 8 (v. 3) — à crítica dos sumos sacerdotes e anciãos, que achavam inoportuno o grito hossana das crianças (Mt 21, 16).»

Comentário: A argumentação de Ratzinger se desvirtua na sua conclusão. Na verdade, os menores, ou seja, os mais insignificantes, são escolhidos como destinatários dessas revelações porque Deus, assim, demonstra aos poderosos que é Ele quem se revela: "Deus usa os loucos para confundir os sábios" (1 Co 1, 27).

«Como dissemos, a "visão interior" não é fantasia, mas uma verdadeira e própria maneira de verificação. Fá-lo, porém, com as limitações que lhe são próprias. Se, na visão exterior, já interfere o elemento subjetivo, isto é, não vemos o objeto puro, mas este chega-nos através

do filtro dos nossos sentidos que têm de operar um processo de tradução; na visão interior, isso é ainda mais claro, sobretudo quando se trata de realidades que por si mesmas ultrapassam o nosso horizonte. O sujeito, o vidente, tem uma influência ainda mais forte; vê segundo as próprias capacidades concretas, com as modalidades de representação e conhecimento que lhe são acessíveis. Na visão interior, há, de maneira ainda mais acentuada que na exterior, um processo de tradução, desempenhando o sujeito uma parte essencial na formação da imagem daquilo que aparece. A imagem pode ser captada apenas segundo as suas medidas e possibilidades. Assim, tais visões não são em caso algum a "fotografia" pura e simples do Além, mas trazem consigo também as possibilidades e limitações do sujeito que as apreende.»

Comentário: Ratzinger procura condicionar a "visão do inferno", por exemplo, que os três pastorinhos tiveram, a eles próprios, tornando-os parte essencial na formação das imagens que viram. Se nos deixarmos levar pela argumentação teológica de Ratzinger, poderemos concluir que o medo de ir para o inferno, próprio do ambiente de piedade em que viviam, produziu na imaginação dos pastorinhos a imagem do inferno. No entanto, podemos contra-argumentar, pois, além da visão do inferno, a Virgem revelou-lhes coisas que eles, por si mesmos, nunca poderiam imaginar como realidade.

«Isso é patente em todas as grandes visões dos santos; naturalmente vale também para as visões dos pastorinhos de Fátima. As imagens por eles delineadas não são de modo algum mera expressão da sua fantasia, mas fruto de uma percepção real de origem superior e íntima...»

Comentário: Seria necessário aqui explicitar que a revelação é externa e não imanente ao homem, e é precisamente esse o ponto da confusão produzida pela argumentação de Ratzinger.

«...nem se hão de imaginar como se por um instante se tivesse erguido a ponta do véu do Além, aparecendo o Céu na sua essencialidade pura, como esperamos vê-lo na união definitiva com Deus. Poder-se-ia dizer que as imagens são uma síntese entre o impulso vindo do Alto e as possibilidades disponíveis para o efeito por parte do sujeito que as recebe, isto é, das crianças. Por tal motivo, a linguagem feita de imagens destas visões é uma linguagem simbólica.

Sobre isto, diz o Cardeal Sodano: "Não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo fatos que se prolongam no tempo numa sucessão e duração não especificadas". Esta sobreposição de tempos e espaços numa única imagem é típica de tais visões, que, na sua maioria, só podem ser decifradas a posteriori.»

Comentário: Embora isso seja verdade, a interpretação de Sodano não corresponde, de forma nenhuma, a essa "sobreposição de tempos e espaços numa única imagem contida no Terceiro Segredo".

«Então é necessário que cada elemento da visão tenha de possuir uma correspondência histórica concreta. O que conta é a visão como um todo, e a partir do conjunto das imagens é que se devem compreender os detalhes. O que efetivamente constitui o centro duma imagem só pode ser desvendado, em última análise, a partir do que é centro absoluto da "profecia" cristã: o centro é o ponto onde a visão se torna apelo e indicação da vontade de Deus.»

UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO DO "SEGREDO" DE FÁTIMA

«A primeira e a segunda parte do "segredo" de Fátima foram já discutidas tão amplamente por específicas publicações, que não necessitam de ser ilustradas novamente aqui. Queria apenas chamar brevemente a atenção para o ponto mais significativo. Os pastorinhos experimentaram, durante um instante terrível, uma visão do inferno. Viram a queda das "almas dos pobres pecadores". Em seguida, foi-lhes dito o motivo pelo qual tiveram de passar por esse instante: para "salvá-las" — para mostrar um caminho de salvação. Isto faz-nos recordar uma frase da primeira Carta de Pedro que diz: "Estais certos de obter, como prêmio da vossa fé, a salvação das almas" (1,9).

Como caminho para se chegar a tal objetivo, é indicado de modo surpreendente para pessoas originárias do ambiente cultural anglo-saxônico e germânico — a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Para compreender isto, deveria bastar uma breve explicação. O termo "coração", na linguagem da Bíblia, significa o centro da existência humana, uma confluência da razão, vontade, temperamento e sensibilidade, onde a pessoa encontra a sua unidade e orientação interior. O "coração Imaculado" é, segundo o Evangelho de Mateus (5,8), um coração que a partir de Deus chegou a uma perfeita unidade interior e, consequentemente, "vê a Deus". Portanto, "devoção" ao Imaculado Coração de Maria é aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat* — "seja feita a vossa vontade" — se torna o centro conformador de toda a existência.

Se porventura alguém objetasse que não se deve interpor um ser humano entre nós e Cristo, lembre-se de que Paulo não tem medo de dizer às suas comunidades: "Imitai-me" (cf. 1 Cor 4, 16; Fil 3, 17; 1 Tes 1, 6; 2 Tes 3, 7.9).

No Apóstolo, elas podem verificar concretamente o que significa seguir Cristo. Mas, com quem poderemos nós aprender sempre melhor do que com a Mãe do Senhor?

Chegamos assim, finalmente à terceira parte do "segredo" de Fátima, publicado aqui pela primeira vez integralmente. Como resulta da documentação anterior, a interpretação dada pelo Cardeal Sodano, no seu texto do dia 13 de maio, tinha antes sido apresentada pessoalmente à Irmã Lúcia. A tal propósito ela começou por observar que lhe foi dada a visão, mas não a sua interpretação. A interpretação, dizia, não compete ao vidente, mas à Igreja.»

Comentário: A Igreja que, em 1960, permanecia a mesma, com a mesma doutrina, a mesma Missa e a mesma fé. No envelope do Terceiro Segredo, a data para a Igreja lê-lo e interpretá-lo era o ano de 1960 e não o ano de 2000, e a razão disso, ao ler este comentário teológico, torna-se evidente: a lente do Concílio não era adequada para tal interpretação.

«No entanto, depois da leitura do texto, a Irmã Lúcia disse que tal interpretação corresponde àquilo que ela mesma tinha sentido e que, pela sua parte, reconhecia essa interpretação como correta. Sendo assim, limitar-nos-emos, naquilo que vem a seguir, a dar de forma profunda um fundamento à referida interpretação, partindo dos critérios anteriormente desenvolvidos...»

Comentário: Quer dizer, modernistas.

«Do mesmo modo que tínhamos identificado, como palavra-chave da primeira e segunda parte do "segredo", a frase "salvar as almas", assim agora a palavra-chave desta parte do "segredo" é o tríplice grito: "Penitência, Penitência, Penitência!" Volta-nos ao pensamento o início do Evangelho: "Paenitemini et credite evangelio" (Mc 1, 15). Perceber os sinais do tempo significa compreender

a urgência da penitência, da conversão, da fé. Tal é a resposta justa a uma época histórica caracterizada por grandes perigos, que serão delineados nas sucessivas imagens.

Deixo aqui uma recordação pessoal: num colóquio que a Irmã Lúcia teve comigo, ela disse-me que lhe parecia cada vez mais claramente que o objetivo de todas as aparições era fazer crescer sempre mais na fé, na esperança e na caridade; tudo o mais pretendia apenas levar a isso.»

Comentário: Deixarei para fazer um comentário mais amplo do texto do Terceiro Segredo após o comentário teológico final do cardeal Ratzinger, que inicia-se mais abaixo.

«Examinemos agora mais de perto as diversas imagens. O Anjo com a espada de fogo à esquerda da Mãe de Deus lembra imagens análogas do Apocalipse: ele representa a ameaça do juízo que pende sobre o mundo. A possibilidade que este acabe reduzido a cinzas num mar de chamas, hoje já não aparece de forma alguma como pura fantasia: o próprio homem preparou, com suas invenções, a espada de fogo.

Em seguida, a visão mostra a força que se contrapõe ao poder da destruição: o brilho da Mãe de Deus e, de algum modo proveniente do mesmo, o apelo à penitência.

Deste modo, é sublinhada a importância da liberdade do homem: o futuro não está de forma alguma determinado imutavelmente, e a imagem vista pelos pastorinhos não é, absolutamente, um filme antecipado do futuro, do qual já nada se poderia mudar. Na realidade, toda a visão acontece só para chamar em campo a liberdade e orientá-la numa direção positiva. O sentido da visão não é, portanto, o de mostrar um filme sobre o futuro, já fixo irremediavelmente; mas exatamente o contrário: o seu sentido é mobilizar as forças da mudança em bem.

Por isso, há que considerar completamente extraviadas aquelas explicações fatalistas do "segredo" que dizem, por exemplo, que o autor do atentado de 13 de maio de 1981 teria sido, em última análise, um instrumento do plano divino predisposto pela Providência e, por conseguinte, não poderia ter agido livremente, ou outras ideias semelhantes que por aí andam. A visão fala sobretudo de perigos e do caminho para salvar-se deles.

As frases seguintes do texto mostram uma vez mais e de forma muito clara o caráter simbólico da visão: Deus permanece o incomensurável e a luz que está para além de qualquer visão nossa. As pessoas humanas são vistas como que num espelho. Devemos ter continuamente presente esta limitação inerente à visão, cujos confins estão aqui visivelmente indicados. O futuro é visto apenas "como que num espelho, de maneira confusa" (cf. 1 Cor 12, 12).

Consideremos agora as diversas imagens que se sucedem no texto do "segredo". O lugar da ação é descrito com três símbolos: Uma montanha íngreme, uma grande cidade meia em ruínas e finalmente uma grande cruz de troncos toscos. A montanha e a cidade simbolizam o lugar da história humana; a história como árdua subida para o alto, a história como lugar da criatividade e convivência humana e simultaneamente de destruições pelas quais o homem aniquila a obra do seu próprio trabalho. A cidade pode ser o lugar de comunhão e progresso, mas também lugar do perigo e da ameaça mais extrema.

No cimo da montanha, está a cruz: meta e ponto de orientação da história. Na cruz, a destruição é transformada em salvação; ergue-se como sinal da miséria da história e como promessa para si mesma.

Aparecem lá, depois, pessoas humanas; o Bispo vestido de branco ("Tivemos o pressentimento que era o Santo Padre"), outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas e, finalmente, homens e mulheres de todas as classes e

posições sociais. O Papa parece caminhar à frente dos outros, tremendo e sofrendo por todos os horrores que o circundam. E não são apenas as casas da cidade que jazem meio em ruínas; o seu caminho é ladeado pelos cadáveres dos mortos.

Deste modo, o caminho da Igreja é descrito como uma Via Sacra, como um caminho num tempo de violência, destruições e perseguições. Nesta imagem, pode-se ver representada a história dum século inteiro. Tal como os lugares da terra aparecem sinteticamente representados nas duas imagens da montanha e da cidade e estão orientados para a cruz, assim também os tempos são apresentados de forma contraída: na visão, podemos reconhecer o século XX como século dos mártires, como século dos sofrimentos e perseguições à Igreja, como o século das guerras mundiais e de muitas guerras locais que ocuparam toda a segunda metade do mesmo, tendo feito experimentar novas formas de crueldade. No "espelho" desta visão, vemos passar as testemunhas da fé de decênios.

A este respeito, é oportuno mencionar uma frase da carta que a Irmã Lúcia escreveu ao Santo Padre no dia 12 de maio de 1982: "A terceira parte do 'segredo' refere-se às palavras de Nossa Senhora: 'Se não, (a Rússia) espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas'.

Na Via Sacra deste século, tem um papel especial a figura do Papa. Na árdua subida da montanha, podemos sem dúvida ver figurados conjuntamente diversos Papas, começando de Pio XI até ao Papa atual, que partilharam os sofrimentos deste século e se esforçaram por avançar, no meio deles, pelo caminho que leva à cruz. Na visão, também o Papa é morto na estrada dos mártires.

Não era razoável que o Santo Padre, quando, depois do atentado de 13 de maio de 1981, mandou trazer o texto da terceira parte do "segredo", tivesse lá identificado o seu próprio destino? Esteve muito perto da fronteira da morte, tendo ele mesmo explicado a sua salvação com as palavras seguintes: "Foi uma mão materna que guiou a trajetória da bala e o Papa agonizante deteve-se no limiar da morte" (13 de maio de 1980).

O fato de ter havido lá uma "mão materna" que desviou a bala mortífera demonstra uma vez mais que não existe um destino imutável, que a fé e a oração são forças que podem influir na história e que, em última análise, a oração é mais forte que as balas, a fé mais poderosa que os exércitos.

A conclusão do "segredo" lembra imagens que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé. É uma visão consoladora, que quer tornar permeável à força santificante de Deus uma história de sangue e lágrimas. Anjos recolhem, sob os braços da cruz, o sangue dos mártires e com ele regam as almas que se aproximam de Deus. O sangue de Cristo e o sangue dos mártires são vistos aqui juntos: o sangue dos mártires escorre dos braços da cruz. O seu martírio realiza-se solidariamente com a paixão de Cristo, identificando-se com ela. Eles completam em favor do corpo de Cristo o que ainda falta aos seus sofrimentos (cf. Col 1, 24). A sua própria vida tornou-se eucaristia, inserindo-se no mistério do grão de trigo que morre e se torna fecundo.

O sangue dos mártires é semente de cristãos, disse Tertuliano. Tal como nasceu a Igreja da morte de Cristo, do seu lado aberto, assim também a morte das testemunhas é fecunda para a vida futura da Igreja. Deste modo, a visão da terceira parte do "segredo", tão angustiante de início, termina numa imagem de esperança: uma Igreja

dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus. Não se trata apenas de ver os que sofrem acolhidos na mão amorosa de Deus como Lázaro, que encontrou a grande consolação e misteriosamente representa Cristo, que por nós Se quis fazer o pobre Lázaro; mas há algo mais: do sofrimento das testemunhas deriva uma força de purificação e renovamento, porque é a atualização do próprio sofrimento de Cristo e transmite ao tempo presente a sua eficácia salvífica.

Chegamos assim à última pergunta: O que é que significa no seu conjunto (nas suas três partes) o "segredo" de Fátima? O que nos diz a nós? Em primeiro lugar, devemos supor, como afirma o Cardeal Sodano, que "os acontecimentos a que faz referência a terceira parte do 'segredo' de Fátima parecem pertencer já ao passado." Os diversos acontecimentos, na medida em que lá são apresentados, pertencem já ao passado.

Quem estava à espera de impressionantes revelações apocalípticas sobre o fim do mundo ou sobre o futuro desenrolar da história, deve ficar desiludido. Fátima não oferece tais satisfações à nossa curiosidade, como aliás, a fé cristã em geral que não pretende nem pode ser alimento para a nossa curiosidade. O que permanece – dissemo-lo logo ao início das nossas reflexões sobre o texto do "segredo" — é a exortação à oração como caminho para a "salvação das almas", e no mesmo sentido o apelo à penitência e à conversão.

Queria, no fim, tomar uma vez mais outra palavra-chave do "segredo" que justamente se tornou famosa: "O meu Imaculado Coração triunfará". Que significa isto? Significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O *fiat* de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele "Sim",

Deus pôde fazer-Se homem no nosso meio e tal permanece para sempre.

Que o maligno tem poder neste mundo, vemo-lo e experimentamo-lo continuamente; tem poder, porque a nossa liberdade se deixa continuamente se desviar de Deus. Mas, desde que Deus passou a ter um coração humano e deste modo orientou a liberdade do homem para o bem, para Deus, a liberdade para o mal deixou de ter a última palavra. O que vale desde então, está expresso nesta frase: "No mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo." (Jo 16, 33). A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa.»

Card. Joseph Ratzinger
Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé

CAPÍTULO XXVI

Uma outra interpretação do Terceiro Segredo

Passadas mais de seis décadas desde 1960, é possível que um historiador faça uma análise aprofundada do texto do Terceiro Segredo de Fátima, considerando a crise da Igreja Católica que se intensificou, sobretudo, após o Concílio Vaticano II (1962–1965). Essa crise, que atinge suas consequências mais profundas no pontificado do Papa Francisco, já não pode ser negada. Qualquer pessoa com um mínimo de senso de realidade e boa vontade encontrará meios não apenas para reconhecê-la, mas também para compreender suas raízes modernistas. A internet está repleta de estudos sérios sobre o tema, e somente uma cegueira espiritual profunda poderia negar a existência dessa crise.

Trata-se, sobretudo, de uma crise de fé, sem precedentes nos 2.000 anos de História da Igreja — uma crise que supera, e muito, a crise ariana do século IV. O Padre Matthias Gaudron, FSSPX, em seu *Catecismo Católico na Crise na Igreja*, traçou um verdadeiro raio X dessa crise por meio de números alarmantes:

> «No conjunto da Igreja, entre 1962 e 1972, 21.320 padres foram reduzidos ao estado leigo. Não estão incluídos nesse número aqueles que negligenciaram pedir uma redução oficial ao estado leigo. Entre 1967 e 1974, trinta a quarenta mil padres tinham abandonado sua vocação. Esses fatos catastróficos podem, com algum esforço, ser comparado aos acontecimentos que acompanharam a autointitulada "Reforma" protestante do século XVI.»[110]

110. GAUDRON, Pe. Matthias. *Catecismo Católico da Crise na Igreja*. Ed. Permanência, p. 11.

O próprio cardeal Joseph Ratzinger reconheceu essa crise publicamente, destacando, como exemplo, a dramática situação das religiosas em Quebec, província francófona do Canadá, que até o início da década de 1960 possuía, proporcionalmente, o maior número de religiosas no mundo. Ele registrou:

> «Entre 1961 e 1981, por causa das saídas, dos falecimentos e da paralisação do recrutamento, o número de religiosas passou de 46.933 para 26.294. Uma queda de 44% que parece impossível de conter. As novas vocações, com efeito, diminuíram, durante o mesmo período, ao menos 98,5%. Verifica-se então que uma boa parte dos 1,5% restantes é constituída por "vocações tardias", e não por jovens, a ponto de as simples previsões permitirem a todos os sociólogos estar de acordo sobre esta conclusão brutal, porém objetiva: em breve (salvo reversão de tendência muito improvável, ao menos ao olhar humano), a vida religiosa feminina tal como conhecemos não será mais que um suvenir do Canadá.»[111]

Por isso, é absolutamente necessário relembrar o alerta daqueles que estudaram a mensagem de Fátima com objetividade histórica e sem paixões, especialmente daqueles que tiveram acesso ao Terceiro Segredo. Embora tenham jurado não revelá-lo, deixaram registrada a essência de seu conteúdo em uma única palavra: APOSTASIA.

Como historiador que busca compreender o tempo em que vive e considerando as implicações teológicas inerentes, não posso ignorar a apostasia real provocada pelo Concílio Vaticano II ou, como a denominava Monsenhor Lefebvre, "a Terceira Guerra Mundial". Os homens que promoveram esse concílio tornaram-se cegos aos desdobramentos de suas ações, desprezaram os apelos mais sensatos e, o que é ainda mais

111. RATZINGER, Cardeal. Entrevista a Vittorio Messori. *A Fé em Crise*. EPU, 1985, pp. 73-74.

grave, ignoraram as advertências do Céu, manifestadas em aparições marianas como as de La Salette e Fátima.

Seguiram adiante com obstinação, acreditando que poderiam compreender e solucionar os eventos que culminaram nas grandes guerras do século XX sem sequer ouvirem os alertas dos Papas, que compreendiam que a apostasia iminente — tanto das nações quanto do clero — era a verdadeira causa das tragédias que se anunciavam na virada do século XIX para o século XX. Não há dúvidas de que a segunda parte do Segredo de Fátima se referia a essas catástrofes, mas o pior ainda estava por vir. Foi por essa razão que Nossa Senhora pediu que a terceira parte do segredo fosse revelada apenas em 1960: a apostasia derradeira, a maior de todas, estava às portas.

Dom Alberto Cosme do Amaral, bispo de Leiria-Fátima, em um discurso proferido em Viena, na Áustria, em 10 de setembro de 1984, afirmou:

> «O conteúdo do Terceiro Segredo diz respeito unicamente à nossa Fé. (...) Identificar o "segredo" com anúncios catastróficos ou com um holocausto nuclear é deformar o sentido da mensagem. A perda de Fé de um continente é pior do que o aniquilar de uma nação; e a verdade é que é a Fé que está continuamente a diminuir na Europa.»

O Cardeal Oddi, em 17 de março de 1990, declarou ao jornalista italiano Lucio Brunelli, do jornal *Il Sabato*:

> «O Terceiro Segredo não tem nada a ver com Gorbachev. A Santíssima Virgem estava a avisar-nos contra a apostasia na Igreja.»

O Cardeal Mario Luigi Ciappi, teólogo pessoal do Papa João Paulo II, em uma comunicação particular com o professor Baumgartner, em Salzburgo, afirmou:

> «No Terceiro Segredo prediz-se, entre outras coisas, que a grande apostasia na Igreja começará pelo cimo.»

Irmão Michel da Santíssima Trindade também compartilhava dessa interpretação e a expressou da seguinte maneira:

> «Sim, é verdade, que a grande profecia de Fátima não só anuncia a crise de fé, que chegaria depois de 1960, mas também os fracassos dos mais altos representantes da hierarquia, e porque denuncia também — com bastante clareza — as "grandes orientações conciliares" que abriram as portas da Igreja à apostasia, de modo que os Papas, embora persistam em governar a Igreja segundo o espírito do Concílio — exaltando a liberdade religiosa, aquela heresia abominável, o ecumenismo, os ideais de 1789 e o culto do homem — nunca poderão dar a conhecer ao mundo as palavras da Rainha dos Céus que os condenam.»[112]

Em meio ao caos e à tempestade que o Concílio lançava sobre a Igreja Católica, a crise tornou-se tão evidente que o próprio Papa Paulo VI declarou:

> «Por alguma brecha, a fumaça de Satanás entrou no Templo de Deus...»

Diante desse cenário desolador, o Arcebispo Marcel Lefebvre teve a coragem de iniciar um combate pela Fé, especialmente a partir de 1974, quando proferiu uma de suas declarações mais célebres:

> «Aderimos com todo o coração e com toda a nossa alma à Roma católica, guardiã da fé católica e das tradições necessárias para a conservação dessa fé; à Roma eterna, mestra da sabedoria e da verdade.

112. *FM*, vol. III, p. 558.

Pelo contrário, negamo-nos e sempre nos temos negado a seguir a Roma de tendência neomodernista e neoprotestante, que se manifestou claramente no Concílio Vaticano II e, depois do Concílio, em todas as reformas que dele surgiram.

Todas essas reformas, com efeito, contribuíram e continuam contribuindo para a demolição da Igreja, a ruína do sacerdócio, a destruição do sacrifício e dos sacramentos, a desaparição da vida religiosa e a implantação de um ensino naturalista e teilhardiano nas universidades, seminários e na catequese, um ensino surgido do liberalismo e do protestantismo, condenados inúmeras vezes pelo magistério solene da Igreja.

Nenhuma autoridade, nem sequer a mais elevada da hierarquia, pode obrigar-nos a abandonar ou a diminuir a nossa fé católica, claramente expressa e professada pelo magistério da Igreja durante dezenove séculos.

Se eu mesmo, diz São Paulo, ou um anjo do céu vos anunciar um Evangelho diferente daquele que vos ensinei, seja anátema" (Gal. 1, 8).

Não é isso que o Santo Padre nos repete hoje? Mas se certa contradição se manifestar em suas palavras e ações, bem como nos atos dos dicastérios, escolheremos o que sempre foi ensinado e nos faremos de surdos diante das novidades destruidoras da Igreja.

Não é possível modificar profundamente a *lex orandi* sem modificar a *lex credendi*. À Missa nova corresponde catecismo novo, sacerdócio novo, seminários novos, universidades novas e uma Igreja carismática ou pentecostal, coisas que se opõem à ortodoxia e ao magistério de sempre.

Esta reforma, por ter surgido do liberalismo e do modernismo, está inteiramente envenenada. Surge da heresia e acaba na heresia, ainda que nem todos os seus atos sejam formalmente heréticos. É, pois, impossível para

um católico consciente e fiel adotar, de qualquer forma que seja, essa reforma e submeter-se a ela.

A única atitude de fidelidade à Igreja e à doutrina católica, para o bem da nossa salvação, é uma negativa categórica a aceitar a reforma.

Por isso, sem nenhuma rebelião, amargura ou ressentimento, prosseguimos nossa obra de formação sacerdotal à luz do Magistério de sempre, convictos de que não podemos prestar maior serviço à Santa Igreja Católica, ao Sumo Pontífice e às gerações futuras.

Por isso, aderimos com firmeza a tudo o que a Igreja de sempre creu e praticou em matéria de fé, costumes, culto, ensino do catecismo, formação dos sacerdotes e na instituição da própria Igreja e que foi codificado nos livros publicados antes da influência modernista do Concílio, à espera que a verdadeira luz da Tradição dissipe as trevas que obscurecem o céu da Roma eterna.

Agindo assim, com a graça de Deus, o socorro da Virgem Maria, de São José e de São Pio X, estamos convictos de permanecer fiéis à Igreja Católica e Romana e a todos os sucessores de Pedro e de que somos os *fideles dispensatores mysteriorum Domini Nostri Iesu Christi in Spiritu Sancto. Amen.*»

Albano, 21 de novembro de 1974
+ Marcel Lefebvre

Buscar compreender os enigmas da mensagem de Fátima ignorando os fatos históricos pontuados neste livro e, sobretudo, relegando o "affair" Lefebvre ao campo dos "desobedientes e cismáticos", confinando-o à marginalidade da história, é incorrer em um gravíssimo erro de omissão seletiva — um erro que a história não perdoará. Hoje, a crise está plenamente instalada, mas apenas Dom Lefebvre, como arcebispo, teve a coragem de agir com os meios que Deus lhe dispôs. O estado de necessidade que o levou a sagrar quatro bispos sem a permissão de

Roma só se agrava a cada ano, tornando-se cada vez mais evidente. Os fiéis que desejam viver a Fé católica são abandonados e perseguidos por aqueles que deveriam socorrê-los espiritualmente.

Antes de adentrarmos em sua análise histórica aprofundada, é necessário destacar que, como sugere o título deste capítulo, esta é uma possível interpretação do Terceiro Segredo, mas, acima de tudo, uma abordagem guiada pela exegese teológica, dado que o segredo se apresenta, essencialmente, como uma profecia. Embora o Cardeal Ratzinger, em seu comentário teológico, tenha buscado situá-lo no passado, sustento que seus efeitos permanecem intensamente vivos na história e continuarão a se desdobrar até que esta crise atinja seu desfecho.

Retomemos agora o texto do Terceiro Segredo:

> «... Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora, um pouco mais alto, um Anjo com uma espada de fogo na mão esquerda; ao cintilar, despedia chamas que pareciam incendiar o mundo, mas apagavam-se com o contato do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro. O Anjo, apontando com a mão direita para a terra, com voz forte, disse: "Penitência, Penitência, Penitência!"
>
> E vimos numa luz imensa que é Deus: algo semelhante a como se veem as pessoas num espelho quando lhes passam por diante, um Bispo vestido de Branco. Tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subiam uma montanha íngreme, no cimo da qual estava uma grande cruz de troncos toscos como se fossem de sobreiro com a casca; antes de chegar lá, o Santo Padre atravessou uma grande cidade meio em ruínas e, meio trêmulo, com passo vacilante, afligido de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande cruz, foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam

> vários tiros e flechas, e do mesmo modo foram morrendo uns após outros os Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas, e várias pessoas seculares, de diversas classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos, cada um com um regador de cristal na mão, neles recolhiam o sangue dos Mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus.»

Primeiramente, vamos destacar os elementos-chave que aparecem no texto e, em seguida, apontar as ausências.

1- Almas que se aproximavam de Deus
2- Cadáveres
3- Deus
4- Dois anjos
5- Nossa Senhora
6- O Anjo com a espada em chamas
7- O Clero (outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas)
8- O Santo Padre
9- O sangue dos mártires
10- Regadores de cristais
11- Tiros e setas
12- Um bispo vestido de branco
13- Um grupo de soldados
14- Um espelho
15- Uma cidadela em ruínas
16- Uma cruz de troncos toscos como se fora de sobreiro com a casca
17- Uma escabrosa montanha

Estes são os elementos constitutivos da profecia. No entanto, não podemos deixar de assinalar a ausência das palavras "Comunismo" e "Rússia", o que de forma alguma condiz com o que foi exposto na carta da Irmã Lúcia ao Papa João Paulo II, em 1982, como sendo a explicação para o terceiro segredo.

Obviamente, nenhum desses elementos condiz com a interpretação oficial dada pelos cardeais Sodano e Ratzinger. Simplesmente, não se aplicam de nenhum modo ao texto do Cardeal Sodano, que estabelece uma relação entre tudo isso e o ocorrido na Praça de São Pedro, no dia 13 de maio de 1981, e muito menos ao *Comentário Teológico* acrescentado pelo Cardeal Ratzinger.

A ausência das palavras "Comunismo" e "Rússia", obviamente, foi notada pelos apostolados de Fátima, que sempre conduziram a mensagem de Fátima de forma interdependente a essas duas palavras. Por essa razão, passaram a postular que ou o texto era uma fraude, ou que haveria outro texto ainda a ser revelado.

Eu não considero nem uma coisa nem outra, mas adiciono, como chave de interpretação ao texto do terceiro segredo, a palavra "Apostasia". E vejamos como todos os elementos constitutivos da profecia se tornam mais cristalinos.

Podemos dividir a visão em três partes: a primeira e a terceira situam-se no plano sobrenatural, enquanto a segunda, intermediária, ocorre no plano natural. A visão descreve um anjo posicionado um pouco acima de Nossa Senhora; como Ela é a criatura que está acima de todas as outras, podemos concluir que, tal como descrito no Apocalipse, o anjo vingador é o próprio Jesus Cristo, pois, sendo Deus, somente Ele estaria acima de Nossa Senhora na hierarquia celeste. Suas palavras — *"Penitência, Penitência, Penitência"* — reforçam essa interpretação, pois transmitem a noção da Santíssima Trindade. Assim, podemos entender que é o próprio Deus quem castigará o mundo com sua espada de fogo, que representa a verdade, pois a verdade é como uma lâmina que separa o erro do acerto.

Deus castiga, mas, como o braço da justiça é menor do que o da misericórdia — muitas vezes, Jesus é representado na cruz com o braço direito maior do que o esquerdo —, a espada está na mão esquerda, enquanto a mão direita de Nossa Senhora sustenta a ira divina, impedindo-a de cair sobre o mundo. Isso significa que Nossa Senhora intervém

na história, de fato, para modificar o curso dos acontecimentos fatais em favor dos homens, seus filhos.

Em seguida, a visão demonstra uma grande luz que é Deus e, imediatamente, desloca-se do plano sobrenatural para o plano natural, onde as pessoas são vistas como num espelho. O espelho, segundo a Sagrada Escritura, é sinal de mistério, pois, para o homem, enquanto ainda está na infância, a percepção da realidade é como a de quem vê as coisas por um espelho, isto é, sem uma compreensão clara do que elas são. Quando chega à maturidade, porém, o homem compreende o que antes não entendia. Ver as pessoas como que por um espelho equivale a ver o futuro. Os videntes eram crianças e, como tal, viam, mas não compreendiam; apenas o tempo tornaria mais claro aquilo que antes estava obscuro. Por isso, Nossa Senhora estabeleceu o ano de 1960 e, ao ser questionada pela Irmã Lúcia sobre a razão desse prazo, respondeu: "*Porque estará mais claro naquele ano*". Assim também ocorre com a visão profética: quanto mais próxima do seu cumprimento, mais clara se torna.

Portanto, a visão correspondente ao plano intermediário é uma imagem do futuro, condensada em um único quadro, uma sequência de figuras e acontecimentos alegóricos e simbólicos, tal como nas visões de São João no Apocalipse. São símbolos de significados profundos, cujo umbral já foi transpassado pela própria tradição da Igreja na exegese apocalíptica do fim dos tempos, feita pelos santos doutores. Por outro lado, essa chave exegética não pertence aos modernistas, que perderam a Fé. A interpretação cabia ao Clero antes da apostasia conciliar e, mais uma vez, o ano limite de 1960 se justifica.

Assim, a figura do Bispo vestido de branco não corresponde necessariamente à figura do Papa: "*Tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre*", mas certamente trata-se de um bispo que conserva a verdadeira doutrina, representada aqui pela cor branca, sem mácula, cândida. Na Sagrada Escritura, o branco significa a sã doutrina; o negro, a falsa doutrina; e o cinza, a heresia. Pois bem, se apenas um bispo veste branco, a ausência de outros bispos vestidos da mesma forma é, portanto, um indício de perda da doutrina, perda de fé, em suma, de apostasia do clero.

E foi justamente por essa ausência que as crianças pensaram se tratar de um Papa, já que o Papa é, de fato, um bispo que veste branco. Mas quem seria esse bispo defensor da pureza doutrinal? À medida que sobe, ele é seguido por outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas. Novamente, a apostasia está representada nessa caminhada, porque o "subir", em linguagem bíblica, significa, pela humildade, alcançar a sabedoria de Deus, que é a verdadeira doutrina. Na Sagrada Escritura, Jerusalém, que fica bem acima do nível do mar, era a figura da cidade da luz e da verdade, a cidade da paz, pois o coração só encontra repouso na verdade, que é Deus. Por outro lado, Jericó, que ficava abaixo do nível do Mar Morto, é também, na Sagrada Escritura, a representação da apostasia. Subir a montanha é, portanto, resguardar-se da apostasia, mas a montanha é escabrosa, como escabroso era o monte Calvário, porque em seu cimo está a palma do martírio.

No cimo dessa montanha havia uma cruz que parecia ser de sobreiro com a casca. Aqui, a visão do Terceiro Segredo se utiliza de algo comum aos três pastorinhos: o sobreiro. Essa árvore é comum em Portugal, sua casca é muito utilizada na fabricação de cortiça e é também muito resistente ao fogo dos grandes incêndios. Uma cruz de sobreiro com a casca simboliza a fé refratária às chamas infernais da apostasia.

A imagem do Terceiro Segredo é, portanto, uma profecia sobre a apostasia que ocorrerá dentro da própria Igreja e sobre um único bispo capaz de permanecer firme na fé. Para as crianças, esse homem seria o Santo Padre, que sofre a humilhação e a perseguição, e, de fato, mais do que o Santo Padre, o que se dá na sequência é o atentado contra o próprio papado, contra a constituição hierárquica da própria Igreja. No entanto, esse Santo Padre, descrito no texto, atravessa, antes de chegar ao cimo da montanha, uma grande cidade em ruínas. A cidade é Roma, e as ruínas representam a desolação — e desolação é apostasia.

O que se vê em seguida não são apenas pessoas mortas, mas cadáveres. A palavra "cadáver", quando utilizada na Sagrada Escritura, tem o significado de perda de fé; é a morte da alma. Por isso, o "Santo

Padre", com dor e pena, rezava por suas almas. Se fossem mártires, como interpretaram Sodano e Ratzinger, por que rezar por suas almas?

Chegamos, finalmente, ao cimo da montanha. O Santo Padre é alvejado por tiros e setas e morre aos pés da cruz, assim como todo o seu séquito, uns após os outros, estes sim, como mártires. Agora, se olharmos para o ano de 1960, o ano indicado por Nossa Senhora para que se lesse o segredo, essa interpretação teria sido possível por uma comissão autorizada e especializada em exegese bíblica? Penso que é razoável supor que sim, e, dessa maneira, teria sido humanamente possível buscar uma solução para os problemas internos da Igreja antes de prosseguir com a ideia de um Concílio Ecumênico em um momento histórico tão inapropriado. Talvez isso teria evitado a catástrofe da qual padecemos hoje. No entanto, como nada disso ocorreu, seguimos analisando, à luz do que presenciamos nestes quase sessenta anos, o texto do segredo.

Quem teria sido o bispo vestido de branco? Certamente não foi João Paulo II nem qualquer outro Papa conciliar, que, pelo contrário, contribuíram no processo de autodemolição da Igreja, como o próprio Papa Paulo VI admitiu. Resta-nos olhar honestamente para a figura de Dom Marcel Lefebvre e nos perguntar: poderia ter sido ele? Não considero improvável, dado todo o drama que o envolveu desde a fundação de um seminário tradicionalista na Suíça e da FSSPX até sua morte, em 25 de março de 1991, excomungado injustamente pelo mesmo Papa que é tido como o Papa de Fátima.

Mas Dom Lefebvre não foi Papa, poderão objetar alguns. De fato, não o foi, mas agiu como um verdadeiro Vigário de Cristo na defesa da Igreja contra seus mais mortais inimigos, pois, nos tempos de apostasia, foram os próprios Papas que agiram contra a Igreja e contra o Papado, comportando-se, em gestos e palavras, como inimigos de Cristo. A visão do Terceiro Segredo descreve a cena em que o Santo Padre tomba aos pés da cruz, morto por setas e tiros que lhe dispararam. Essa imagem não corresponde, de forma alguma, ao que ocorreu na Praça de São Pedro no dia 13 de maio de 1981. Mesmo para aqueles

que não conseguem compreender o sentido profundo de uma profecia, a interpretação de Ratzinger e Sodano não convence. Não convence porque é falsa; tratava-se apenas de uma farsa exegética a serviço de um arranjo político entre o Opus Dei e João Paulo II, em favor do qual se utilizou a mensagem de Fátima.

A sequência final descreve a morte do "Santo Padre" aos pés da cruz, atingido por tiros e setas disparados por soldados. Em uma guerra, os soldados combatem, e o Concílio Vaticano II foi, como disse Dom Marcel Lefebvre, a Terceira Guerra Mundial — uma guerra pior do que as duas anteriores, que ceifaram vidas; o Concílio ceifou almas. Os soldados combatem pelo exército dos inimigos de Cristo e de sua Igreja, utilizando balas e setas para abater o "Santo Padre" e todo o seu séquito, formado por outros bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e pessoas de variadas classes sociais. Os tiros representam o poder das armas dos inimigos, mas as setas são a essência dessas armas, pois simbolizam as palavras. As setas sempre foram utilizadas na cultura pictográfica de diversos povos da Antiguidade para expressar palavras e, de fato, o mal penetrou no interior da Igreja justamente por meio das palavras ambíguas, propositalmente introduzidas nos documentos do Concílio.

A terceira parte da visão retorna ao plano sobrenatural, onde aqueles que morreram em defesa da Fé, sofrendo um martírio espiritual em tempos de apostasia, recebem sua recompensa. O grande exemplo desse martírio foi, sem dúvida, Dom Lefebvre e Dom Antônio de Castro Mayer. No entanto, por se tratar de um martírio espiritual, incruento, essas almas são regadas com o sangue dos primeiros mártires por dois anjos que, nos braços da cruz, utilizam para isso regadores de cristal. Somente então podem receber sua recompensa final: a coroa da glória junto a Deus no Céu.

Essa é uma interpretação possível e considero-a mais verossímil e realista do que aquela apresentada pelo Vaticano. No entanto, para se chegar a tal interpretação, é necessário olhar para o século XX e compreender a extensão de sua tragédia espiritual. Visto assim, a terceira parte do segredo de Fátima se coaduna melhor com a primeira parte do

segredo do que com a segunda. Ou, em uma exegese mais ampla, podemos dizer que as três partes do segredo referem-se, também, seguindo a ordem temporal deste mundo material: a visão do inferno, contida na primeira parte do segredo, seria, de certa forma, uma visão do passado — ou seja, as almas já foram julgadas e condenadas, e nada mais se pode fazer por elas. A segunda parte do segredo referia-se aos males daquela geração: Primeira e Segunda Guerras Mundiais, perseguições à Igreja e ao Santo Padre (o Papado), além da aniquilação de várias nações. Em suma, todos daquela geração viveram e testemunharam esses fatos, que, contudo, poderiam ter sido modificados caso tivessem atendido aos pedidos de Nossa Senhora. Nesse sentido, a segunda parte do segredo tratava-se também de uma intervenção dos Céus para evitar uma tragédia ainda maior: a apostasia e a perda de almas.

Por isso, a terceira parte do segredo era uma profecia, ou seja, tratava-se de acontecimentos futuros que se realizariam a partir de 1960. E, justamente por essa razão, foi mantida em segredo por ordem expressa de Nossa Senhora: *"Isso não conteis a ninguém; ao Francisco, sim, podeis contar."* Assim, se tivesse sido lido e interpretado como deveria, teria sido possível evitar o Concílio Vaticano II. Essa é a razão pela qual o Terceiro Segredo continha apenas uma visão; a busca por sua interpretação deveria ser do maior interesse da Igreja, como demonstração de fé naquilo que lhe foi entregue diretamente do Céu e confirmado pelo maior milagre público da História: o Milagre do Sol. No entanto, as palavras de João XXIII, transmitidas a Monsenhor Capovilla para serem escritas no envelope, deixaram claro que a hierarquia da Igreja confiava mais nos inimigos de Cristo do que nas revelações de Nossa Senhora: *"Não faço juízo, essa mensagem pode ou não ser uma manifestação do Divino."*

Ler o segredo não bastava; era preciso uma prova de fé, e essa prova era a busca por seu significado. Por isso, considero desnecessária toda essa polêmica em torno de um suposto *Quarto Segredo de Fátima* levantada pelos fatimistas. O que mais eles querem? Deus não lhes deu Dom Lefebvre para desmascarar todos os erros do Concílio Vaticano II?

Benamozegh dizia que os dogmas cristãos estão para Deus "como um macaco para o homem"; para ele, a Cabala era o único meio de restabelecer a harmonia entre o judaísmo e a humanidade, pois a verdadeira tradição judaica reconheceria tanto a imanência quanto a transcendência de Deus, unindo assim o panteísmo ao monoteísmo. *"A fé que Israel conserva poderá um dia reconciliar as igrejas divididas"*. Para ele, a Cabala conciliaria Israel sacerdote com a humanidade laica. O sacerdócio de Israel, como ele o entendia, pressupunha uma humanidade à qual estivesse a serviço. *"A fraternidade entre todos os povos e a comunhão de todos com Israel, que é o centro para o qual devem tender, para se reunir todas as religiões"*. Assim, o fim supremo do culto judaico, segundo a Cabala, é a unificação do Deus imanente e do Deus transcendente por meio do próprio homem. Para os cabalistas, o homem deve agir sobre sua natureza, dominando-a, e esse domínio seria uma vitória sobre Deus como Criador. Enquanto o cristianismo, com sua concepção de Deus encarnado em Jesus Cristo, teria cavado um abismo entre Deus transcendente e o mundo, para a Cabala, a encarnação existiria no fato e pelo fato de toda a criação. Israel, na doutrina cabalista, deveria ser o centro da humanidade, pois seria um povo destinado a assumir, dentro dela, um papel sacerdotal.

Como podemos notar, as ideias benamozeghianas foram plenamente absorvidas pelo Vaticano II e penetraram profundamente no ambiente católico pós-conciliar. Enumeremos alguns exemplos:

1. **Benamozegh:** "Renunciar à centralidade da Igreja a favor da centralidade de Israel."

   Paulo VI: "Oração da Sexta-feira Santa *pro Judaeis*, em que se pede a sua fidelidade à Antiga Aliança."[113]

   João Paulo II: "A Antiga Aliança jamais foi revogada."[114] "Os judeus, nossos irmãos maiores (e prediletos) na fé."[115]

---

113. Cfr. Paulo VI, *Novus Ordo Missae* de 1970.

114. JOÃO PAULO II. Mainz, 1981.

115. JOÃO PAULO II, Roma, 1986.

2. **Benamozegh:** "A fé que Israel conserva poderá um dia reconciliar as igrejas divididas."

   Ratzinger: "*Muitas religiões, uma só aliança* (*Assis, A Porciúncula*, 2008), em que examina a nova teologia conciliar e pós-conciliar sobre as raízes judaicas do cristianismo, que devem reunir as diversas religiões.[116]

3. **Benamozegh:** "Se para o cristianismo a Encarnação se cumpre em um só homem, para a Cabala, a encarnação existe no fato e pelo fato de toda a criação."

   ***Gaudium et Spes*:** "Pelo próprio fato de que o Verbo se encarnou, se uniu a cada homem."[117]

   Relativos comentários de João Paulo II em suas encíclicas:

   - Em *Redemptor Hominis*, lê-se: "Com cada um, Cristo se uniu para sempre (...). Desde o momento em que vem concebido sob o coração de sua mãe." (nº 13); "Qualquer homem, sem exceção alguma, (...) mesmo quando o homem é disto inconsciente." (nº 14).
   - Em *Dominum et Vivificantem*: "A encarnação (...) significa assunção de (...) toda a humanidade, de todo mundo visível e material." (nº 50).
   - "O Verbo se uniu a toda carne ou criatura, especialmente ao homem. (...) Deus é imanente ao mundo e o vivifica a partir de dentro." (nº 54).

A apostasia da fé católica em favor do judaísmo é inegável para qualquer pessoa que se dedique a estudar o assunto. Infelizmente, essa é a terrível realidade da crise na Igreja e no mundo.

116. Cfr. RATZINGER, J.

117. Cfr. *Gaudium et Spes*, n. 22, 1965.

CAPÍTULO XXVII

O erro dos Fatimistas

No blog oficial do Opus Dei, na matéria de 17 de setembro de 2002, lê-se:

«Com motivo da notícia da próxima canonização do Bem-aventurado Josemaría, superiores e superioras de muitas comunidades religiosas escreveram ao prelado do Opus Dei para cumprimenta-lo e para compartilhar da sua alegria.

Como se sabe, também as comunidades religiosas podem ser nomeadas cooperadoras do Opus Dei. Sua contribuição consiste na oração diária pelo trabalho de evangelização da prelazia. Atualmente são mais de 500 as comunidades cooperadoras, masculinas e femininas, que sustentam a prelazia com suas orações, em numerosos países do mundo.

Dentre as numerosas mensagens recebidas, vale a pena mencionar alguns parágrafos:

A priora do Convento das Carmelitas descalças de Coimbra escreve estas palavras: "Como cooperadoras do Opus dei há várias décadas, queremos manifestar a Vossa Excelência Reverendíssima nossa alegria pela próxima canonização do Bem-aventurado Josemaría". E acrescenta: "Esta alegria é compartilhada pela Irmã Lúcia, que reitera o que já manifestou por ocasião da beatificação do Servo de Deus". A vidente de Fátima conheceu pessoalmente o fundador do Opus Dei e o "empurrou" carinhosamente a começar o trabalho apostólico em Portugal.»

Esse comunicado da Madre Prioresa do Carmelo de Coimbra evidencia que tanto ela quanto as demais irmãs do convento eram colaboradoras do Opus Dei, além de confirmar a história de que foi a Irmã Lúcia quem ajudou Josemaria Escrivá a estabelecer o Opus Dei em Portugal. Embora esse fato não esteja mencionado em *Meu Caminho*, diário da Irmã Lúcia — ao menos na parte publicada até agora —, não deixa de ser curioso notar a similaridade dos títulos entre o diário da vidente, o livro publicado pelo Carmelo de Coimbra e a obra de Josemaria Escrivá, todos contendo a mesma palavra: *Caminho*. Sabe-se que, além de supernumerários e numerários, o Opus Dei conta também com os chamados cooperadores. Estes, embora não pertençam diretamente à Prelazia, trabalham e auxiliam os apostolados do Opus Dei ao redor do mundo. Só em Portugal, são cerca de 3.700 cooperadores, todos constando em uma lista confidencial, na qual se registram seus dados, a identidade de quem os recrutou e o tipo de ajuda que prestam à Obra.

Curiosamente, os cooperadores nem precisam ser católicos nem obedecer às mesmas normas de vida impostas aos membros do Opus Dei. Nesse sentido, sua ligação com a organização pode variar bastante. Internamente, eles se dividem em três categorias: o cooperador ativo, que reza, contribui financeiramente e ainda presta serviços à Obra; o cooperador que apenas faz doações, sem trabalhar diretamente para a instituição; e o cooperador não católico, que colabora com trabalho ou contribuições. O caso das irmãs do convento de Coimbra se encaixa na primeira dessas três categorias.

Na cerimônia de canonização do fundador do Opus Dei, realizada na Praça de São Pedro por João Paulo II, estiveram presentes vários cooperadores influentes de Portugal. Entre eles, destacam-se Paulo Portas, então ministro de Estado e da Defesa; o presidente da Assembleia da República, Mota Amaral, membro celibatário da Obra; e o vice-presidente da Assembleia, Narana Coissoró, cooperador assumido, apesar de hindu. Além desses, também marcaram presença Maria Barroso, principal liderança da Cruz Vermelha Portuguesa, e Maria José Nogueira Pinto, presidente da Santa Casa de Misericórdia, que sempre manteve estreita proximidade com o Opus Dei.

Outro ilustre presente foi o ex-presidente de Portugal, Ramalho Eanes, o primeiro chefe de Estado democraticamente eleito após a Revolução de 25 de abril de 1974, evidenciando o êxito da estratégia de Josémaria Escrivá em Portugal no período pós-Salazar. Meses antes de viajar a Roma para a canonização de Escrivá, Ramalho Eanes foi um dos principais oradores em uma sessão evocativa do fundador do Opus Dei, realizada no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, sob a organização do Colégio Universitário da Boavista. Além disso, frequentou a AESE e obteve o doutoramento na Universidade de Navarra, na Espanha — instituição criada por Josémaria Escrivá e na qual se formam a grande maioria dos membros do Opus Dei.

Além desse imenso poder, exercido por meio de figuras públicas proeminentes na sociedade civil — como no caso de Portugal —, o Opus Dei também exerce profunda influência na cúpula da Igreja portuguesa, especialmente por meio da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. Em Portugal, são cerca de 125 padres ligados à organização, dos quais 25 pertencem diretamente ao Opus Dei, enquanto os outros 100 são membros de diversas dioceses. Internacionalmente, esse número chega a aproximadamente 4.000 sacerdotes. O primeiro religioso português a integrar essa ordem foi Alberto Cosme do Amaral, que veio a ser bispo de Leiria-Fátima de 1972 a 1993, período extremamente significativo.

Os homens escolhidos para serem ordenados sacerdotes do Opus Dei são numerários e agregados com mais de 25 anos, que se dedicam exclusivamente à Obra. Eles recebem uma formação teológica rigorosa, sendo exigido que concluam um doutoramento em alguma disciplina eclesiástica. Além disso, todos devem assinar uma declaração escrita atestando que optam por essa vida sacerdotal de livre e espontânea vontade. Os membros mais importantes e poderosos da hierarquia do Opus Dei, como o Prelado e o Vigário Regional de cada país, devem ser necessariamente sacerdotes.

Diante disso, algumas perguntas se tornam inevitáveis sobre o papel dos apostolados de Fátima em meio a esse cenário: por que nunca investigaram essas relações entre o Opus Dei e o Vaticano, o Opus

Dei e Portugal, o Opus Dei e Fátima e, sobretudo, o Opus Dei e o Carmelo de Coimbra? Não receio em afirmar que os apostolados de Fátima simplesmente seguiram a direção apontada pelo Opus Dei no que diz respeito ao significado da mensagem de Fátima para a Obra: o anticomunismo.

O Opus Dei tornou-se a potência que é hoje em todo o mundo, principalmente por sua atuação no setor financeiro, tanto na Espanha quanto em Portugal, a partir da década de 1940. Foi nesse campo que os membros da Prelatura exerceram maior influência, ocupando gradualmente posições estratégicas nos mais altos escalões de bancos e empresas, muitas delas associadas a instituições financeiras. O maior símbolo desse poder, por exemplo, é o Banco Comercial Português (BCP), o maior banco privado de Portugal, criado em 1985 e liderado durante 20 anos pelo supernumerário Jorge Jardim Gonçalves.

O sistema liberal revelou-se o mais adequado para os objetivos financeiros do Opus Dei, pois toda a sua estrutura organizacional depende desse modelo econômico. Portanto, é essencial estudar os mecanismos internos de funcionamento da Obra para, dentro desse contexto, compreender as relações entre o Opus Dei, Fátima, a Irmã Lúcia e os desdobramentos e implicações que tudo isso representou para a história oficial da mensagem de Fátima.

É por essa razão que o Opus Dei ressignificou a mensagem de Fátima, direcionando o foco exclusivamente para a segunda parte do segredo, aquela que trata dos males temporais, interpretando-os como causados pelo inimigo do sistema liberal — do qual a organização se beneficia — ou seja, o comunismo. Para compreender essa dinâmica, retornemos agora ao texto escrito pela Irmã Lúcia:

> «Assustados e como a pedir socorro, levantávamos a vista para Nossa Senhora, que nos disse com bondade e tristeza:
>
> — Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo

a devoção ao meu Imaculado Coração. Se fizerem (*observe o leitor que a oração é condicional ou hipotética*) o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra (*a Primeira Guerra Mundial*) vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra (guerra) pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para a impedir (*para impedir a guerra*) virei (*atenção ao tempo verbal, futuro*) pedir a Consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem (*outra vez oração condicional ou hipotética*) aos meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não (*oração condicional com o verbo implícito*) atenderem (*aos meus pedidos*), (*a Rússia*) espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. (*Ponto final, e não vírgula, como indevidamente os Fatimistas costumam pôr, indicando uma continuidade obrigatória com o dito depois.*) O Santo Padre consagrar-me-á à Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz. (*Segue-se a isto, o acréscimo da Irmã Lúcia na sua quarta memória.*) Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.

Quando rezais (*rezardes*) o terço, dizei, depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas (*em Portugal as Alminhas são nichos localizados nas estradas onde se acendem as velas pelas almas do purgatório*) todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem.

Seguiu-se um instante de silêncio e perguntei:

— Vossemecê não me quer mais nada?

— Não, hoje não te quero mais nada.»

Como já assinalei anteriormente, essa parte do segredo fazia referência exclusivamente àquela geração e aos terríveis acontecimentos da primeira metade do século XX. O Opus Dei, no entanto, conferiu-lhe um caráter permanente, de modo que a terceira parte do segredo seria apenas uma repetição da segunda. Essa foi a interpretação do Cardeal Sodano e, posteriormente, a mesma adotada pelo Cardeal Ratzinger em seu comentário teológico, no qual ainda a relacionou às palavras de Jacinta, registradas pela Irmã Lúcia em sua terceira memória:

> Um dia fomos passar horas de sesta perto do poço dos meus pais. Jacinta sentou-se à beira do poço; Francisco veio comigo procurar mel silvestre nos arbustos de um matagal junto a uma margem próxima. Passado algum tempo, a Jacinta chamou-me:
>
> — Não viste o Santo Padre?
>
> — Não!
>
> — Não sei como foi! Eu vi o Santo Padre numa casa muito grande, de joelhos, diante de uma mesa, chorando com as mãos no rosto. Fora de casa havia muita gente, alguns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Pobre Santo Padre! Temos que orar muito por ele.
>
> Já contei como, um dia, dois padres recomendaram que rezássemos pelo Santo Padre e nos explicaram quem era o Papa.
>
> A Jacinta perguntou-me depois:
>
> — É o mesmo que vi chorar e de quem aquela Senhora nos contou no segredo?
>
> — Sim, respondi.

— Sem dúvida que a Senhora também o mostrou a estes sacerdotes. Você se dá conta? Eu não. Eu trapaceei. É preciso orar muito por ele.

Noutra ocasião fomos a Lapa do Cabeço. Uma vez lá, prostramo-nos por terra, para rezar as orações do Anjo. Passado algum tempo, a Jacinta levanta-se e chama-me;

— Você não vê muitas estradas, muitos caminhos e campos cheios de gente chorando de fome porque não tem o que comer? E o Santo Padre numa Igreja, rezando diante do Imaculado Coração de Maria? E tantas pessoas orando com ele?

Passados alguns dias, perguntou-me:

— Posso dizer que vi o Santo Padre e toda aquela gente?

— Não. Você não vê que isso faz parte do segredo? Que por aí logo se descobriria?

— Está bem, então não digo nada.

Em 1981, após o atentado ao Papa João Paulo II, surgiu a oportunidade de associar o Pontífice — promotor do Opus Dei e da causa anticomunista — ao Terceiro Segredo e ao "Santo Padre" que sofria, conforme a visão de Jacinta, tomando como base a segunda parte do segredo. Curiosamente, foram os próprios fatimistas que alimentaram essa interpretação, a qual, como já explicado, tornava o Terceiro Segredo absolutamente desnecessário para eles.

Quando, em 1967, o Opus Dei apresentou ao lado de Paulo VI uma falsa vidente de Fátima, aqueles que aceitaram a mentira — talvez por parecer necessária naquele momento — e até mesmo os organizadores da fraude, não esperavam ter que recorrer novamente a esse simulacro. Por isso, em 1977, a entrevista com o Cardeal Luciano Albini provavelmente ocorreu com a verdadeira Irmã Lúcia, que permanecia confinada em silêncio total, atendendo apenas àqueles autorizados pelas autoridades do Opus Dei na Diocese de Coimbra e no Carmelo. Não houve publicidade nem registros fotográficos desse encontro.

Entretanto, quando João Paulo II manifestou interesse pelo Terceiro Segredo após o atentado de 13 de maio e quis um encontro público com a Irmã Lúcia, a situação tornou-se embaraçosa. A verdadeira vidente não poderia ser vista em público, pois ficaria evidente que a mulher apresentada em 1967 não era a autêntica Irmã Lúcia, e isso representaria um grande problema para o Vaticano. A solução encontrada foi dar continuidade à farsa e reapresentar a falsa Irmã Lúcia. No entanto, essa decisão teve um custo: doravante, essa impostora teria de ser mantida como a Irmã Lúcia oficial, sem possibilidade de retorno.

Mesmo assim, essa falsa vidente mostrou-se extremamente útil para a narrativa oficial do Vaticano, orquestrada pelo Opus Dei, em relação a Fátima. Mas por que o Terceiro Segredo revelado não despertou o interesse dos fatimistas? Por que não se dedicaram a estudar o texto do Terceiro Segredo? Questionar a interpretação do Cardeal Sodano era legítimo, afinal. No entanto, os fatimistas notaram duas ausências no texto revelado pelo Vaticano em 2000, o que os levou a negar sua autenticidade ou a afirmar que nem tudo havia sido divulgado:

1. A Consagração da Rússia: Os fatimistas, ao condicionarem os "erros da Rússia" ao comunismo — fruto de sua interpretação parcial da mensagem de Fátima, baseada exclusivamente na segunda parte do segredo, como advertiu o Cardeal Ottaviani em 1967 —, não se ocuparam de estudar e compreender as causas mais profundas do Concílio Vaticano II, sua relação com o Hassidismo judaico originado na Rússia czarista e seus compromissos secretos com o Papa João XXIII e o Cardeal Augustin Bea. Os resultados dessas influências subverteram a Doutrina Católica e a substituíram por um humanismo maçônico, trazendo para as almas consequências muito mais graves do que o próprio comunismo soviético.

Se a segunda parte do segredo tratava de tragédias físicas, a terceira parte referia-se às tragédias espirituais. A História da Igreja demonstra que as perseguições físicas produzem mártires, enquanto o afastamento da doutrina gera apóstatas.

A partir de 1984, houve uma divisão entre os fatimistas. O Exército Azul não pôde fugir da sua própria "lógica" e tratou de alinhar-se ao Opus Dei e àquilo que João Paulo II, de fato, fazia: desintegrar o comunismo soviético. Por essa razão, o Exército Azul apressou-se em reconhecer como válido o "Ato de Entrega" composto por João Paulo II em 1981, repetido em Fátima em 1982, e, finalmente, concedeu plena adesão à Consagração realizada na Praça de São Pedro em 1984, com menção *"in pectore"* da Rússia.

Além disso, o Exército Azul apoiou integralmente a interpretação dada pelo Cardeal Sodano ao Terceiro Segredo de Fátima, tornando-se, assim, o Apostolado Mundial de Fátima (WAF), com um santuário próprio em uma das fazendas de um de seus fundadores, John Mathias Haffert, totalmente adaptado ao modernismo reinante em Roma.

O padre Gruner e o *Fátima Center*, embora negassem a possibilidade de uma falsa Irmã Lúcia, passaram a conviver com o desconforto da contradição. O próprio padre Gruner, ao fim da vida, segundo fontes próximas a ele, reconheceu que o Concílio Vaticano II foi um mal maior do que o comunismo soviético.

Se aquela mulher entrevistada por Carlos Evaristo era, de fato, a Irmã Lúcia, como poderia afirmar que a Consagração da Rússia havia sido plenamente realizada por João Paulo II, se ele não mencionara explicitamente a Rússia? A explicação de que essa menção foi feita *"in pectore"* não convencia. Ainda mais surpreendentes eram as declarações da "Irmã Lúcia" apresentada por Evaristo, segundo as quais Nossa Senhora não havia pedido uma menção especial à Rússia e que a Consagração, tal como feita pelo Papa, havia sido aceita pelo Céu.

Para o *Fátima Center*, era impossível crer em uma Consagração que não resultava nem na conversão da Rússia, nem no Triunfo do Imaculado Coração de Maria.

No entanto, a "Irmã Lúcia" declarou, na referida entrevista, que a palavra *conversão* não significava que a Rússia deveria aderir ao Catolicismo romano, mas apenas uma mudança de atitude, do comunismo ateu para um regime que permitisse a liberdade, inclusive religiosa.

Para escapar da contradição, quando o mais correto seria simplesmente reconhecer e denunciar que aquela mulher não era a verdadeira Irmã Lúcia, o *Fátima Center* acabou se colocando em uma posição ainda mais desconfortável quando, em 2000, o Vaticano apresentou a interpretação absurda de que o bispo vestido de branco seria uma visão profética do atentado contra João Paulo II em 1981.

O texto do Terceiro Segredo, na verdade, representou uma grande decepção para os fatimistas; restava-lhes, então, a inconformidade e o apego à suposição de um "Quarto Segredo de Fátima". Suas esperanças foram amplificadas pelo livro de Antonio Socci, *O Quarto Segredo de Fátima*. Não afirmo que seja impossível a existência de outro envelope contendo "algo mais" — Socci até apresenta argumentos interessantes a esse respeito. No entanto, gostaria de citar um episódio que talvez tenha passado despercebido pelos fatimistas.

O Cardeal Bertone, ao tentar refutar as alegações de Socci, aceitou participar do programa de televisão italiano *Porta a Porta*, no canal Rai Uno. O resumo desse evento está bem descrito por Christopher A. Ferrara em *O Segredo por Revelar*. Limitarei-me aqui à parte relativa aos envelopes apresentados pelo Cardeal:

Bertone exibiu uma sequência de envelopes. O primeiro deles, com a letra do bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva, destinatário do Terceiro Segredo, era um envelope amarelado com um grande selo vermelho, enviado por Dom José ao Patriarca de Lisboa. Pela parte superior do envelope, que havia sido aberto com um abridor, o Cardeal Bertone retirou um segundo envelope, contendo a seguinte inscrição, escrita pela Irmã Lúcia:

> «Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom José Alves C. da Silva, Bispo de Leiria.»

Esse segundo envelope não possuía selo. De dentro dele, Bertone retirou um terceiro envelope, contendo três selos e uma nova inscrição, também escrita pela Irmã Lúcia:

> «Por ordem expressa de Nossa Senhora, este envelope só pode ser aberto em 1960 por sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa ou o Senhor Bispo de Leiria.»

Esse terceiro envelope também havia sido aberto pela parte superior, e de dentro dele o Cardeal retirou um quarto envelope, igualmente lacrado com três selos e trazendo a mesma inscrição da Irmã Lúcia:

> «Por ordem expressa de Nossa Senhora, este envelope só pode ser aberto em 1960 por sua Eminência o Senhor Patriarca de Lisboa ou o Senhor Bispo de Leiria.»

Finalmente, dentro desse quarto envelope estava o texto do Terceiro Segredo, escrito em uma única folha, dobrada em quatro partes.

Os fatimistas imediatamente perceberam a contradição e a falsidade nas declarações da "Irmã Lúcia". Durante o colóquio com o Cardeal Bertone, em 2000, ela afirmou que a data de 1960 havia sido uma decisão pessoal sua. No entanto, o próprio Cardeal Bertone, ao exibir o envelope em rede nacional, mostrou ao mundo que a inscrição feita pela verdadeira Irmã Lúcia declarava claramente que a data de 1960 era uma ordem expressa de Nossa Senhora.

Além disso, há um outro problema: no livro *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, publicado pelo Carmelo de Coimbra, há um trecho do diário da Irmã Lúcia em que ela descreve a dificuldade que teve para encontrar um lacre e selar o envelope. Segundo seu relato, já sem esperanças de obter um lacre com a Madre Superiora, acabou encontrando por acaso, entre uma pilha de papéis que lhe haviam mandado queimar, um pequenino pedaço de lacre — tão pequeno que precisou segurá-lo com um alicate enquanto o derretia para selar o envelope.

No entanto, o que o Cardeal Bertone demonstrou foi que existiam dois envelopes (números 3 e 4), ambos contendo três selos cada. Como isso seria possível? Ambos os envelopes traziam a caligrafia da Irmã Lúcia e a mesma recomendação de Nossa Senhora. Teriam sido escritos em momentos diferentes? É possível.

2. O Triunfo do Imaculado Coração de Maria: Os fatimistas acabaram condicionando o Triunfo do Imaculado Coração de Maria ao Ato de Consagração da Rússia a ser realizado pelo Papa em união com todos os bispos do mundo, tratando-o como uma promessa ou uma certeza. No entanto, como uma certeza poderia estar condicionada a algo? E como uma promessa de Nossa Senhora poderia depender de um ato do Papa e dos bispos?

Vejamos o trecho da segunda parte do segredo de onde os fatimistas tiram essa conclusão:

> «Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz...»

Perceba-se que há um ponto final após a primeira frase, o que lhe confere um sentido próprio e independente do que vem a seguir. Ou seja, o Triunfo do Imaculado Coração ocorrerá inevitavelmente e não está condicionado à Consagração da Rússia, que, por sua vez, seria necessária para que fosse concedido ao mundo um tempo de paz.

Confundir esse "tempo de paz" com o próprio Triunfo do Imaculado Coração de Maria, além de condicioná-lo à Consagração da Rússia, como se após a frase "*Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará*" houvesse uma vírgula em vez de um ponto final, é reduzir a grandeza desse triunfo. Tal interpretação implicaria que o triunfo seria apenas temporário ou, pior ainda, conduziria a uma forma mitigada de milenarismo, como ocorre no Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), antiga TFP (*Tradição, Família e Propriedade*), e nos Arautos do Evangelho. Segundo essas interpretações, o "tempo de paz" corresponderia a um suposto "Reino de Maria", que, para eles, seria o próprio Triunfo do Imaculado Coração de Maria.

Todos esses desvios favoreceram, em maior ou menor grau, ainda que indiretamente, tanto o Opus Dei quanto a própria Igreja Conciliar. O Opus Dei beneficiou-se ao alcançar o status de Prelazia Pessoal, o

que lhe garantiu um poder imenso dentro do Vaticano e a liberdade de expandir sua influência sobre a sociedade civil em todo o mundo. Além disso, a canonização de seu fundador conferiu-lhe um prestígio espiritual legitimado pela própria Igreja.

A Igreja Conciliar, por sua vez, consolidou sua nova doutrina, sua nova Missa, seu novo Catecismo e seu novo Código de Direito Canônico em conformidade com as exigências do Comitê Judaico-Americano. Além disso, conseguiu silenciar as únicas vozes que denunciavam seus compromissos com os inimigos da Igreja Católica, excomungando, de maneira injusta, Dom Marcel Lefebvre e Dom Antônio de Castro Mayer — um fato que, até hoje, não gerou qualquer protesto por parte dos fatimistas.

O rótulo pejorativo de *lefebvristas*, utilizado para desqualificar aqueles que denunciaram as reformas conciliares, tornou-se uma espécie de instrumento retórico dos próprios fatimistas, que insistem em não reconhecer que os problemas internos da Igreja eram (e continuam sendo) muito mais graves do que qualquer ameaça representada pelo comunismo soviético.

CAPÍTULO XXVIII

Irmã Lúcia e Emanuela Orlandi

Às vezes, a realidade imita a ficção; contudo, toda ficção é, antes de tudo, inspirada pela própria realidade. A realidade, porém, revela-se muito mais severa em suas consequências.

Na obra cinematográfica *The Prestige*, de Christopher Nolan, baseada no livro homônimo de Christopher Priest, dois ilusionistas rivais buscam obstinadamente desvendar os segredos por trás dos truques um do outro. Um dos mágicos utilizava seu irmão gêmeo para realizar seu truque mais impressionante. O êxito absoluto do truque dependia do sigilo em torno da existência do irmão gêmeo, permitindo que ambos vivessem como se fossem uma só pessoa: ora um atuava, ora era o outro. A história é inspirada na vida do mágico chinês Ching Ling Foo, famoso por realizar truques cujos segredos permaneciam desconhecidos.

Analogamente, já analisamos como foi possível a existência de duas "Irmãs Lúcias" simultaneamente, por um extenso período, a partir de 1967. Embora não possamos responder a todas as perguntas ou esclarecer todos os pormenores, algumas questões se destacam. Um inquérito policial devidamente instaurado, com investigações rigorosas e a obtenção de provas periciais a serem apresentadas em juízo, seria indispensável para revelar toda a verdade.

Nosso objetivo é, portanto, demonstrar as evidências e as reais possibilidades de que esses fatos tenham ocorrido, por mais extraordinários que pareçam. Algumas questões se impõem e é essencial tê-las em mente. Entretanto, o ponto de partida deve ser a verificação empírica de que estamos diante de um caso de duplicidade de pessoas. A partir disso, vejamos se é possível responder essas questões de forma razoável:

Questões essenciais a serem consideradas:

1. Os familiares da Irmã Lúcia tinham conhecimento dessa situação?

2. Se sim, por que aceitaram?

3. Se não, como foi possível enganá-los por tanto tempo?

4. As autoridades eclesiásticas, incluindo padres próximos à Irmã Lúcia, os bispos de Leiria-Fátima e Coimbra, além dos papas Paulo VI e João Paulo II, estavam cientes?

5. As irmãs do Convento de Santa Teresa sabiam dessa substituição?

6. Se sim, por que aceitaram?

7. Se não, como foi possível enganá-las por tanto tempo?

8. Os apostolados de Fátima tinham conhecimento dessa fraude?

9. Se sim, por que aceitaram?

10. Se não, como foi possível enganá-los por tanto tempo?

11. Por que a "falsa Irmã Lúcia" se submeteria a assumir o lugar de outra pessoa, e ainda por tanto tempo?

12. A "verdadeira Irmã Lúcia" consentiu em ser substituída por outra pessoa?

13. Se sim, qual seria a razão?

14. Se não, por que permaneceu em silêncio em vez de denunciar a fraude?

Essas perguntas, embora difíceis, são fundamentais para avaliar as possibilidades e as circunstâncias em torno dessa alegada duplicidade. Embora não possamos fornecer respostas definitivas sem uma investigação completa, elas servem como um guia inicial para a análise dos fatos.

Respostas às questões levantadas:

1. Os familiares da Irmã Lúcia tinham conhecimento dessa situação?
Sim, mas apenas parcialmente, e apenas os familiares de primeiríssimo grau — e mesmo assim, nem todos.

2. Se sim, por que aceitaram?
Isso poderia ter sido possível devido às circunstâncias apresentadas no momento da visita do Papa Paulo VI a Fátima. A substituição da Irmã Lúcia por outra pessoa talvez tenha sido justificada aos familiares por um comunicado eclesiástico de caráter pessoal e extremamente sigiloso, alegando, por exemplo, uma enfermidade da Irmã Lúcia que a impossibilitasse de participar de uma cerimônia de suma importância para a Igreja e para o Papa. Essa decisão poderia ter sido considerada preferível a frustrar milhares de peregrinos que viajaram grandes distâncias para vê-la, o que seria desastroso para o evento.

Além disso, a utilização de uma "sósia" poderia ter sido apresentada como uma medida de segurança, visando proteger a própria Irmã Lúcia de possíveis perigos. Assim, alguns familiares próximos, envolvidos nessa narrativa, aceitaram a situação, sem imaginar as consequências futuras.

3. Se não, como foi possível enganá-los por tanto tempo?
Os demais familiares, mais distantes, não tiveram conhecimento dos fatos ocorridos durante a visita de Paulo VI e continuaram a manter contatos ocasionais com a verdadeira Irmã Lúcia na década seguinte, por meio de cartas ou raras visitas. A falsa Irmã Lúcia só voltaria a ser vista publicamente em 1982.

A partir desse momento, os familiares mais próximos perceberam que algo estava errado, mas ficaram sem saber como corrigir a situação. Denunciar algo que envolvia suas próprias ações seria arriscado e, possivelmente, infrutífero. Quem lhes daria ouvidos?

Com o passar dos anos, os familiares mais velhos faleceram, enquanto outros, como primos e sobrinhos, conformaram-se com a situação. Embora tivessem acesso à verdadeira Irmã Lúcia, optaram

pelo silêncio — seja por obediência às autoridades eclesiásticas, seja pela acomodação aos negócios familiares ligados ao Santuário de Fátima.

4. As autoridades eclesiásticas, incluindo padres, bispos e papas, estavam cientes?

Apenas um número muito limitado de autoridades eclesiásticas teria conhecimento direto da fraude. É provável que figuras como o bispo de Leiria-Fátima, Dom João Pereira Venâncio, estivessem cientes apenas parcialmente, sob as mesmas justificativas apresentadas aos familiares mais próximos.

Padres próximos à Irmã Lúcia também podem ter tido conhecimento parcial da situação. Entretanto, há indícios de que o clero ligado à esfera principal do poder do Opus Dei estava diretamente envolvido na fraude. Josemaría Escrivá de Balaguer, fundador do Opus Dei, e o arcebispo de Coimbra, Dom Ernesto Sena de Oliveira, tiveram um encontro inesperado com a "Irma Lúcia" às vésperas da chegada de Paulo VI a Fátima em 1967, sugerindo uma possível participação nesse processo.

O Papa Paulo VI exigiu a presença da Irmã Lúcia nas celebrações do cinquentenário de Fátima. É possível que tenha sido informado da impossibilidade de sua presença, mas não se opôs à ideia de utilizar outra freira em seu lugar, desde que houvesse garantias de que isso não seria percebido. Seria isso absurdo? Paulo VI não era um exemplo de caráter irrepreensível; basta lembrar do caso dos padres enviados em segredo aos países do Leste comunista, que levou o Papa Pio XII a enviá-lo para a Diocese de Milão, afastando-o de Roma. Para Paulo VI, o essencial na cerimônia era a mensagem que desejava transmitir.

João Paulo II, por outro lado, provavelmente morreu sem saber que a freira com quem se encontrou a partir de 1982 não era a verdadeira vidente de Fátima. Isso significaria que ele foi manipulado pelo Opus Dei. Já Joseph Ratzinger, como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé de 1981 a 2005, certamente teria pleno conhecimento da fraude. É também altamente provável que os cardeais Ângelo Sodano e

Tarcísio Bertone estivessem cientes e a tenham encoberto pelas mesmas razões que Ratzinger.

5. As irmãs do Convento de Coimbra tinham conhecimento dessa substituição?
Sim, é provável. As freiras do Carmelo eram cooperadoras do Opus Dei há várias décadas, como afirmou a própria priora do convento em 2001. Isso sugere que algumas freiras que viveram ali durante esse período tinham pleno ou parcial conhecimento dos fatos.

6. Se sim, por que aceitaram?
Aceitaram por obediência ao Opus Dei, já que eram cooperadoras da Obra.

7. Se não, como foi possível enganá-las por tanto tempo?
Não se aplica, considerando a resposta anterior.

8. Os apostolados de Fátima tinham conhecimento dessa fraude?
Os apostolados de Fátima, como Exército Azul, Fátima Center, IPCO e Arautos do Evangelho, possuíam os meios para investigar esses fatos, mas optaram por não buscar a verdade ou sequer considerar essa possibilidade.

9. Se sim, por que aceitaram?
Os apostolados enganaram-se a si próprios, ajustando os fatos ao que desejavam acreditar, em vez de buscar a verdade objetiva.

10. Se não, como foi possível enganá-los por tanto tempo?
Não se aplica, considerando a resposta anterior.

11. Por que a "falsa Irmã Lúcia" aceitou assumir esse papel?
Provavelmente por obediência.

12 e 13. A "verdadeira Irmã Lúcia" consentiu com sua substituição?
Até que surjam novas evidências, é impossível responder.

14. Por que a verdadeira Irmã Lúcia não denunciou a fraude?
É possível conjecturar que, se esse foi o caso, a verdadeira Irmã Lúcia tentou se fazer ouvir, mas suas mensagens foram interceptadas, desviadas ou censuradas por seus superiores imediatos.

Suas conversas eram vigiadas e restritas, e seu claustro pode ter se tornado absoluto até o fim de sua vida.

Tais especulações são razoáveis e capazes de responder a questionamentos mais objetivos e importantes que possam ser formulados. Contudo, muitas perguntas ainda permanecem sem resposta e estão além do que podemos considerar por ora. Mesmo assim, a responsabilidade de certos setores eclesiásticos precisa ser investigada e apontada, como no caso de Emanuela Orlandi.

Pietro Orlandi, irmão de Emanuela, há mais de 40 anos trava uma batalha contra o Vaticano e as autoridades italianas, enfrentando forças e poderes ocultos, extremamente influentes. Há, de certo modo, um ponto de conexão entre os dois casos. Evidências recentes sugerem que Emanuela Orlandi pode ter falecido por causas naturais em um convento na Inglaterra.

A suspeita ganha força considerando que, quando Enrico De Pedis, chefe da máfia *Banda della Magliana* e provável sequestrador da jovem, foi assassinado em 1990, o cardeal Ugo Poletti solicitou que ele fosse sepultado na Basílica de Sant"Apollinare, sob a autoridade do Opus Dei. Em sua solicitação, Poletti descreveu De Pedis como um "benfeitor para as causas humanas".

Por que um cardeal faria esforços para que um criminoso fosse enterrado na mesma basílica onde repousam mártires? Uma correspondência intrigante entre o cardeal Ugo Poletti e o arcebispo de Canterbury, na Inglaterra, em 1993, recentemente revelada, mostra que ambos sabiam do paradeiro de Emanuela Orlandi. Nessa carta, Poletti escreveu: *"Eu soube que você está em Londres... sobre a questão de Emanuela Orlandi, pode ser que sim, o caso que conhecemos diretamente..."*

O nome do cardeal Ugo Poletti consta na conhecida "lista Pecorelli", com registro na maçonaria datado de 17 de fevereiro de 1969, matrícula 32/1425-UPO (vigário de S.S.). Sua rápida ascensão na carreira eclesiástica sob o pontificado de Paulo VI também é digna de nota. Durante seus oito anos como Arcebispo de Milão, Montini implementou uma política radical voltada à esquerda, entrando em conflito com

outros membros da Conferência Episcopal Italiana (CEI), especialmente o Arcebispo Gilla Vincenzo Gremigni, da Diocese de Novara.

Uma vez estabelecido na diocese, o Arcebispo Montini tomou a polêmica decisão de fechar e remover *Il Popolo d"Italia*, um jornal consolidado e publicado pela Diocese de Novara. O Bispo Gremigni, Ordinário de Novara, protestou, argumentando que tal ato não estava sob a jurisdição do Arcebispo Montini.

Em 1º de janeiro de 1963, apenas seis meses antes de sua eleição ao Sólio Pontifício, Montini enviou ao Arcebispo de Novara uma carta cujo teor foi tão impactante que, ao lê-la, Gremigni sofreu um ataque cardíaco fatal no dia 7 de janeiro. Montini foi imediatamente informado da morte do venerável bispo e dirigiu-se ao local, onde encontrou o jovem auxiliar de Gremigni, Monsenhor Ugo Poletti.

Poletti não apenas confirmou que o ataque cardíaco havia sido provocado pela carta de Montini, mas também informou que o documento permanecia na escrivaninha do bispo, junto aos selos episcopais anteriormente usados por Gremigni. Preocupado com a possibilidade de a notícia vazar para a imprensa, Montini pressionou Poletti a manter sigilo, o que ele prometeu fazer. Quando Montini deixou Milão rumo a Roma, a morte do Arcebispo Gremigni parecia pesar em sua consciência, enquanto Monsenhor Poletti acompanhava-o como um espectro do falecido bispo. Pouco tempo depois, Paulo VI recompensou a lealdade de Poletti nomeando-o para a Diocese de Spoleto, em um movimento que marcaria o início de uma série de "milagrosas" promoções papais.

Logo após a morte repentina do Cardeal Ângelo Dell"Acqua, por ataque cardíaco, Paulo VI nomeou Poletti Vigário de Roma. Posteriormente, Poletti tornou-se Presidente da Conferência Episcopal Italiana e, finalmente, recebeu o barrete cardinalício em 5 de março de 1973.

Se o depoimento de Sabrina Minardi, ex-amante de Enrico De Pedis, for verídico, Emanuela Orlandi teria sido entregue a um cardeal muito influente dentro do Vaticano, cuja identidade não foi revelada — seria Ugo Poletti? Segundo novas descobertas, a jovem teria sido enviada pelo próprio Vaticano a um convento na Inglaterra, onde teria falecido.

Seus restos mortais, supostamente enviados a Roma nos anos 1990, jamais foram encontrados.

Se as autoridades mais proeminentes da Igreja foram capazes de infligir tamanha dor e sofrimento a uma família inocente para prosseguir impunemente com seu jogo de poder, também seriam capazes de manter tudo isso sob o mais absoluto silêncio no caso da Irmã Lúcia.

Se tudo isso for verdade, significa que as autoridades do Vaticano poderiam ter devolvido Emanuela à sua família, sã e salva, ainda em 1984. No entanto, preferiram continuar encobrindo pistas e bloqueando investigações. O ônus do escândalo — que envolveria cardeais, bispos e, segundo o mafioso Marcelo Neroni, até mesmo o Papa João Paulo II — era alto demais.

Diante de um caso tão grave, a pergunta que se impõe é simples: por que as autoridades do Vaticano não fariam o mesmo com uma senhora que, evidentemente, representava uma ameaça aos objetivos de certos setores da Igreja, ligados sobretudo ao Opus Dei e à maçonaria eclesiástica?

Nesse jogo de poder, o comunismo soviético era tratado apenas como um inimigo político, e não como uma ameaça efetiva à fé. Dom Marcel Lefebvre tinha razão: Roma havia perdido a fé e estava em apostasia.

CAPÍTULO XXIX

A estranha carta de 1982

No início de 2024, durante uma de minhas viagens a São Paulo, conheci a Dra. Raquel Carleial, juíza naquele Estado e esposa de um renomado professor e historiador brasileiro. Na ocasião, eu estudava o texto da carta que a "Irmã Lúcia" entregou ao Papa João Paulo II em maio de 1982, por ocasião da visita de Sua Santidade a Fátima. Em uma conversa informal, comentávamos sobre certos aspectos da carta que me pareciam estranhos. Foi então que a Dra. Raquel me orientou a procurar um profissional altamente qualificado na matéria. Foi dessa forma que tomei conhecimento da Perita Grafotécnica Dra. Regina Hellmeister.

Para mim, seria de extrema importância obter um parecer técnico de um perito brasileiro que não tivesse qualquer envolvimento com a causa religiosa em questão. Dessa forma, sua análise se manteria isenta e estritamente técnica.

Após um breve contato por e-mail, a Dra. Hellmeister aceitou me receber pessoalmente, e combinamos uma data para o encontro, que finalmente ocorreu alguns meses depois. É relevante destacar que a Dra. Regina Hellmeister é especialista em grafodocumentoscopia e exerceu o cargo de Perita Criminal na Seção Técnica de Documentoscopia do Instituto de Criminalística do Estado de São Paulo. Além disso, trabalhou em conjunto com o Dr. Orlando Gonzalez Garcia, também perito grafodocumentoscópico, ambos com atuação reconhecida junto ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. A experiência de ambos na área de perícia grafotécnica é vasta, incluindo a participação na solução do escândalo que envolveu Fernando Collor de Mello, Presidente do Brasil entre 1990 e 1992.

No entanto, devo admitir que o resultado final da perícia me surpreendeu negativamente. Foram apresentados aos peritos três manuscritos cuja autenticidade eu colocava em dúvida, mas o laudo concluiu que os três documentos analisados eram autênticos.

Primeiro documento: Carta da Irmã Lúcia, datada de 27 de dezembro de 1969, dirigida ao "Senhor Dr. Alcino Magalhães" (o mesmo dentista que lhe extraiu os dentes). Esta carta foi publicada no livro *Memórias e Cartas da Irmã Lúcia*, fl. 450.

Segundo documento: Carta ao "Senhor Padre Humberto", datada de 13 de abril de 1980, publicada no *L'Osservatore Romano* em 1982.

Terceiro documento: Carta que a "Irmã Lúcia" entregou ao Papa João Paulo II em 1982, mas que só foi publicada em 2000 pela Congregação para a Doutrina da Fé, no documento intitulado *A Mensagem de Fátima*, e que se encontra reproduzida no livro *Memórias da Irmã Lúcia I*, p. 203, 16ª edição, setembro de 2013.

Os peritos utilizaram como padrão de confronto diversos documentos manuscritos da Irmã Lúcia anteriores a 1960, incluindo os manuscritos das *Memórias da Irmã Lúcia*, além de diversas cartas e assinaturas da vidente de Fátima.

A principal dificuldade em relação ao terceiro documento era o fato de que os quatro parágrafos dessa carta foram redigidos em letra de fôrma, e não em letra cursiva, como era o padrão das cartas escritas pela Irmã Lúcia. Essa discrepância foi uma das razões de minhas dúvidas quanto à autenticidade do documento. No entanto, os peritos identificaram outros manuscritos da Irmã Lúcia em que há trechos escritos em letra de fôrma, os quais também foram incluídos na análise grafotécnica como padrão de confronto.

No livro *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, encontram-se alguns desses documentos. Por exemplo, na página 251, há uma fotocópia de um manuscrito da Irmã Lúcia extraído da página 139 de seu diário, onde parte do texto está em letra de fôrma, incluindo o título, enquanto

o restante encontra-se em letra cursiva. O documento é datado de 29 de maio de 1941 e contém o seguinte texto:

> «A sós com Jesus Sacramentado
> 25/5/1941
>
> Fiquei só com Jesus Sacramentado na capela, desde o fim do recreio da noite até a meia-noite, alumiada apenas pelo pálido clarão da lâmpada.
>
> Ajoelhada no meio, junto ao degrau da mesa da Sagrada Comunhão, meditava no mistério da divina presença no Augusto Sacramento, e o Bom Deus comunicou-se tão intensamente à minha alma que me senti aniquilada com a força do Amor na humilhação, no abatimento do próprio nada. Mas o Amor, quando aniquila, purifica e dá vida; quando abate, dá força; quando humilha, dá luz e levanta à íntima união.
>
> É o coração que Ele consome e purifica das próprias misérias; é o orgulho que Ele aniquila com a força da humilhação na Sua presença; é a natureza que Ele abate, levantando-a às regiões do sacrifício, da renúncia, da imolação por Ele e para Ele.
>
> De Ti meu Deus, espero a graça de seguir com fidelidade a que de mim quereis, dar-te tudo, dar-me toda!
>
> CANTAREI AO SENHOR, UM CÂNTICO NOVO E RESSOARÃO OS MEUS LOUVORES NA REUNIÃO DOS SANTOS.
>
> ACOMPANHAREI O MEU CÂNTICO COM O SALTÉRIO E COM O SOM DA CÍTARA. PORQUE ME HAVEIS DELEITADO SENHOR, COM A VOSSA MISERICÓRDIA.»

Também incluímos na análise o manuscrito presente na página 269 de *Um Caminho sob o Olhar de Maria*, que consta igualmente no diário da Irmã Lúcia, nas páginas 158 e 159, e já foi mencionado no capítulo

O Terceiro Segredo enfim revelado. Esse documento também contém trechos em letra de fôrma.

Minha primeira suspeita era de que a carta de 1982 (o terceiro documento) tivesse sido "montada" utilizando o recurso de recorte e colagem, uma técnica fraudulenta já detectada pela Dra. Hellmeister e pelo Dr. Garcia no caso do *segredo apócrifo* publicado pelo *Tradition in Action*. Naquele caso, verificou-se que o texto era uma falsificação composta por recortes de manuscritos autênticos da Irmã Lúcia, reorganizados e duplicados para formar frases que se encaixassem na narrativa desejada. No entanto, os peritos não encontraram indícios desse tipo de fraude no documento de 1982.

Um detalhe particularmente interessante foi notado pelos peritos: **todos os documentos analisados foram escritos por um punho esquerdo**, o que reforçava minha suspeita de que a Irmã Lúcia era canhota. Essa característica pode ser identificada pelos especialistas a partir da quantidade de tinta depositada durante o repouso do bico da caneta sobre o papel, especialmente no traçado horizontal da letra "T", uma vez que os canhotos tendem a iniciar esse traçado da direita para a esquerda.

Os exames grafotécnicos também confirmaram a autenticidade do manuscrito revelado em 2000 pelo Vaticano, que continha o texto do Terceiro Segredo de Fátima.

O primeiro e o segundo documentos (as cartas ao Dr. Alcino Magalhães e ao Padre Humberto Pasquale) não representavam um problema para mim. No entanto, a carta de 1982 era, de fato, um grande impasse. A confirmação da autenticidade desses três documentos, respaldada por uma perícia grafotécnica, indicava de forma inequívoca que a verdadeira Irmã Lúcia permanecia viva ao menos até 1980, data da carta ao Padre Humberto.

Contudo, se ela realmente era a autora da carta de 1982, por que esse texto destoava tanto de outros escritos seus sobre o mesmo assunto? O mistério apenas se aprofundava, mas era evidente que eu precisava considerar outras possibilidades em minha investigação.

A suposta carta de 1982, na verdade, não contém nem a data nem a assinatura da Irmã Lúcia, ao menos na versão do documento[118] que só viria a ser publicada por Dom Bertone em 2000, junto com o Terceiro Segredo de Fátima. Trata-se de um manuscrito que reproduzo a seguir:

> «A terceira parte do segredo: refere-se às palavras de Nossa Senhora: "Se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas (13-VII-1917)".
>
> A terceira parte do segredo que tanto ansiais por conhecer, é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da mensagem, condicionado a se, sim ou não, nós aceitamos ou não, o que a mensagem nos pede: "Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo", etc.
>
> Porque não temos atendido a este apelo da mensagem, verificamos que ela se tem cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, como fato consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado, do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência, etc.
>
> E não digamos que é Deus que assim nos castiga; mas, sim, que são os homens que para si mesmos se preparam o castigo. Deus apenas nos adverte e chama ao bom caminho, respeitando a liberdade que nos deu; por isso os homens são responsáveis.»

Na transcrição desse texto manuscrito, o Vaticano excluiu uma frase do segundo parágrafo: "*... que tanto ansiais por conhecer...*". Assim, o texto transcrito ficou apenas como: "*A terceira parte do segredo é uma revelação...*". Qual teria sido a razão para tal omissão? Obviamente, não

118. "Mensagem de Fátima". Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html.

se tratou de um descuido do redator, pois a frase permanece suprimida até hoje, sem a devida correção, nem mesmo na compilação das memórias da Irmã Lúcia, realizada pelo padre Luís Kondor e publicada pela Fundação Francisco e Jacinta Marto na 16ª edição, em 2013.

Antonio Socci e o padre Paul Kramer argumentam que essa frase sugere a existência de outro segredo não publicado pelo Vaticano. Eles sustentam que a Irmã Lúcia ou não sabia que João Paulo II já conhecia o segredo desde 1981, ou se referia a outro texto do segredo; caso contrário, não teria escrito essa frase. Ambos concluem, portanto, que essa teria sido a razão pela qual o Vaticano optou por omitir a passagem na transcrição oficial.

Minha opinião é que a Irmã Lúcia, de fato, desconhecia que João Paulo II já havia lido o segredo em 1981. No entanto, se essa fosse a única questão, por que Dom Bertone simplesmente não incluiu a frase na transcrição publicada pela Santa Sé? Afinal, à primeira vista, a omissão não pareceria necessária.

Como já discutimos, o Opus Dei e o Papa João Paulo II compartilhavam os mesmos princípios quanto à liberdade religiosa e aos direitos da pessoa humana sob uma ótica meramente naturalista, sem levar em conta a necessidade da graça santificante. Por isso, imediatamente após o atentado sofrido pelo Papa em 13 de maio de 1981, surgiu a oportunidade de interpretar esse evento como uma manifestação da intercessão de Nossa Senhora de Fátima em favor de sua vida. Essa narrativa favorecia diretamente o Opus Dei, pois fornecia a confirmação de que a Obra era, de fato, a vontade de Deus, alinhando-se perfeitamente com a imagem de um Papa que reunia em si todas as características do "Santo Padre" descrito na visão dos pastorinhos de Fátima. Esse Papa, o *Bispo vestido de branco*, estaria destinado a vencer o "Império Infernal".

É necessário compreender o cenário que se desenhou: João Paulo II deveria ser o Papa de Fátima, e a mensagem se encerraria nele. Para isso, sua vitória política sobre o comunismo soviético seria essencial. O Opus Dei poderia, então, consolidar sua posição à frente do Vaticano

e exercer maior influência nos países do Leste Europeu, preenchendo o vácuo deixado após o colapso da Cortina de Ferro.

Os jesuítas continuavam a adotar uma política de aproximação com os governos socialistas, o que representava uma ameaça ao poder que o Opus Dei exercia na América Latina. A Teologia da Libertação ganhava força à medida que os regimes militares cediam espaço à redemocratização. Essa foi a única razão, por exemplo, para a reprimenda que o Cardeal Ratzinger dirigiu ao frei marxista Leonardo Boff: a Igreja não poderia combater o comunismo soviético na Europa enquanto parte do clero apoiava abertamente Cuba e o sandinismo na Nicarágua.

As declarações confusas da "Irmã Lúcia" durante a década de 1980 refletem as limitações da Santa Sé diante desse cenário político internacional, especialmente no que se refere à Consagração da Rússia. Seria um ato politicamente vantajoso? Ou poderia representar um retrocesso e um fracasso nas pretensões do Papa e do Opus Dei? O próprio João Paulo II parecia incerto a respeito disso. De fato, para ele, não estava claro se Ali Agca, o terrorista turco que o alvejou, era realmente um agente a serviço da KGB. Quando questionado sobre essa possibilidade, o Papa respondia: "*Não importa, sei que foi o Diabo, e não preciso saber mais.*" Contudo, a verdade é que ele se sentia confuso e, por essa razão, provavelmente escreveu à Irmã Lúcia buscando esclarecimentos sobre o texto do Terceiro Segredo.

Essa hipótese parece plausível, pois o trecho da carta de 1982 que o Vaticano suprimiu diz exatamente: "*A parte do segredo que tanto ansiais por conhecer...*", o que indica que essa carta era uma resposta a uma dúvida previamente expressa pelo próprio Papa. Isso também responde a uma questão essencial: por que Dom Bertone suprimiu essa frase em sua transcrição oficial? O Vaticano não queria expor ao mundo a incerteza de João Paulo II, pois a interpretação oficializada em 2000 sustentava que o Papa, ao ler o segredo, identificou-se imediatamente como o "Bispo vestido de branco". Surge, então, uma pergunta inevitável: por que ele escreveria à Irmã Lúcia solicitando que ela lhe revelasse o significado de um texto que ele já havia compreendido? Ele buscava apenas uma confirmação do que já intuía?

Conforme já lemos em *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, a própria "Irmã Lúcia" teria identificado João Paulo II como o Papa da profecia do Terceiro Segredo logo após receber a notícia do atentado de 13 de maio de 1981. No entanto, ao analisar essa afirmação mais detidamente, percebo que ela reflete, na verdade, uma agenda imposta pelo Vaticano para moldar a interpretação do Terceiro Segredo à política anticomunista do pontificado de João Paulo II, e é exatamente por isso que essa carta se torna tão importante.

Mas por que esse documento permaneceu oculto até o ano 2000? A explicação para essa questão parece estar no fato de que o texto parece ter sido previamente preparado para ser apenas transcrito pela Irmã Lúcia. O Vaticano não poderia publicá-lo imediatamente, pois seu conteúdo dependeria da confirmação de eventos futuros — ou seja, a vitória política de João Paulo II sobre o comunismo. Contudo, era conveniente que tal documento existisse, caso o desfecho esperado se concretizasse. Assim, ele poderia ser divulgado no momento oportuno.

Isso também sugere que o próprio João Paulo II desconhecia que a mulher com quem se encontrou e de quem recebeu essa carta em 13 de maio de 1982 não era a verdadeira Irmã Lúcia. O encontro foi breve, sem intérpretes, e a "Irmã Lúcia" que ali estava já não parecia a mesma que, décadas antes, buscava alertar sobre a apostasia iminente. A partir daquele momento, essa mulher assumiria definitivamente o papel público da vidente de Fátima, tornando-se a porta-voz de uma nova versão da mensagem de Fátima — uma mensagem moldada para promover a dignidade e a unidade do gênero humano, a paz mundial e a liberdade religiosa. O inimigo central dessa narrativa seria o comunismo.

Essa nova abordagem foi confirmada posteriormente nas entrevistas com Carlos Evaristo em 1992 e 1993, quando a "Irmã Lúcia" afirmou: *"... A Rússia estava consagrada em todas as consagrações."* Essa declaração contradizia diretamente a carta anteriormente enviada ao padre Humberto Pasquale, cuja autenticidade já foi confirmada, e na qual a Irmã Lúcia escreveu com clareza:

> «Respondendo à sua pergunta, esclareço: Nossa Senhora, em Fátima, no seu pedido, só se referiu à consagração da Rússia. Na carta que escrevi ao Santo Padre Pio XII, por indicação do confessor, pedi a consagração do mundo com menção explícita da Rússia.
>
> Dedicada em união de orações.»
>
> Coimbra, 13-4-1980

Se a Rússia já estava consagrada em todas as Consagrações, por que então a insistência em nomeá-la explicitamente naquela e nas demais cerimônias de Consagração? O ponto central não era esse, mas sim o fato de que tudo precisava se encaixar dentro da narrativa que ligava Fátima ao Papa João Paulo II.

Acredito que o encontro entre João Paulo II e a "Irmã Lúcia", ocorrido na Casa de Nossa Senhora do Carmo em Fátima, marcou definitivamente o ponto sem retorno dessa farsa. Os apostolados de Fátima já demonstravam desconfiança, e não sem motivo, pois, a partir de então, as contradições em torno da "Irmã Lúcia" tornaram-se ainda mais evidentes.

É compreensível que essa outra "Irmã Lúcia" se sentisse desconfortável, e esse fato parece ser corroborado pelo próprio livro *Caminho Sob o Olhar de Maria*. Nele, há um registro interessante sobre a segunda visita de João Paulo II a Fátima, em 1991:

> «O encontro com o Papa deu-se na manhã do dia 13, antes da Eucaristia, na casa de Nossa Senhora do Carmo. A Irmã Lúcia dirigiu-se para lá acompanhada pela Madre Prioresa. Chegaram antes do Santo Padre e aí ficaram em oração uns breves momentos até que lhes anunciaram que estava a chegar o Papa. Este entrou, fez uma breve oração ao Santíssimo e com muita alegria e simplicidade cumprimentou a Madre Prioresa e a Irmã Lúcia e em seguida todos se dirigiram para a porta do

> corredor em direção à sala onde se daria o diálogo. Ao saírem para o corredor deram-se de frente com vários jornalistas e fotógrafos que, delicadamente, perguntaram se podiam tirar algumas fotografias. O Santo Padre ao notar que a Pastorinha se retraía — ela não gostava de ser fotografada — pegou-lhe pela mão e com um leve sorriso, disse-lhe: *Temos que lhes fazer a vontade.*» [119]

Se o relato for verídico — e tudo indica que seja — João Paulo II não se importava em ser fotografado ao lado da "outra Irmã Lúcia", desconhecendo, evidentemente, a impostura. Mantê-lo nessa ignorância era essencial para que a fraude obtivesse êxito, embora isso não o isente de responsabilidade. Para ela, contudo, ser fotografada era sempre um grande inconveniente, por razões óbvias.

Façamos, então, uma análise mais detalhada da carta publicada pelo Vaticano em 2000: a carta inicia citando o texto da segunda parte do segredo, antecipando que o Terceiro Segredo está diretamente relacionado a ela. Mas, se a mensagem de Fátima se limitasse apenas a esse trecho, por que Nossa Senhora revelaria uma parte que deveria permanecer oculta até 1960? E por que o Vaticano não o revelou imediatamente?

O texto do Terceiro Segredo, tal como foi publicado, não faz nenhuma menção explícita à Rússia ou ao comunismo. Pelo seu conteúdo simbólico, não se extrai de imediato qualquer questão diplomática delicada entre o Vaticano e os países do Leste Europeu. Ainda assim, os apostolados de Fátima seguiram a mesma linha de interpretação, condicionando o conteúdo do segredo ao contexto da segunda parte, que trata exclusivamente das tragédias físicas decorrentes das guerras e das perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Contudo, o elemento mais relevante estava justamente nos eventos que marcaram e transformaram a Igreja a partir da data mencionada no envelope do segredo: 1960.

119. *Um caminho sob o olhar de Maria.* Narrativa oral da irmã Lúcia.

Essa postura se explica pelo fato de que a promessa do Triunfo do Imaculado Coração de Maria está contida no texto da segunda parte do segredo. Na visão dos apostolados de Fátima, esse triunfo ocorreria apenas após a Consagração da Rússia, representando o fim do comunismo. Ao insistirem nessa ideia, desconsideraram completamente a importância da terceira parte do segredo — o verdadeiro desfecho da mensagem, sem o qual as duas partes anteriores perdem seu sentido teológico.

Esse reducionismo acabou transformando a mensagem de Fátima em uma questão meramente política. Durante algum tempo, essa abordagem incomodou o Vaticano, pois, no contexto da *Ostpolitik* promovida pelos Papas João XXIII e Paulo VI, a insistência em uma consagração da Rússia com vistas à queda do comunismo soviético não era diplomática nem conveniente. A Santa Sé buscava diálogo com os regimes comunistas do Leste Europeu, não confrontação.

Contudo, na década de 1980, o cenário mudou: o socialismo real estava em colapso e não poderia coexistir com a nova ordem econômica mundial que se desenhava para as décadas seguintes. João Paulo II seria, então, o líder religioso incumbido de desempenhar o papel principal nessa redefinição geopolítica da Europa. Foi nesse contexto que o Vaticano passou a enfatizar a mensagem de Fátima, focando-se mais diretamente na segunda parte do segredo.

Por isso, no segundo parágrafo da carta, que contém o "deslize" de acrescentar a frase: "*... que tanto ansiais por conhecer...*", estabelece-se uma relação entre a mensagem — agora concentrada apenas na segunda parte do segredo — e a humanidade em geral. Em outras palavras, excluem-se quaisquer responsabilidades da Hierarquia da Igreja pelo não cumprimento dessa mensagem. A mensagem assume definitivamente o espírito do Concílio Vaticano II: Fátima não seria um alerta sobre apostasia ou uma advertência aos Papas pós-1960, mas apenas um "apelo" à consciência coletiva, convocando-nos a trilhar o caminho da paz, da liberdade e da dignidade da pessoa humana.

Observemos que a carta é composta por apenas quatro parágrafos. Contudo, ao lermos *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, na página 416, o penúltimo parágrafo faz a seguinte observação sobre essa carta:

> «Essa carta, bastante extensa, contém os grandes desejos levados no coração da Irmã Lúcia e que desejava ver satisfeitos. Eram desejos que lhe pareciam ser de Nossa Senhora, fruto das suas constantes meditações sobre a mensagem que lhe fora entregue para transmitir ao mundo.»

É, portanto, curioso que uma carta descrita como «bastante extensa», contendo desejos que a Irmã Lúcia acreditava serem de Nossa Senhora, tenha apenas quatro parágrafos que, na realidade, não são profundos, mas superficiais. Além disso, nota-se claramente que esta carta não apresenta data, assinatura, introdução ou conclusão. Há uma evidente lacuna estrutural, como se estivesse incompleta, sem um início ou fim adequados.

O mistério se aprofunda: o Vaticano não publicou a carta integralmente. Em *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, nas páginas 203 e 204, encontramos ao menos os parágrafos iniciais dessa carta:

> «À Sua Santidade João Paulo II, humildemente exponho e suplico:
>
> A consagração da Rússia ao Coração Imaculado de Maria, em união com todos os Bispos do mundo. De modo que esta consagração seja um laço de união de todos os membros do Corpo místico de Cristo, que, com Maria Mãe de Cristo e Mãe Nossa, se oferecem ao Senhor para completar a obra da Redenção do mundo. E quanto possível, que todos os cristãos e mesmo os não católicos, e até os não cristãos que queiram unir-se a este ato de plena consagração e entrega ao Senhor, unidos ao Coração Imaculado de Maria.

> É como compreendi que devia ser feita esta consagração, à imitação de Cristo quando disse ao Pai: "Consagro-me por eles para que também eles sejam consagrados", na verdade, na justiça e no amor, unidos na mesma fé, na mesma esperança e no mesmo amor.»

Por que o Vaticano não publicou a carta na íntegra? Gostaria de chamar novamente a atenção do leitor para o tipo de letra utilizada pela Irmã Lúcia na parte da carta cuja fotocópia foi publicada pelo Vaticano: trata-se de letra de fôrma, e não cursiva.

Como podemos observar, essa mudança de caligrafia, passando de cursiva para letra de fôrma, era um recurso textual utilizado pela Irmã Lúcia. Não exatamente de natureza cartográfica, mas útil para fazer citações ou destacar algo que, para ela, possuía importância suficiente para justificar tal ênfase. Por outro lado, não há registros de cartas da Irmã Lúcia utilizando exclusivamente a letra de fôrma. Ao contrário, suas correspondências pessoais são, em quase sua totalidade, redigidas em letra cursiva.

Por que, então, uma carta tão significativa como a de 1982 não apresenta qualquer traço de escrita cursiva? Não teriam os parágrafos introdutórios sido escritos originalmente em letra cursiva? E por que o Vaticano optou por suprimi-los?

Além disso, é igualmente relevante observar a mudança de estilo ao compararmos os dois primeiros parágrafos, publicados em *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, com os quatro subsequentes, divulgados pelo Vaticano em 2000. Nos dois parágrafos iniciais, a Irmã Lúcia trata exclusivamente da questão da consagração da Rússia, atribuindo-lhe um sentido teológico ao usar a expressão: "*... se oferecem ao Senhor para completar a obra da Redenção do mundo.*"

Cabe lembrar que, embora Nosso Senhor tenha lhe dito em 1936 que essa consagração seria realizada — ainda que tardiamente —, Ele a consideraria "um" triunfo do Imaculado Coração de Maria, razão pela qual a Irmã Lúcia insistia tanto nesse ato de consagração.

Já nos parágrafos seguintes, percebemos uma descontinuidade temática e uma clara mudança de estilo. Ao passar diretamente do tema da consagração da Rússia para a "terceira parte do segredo", notamos uma queda do tom teológico para um discurso mais naturalista, justamente na parte em que o aspecto sobrenatural deveria se destacar mais claramente.

Ao analisarmos esse aspecto, surge um dado novo e bastante significativo, apresentado por Saverio Gaeta em *I Segreti di Suor Lucia*: uma carta da Irmã Lúcia ao Papa Paulo VI, datada de 22 de agosto de 1967, pouco após a viagem do Papa a Fátima. Nessa carta, ela expõe as razões pelas quais sentia necessidade de conversar pessoalmente com o Pontífice: o Terceiro Segredo de Fátima. No entanto, como o leitor poderá perceber, o núcleo do Terceiro Segredo apresentado por ela em agosto de 1967 difere completamente daquele que aparece na carta de 1982. Isso levanta questões fundamentais: por que essa discrepância? E como interpretar essa mudança tão significativa no conteúdo e no tom?

> «No entanto, dizem-me que não devo deixar nada de lado, porque nem a mensagem de Nossa Senhora, nem eu, me pertence, tudo pertence à Igreja. Isto me dá grande prazer, porque só desejo, imitando a Virgem Maria, ser a humilde Serva do Senhor. E foi exatamente por isso que quis recorrer à Sua Santidade para me dizer qual é a vontade da Santa Igreja.
>
> **Comentário:** Essa era a razão pela qual a Irmã Lúcia desejava falar a sós com o Papa em 13 de maio de 1967, em Fátima: explicar-lhe pessoalmente o significado completo da mensagem de Fátima, algo que não poderia escrever, mas poderia revelar em conversa direta.
>
> Uma das perguntas que me têm feito ultimamente é: já foi tudo entregue à Igreja? Eu respondi que sim. Eu deveria ter dito isso: no que diz respeito aos fatos, sim. Mas no que diz respeito à perspectiva e aos aspectos particulares, não.
>
> Contudo, não dei esta resposta para não suscitar novas questões às quais não seria conveniente responder.

Os pontos significativos da mensagem são:

1. A imensa luz que era Deus, e se manifestou em 13 de junho de 1917.

Comentário: Essa é uma frase do texto do Terceiro Segredo de Fátima, que só se tornaria público em 2000. Portanto, isso comprova a autenticidade da carta, pois cita expressamente uma frase do segredo. Já a carta de 1982, que estamos analisando, não contém nenhuma referência textual clara ao Terceiro Segredo, o que nos leva a suspeitar que quem redigiu aquele texto desconhecia o conteúdo do segredo. É crucial que o leitor tenha isso em mente.

Eu disse que essa luz foi mostrada, mas não o seu desenvolvimento.

2. As palavras de Nossa Senhora: "Em Portugal sempre se conservará o dogma da Fé." em 13 de julho de 1917. Eu disse e essas palavras são publicadas, mas não o seu significado.
3. "No final, meu Imaculado Coração triunfará". Eu disse e essas palavras são publicadas, mas não em que consiste a sua realização.

Santíssimo Padre, de minha parte prefiro sempre o silêncio, que é onde melhor encontro o Mistério inefável da Presença Divina, do grande amor e misericórdia do bom Deus para com a Santa Igreja, as almas e o mundo.» [120]

120. GAETA, Saverio. *I Segreti di Suor Lucia*, pp. 137-138.

É notável a diferença de estilo e conteúdo entre a carta de 1967 e a de 1982. Enquanto a carta de 1967 expressa, com clareza e profundidade, o desejo da Irmã Lúcia de expor a mensagem de Fátima além dos limites da escrita, a carta de 1982 apresenta um tom presunçoso, como se tentasse resumir, em quatro parágrafos, toda a riqueza teológica de uma mensagem repleta de sentidos amplos. Repentinamente, o texto se converte em um apelo humanista à paz e à dignidade da pessoa humana. Mas como seria possível falar de verdadeira dignidade sem a graça de Deus?

É razoável presumir, portanto, que os quatro parágrafos apresentados pelo Vaticano sejam, na verdade, apenas aquela "parte" que a Irmã Lúcia não atribuiu diretamente a si mesma, utilizando-se, para tanto, da letra de fôrma, como se dissesse: "*Essas não são minhas palavras.*" Minha conclusão é que, por obediência, ela escreveu o que lhe mandaram: "*Escreve o que te mandam, não porém o que te é dado entender do seu significado.*" Essas palavras de Nossa Senhora certamente lhe serviram de norte e consolo em momentos tão difíceis.

No entanto, gostaria de enfatizar um aspecto fundamental sobre a apostasia que se configurou visivelmente em 1986, no encontro de Assis promovido pelo Papa João Paulo II. Até esse momento, nem mesmo Dom Marcel Lefebvre percebia com clareza absoluta a extensão da crise. Após o Concílio, ele notava que algo estava errado, mas foi o tempo que lhe revelou, gradualmente, a profundidade e a gravidade da situação. Assim, ele foi assumindo, de forma prudente e respeitosa, uma postura firme de resistência. Mesmo assim, não deixou de exortar e advertir com zelo a autoridade pontifícia, tanto de Paulo VI quanto de João Paulo II.

Ademais, Dom Lefebvre assinou quase todos os documentos do Concílio. Com toda a sua formação teológica e prudência, ele não compreendeu de imediato o que estava acontecendo com a Igreja. Hoje, para um historiador afastado cronologicamente dos fatos, é fácil perceber o desastre que foi o Concílio Vaticano II para a Igreja e para o mundo. No entanto, para a Irmã Lúcia, uma simples freira que completara

apenas a quarta série colegial, interpretar o significado profundo da visão profética descrita no Terceiro Segredo de Fátima e relacioná-lo imediatamente aos fatos históricos não era algo tão evidente no período pós-conciliar.

Seria humanamente compreensível que ela tivesse dúvidas sobre quem seria, afinal, o "Bispo vestido de branco". À luz do distanciamento histórico, interpreto essa figura como Dom Marcel Lefebvre. O que afirmo, sim, é que, após a apostasia pública simbolizada pelo encontro de Assis, a Irmã Lúcia jamais confirmaria a interpretação que o Vaticano apresentaria em 2000 para o Terceiro Segredo.

Intuindo isso, Dom Marcel Lefebvre dirigiu-se ao Carmelo de Coimbra em 1987, desejando ouvir a Irmã Lúcia e conversar com ela face a face sobre a apostasia que se concretizava. Contudo, não lhe foi permitido esse encontro. Naquela altura, uma outra mulher já ocupava, definitivamente, o lugar da verdadeira vidente de Fátima.

Por não possuirmos os direitos de propriedade dos laudos
da Dra. Regina Hellmeister e do Dr. Orlando Garcia,
não nos foi permitido publicá-los.

CAPÍTULO XXX

O "Catolicismo de Israel" em Assis

Andrea Riccardi, historiador italiano de renome, fundou em 1968 a Comunidade Santo Egídio, movimento que segue os ideais do Concílio Vaticano II. Conhecida como a "pequena ONU do Trastevere", a comunidade se tornou uma das principais promotoras do "Catolicismo de Israel" na Itália, disfarçado sob o eufemismo de "diálogo inter-religioso e ecumênico". Desde 1987, a Comunidade Santo Egídio organiza encontros anuais de cunho ecumênico, e seu logotipo reflete os símbolos da Aliança Noéica: a pomba e o arco-íris.

A comunidade desempenhou um papel central na promoção da unidade entre as religiões desde o Dia Mundial de Oração pela Paz, realizado em Assis em 1986, convocado pelo Papa João Paulo II.

Para aqueles que não estão familiarizados com o que aconteceu no encontro de Assis, faremos aqui uma breve recapitulação. A seguir, destacamos algumas partes essenciais para compreender o propósito e o caráter desse encontro: no dia 27 de outubro de 1986, cerca de 130 líderes religiosos, representando diversas comunidades cristãs e as principais religiões não cristãs, foram convidados por João Paulo II a participar de um evento em Assis. Na sua primeira alocução, pronunciada diante da Basílica de Santa Maria dos Anjos, o Papa descreveu o propósito do encontro com as seguintes palavras:

> «Permiti-me começar por vos agradecer, do fundo do meu coração, pela abertura de espírito e a boa vontade, com as quais aceitastes meu convite para rezar em Assis... O fato de estarmos aqui, não implica nenhuma intenção de procurar um consenso religioso entre nós

ou de conduzir uma negociação sobre nossas convicções de fé... Não é uma concessão ao relativismo em matéria de crenças religiosas, pois todo ser humano deve seguir honestamente sua consciência reta, com a intenção de procurar a verdade e de obedecer-lhe... O fato de professarmos credos diferentes nada tira da significação deste dia. Ao contrário, as igrejas, as comunidades eclesiais e as religiões do mundo mostram que elas desejam profundamente o bem da humanidade... Daqui iremos nos dirigir a lugares diferentes para rezar. Cada religião terá o tempo e a ocasião de exprimir-se segundo o rito tradicional a que pertença. Depois desses lugares distintos de oração, caminharemos em silêncio na direção da esplanada da Basílica interior de São Francisco. Uma vez reunidos na esplanada, cada religião poderá ainda apresentar sua prece uma após a outra... No final do dia, tentarei exprimir o que, esta única celebração, terá dito ao meu coração, como crente em Jesus Cristo e primeiro servidor da Igreja Católica.»[121]

Contudo, é fundamental recordar a Encíclica *Mortalium Animos* de Pio XI, de 6 de janeiro de 1928, que condena, de maneira severa, esse tipo de iniciativa:

«Pois se tal unidade fosse realizada à maneira daqueles que propõem e promovem um congresso das religiões, dar-se-ia com certeza a cada uma delas o mesmo direito, com a mesma honra, o que equivaleria a admitir uma ordem inadmissível, isto é, a que a verdade se possa acomodar a essas várias formas de espírito, contraditórias entre si. Como consequência, quem defende a ideia desses encontros teria de afirmar que todas as religiões são boas, louváveis e igualmente agradáveis a Deus. Ora, quem

121. *Documentation Catholique*, 7 dez. 1986, p. 1070.

quer que adote essa opinião afasta-se completamente da religião divinamente revelada.»[122]

«É igualmente necessário não perder de vista que, como o princípio da unidade da Igreja foi fundado por Cristo em um só magistério divinamente estabelecido, a Igreja Católica tem, sozinha, o papel de proteger a unidade da fé. Consequentemente, quaisquer tentativas de construir uma "unidade" que envolva a concessão ou a diluição das verdades de fé são inadmissíveis.»[123]

«Portanto, veneráveis irmãos, é claro que esta Sé Apostólica nunca permitirá que seus fiéis participem das assembleias de não católicos, nas quais se procura o apoio de uma confederação de todas as religiões. A Igreja Católica não pode, em qualquer caso, ser uma participante ou simpatizante dessas tentativas. Porque, sendo o único verdadeiro instrumento da salvação, foi ela confiada à missão de fazer com que aqueles que ainda não pertencem a ela se convertam à verdadeira fé.»[124]

O Papa Pio XI condena de forma clara e direta a participação da Igreja Católica em encontros ecumênicos com outras religiões que sugerem a igualdade entre elas.

João Paulo II, inevitavelmente, recaiu sob essa condenação, pois o que se buscava em Assis não era a defesa das verdades de fé católica, mas o uso do prestígio e da autoridade histórica da Igreja Católica para abrir caminho a uma nova religião mundial.

João Paulo II encerrou o "Dia de Oração" em Assis não como Papa Católico, mas como porta-voz do "Catolicismo de Israel". Ao final da celebração, ele declarou:

---

122. *Mortalium Animos*, §2.

123. *Mortalium Animos*, §7.

124. *Mortalium Animos*, §10.

> «Após a última prece, a prece cristã, na série que todos escutamos, eu professo novamente a minha convicção, partilhada por todos os cristãos, que em Jesus Cristo, o salvador de todos, pode-se encontrar a paz... Repito aqui, humildemente, minha própria convicção: a paz leva consigo o nome de Jesus Cristo. Com as religiões do mundo, partilhamos um profundo respeito à consciência e à obediência que a todos ensina, a buscar a verdade, a amar e a servir todas as pessoas e todos os povos... Nós todos consideramos a consciência e a obediência à consciência como um elemento essencial para o caminho a um mundo melhor e em paz.»

O Rabino Benamozegh, de Livorno, provavelmente o teria aplaudido. Para o Papa, já não se tratava mais de anunciar a Igreja Católica como único meio de salvação, mas anunciar, segundo sua própria convicção, a paz. Quer dizer, a Fé em Jesus Cristo não é necessária para obter a paz, basta a obediência de cada um à sua própria consciência.

Dom Marcel Lefebvre, juntamente com Dom Antônio de Castro Mayer, reagiu com indignação. Em uma declaração conjunta, ambos expressaram sua profunda discordância com o evento e às atitudes de João Paulo II:

> **Como consequência dos acontecimentos da visita de João Paulo II à Sinagoga e ao Congresso das Religiões em Assis**
>
> Roma nos mandou perguntar se tínhamos a intenção de proclamar nossa ruptura com o Vaticano por ocasião do Congresso de Assis. Parece-nos que a pergunta deveria, antes, se esta: o sr. Acredita e tem a intenção de declarar que o Congresso de Assis consuma a ruptura das Autoridades Romanas com a Igreja Católica?
>
> Porque é precisamente isto que preocupa àqueles que ainda permanecem católicos.

Com efeito, é bastante evidente que, desde o Concílio Vaticano II, o Papa e os Episcopados se afastam, de maneira cada vez mais nítida, de seus predecessores.

Tudo aquilo que foi posto em prática pela Igreja para defender a Fé nos séculos passados, e tudo o que foi realizado pelos missionários para difundi-la, até o martírio inclusive, é considerado doravante como uma falta da qual a Igreja deveria se acusar e pedir perdão.

A atitude dos onze Papas que, desde 1789 até 1968, em documentos oficiais, condenaram a Revolução Liberal, é considerada hoje como "uma falta de compreensão do sopro cristão que inspirou a Revolução".

Donde, a reviravolta completa de Roma, desde o Concílio Vaticano II, que nos fez repetir as palavras de Nosso Senhor àqueles que O vinham prender: "*Haec est hora vestra et potestas tenebrarum* — Esta é a vossa hora e o poder das trevas". (Lc. 22, 52 – 63)

Adotando a religião liberal do protestantismo e da Revolução, os princípios naturalistas de J.J. Rousseau, as liberdades atéias da Constituição dos Direitos do Homem, o princípio da dignidade da pessoa humana já sem relação com a verdade e a dignidade moral, as Autoridades Romanas voltam as costas a seus predecessores e rompem com a Igreja Católica, e põem-se a serviço dos que destroem a Cristandade e o Reinado Universal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os recentes atos de João Paulo II e dos Episcopados nacionais ilustram, de ano para ano, esta mudança radical de concepção da fé, da Igreja, do Sacerdócio, do mundo, da salvação pela graça.

O cúmulo desta ruptura com o magistério anterior da Igreja, depois da visita à Sinagoga, se realizou em Assis. O pecado público contra a unicidade de Deus, contra o Verbo Encarnado e Sua Igreja faz-nos estremecer de horror: João Paulo II encorajando as falsa religiões a

rezar a seus falsos deuses: escândalo sem medida e sem precedente.

Poderíamos retomar aqui nossa Declaração de 21 de novembro de 1974, que permanece mais atual do que nunca.

Quanto a nós, permanecendo indefectivelmente na adesão à Igreja Católica e Romana de sempre, somos obrigados a verificar que esta religião modernista e liberal da Roma moderna e conciliar se afasta cada vez mais de nós, que professamos a Fé Católica dos onze Papas que condenaram esta falsa religião.

A ruptura, portanto, não vem de nós, mas de Paulo VI e de João Paulo II, que rompem com seus predecessores. Esta negação de todo o passado da Igreja por estes dois Papas e pelos Bispos que os imitam é uma impiedade inconcebível e uma humilhação insuportável, para aqueles que continuam católicos na fidelidade a vinte séculos de profissão da mesma Fé. Por isso consideramos como nulo tudo o que foi inspirado por este espírito de negação: todas as Reformas pós-conciliares, e todos os atos de Roma realizados dentro desta impiedade.

Contamos com a graça de Deus e o sufrágio da Virgem Fiel, de todos os mártires, de todos os Papas até o Concílio, de todos os Santos e Santas fundadores e fundadoras de Ordens contemplativas em nosso auxílio na renovação da Igreja pela fidelidade integral à Tradição."

Buenos Aires, 2 de dezembro de 1986

Marcel Lefebvre
Arcebispo — Bispo emérito de Tulle

Antonio de Castro Mayer
Bispo emérito de Campos

A declaração de Dom Lefebvre e Dom Castro Mayer concluía que a ruptura com a Tradição Católica havia sido consumada pelos atos

do Concílio Vaticano II e, de forma mais contundente, pelo evento de Assis, que consideravam um "escândalo sem precedentes". A partir de então, eles passaram a ver os líderes de Roma como afastados da verdadeira fé católica.

Antes mesmo do encontro de Assis, João Paulo II já promovia escândalos, ao colocar em prática elementos da "religião de Noé". Um exemplo significativo ocorreu no início daquele mesmo ano de 1986: João Paulo II fez uma visita espetacular à Sinagoga de Roma, sendo a primeira vez em quase dois mil anos de História da Igreja que um Papa pisava os pés em uma sinagoga. A partir desse momento, o catolicismo dos Papas não seria mais o de Jesus Cristo, mas o de Israel. João Paulo II expressou isso diante do Rabino-Chefe de Roma, Elio Toaff, com as seguintes palavras:

> «A religião judaica não é "extrínseca", mas de alguma forma ela é "inerente" a nossa religião, portanto temos uma relação com os judeus, que nós não temos com qualquer outra religião. Vocês são nossos irmãos muito amados e, em certo sentido, pode-se dizer nossos irmãos mais velhos.»

Esse gesto, que antecedeu o encontro de Assis, foi visto como um reconhecimento da supremacia religiosa do povo judeu sobre os demais, especialmente sobre os cristãos, pois, segundo a hierarquia natural das coisas, autoridade e respeito são devidos aos mais velhos.

Em uma conferência realizada em 2018, em Roma, por ocasião do 50º aniversário da Comunidade Santo Egídio, o Rabino Sirat, presente no encontro de Assis, elogiou a comunidade, referindo-se aos seus membros como "justos entre as nações" pela construção da fraternidade entre povos através do diálogo inter-religioso.

Já discutimos o significado da expressão "Justo entre as nações", que, aliás, pode ser facilmente encontrada por qualquer pessoa que consultar a Wikipédia:

> «A expressão Justos entre as Nações (em hebraico: חסידי אומות העולם, *Chassidey Umot HaOlam*), que também pode se referir à casa de Noé, é um termo utilizado no judaísmo para se referir a gentios (não-judeus) fiéis às sete leis de Noé e que, por esse motivo, mereceriam o paraíso.»[125]

O Memorial do Holocausto instituiu o prêmio "Justo entre as nações", e há uma longa lista de padres e bispos que foram agraciados com essa honraria.

125. "Justos entre as Nações". *Wikipédia*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Justos_entre_as_nações.

CAPÍTULO XXXI

O "Catolicismo de Israel" em Fátima

Segundo dados da Wikipédia, a maior concentração de comunidades *B"nai Noach* (Filhos de Noé) atualmente encontra-se nas Filipinas. Cerca de 2.000 filipinos identificam-se como noéicos, estudam a Torá, observam o Shabat e apoiam fervorosamente uma forma de sionismo religioso. Para os filipinos noéicos, os judeus são vistos como um povo superior, dotado de uma capacidade inata de acessar a divindade. Sob a orientação de seus mentores rabinos, eles são proibidos de realizar rituais judaicos ou de ler certos textos sagrados do judaísmo.

Diante disso, não surpreende que o cardeal filipino Luís Antonio Tagle tenha declarado, em 12 de maio de 2019, que o *"Santuário de Fátima pode afirmar-se cada vez mais como um pólo de diálogo inter-religioso e intercultural, além de um espaço de promoção da paz universal, através de uma mensagem de abertura a todos, de acolhimento na diferença e da demonstração às pessoas de todas as religiões de que estão num lugar de paz e de respeito mútuo."*

Na mesma ocasião, Dom Antonio Marto, bispo de Leiria-Fátima, presente na conferência, também admitiu a possibilidade de Fátima tornar-se uma "nova Assis", simbolizando o diálogo inter-religioso.

Esse ideal já estava em gestação décadas antes. Entre 10 e 12 de outubro de 2003, uma conferência intitulada "O Presente do Homem — Futuro de Deus, o Lugar dos Santuários em Relação ao Sagrado" ocorreu nas proximidades do Santuário de Fátima, no Centro Pastoral Paulo VI.

Segundo o semanário *Portugal News*, esse congresso foi inspirado em conjunto pelo Vaticano e pela ONU. Na edição de 1º de novembro de 2003, lê-se:

> «Delegados (...) ouviram como o Santuário será transformado num centro onde todas as religiões do mundo irão se reunir para prestar homenagem a seus vários deuses. O Congresso aconteceu no Centro Pastoral Paulo VI e foi presidido pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, José da Cruz Policarpo."
>
> "O reitor do Santuário, Monsenhor Luciano Guerra, disse que Fátima "mudará para melhor". (...) ele declarou: O futuro de Fátima, ou da adoração de Deus e de sua Santa Mãe neste santuário, deve passar pela criação de um Santuário onde diferentes religiões possam se misturar. O diálogo inter-religioso em Portugal, e na Igreja Católica, ainda está em estágio embrionário, mas o santuário de Fátima não está indiferente perante este fato e já está aberto a ser um lugar de vocação universalista" (...) Portanto devemos assumir que é vontade da Bem Aventurada Virgem Maria que isto aconteça desta forma»[126]

Um dos principais palestrantes desse congresso foi o teólogo jesuíta belga Padre Jacques Dupuis. Durante sua apresentação, ele afirmou de maneira clara que as religiões do mundo deveriam se unir:

> «A religião do futuro será a convergência geral das religiões num Cristo universal que satisfará a todos... As outras tradições religiosas no mundo são parte do plano de Deus para a humanidade e o espírito santo está operante e presente nos escritos sagrados dos budistas, dos hindus e em outros escritos sagrados tanto cristãos como não cristãos. A universalidade do reino de deus permite isto, e isto nada mais é que uma forma diversificada de compartilhar o mesmo mistério de salvação. Ao final, é esperado que os cristãos se tornem melhores cristãos e cada hindu, melhor hindu.»[127]

126. *Portugal News*, 01 nov. 2003. "Fátima to Become Interfaith Shrine".

127. Ibidem.

O *Catholic Family News* obteve uma cópia em vídeo de uma transmissão realizada em 5 de maio de 2004 pelo canal SIC Television, que mostrava um ritual hindu realizado no Santuário de Fátima. O evento contou com a presença do reitor do Santuário de Fátima, Monsenhor Luciano Guerra, e do bispo de Leiria-Fátima, Dom Serafim de Sousa Ferreira e Silva.

Em 2007, foi inaugurada em Fátima, no lado oposto à Basílica, a Igreja da Santíssima Trindade. Esse edifício moderno, de formato circular e cor branca, com uma fachada revestida em pedra, possui 125 metros de diâmetro e capacidade para 8.633 pessoas sentadas. A construção contrasta de maneira marcante com o restante do santuário, para dizer o mínimo.

Hoje, é impossível para um católico visitar Fátima sem sair de lá desolado, com a impressão de que algo profundamente errado está acontecendo.

A ideia de transformar Fátima em um espaço inter-religioso não é recente. Desde 1973, já havia discussões sobre um projeto que converteria o santuário em um local de encontros de peregrinos de todas as religiões. A partir de 2000, porém, o objetivo de transformar o Santuário de Fátima em um espaço de diálogo inter-religioso tornou-se mais concreto, especialmente após o sepultamento do Terceiro Segredo de Fátima.

CAPÍTULO XXXII
Sobre a consagração da Rússia?

Minhas reservas quanto aos apostolados de Fátima limitam-se às questões relacionadas ao direcionamento que deram à mensagem de Fátima, restringindo-a à segunda parte do segredo. Essa interpretação apressada, evidentemente influenciada pelas tensões da Guerra Fria, levou-os a insistir na consagração da Rússia, mas sob um viés equivocado.

Os fenômenos históricos necessitam de um tempo razoável de distanciamento para serem analisados com maior clareza. Os eventos do século XX ainda estão envoltos em muitas incertezas, e suas verdadeiras causas e motivações permanecem obscuras, com muita "fumaça" a ser dissipada.

Os fatimistas, alarmados pela possibilidade de uma guerra nuclear devastadora, atribuíram às palavras de Nossa Senhora sobre a Rússia — *"Espalhará os seus erros pelo mundo"* — um sentido exclusivamente político, associando-as ao comunismo soviético. Essa análise limitada desviou o significado da consagração da Rússia, reduzindo-a a uma questão política. Esse equívoco afastou o foco das graves questões doutrinais levantadas pelo Concílio Vaticano II e, consequentemente, afastou os apostolados do verdadeiro combate, que somente Dom Marcel Lefebvre efetivaria.

Outro ponto crítico que assinalei é a ideia de que o *Triunfo do Imaculado Coração de Maria* teria um caráter condicional — ou seja, que ele só ocorreria após a consagração da Rússia, realizada pelo Papa em união com todos os bispos do mundo. Alguns desses apostolados chegaram a concluir que o *"algum tempo de paz"* prometido por Nossa Senhora seria equivalente ao *"Reino de Maria"* mencionado por São Luís

Maria Grignion de Montfort. No entanto, Montfort não atribuiu ao seu conceito de Reino de Maria um caráter temporal ou terreno, como muitos desses apostolados interpretaram posteriormente.

Por outro lado, o *Triunfo do Imaculado Coração de Maria* ocorrerá com certeza, pois é uma promessa da própria Virgem, independente de interpretações ou condicionais impostas por esses apostolados.

Na última edição de 2024, número 132, o *Fatima Crusader* publicou uma matéria em que finalmente admitiu a possibilidade real de uma falsa Irmã Lúcia. Essa admissão corrobora exatamente o que apresento neste livro: a verdadeira Irmã Lúcia estava viva enquanto outra freira assumia o seu lugar. Para mim, isso já estava evidente devido às cartas e depoimentos contraditórios, especialmente a partir de 1982, sobretudo no que diz respeito à questão de se a Rússia havia sido consagrada da maneira como Nossa Senhora havia pedido.

A matéria do *Fatima Crusader* oferece boas pistas para aprofundarmos nossa análise. Examinemo-las:

> «Em outubro de 1940, o confessor da Irmã Lúcia, Dom Manuel Ferreira, Bispo de Gurza, soube que o pedido de Nosso Senhor, através de Alexandrina da Costa, feito em 1º de agosto de 1935, para a Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, era visto com bons olhos no Vaticano, particularmente pelo Papa Pio XII (que, como Cardeal Pacelli, esteve intimamente envolvido na investigação).
>
> Convencido de que os seus esforços para persuadir o Papa Pio XII a cumprir o pedido de Fátima eram praticamente inúteis, procurou combinar o pedido de Nossa Senhora com o pedido diferente de Nosso Senhor para uma Consagração do mundo (para diminuir a duração da Segunda Guerra Mundial). E assim, Dom Ferreira ordenou à Irmã Lúcia que escrevesse ao Santo Padre, pedindo-lhe que consagrasse o mundo com uma menção especial da Rússia ao Imaculado Coração de Maria.

> A irmã Lúcia, muito perturbada com esta ordem, mas obrigada a obedecer ao seu confessor, percebeu a inevitável confusão que adviria do seu próprio envolvimento nesta iniciativa. No dia 22 de outubro de 1940, sem saber como proceder, ela passou duas horas diante de Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento e finalmente recebeu uma comunicação especial do Céu. Na verdade, era a vontade de Deus que ela pedisse ao Papa a Consagração procurada por Nossa Senhora de Fátima. Pelo contrário, o objetivo de Nosso Senhor no Seu pedido para a Consagração do mundo era antecipar o fim da segunda Grande Guerra Mundial:
>
> "Sua Santidade obterá uma abreviatura destes dias de tribulação se atender aos Meus desejos, promulgando o Ato de Consagração do mundo inteiro ao Imaculado Coração de Maria, com uma menção especial à Rússia.»[128]

Como já vimos, isso corresponde exatamente ao conteúdo da carta da Irmã Lúcia para o Padre Humberto Pasquale, datada de 1980. Essa carta foi submetida a uma perícia técnica que confirmou sua autenticidade, sendo uma prova incontestável de que a verdadeira Irmã Lúcia estava viva naquele ano.

Prosseguindo com a análise da matéria publicada pelo *Fatima Crusader*:

> «A distinção entre estas duas consagrações foi ainda enfatizada por Nosso Senhor dois anos depois, numa data não especificada, pouco depois de Pio XII ter finalmente feito aquela consagração do mundo em 31 de outubro de 1942. Falando com ela durante uma hora santa na quinta-feira à noite entre 23h e 24h, Nosso Senhor renovou Sua promessa de mudar o curso da guerra em resposta ao

128. MARTINS, Pe. António Maria, S.J. *Documentos de Fátima*. Porto, 1976, p. 467, citado em MICHEL, Irmão. *The Whole Truth About Fatima*, vol. II, p. 732.

ato do Papa. Mas a conversão da Rússia e a paz mundial ainda aguardariam o cumprimento do pedido de Nossa Senhora para consagração da Rússia. Numa carta de 28 de fevereiro de 1943 ao seu confessor, Dom Manuel Ferreira, Bispo de Gurza, a Irmã Lúcia escreveu:

"O Bom Deus já me mostrou o seu contentamento com o ato realizado pelo Santo Padre e por vários Bispos, embora tenha sido incompleto segundo o Seu desejo. Em troca, Ele promete acabar com a guerra em breve. A conversão da Rússia não é para agora.»[129]

E, de fato, a guerra terminou. A partir de 1943, a Alemanha já estava derrotada, e os dois anos seguintes representaram apenas o prolongamento de uma catástrofe humanitária, devido à resistência do governo hitlerista em buscar um acordo de paz. No entanto, a consagração e a conversão da Rússia continuavam sendo necessárias para evitar um mal ainda maior do que a Segunda Grande Guerra.

A Irmã Lúcia voltou a enfatizar esse ponto durante uma entrevista concedida ao eminente historiador Thomas Walsh, em 15 de julho de 1946:

«Lúcia deixou claro que Nossa Senhora não pediu a consagração do mundo ao Seu Imaculado Coração. O que ela exigiu foi a consagração da Rússia... Ela não comentou, é claro, o fato de o Papa Pio XII ter consagrado o mundo, e não a Rússia, ao Imaculado Coração de Maria em 1942. Mas ela disse mais de uma vez, e com ênfase deliberada: *o que Nossa Senhora quer é que o Papa e todos os Bispos do mundo consagrem a Rússia ao Seu Imaculado Coração num dia especial. Se isto for feito, Ela converterá a Rússia e haverá paz. Se isso não for feito, os erros da Rússia se espalharão por todos os países do mundo.*» [130]

129. MARTINS, Pe. António Maria, S.J. *Fátima e o Coração de Maria*. São Paulo: Ed. Loyola, 1984, pp. 104-105, citado em *Toda a Verdade sobre Fátima*, vol. III, p. 18.

130. WALSH, William Thomas. *Nossa Senhora de Fátima*. Nova York: MacMillan Co., 1947, p. 226.

Ainda em 1946, teria sido possível evitar a tragédia maior que se abateria sobre o mundo a partir de 1960: o Concílio Vaticano II. Durante a década de 1950, a Irmã Lúcia continuaria a repetir e reafirmar o pedido de Nossa Senhora pela consagração da Rússia.

No livro publicado sob os auspícios do Episcopado Italiano, *Il Pellegrinaggio delle Meraviglie*, é narrada uma revelação de Nossa Senhora à Irmã Lúcia, ocorrida em 1952, na qual Ela disse:

> «Fazei saber ao Santo Padre que estou aguardando a consagração da Rússia ao Meu Imaculado coração, a Rússia não poderá converter-se nem o mundo terá paz.»

Pois bem, a tese que sustento é que a consagração e a conversão da Rússia realizadas no tempo certo teriam evitado o Concílio Vaticano II. Este, como já explicamos, foi uma consequência de três fatores diretamente ligados à Segunda Guerra Mundial: a Shoah, a ONU e o Estado de Israel. Sem a Segunda Grande Guerra, não teria sido possível um concílio como o Vaticano II, o que é evidente pelas razões históricas expostas neste estudo.

Por outro lado, isso não significa que o ato de consagração da Rússia não possa ser validamente realizado no futuro. O que afirmo é que, antes disso, será necessário o retorno da hierarquia da Igreja à Tradição, pois, como vimos nos capítulos anteriores, o Vaticano, desde o Concílio Vaticano II, não tem a intenção nem cogita realizar qualquer ato que atente contra a liberdade religiosa ou o ecumenismo.

O *Fatima Crusader*, em sua matéria, também acrescentou o seguinte relato do padre salesiano Umberto Pasquale:

> «Em 12 de maio de 1982, um dia antes da tentativa de consagração de 1982, *L"Osservatore Romano* (edição italiana) publicou uma entrevista da Irmã Lúcia intitulada *"Restero nel museo del mundo a ricordare la misericórdia di Dio"*, que havia sido conduzida por um Salesiano, o padre Umberto Maria Pasquale, em 5 de agosto de 1978. Era

amigo de longa data da vidente, como observou neste mesmo artigo:

"Sou confidente da vidente de Fátima desde 1939, quando ela ainda era Religiosa Doroteia em Tuy, até agora. Recebi dela 157 cartas. Voltei a vê-la e visitei-a várias vezes como confessor de uma comunidade de religiosos no colégio do Sardão, perto do Porto, e mais tarde no Carmelo de Coimbra. Ela tem a bondade de me considerar um membro da sua família, por ter ajudado a sua mãe e por ter feito entrar na Ordem Salesiana o seu sobrinho, bem como os dois primos, sobrinhos de Jacinta e do Francisco.

Queria esclarecer a questão da consagração da Rússia, recorrendo à fonte. No dia 5 de agosto de 1978, no Carmelo de Coimbra, tive uma longa entrevista com a vidente de Fátima, Irmã Lúcia. Num determinado momento eu lhe disse: *"Irmã, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Se você puder responder, eu ficaria muito grato a você, se você me esclarecesse um ponto que não parece claro para muitas pessoas... Nossa Senhora alguma vez lhe falou sobre a consagração do mundo ao Seu Imaculado Coração?"*

"Não, padre Umberto! Nunca! Na Cova da Iria em 1917, *Nossa Senhora tinha prometido: "Virei pedir a consagração da Rússia... para evitar a propagação dos seus erros pelo mundo, guerras entre várias nações, perseguições contra a Igreja..." Em* 1929, *em Tuy, como havia prometido, Nossa Senhora voltou para me dizer que havia chegado o momento de pedir ao Santo Padre a consagração daquele país."*»

Mais tarde, o padre Umberto Pasquale obteve por escrito a seguinte resposta da Irmã Lúcia, datada de 13 de abril de 1980. Essa carta foi publicada pela primeira vez naquele mesmo ano, em um panfleto produzido pelo *Cavaleiro da Imaculada*, intitulado *Mensageira de Jesus para a Consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria*:

> «Reverendo padre Umberto, respondendo à sua pergunta, vou esclarecer: Nossa Senhora de Fátima, no seu pedido, referiu-se apenas à consagração da Rússia.
>
> Na carta que escrevi ao Santo Padre Pio XII, por orientação do meu confessor, pedi a consagração do mundo com menção explícita à Rússia.» [131]
>
> Atenciosamente e em união de orações
> Coimbra, 13/IV/1980
> Irmã Lúcia

O relato do padre Umberto Pasquale, como vimos, não contradiz o que acabo de afirmar. A Irmã Lúcia apenas confirmou que a consagração deveria ser exclusivamente da Rússia — algo que, de fato, nunca ocorreu.

No pontificado de João Paulo II, a política do Vaticano em relação à Rússia foi redirecionada. A *Ostpolitik* de João XXIII e Paulo VI pôde, enfim, ser descartada; o Papa polonês tinha como objetivo declarado pôr fim ao comunismo soviético. Esse contexto é fundamental para entendermos como o Vaticano passou a conceber a consagração da Rússia dali em diante — algo que havia sido impossível para seus predecessores conciliares.

Entretanto, nesse período, o neoconservadorismo alcançava hegemonia na política norte-americana, especialmente no governo Reagan, onde as ideias de Irving Kristol, um ex-trotskista, encontraram solo fértil. Paralelamente, o conservadorismo da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher favorecia uma política de oposição mais aberta e direta ao comunismo soviético. Em suma, o destino da União Soviética já estava selado.

Ainda assim, João Paulo II, embora trabalhasse nesse sentido, não poderia realizar uma consagração que visasse à conversão religiosa da Rússia. Seu compromisso com o humanismo conciliar — ou, de forma

131. *Il Pellegrinaggio delle Meraviglie* [*Uma Peregrinação de Maravilhas*]. Cura del Comitato Nazionale Mariano. Ars Graphica Presbyterium, 1ª ed., 1960, p. 440.

mais clara, com o chamado *Catolicismo de Israel* — tornava incompatível, por suas próprias convicções pessoais, uma Igreja proselitista.

A solução encontrada foi ressignificar a palavra "*conversão*". O termo deixou de ter um sentido religioso para adotar um sentido político — ou seja, a mudança de regime. Nesse cenário, começaram a surgir as contradições da "outra Irmã Lúcia".

A consagração realizada por João Paulo II em Roma, durante uma cerimônia perante 250 mil pessoas, em março de 1984, não poderia ser considerada válida. Tanto pelas palavras do Papa, impregnadas do espírito humanista do Concílio Vaticano II e sem qualquer referência explícita à Rússia, quanto pela nova religião que a hierarquia da Igreja assumia cada vez mais, esse ato não atendia às exigências de Nossa Senhora.

O padre Messias Coelho, um estudioso de Fátima por muitos anos, declarou publicamente, ainda em 1984, que a consagração solicitada não havia sido feita. Cinco anos depois, ele revelaria que funcionários do Vaticano haviam instruído a "Irmã Lúcia" e outros a contradizerem sua declaração, afirmando que a consagração havia sido realizada.

No entanto, em setembro de 1985, a revista *Sol de Fátima* (ligada ao Exército Azul) publicou uma entrevista com a Irmã Lúcia — mas qual das duas, afinal? — na qual ela reafirmava que a consagração ainda não havia sido feita. No final daquele ano, o cardeal Edouard Gagnon também reconheceu que a consagração não havia sido realizada. Contudo, mais tarde, ele se opôs à publicação de seus comentários.

Dona Maria do Fetal, prima da Irmã Lúcia, negou por muitos anos que a consagração da Rússia tivesse sido feita. Segundo ela, a própria Irmã Lúcia lhe havia dito isso repetidas vezes. Porém, a partir de meados de 1989, Maria do Fetal passou a afirmar o contrário. Curiosamente, ela alegou que havia inventado a história de que a consagração de 1984 não tinha sido válida.

O mesmo ocorreu com a "Irmã Lúcia" a partir de 1989. Desse ponto em diante, a confusão e as contradições se intensificaram, deixando evidente que estamos em um terreno extremamente movediço, onde as versões mudam de maneira repentina e inexplicável.

Mas qual terá sido a causa dessa mudança de postura em relação à consagração da Rússia por parte de dona Maria do Fetal, de outros parentes da Irmã Lúcia e dela mesma?

O contexto histórico fornece pistas importantes. Entre 6 de fevereiro e 4 de abril de 1989, o governo comunista da Polônia iniciou negociações com a oposição na chamada "Mesa Redonda Polonesa". Esse diálogo resultou em um acordo que previa eleições livres e uma emenda constitucional, restaurando o bicameralismo com a criação de um Senado e do cargo de Presidente da República, para o qual Wojciech Jaruzelski foi o único candidato permitido.

Nas eleições de 4 de junho de 1989, o Solidariedade triunfou: seus candidatos ganharam 99% dos assentos no Senado e 35% dos assentos na *Sejm*[132]. Embora Jaruzelski tenha sido eleito presidente, ele rapidamente perdeu apoio político e foi forçado a renunciar em 1990. Em 23 de dezembro desse mesmo ano, Lech Wałęsa foi eleito presidente em uma votação por sufrágio universal, marcando o fim do comunismo na Polônia e abrindo caminho para o colapso do comunismo no Leste Europeu.

O grande vitorioso desse processo foi, sem dúvida, João Paulo II. O Vaticano passou, então, a exigir — como confirmado pelo padre Messias Coelho — que tanto a "Irmã Lúcia" quanto aqueles que podiam falar com ela, especialmente seus parentes, confirmassem que a consagração realizada por João Paulo II em 1984 havia atendido plenamente aos desejos de Nossa Senhora e que, como resultado, o comunismo soviético havia chegado ao fim. Essa versão foi apresentada como "a resposta do Céu".

Diante de tais fatos, em quem mais se poderia confiar? A obediência às autoridades eclesiásticas envolveu todos em uma mentira tão absurda quanto criminosa. No entanto, sob o peso da obediência, quem se consideraria realmente responsável?

---

132. O Sejm é o nome dado ao parlamento polonês, que antes do século XX era composto por três câmaras: a Câmara dos Deputados, o Senado e o Rei. A partir da Segunda República (1918-1939), o termo Sejm passou a referir-se apenas à câmara baixa do parlamento, enquanto a câmara alta passou a ser chamada de *Senat*.

CAPÍTULO XXXIII

A mensagem de Fátima

Os fatimistas, enfim, renderam-se às evidências e reconheceram a existência de uma "outra" Irmã Lúcia. Contudo, o que esse reconhecimento implica para eles? Ao que tudo indica, muito pouco. Os apostolados de Fátima arrogaram para si a custódia da mensagem, como se tivessem sido oficialmente designados pela própria Virgem Maria. Desde a década de 1960, proclamam deter o pleno conhecimento da mensagem de Fátima, embora, como vimos, tenham sido advertidos pelo Cardeal Ottaviani, em 1967, sobre o equívoco de suas interpretações.

Apesar dos indícios de que uma impostora ocupava o lugar da verdadeira Irmã Lúcia desde 1967, esses apostolados insistem em desqualificar a relevância desse fato, alegando que ele não interfere no conteúdo da mensagem de Fátima. Mas será isso verdadeiro? Se esses apostolados erraram ao desconsiderar a questão da impostora — negligenciando investigações, ainda que a possibilidade fosse plausível — por que não poderiam também ter interpretado erroneamente o significado profundo da mensagem de Fátima?

Examinemos, então, como esses apostolados entendem a mensagem de Fátima. Rapidamente perceberemos uma confusão de conceitos e interpretações. De modo geral, todos os apostolados de Fátima seguiram uma mesma linha interpretativa, defendendo, em princípio, a mesma ideia, dividida em:

1. O segredo;
2. A consagração da Rússia;
3. A devoção reparadora dos Cinco Primeiros Sábados;
4. A mensagem dirigida aos indivíduos;

5. A mensagem dirigida à hierarquia da Igreja;
6. A mensagem dirigida aos países cristãos.

No entanto, para esses apostolados, tudo parece resumir-se à questão da "consagração da Rússia". De alguma forma, amarram todo o desenvolvimento histórico da mensagem de Fátima a esse único ponto. Sabemos, contudo, que Nossa Senhora pediu atos de reparação e penitência de cada um de nós — práticas que, por sua natureza, já fazem parte da vida católica. Em outras palavras, ela nos exortava a simplesmente "permanecermos católicos", pois viria um tempo em que essas práticas seriam desprezadas. Não por acaso, Dom Marcel Lefebvre trilhou exatamente esse caminho.

O mesmo se aplica às nações. Nossa Senhora advertia os povos a não se afastarem dos princípios católicos, a não abandonarem a Doutrina Social de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois aproximava-se "o tempo da apostasia das nações".

No que concerne à hierarquia da Igreja, os apostolados de Fátima, de maneira apressada, atribuíram à mensagem um significado limitado, como se ela se referisse exclusivamente aos perigos do comunismo stalinista. Contudo, na realidade, tratava-se de uma advertência mais ampla e imperiosa: que não se desviassem da doutrina, que não alterassem o Santo Rito, que não modificassem aquilo que receberam de seus predecessores. Em suma, era uma exortação contra "o iminente pecado de apostasia".

O maior problema com os apostolados de Fátima, insisto, está na questão da consagração da Rússia. Para eles, essa consagração seria a causa do Triunfo do Imaculado Coração de Maria. Essa conclusão fundamenta-se em um colóquio entre a Irmã Lúcia e Nosso Senhor, relatado em uma carta que ela escreveu ao seu confessor, Padre Gonçalves, S.J., em 18 de maio de 1936:

> «Quanto à pergunta, se será conveniente insistir, para obter a consagração da Rússia? Respondo quase o mesmo que das outras vezes tenho dito; sinto que não se tenha já feito, mas o mesmo Deus que a pediu é que assim o permitiu.

> Vou dizer algo do que sinto a este respeito, ainda que é matéria bastante delicada para se enviar por uma carta em perigo de se perder e ser lida, mas ao mesmo Deus a confio, porque tenho receio de não tratar o assunto com toda a claridade. Se é conveniente insistir? Não sei: parece-me que o Santo Padre agora a fizesse, Nosso Senhor a aceitava e cumpria a tal promessa; e sem dúvida seria um gosto que dava a Nosso Senhor e ao Imaculado Coração de Maria; intimamente tenho falado a Nosso Senhor do assunto e há pouco perguntava-Lhe porque não convertia a Rússia sem que Sua Santidade fizesse essa consagração?
>
> Nosso Senhor responde: "Porque quero que toda a minha Igreja reconheça essa consagração como *um* triunfo do Coração Imaculado de Maria, para depois estender o seu culto, e pôr ao lado da devoção do meu Divino Coração, a devoção d"este Imaculado Coração."»

Essa resposta de Nosso Senhor à Irmã Lúcia é, para os fatimistas, a prova de que tudo depende da consagração da Rússia. Eles acreditam que, além da conversão da Rússia, essa consagração trará o Triunfo do Imaculado Coração de Maria.

No entanto, uma leitura mais atenta revela que Nosso Senhor não afirmou que essa consagração seria "*o*" triunfo do Imaculado Coração de Maria. Ele declarou, na verdade, que "espera que toda a Igreja reconheça essa consagração como "*um*" triunfo". Além disso, Ele menciona "estender o culto e colocá-lo ao lado da devoção ao Seu Divino Coração".

Portanto, a consagração da Rússia não é o fator determinante do triunfo, como os fatimistas pensam. Trata-se, antes, de um reconhecimento necessário para que a devoção ao Imaculado Coração de Maria seja difundida ao lado da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Os fatimistas omitem a continuação desse colóquio entre a Irmã Lúcia e Nosso Senhor, na qual ela insiste:

> «Mas meu Deus, o Santo Padre não me há de crer, se Vós mesmo o não moveis com uma inspiração especial!

> Nosso Senhor responde: "Reza muito pelo Santo Padre; ele há de fazê-la (*a consagração da Rússia*), mas será tarde, no entanto, o Imaculado Coração de Maria há de salvar a Rússia, (*ela*) está lhe confiada."»

O que podemos compreender dessas palavras? Elas indicam, de forma inequívoca, que a consagração será feita tardiamente, ou seja, após o tempo apropriado. Contudo, apesar de não ter sido realizada no momento devido, o Imaculado Coração salvará a Rússia. O uso do verbo "haver" na frase expressa uma certeza absoluta: "*Há de salvar*" — a Rússia foi confiada ao Imaculado Coração.

Os fatimistas, no entanto, refugiam-se em uma interpretação própria da mensagem de Fátima para, em seguida, afirmarem, de maneira imprudente, que a existência comprovada de uma falsa Irmã Lúcia não altera o sentido da mensagem. Mas, afinal, de que mensagem estão falando? Da mensagem de Nossa Senhora ou da interpretação que eles mesmos desejam impor ao mundo?

Agindo dessa forma, parecem não se preocupar em corrigir a terrível injustiça cometida contra a Mãe de Deus e sua vidente, aquela que foi escolhida para difundir ao mundo a devoção ao Seu Imaculado Coração. Ignorar o destino da Irmã Lúcia — o que foi feito dela, como ela morreu, quem foram os responsáveis — demonstra uma postura covarde e arrogante. Além disso, desconsiderar as consequências terríveis desse erro é algo gravíssimo.

Foram necessários 500 anos para que se fizesse justiça à memória de Santa Joana d"Arc. No entanto, a verdade prevaleceu, e ela foi canonizada. Se a postura dos responsáveis pelo caso de Santa Joana tivesse sido semelhante à dos fatimistas, ela ainda seria lembrada como uma bruxa queimada na fogueira. Seguindo a lógica dos fatimistas, isso não importaria, pois, segundo eles, tais questões seriam irrelevantes.

"Omnis veritas refert, nam sine veritate iustitia esse non potest."
Toda a verdade importa, pois sem a verdade não pode haver justiça.

Conclusão

Este livro é o resultado de uma investigação pessoal que, inevitavelmente, desagradará a muitos: sedevacantistas, modernistas e fatimistas. Aos sedevacantistas, porque a existência de uma Irmã Lúcia que reconhecia a autoridade dos Papas desde João XXIII até sua morte os contradiz, já que, para eles, caso a verdadeira Irmã Lúcia tivesse sobrevivido ao Concílio, ela teria se convertido à tese sedevacantista. Aos modernistas, porque este livro é uma denúncia clara contra a apostasia do clero. E, aos fatimistas, porque expõe os erros que impuseram à mensagem de Fátima e evidencia sua incapacidade de denunciar a fraude.

Confesso que, ao iniciar a escrita deste livro, acreditava que a verdadeira Irmã Lúcia havia desaparecido completamente a partir de 1960, embora não soubesse ao certo como isso teria ocorrido. No entanto, minhas investigações revelaram que essa hipótese era apenas parcialmente verdadeira. As evidências documentais apontaram para a possibilidade de que ela estivesse viva enquanto outra pessoa atuava publicamente em seu lugar. Embora não haja fotografias ou denúncias explícitas que comprovem que a verdadeira Irmã Lúcia estava viva em algum lugar enquanto era substituída por uma impostora, existem cartas, manuscritos e assinaturas atribuídos a ela que dificilmente poderiam ser falsificações, pois isso exigiria uma operação monumental de fraude documental — algo que considero improvável.

Meu único objetivo foi buscar a verdade e aproximar-me dela. A História não é uma ciência exata, e menos ainda quando se trata de fatos envolvidos em forte impacto religioso. Esse tema, por sua própria natureza, desperta paixões desenfreadas, e tenho enfrentado as consequências de lidar com ele.

O trabalho aqui apresentado buscou respostas e tentou fazê-lo com um mínimo de razoabilidade. Obviamente, não foi possível alcançar todas as respostas, pois há limites para quaisquer investigações sobre temas tão complexos e graves quanto os expostos neste livro. Contudo, procurei ao menos apontar caminhos.

A tese de que a verdadeira Irmã Lúcia permaneceu viva enquanto uma impostora se fazia passar por ela é, à primeira vista, insólita. No entanto, não é impossível.

Existem questões pertinentes sobre como essa farsa foi mantida, mesmo com a verdadeira Irmã Lúcia viva, sem que houvesse qualquer denúncia. No entanto, essas questões podem ser respondidas de forma razoável.

Primeiramente, é importante destacar alguns trechos de suas correspondências com pessoas próximas, que podem fornecer pistas valiosas.

Por exemplo, em 4 de abril de 1970, ela escreveu o seguinte a um de seus sobrinhos, que era padre:

> «É necessário (...) não se deixar levar pelas doutrinas de declaradores desorientados (...) A campanha é diabólica. Devemos enfrenta-la, sem nos colocar em conflito.»[133]

Essa carta parece bastante coerente com o que lemos anteriormente sobre a admoestação que a Irmã Lúcia fez ao clero holandês.

No dia 12 de abril de 1970, a Irmã Lúcia escreveu o seguinte para Dona Maria Teresa da Cunha, uma antiga conhecida:

> «As pessoas devem recitar o Rosário todos os dias. Nossa Senhora repetiu isto em todas as suas aparições, como que para nos armar antecipadamente contra estes tempos de desorientação diabólica, para que não nos deixássemos enganar por falsas doutrinas, e para que,

133. MICHEL DA SANTÍSSIMA TRINDADE, Irmão. *The Whole Truth About Fatima*, vol. III: *The Third Secret*. Buffalo: Immaculate Heart Publications, 1990, p. 751.

através da oração, a elevação da nossa alma a Deus não seja diminuída...»[134]

No dia 16 de setembro de 1970, em uma carta dirigida à Madre Martins — sua antiga companheira no noviciado das Irmãs Doroteias em Tuy — a Irmã Lúcia escreveu:

> «É doloroso ver uma desorientação tão grande e em tantas pessoas que ocupam lugares de responsabilidade... É porque o diabo conseguiu infiltrar o mal sob o manto do bem, e os cegos começam a guiar outros cegos, como o Senhor nos diz em seu Evangelho, e as almas se deixam enganar... E o pior é que ele conseguiu induzir ao erro e enganar as almas que têm uma pesada responsabilidade pelo lugar que ocupam...»[135]

O Cardeal Carlo Caffarra revelou aos participantes do Fórum pela Vida, em Roma, que, assim que foi nomeado por João Paulo II para liderar o recém-criado Pontifício Instituto para Estudos sobre o Matrimônio e a Família, em 1983, decidiu escrever uma carta à Irmã Lúcia, à qual ela respondeu:

> «Padre, chegará um tempo em que a batalha decisiva entre o Reino de Cristo e Satanás será sobre o casamento e a família. E aqueles que trabalharem para o bem da família sofrerão perseguições e tribulações. Mas não tenham medo, porque Nossa Senhora já esmagou a cabeça dele.»

A resposta é coerente, considerando que o tema "Família" era o assunto central da carta, em razão do cargo ocupado pelo Cardeal Caffarra à época. De fato, podemos constatar, na atualidade, o quão verdadeiras eram essas palavras.

134. Ibidem, p. 754.

135. Ibidem, pp. 757-758.

Diante dessas breves citações, é impossível não considerá-las como autênticas palavras da vidente de Fátima. É essencial lembrar que estamos lidando com um caso que envolve a possível falsificação e usurpação da identidade de uma freira carmelita, uma religiosa submetida ao voto de obediência. Não se trata de uma personalidade leiga. Entre os religiosos, especialmente em questões relacionadas ao sobrenatural, os votos de obediência possuem um peso extraordinário. Por essa razão, não é absurdo supor que a verdadeira Irmã Lúcia tenha passado o restante de sua vida em um silêncio perpétuo.

Da mesma forma, é plausível imaginar que um pacto de silêncio tenha sido imposto a outros religiosos, religiosas ou padres que conheciam esses fatos. Mesmo entre os leigos que tivessem conhecimento, o silêncio poderia ter sido garantido por juramento, assim como ocorreu com muitos que tiveram acesso ao Terceiro Segredo.

Com exceção da carta de 1982, a análise textual das demais cartas atribuídas à Irmã Lúcia — incluindo aquelas divulgadas recentemente no livro de Saverio Gaeta — não apresenta discrepâncias em relação ao que ela havia escrito ou dito anteriormente. Pelo contrário, esses documentos reforçam detalhes altamente significativos, como o desejo manifestado pela Irmã Lúcia de estar pessoalmente com o Papa Paulo VI, chegando a demonstrar interesse em viajar a Roma para esse propósito.

Lembremo-nos, ainda, das palavras de Nossa Senhora, logo após a Irmã Lúcia finalmente ter escrito o Terceiro Segredo: "*Quis Deus provar a tua obediência; fica em paz. Escreve o que te mandam, não, porém, o que te é dado conhecer do seu significado.*"

Essas palavras fornecem a chave para compreender o chamado "Quarto Segredo de Fátima": A própria Irmã Lúcia era a chave para o entendimento do segredo, e talvez essa tenha sido a verdadeira razão para sua supressão e substituição por uma impostora.

Nossa Senhora não concedeu à Irmã Lúcia permissão para escrever o "significado" da visão contida no Terceiro Segredo; no entanto, a vidente não estava impedida de transmiti-lo oralmente. Por isso, a Irmã Lúcia demonstrava constante desconfiança em comunicar qualquer coisa por

escrito à Santa Sé. Quando o fazia, colocava seus escritos dentro de dois envelopes, conforme orientado pelo Cardeal Amleto Giovanni Cicognani, então chefe do Santo Ofício. Se esse era seu procedimento com documentos, algo tão crucial como o significado do Terceiro Segredo jamais seria registrado por escrito.

Dessa forma, considero verídica a declaração da Irmã Lúcia ao padre Schweigl, em 1952, de que o Terceiro Segredo estava dividido em duas partes — não como acreditam os fatimistas, que postulam a existência de um "Quarto Segredo" escrito, mas no sentido de que havia uma parte escrita e outra a ser comunicada oralmente.

Isso explica por que, em 1967, não permitiram que a Irmã Lúcia conversasse a sós com o Papa Paulo VI, substituindo-a por uma impostora. Também elucida o conteúdo da carta de 22 de agosto de 1967, redigida na festa do Imaculado Coração de Maria, e guardada em dois envelopes, onde a vidente expressava claramente o desejo de explicar ao Santo Padre o significado da mensagem de Fátima contida no Terceiro Segredo.

Ela nunca teve outra oportunidade de se encontrar em privado com o Papa, exceto em 1982, quando João Paulo II manifestou esse desejo. Contudo, naquela ocasião, foi a impostora quem apareceu, não para revelar o "significado" do Terceiro Segredo, como o Papa tanto ansiava, mas para entregar uma carta que supostamente continha a explicação. A frase "*... o Terceiro Segredo que tanto ansiais por saber...*", atribuída à Irmã Lúcia, parece ter sido a única expressão autêntica dessa carta. Não por acaso, foi suprimida nas transcrições do Vaticano para outras línguas.

Em vez de oferecer a explicação do segredo, a impostora apresentou um texto que mais tarde serviu de base para a interpretação oficial do Vaticano sobre o Terceiro Segredo de Fátima. Como já vimos, embora autêntico em sua origem, esse texto não é veraz — carece de completude e não corresponde à verdade plena da mensagem. A verdadeira Irmã Lúcia jamais escreveria o "significado" da visão do Terceiro Segredo; aguardava a oportunidade de comunicá-lo diretamente ao Papa, face a face. No entanto, essa oportunidade nunca lhe foi concedida.

Podemos apenas supor que, enquanto a impostora atuava publicamente em seu lugar, a verdadeira Irmã Lúcia permaneceu isolada no claustro, e as poucas pessoas que tiveram contato com ela não perceberam que a figura pública não era a verdadeira vidente de Fátima. Talvez porque a vissem apenas por detrás das grades do Carmelo, ou porque seu rosto estivesse coberto, como é costume entre as carmelitas enclausuradas. Além disso, qualquer interação certamente ocorria sob rígida vigilância.

A verdade sobre a vida da Irmã Lúcia — seu drama, sua solidão, seu silêncio e, finalmente, as circunstâncias reais de sua morte — precisa ser esclarecida. Resolver esse caso é de suma importância para a mensagem de Fátima, ao contrário do que alegam os fatimistas. Assim como uma falsa Igreja passou a ocupar o lugar da verdadeira Igreja Católica após o Concílio Vaticano II, a imagem de uma falsa Irmã Lúcia tomando o lugar da verdadeira vidente de Fátima é o retrato humano e simbólico do mesmo drama e impostura.

Este livro também é uma resposta àqueles que me desencorajaram, afirmando: *"Isso não muda nada. Já conhecemos a mensagem de Fátima, e as preocupações com a existência de uma falsa Irmã Lúcia apenas desviam o foco da questão central, que é Nossa Senhora. A curiosidade sobre uma trama paralela e acidental não é relevante; o fundamental é a consagração da Rússia."*

Fui chamado de *"Fatimicida"*, um "assassino de Fátima", por me importar com o destino da vidente neste mundo repleto de fraudes e mentiras, e por buscar fazer justiça à sua memória, pois acredito firmemente em sua santidade. Às acusações dos fatimistas, respondo: **Enganam-se!**

Nosso Senhor disse claramente à Irmã Lúcia em 1936: *"Ora muito pelo Santo Padre; ele há de fazê-la (a Consagração), mas será tarde, no entanto, o Imaculado Coração de Maria há de salvar a Rússia, ela está lhe confiada."*[136]

136. *Um Caminho Sob o Olhar de Maria*, p. 202.

O ato de consagração será realizado, mas será tarde. Portanto, o que salvará a Rússia será o Imaculado Coração de Maria, e não o ato em si. A Rússia já estava e continua confiada ao Imaculado Coração, e o triunfo deste Coração não depende dessa consagração, pois trata-se de uma promessa de Nossa Senhora que, com certeza, se realizará.

Talvez o Imaculado Coração de Maria nos esteja pedindo a busca pela verdade e pela justiça, pois, se não o fizermos, será a mentira que triunfará — especialmente quando uma mulher que usurpou o lugar de uma santa for canonizada pelo Papa. Assim como já foram canonizados os principais responsáveis por essa tragédia, em uma sequência de mentiras acumuladas desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais. No entanto, a mentira precisa ser desmascarada, ou seremos todos arrastados pelas suas consequências, tornando-nos, algum dia, cúmplices dela.

As autoridades precisam apurar esses fatos. Todos os católicos têm o direito de conhecer a verdade completa sobre os eventos de Fátima, a começar pelos familiares da Irmã Lúcia, que deveriam exigir explicações das autoridades. Todos foram enganados, e as consequências de um engano dessa magnitude são incalculáveis. Não é mais aceitável fingir que tudo isso não passa de uma "teoria da conspiração". Para quem estudou os fatos a fundo, essa acusação é simplesmente ridícula. A responsabilidade recai sobre aqueles que desqualificam uma denúncia razoável e justa; são eles que precisam provar o contrário, pois sua intenção parece ser apenas lançar mais fumaça para encobrir o que já é evidente.

O escritor inglês G. K. Chesterton certa vez afirmou que chegaria o dia em que *"teríamos que provar ao mundo que a grama é verde"*. Infelizmente, esse tempo chegou. Agora é o momento de exigir uma investigação oficial das autoridades competentes. Os fatimistas não podem e não devem mais se omitir diante de sua grave obrigação para com a verdade, a justiça e, sobretudo, para com a Virgem de Fátima. Deus cobrará de cada um de nós.

Neste livro, buscamos demonstrar que, além das especulações exageradas que podem surgir em casos dessa natureza, existe uma explicação razoável e realista. Sabemos, contudo, que o grande mal do século XX foi a vitória do subjetivismo kantiano, que desconectou a realidade objetiva e transformou a verdade pura e simples em algo incapaz de convencer. A perda do senso comum é uma tragédia sem precedentes na história. As crianças, em sua pureza, são capazes de compreender, com maior clareza, o engano da falsa Irmã Lúcia, como no conto *"A Roupa Nova do Rei"*, de Hans Christian Andersen.

Espero sinceramente que este livro leve muitos a olhar com mais atenção para o que aconteceu com a Irmã Lúcia e com a Igreja Católica desde 1960. Estou convicto de que essas duas histórias se encontram precisamente nessa mesma data, marcando um ponto de inflexão fatal na História do século XX. A partir desse ano fatídico, o mundo assistiu, perplexo, a uma impostura religiosa ocupar o lugar da verdade, relegando-a às catacumbas, onde hoje se encontram todos os católicos que tentam manter sua Fé viva.

Mas, acima de tudo, confiemos na promessa de Nosso Senhor Jesus Cristo: *"As portas do inferno não prevalecerão sobre a Minha Igreja."*

Deo gratias!

Impressão e Acabamento | Gráfica Viena
Todo papel desta obra possui certificação FSC® do fabricante.
Produzido conforme melhores práticas de gestão ambiental (ISO 14001)
www.graficaviena.com.br

Quando iniciei minha pesquisa a respeito da Irmã Lúcia, jamais poderia imaginar a profundidade das investigações necessárias para desvendar as lacunas e contradições que envolviam sua figura. Deparei-me, então, com um colossal quebra-cabeça, cuja montagem exigia o encaixe de inúmeras peças ainda desconhecidas.

Minhas investigações tiveram como ponto de partida as evidências forenses apresentadas por renomados especialistas. As análises, cuidadosamente detalhadas e reunidas neste livro, reforçam a tese de que eventos extraordinários ocorreram. Como historiador, coube-me buscar respostas em uma vasta gama de documentos e depoimentos, além de submeter os registros a uma rigorosa análise grafotécnica, conduzida pelos mais destacados peritos em perícia documental da América Latina.

ISBN: 978-65-01-37134-4

O leitor certamente perceberá que a investigação histórica requer constante atualização à medida que novos documentos vêm à tona. O mérito deste trabalho, que agora apresento, reside em trazer à luz fatos que, até 2005, seriam inacessíveis à compreensão dos historiadores de Fátima. Este livro, de fato, oferece uma articulação de eventos que tocam profundamente o próprio Concílio Vaticano II e as dramáticas transformações que se sucederam na Igreja Católica desde 1960, ano marcado como o limite para a revelação do "Terceiro Segredo de Fátima". O leitor compreenderá, portanto, que o que está em jogo aqui não é apenas a usurpação da identidade de uma religiosa, mas o uso dessa impostura como instrumento para promover mudanças que influenciaram e abalaram a fé de milhões.